ÉRICO BRUNO VIANA CAMPOS

**REPRESENTAÇÃO E AFETO NO SEGUNDO MODELO
TÓPICO E PULSIONAL FREUDIANO**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.*

**São Paulo
2009**

ÉRICO BRUNO VIANA CAMPOS

**REPRESENTAÇÃO E AFETO NO SEGUNDO MODELO
TÓPICO E PULSIONAL FREUDIANO**

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.*

Área de Concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Nelson E. Coelho Junior

**São Paulo
2009**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Campos, Érico Bruno Viana.

Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano / Érico Bruno Viana Campos; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior. -- São Paulo, 2009.

281 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Metapsicologia 3. Representação Mental 4. Identificação (psicanálise) 5. Freud, Sigmund, 1856-1939 I. Título.

RC504

REPRESENTAÇÃO E AFETO NO SEGUNDO MODELO TÓPICO E PULSIONAL FREUDIANO

ÉRICO BRUNO VIANA CAMPOS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Jr. (orientador)

Profa. Dra. Ana Maria Loffredo

Profa. Dra. Inês Rosa Bianca Loureiro

Prof. Dr. Luis Claudio Mendonça Figueiredo

Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/2009

Para Mirella.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo ideal acadêmico que inspiraram e pelos valores que ajudaram a constituir minha personalidade. À minha mãe, em especial, por todo o investimento em minha formação, da qual não pôde apreciar os frutos.

A minha esposa, Mirella, por todo amor, apoio e dedicação nos caminhos de nossa vida. Sem seu suporte, incentivo e carinho nada disso seria possível. Em especial pela paciência e companheirismo em tantos momentos de dificuldades. Esta é mais uma conquista nossa!

Ao professor doutor Nelson Ernesto Coelho Jr., a quem devo agradecer não apenas pela orientação segura e consistente no desenvolvimento de mais este trabalho, mas pela contribuição inestimável em minha formação em psicologia e psicanálise e por todos esses anos de trabalho conjunto, tornando-se uma referência segura e um modelo de conduta em tantos aspectos da vida acadêmica e institucional. Não tenho palavras para agradecer tudo o que me possibilitou conquistar, além de sua imensa confiança, simpatia e generosidade.

Às professoras doutoras Ana Maria Loffredo e Inês Loureiro pelas sugestões apresentadas no exame de qualificação e por acompanharem meu trabalho desde o mestrado, prestando uma grande contribuição para a configuração final desta tese. Gostaria de agradecer a Inês Loureiro pela simpatia, tranquilidade, sabedoria e inspiração. Gostaria de agradecer em especial à Ana Loffredo, que junto com Nelson Coelho me guiou nos caminhos da teoria psicanalítica e da graduação em psicologia, com carinho, preocupação, acolhida e incentivo.

Aos professores doutores Luis Claudio Mendonça Figueiredo e Paulo César de Carvalho Ribeiro por toda a importância que seus trabalhos tiveram em minha formação e por terem aceitado participar da banca de defesa da tese. Gostaria de agradecer a Luis Claudio por tantas idéias essenciais para a compreensão do “espaço psicológico” e pela presença reservada e segura em tantas ocasiões. Gostaria de

agradecer a Paulo Cesar pela imensa simpatia e disponibilidade, principalmente na ocasião de ter me presenteado um exemplar de seu livro esgotado.

Aos colegas do grupo de orientação – Adriana Pereira, Adriana Salvitti, André de Martini, Camila Junqueira, Karina Oliveira, Luciana Stoiani, Manuela Moreno, Maria Carolina Garcia, Roberto Preu e Rosana Sigler – pelo espaço de interlocução que tanto contribuiu para esse trabalho, levantando sugestões e questionamentos que colocaram em movimento a elaboração das idéias. Foi um prazer partilhar com vocês esse exercício tão solitário que é a pesquisa acadêmica.

Aos demais amigos e colegas, das aulas, dos grupos de estudos e dos corredores e da vida pelo incentivo e companhia nesse percurso. Gostaria de agradecer aos fiéis amigos que me acompanham desde a graduação, em especial Aécio Fernandes, Bruno Silveira e Luis Henrique da Silva. Também aos novos amigos do interior, em especial Alberto Guerreiro, Conceição Azenha, Edson Olivari, Giuliana Sorbara e Lucia Bueno.

Às pessoas que constituem essa grande casa que é o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pelo ambiente necessário à execução deste trabalho e pelo lugar fundamental que a formação em nível de graduação e pós-graduação teve para minha vida profissional e experiência de vida.

Ao CNPq pelo apoio no financiamento deste trabalho de pesquisa.

Não que a palavra seja imperfeita, nem que em face do visível ela cause um déficit que se esforçaria em vão para superar. Trata-se de duas coisas irreduzíveis uma à outra: por mais que se tente dizer o que se vê, o que se vê jamais reside no que se diz; e por mais que se tente fazer ver com imagens, por metáforas comparações, o que se diz, o lugar em que estas resplandecem não é aquele que os olhos projetam, mas sim aquele que as seqüências sintáticas definem.

M. Foucault
As Palavras e as Coisas

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	9
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	23
2.1 Concepções Hermenêuticas	23
2.2 Modalidades de Pesquisa Psicanalítica	30
2.3 Proposta de Método de Leitura	33
3 A SÍNTESE METAPSICOLÓGICA	36
3.1 Anos de Maturidade: um Recorte	36
3.2 Teoria Pulsional e Desenvolvimento da Libido	39
3.3 Gênese e Desenvolvimento do Ego.....	55
3.4 Angústia e Recalque.....	84
3.5 Amarrando os Fios	103
4 A VIRADA E A SEGUNDA TEORIA PULSIONAL	107
4.1 Compreendendo a “Virada”	107
4.2 Além do Princípio de Prazer	111
4.3 Trabalhando no Campo Aberto	145
4.4 Resgatando a Problemática	165
5 O MODELO ESTRUTURAL DO APARELHO PSÍQUICO	173
5.1 Um Percurso pela Nova Síntese	173
5.2 A Introdução da Nova Tópica	175
5.3 Modelo Estrutural: Integrações e Impasses	195
5.4 Confluências e Aberturas	203
6 A TEORIA DA ANGÚSTIA E A CISÃO ESTRUTURAL.....	210
6.1 Recorte pelas Últimas Proposições Metapsicológicas	210
6.2 A Teoria da Angústia	213
6.3 Indicação de uma Cisão do Ego	246
6.4 Retomando o Movimento Geral.....	256
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	258
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	274

RESUMO

CAMPOS, Érico Bruno Viana Campos. *Representação e Afeto no Segundo Modelo Tópico e Pulsional Freudiano*. São Paulo, 2009. 281p. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Este trabalho tem como objetivo analisar os conceitos de representação e afeto frente à reformulação ocorrida na metapsicologia freudiana a partir dos anos vinte. É um trabalho de pesquisa teórico-conceitual da psicanálise freudiana, por meio de uma metodologia de análise histórica e epistemológica dos textos de Freud, apoiada em seus comentadores.

A metapsicologia freudiana fundamenta-se em uma teoria das pulsões que, por sua vez, é tributária dos princípios de uma teoria da representação que se organiza já no princípio da investigação psicanalítica. A hipótese freudiana de um mecanismo de defesa que separa a representação ideativa da energia que o investe é um marco conceitual importante na circunscrição da Psicanálise como campo de saber independente. Essa concepção de uma intensidade afetiva que pode se deslocar e condensar em diferentes tramas associativas de traços de memória do aparelho psíquico torna-se mais complexa na medida em que Freud avança na elaboração de seus conceitos. Esse percurso se consolida na teoria pulsional apresentada nos chamados artigos de metapsicologia, em 1915. As pulsões buscam a descarga segundo o princípio da constância, tendo como destino a inervação somática ou o investimento em seus representantes psíquicos: as representações e os afetos. Dentre as representações, Freud irá discriminar componentes imagético-conceituais, as representações de coisa, e componentes semântico-lingüísticos, as representações de palavra, que juntos formariam a representação de objeto. Já dentre os afetos, Freud irá dar atenção especial à angústia, entendida como expressão de uma intensidade psíquica livre que ocasiona desprazer.

As alterações exigidas pela introdução dos conceitos de narcisismo e de identificação, além do reconhecimento da compulsão à repetição como algo além do princípio do prazer levaram a uma remodelação da teoria das pulsões, a uma nova descrição tópica e a uma reformulação na teoria da angústia, culminando em um novo arcabouço para a metapsicologia freudiana. O caráter irrepresentável da pulsão de morte, as identificações como modelos constituintes do aparelho psíquico e o sinal de angústia como repetição do desamparo original implicam uma reconsideração do modelo representacional anterior.

Desse modo, delinea-se o seguinte problema teórico como objeto de pesquisa: a limitação da concepção freudiana de representação psíquica frente à trama conceitual centrada na constituição do aparelho psíquico pelas identificações e pela ligação da pulsão de morte. A hipótese de trabalho é que a teoria representacional encontra limites em duas direções distintas: a identificação e a impossibilidade de representação como, respectivamente, um “além” e um “aquém” da metapsicologia freudiana.

Essas duas linhas de desenvolvimento da metapsicologia abertas a partir da virada dos anos vinte circunscrevem um campo de hipóteses, conceitos e proposições que não encontrará uma sistematização definitiva na obra de Freud. Contudo, os fios dessa trama serão os pontos de partida para uma série de concepções metapsicológicas posteriores. Nesse sentido, a problemática assim circunscrita é de interesse fundamental não apenas para os estudos teórico-conceituais e históricos do pensamento freudiano, mas, também, para a fundamentação epistemológica dos desdobramentos teóricos da psicanálise pós-freudiana.

Palavras-Chave: Psicanálise. Metapsicologia. Representação Mental. Identificação. Freud, Sigmund, 1856-1939.

ABSTRACT

CAMPOS, Érico Bruno Viana Campos. *Presentation and Affect in Freud's Second Topography and Drive Model*. São Paulo, 2009. 281p. Doctorate Thesis. Institute of Psychology, University of São Paulo.

The aim of this study is to analyze the representation and affect concepts in concern of metapsychology reformulation during the 20th decade of the XX century. It is a theoretical-conceptual research of Freudian psychoanalysis based on a method of historical and epistemological analysis of Freud's articles as well as their investigators.

Freud's metapsychology defines a drive theory which is based on principles of a representation theory which is established on early stages of Psychoanalytical investigation. Freud's hypothesis of a defense mechanism dividing the ideational representative from the energy invested in it is an important conceptual mark of Psychoanalysis delimitation as an independent knowledge field. This conception of affect's intensity which may displace and condense in different associative paths of memory traces in the psychic apparatus becomes more complex as Freud advances on his concepts elaboration. This trajectory was consolidated on drive theory presented in 1915 at his metapsychology articles. Drives search discharge based on constancy principle and intends somatic innervation or investment in its psychic representatives: representations and affects. Among representation, Freud discriminates image-conceptual components as thing representation, and linguistic-semantic components as word representation. Together these representations lead to the object representation. Among affects, Freud gives special attention to anxiety, which is understood as expression of free psychic intensity providing displeasure.

Alterations imposed by introduction of the concepts of narcissism and identification, as well as the acknowledgment of compulsion to repeat as something beyond the pleasure principle lead to transmutation of drive theory, to a new topographical description and to a anxiety theory reformulation, culminating on a new framework to Freud's metapsychology. Death drive irrepresentable character, the identifications as constitutive models of psychic apparatus and the signal of anxiety as repetition of primal helplessness lead to a reconsideration of the previous representational model.

Therefore, the following theoretical question becomes object of this research: the limitation of Freud's psychic representative conception against the conceptual network based on psychic apparatus constitution through identifications and through the death drive binding. The hypothesis used in this research is that representative theory limits itself in two different ways: the identification and the impossibility of representation as "beyond" and "beneath" Freud's metapsychology.

These two developmental lines opened on this theoretical turn figure a field of hypotheses, conceptions and propositions which will not find a conclusive systematization on Freud's work. Despite this, these different lines may be the starting point to further metapsychological conceptions. In this way, these questions exert fundamental interest not only to historical and theoretical-conceptual study of Freud's thought but also on epistemological fundamentals of theoretical developments in post-Freudian Psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis. Metapsychology. Mental Representation. Identification. Freud, Sigmund, 1856-1939.

1 INTRODUÇÃO

Fruto da síntese original que se pôde operar no trabalho de um homem, Sigmund Freud, a Psicanálise ficou para sempre marcada pelas balizas que delimitaram sua circunscrição. Tal qual o esboço prenuncia a obra, o discurso freudiano marcou definitivamente os rumos do desenvolvimento da Psicanálise. Quer seja para se opor, ampliar, aprofundar ou renovar, será sempre dessa referência que a investigação psicanalítica irá partir. Nesse sentido, não há uma Psicanálise estritamente freudiana, uma vez que ela é constituinte do próprio campo psicanalítico.

Portanto, “ler” Freud torna-se, antes de uma obrigação, uma iniciação fundamental nesse campo de saber. Propor uma leitura de seu criador, por sua vez, constitui o testemunho de uma longa e sinuosa formação. Pode-se afirmar, portanto, que haverá tantas “leituras” de Freud quanto há analistas. Porém, enquanto muitas dessas leituras não passarão de uma construção individual, algumas encontrarão ressonância e consistência na comunidade psicanalítica e outras, ainda, poderão cristalizar-se como contribuições relevantes e significativas para a teoria e prática da Psicanálise. Esse é o processo que engendra o movimento psicanalítico, com a sua produção de fios, linhas e tramas diversas que configuram o espaço sempre dinâmico e múltiplo de seu saber. Tal qual o aprendiz desenvolve sua autoria a partir do trabalho do mestre, muitos psicanalistas puderam interpretar e desenvolver seu próprio estilo a partir daquele traçado original, configurando linhagens e escolas, como Klein, Lacan, Winnicott e tantos outros. Esta tese é mais uma contribuição a esse campo, com a marca de um percurso singular de formação.

O objetivo desta pesquisa é traçar os desenvolvimentos da teoria da representação em Freud, procurando evidenciar não apenas sua centralidade para a metapsicologia mas, principalmente, os limites que essa concepção encontra ao longo do desenvolvimento do pensamento freudiano. Assim, trata-se de um estudo teórico-conceitual de caráter histórico e epistemológico da metapsicologia freudiana, procurando delinear os limites heurísticos da hipótese representacional ao longo do seu desenvolvimento. Para tanto, elege-se a conhecida “virada dos anos 20”, na qual se estrutura o segundo modelo tópico e pulsional, como ponto de irrupção da problemática de investigação.

O saber psicanalítico é constituído por múltiplas regiões. Oriunda de uma articulação original entre a auto-análise de Freud, a escuta clínica dos sintomas neuróticos e a cultura europeia do final do século XIX (MEZAN, 1988a), a Psicanálise emerge não só como uma teoria sobre o inconsciente e as pulsões, mas como um método de interpretação simultaneamente terapêutico e investigativo do psiquismo humano. Em seu processo de gênese, a Psicanálise operou uma série de rupturas epistemológicas em relação aos campos de que é herdeira, como a Medicina, a Psicologia, a Filosofia e as Ciências Humanas (BIRMAN, 1991), acabando por constituir uma teoria e uma prática com características ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas próprias.

O quadro do saber psicanalítico, portanto, segue algumas orientações fundamentais que podem ser reconhecidas nos mais diversos estilos e arranjos assim denominados. Uma vez circunscrito, seu objeto se desdobra em quatro níveis necessários de definição teórica: (1) uma *Metapsicologia* ou concepção geral do aparelho psíquico; (2) uma sistematização do *Desenvolvimento* psicosssexual e da *Constituição* dessa subjetividade; (3) uma definição dos arranjos oriundos dessa gênese que estruturam diferentes modalidades de sofrimento psíquico, na forma de uma *Psicopatologia*; (4) uma definição dos princípios gerais e operativos do trabalho terapêutico, na forma de uma *Teoria da Técnica* Psicanalítica (MEZAN, 1988a).

Em termos sistemáticos, podemos dizer que a Psicanálise possui uma estrutura teórico-conceitual. Metaforicamente, ela pode ser descrita como uma *árvore* (MEZAN, 2001, p. 245). Nela, as raízes representariam o conceito de pulsão e o tronco os conceitos do aparelho psíquico e da estrutura da libido. Os ramos superiores e a copa, por sua vez, representariam o Complexo de Édipo e a teoria da defesa, da qual brotariam como frutos tanto a psicopatologia quanto a teoria da técnica. Nos termos dessa analogia, podemos notar que a metapsicologia constitui a própria infra-estrutura do saber psicanalítico.

No nível metapsicológico, encontram-se as definições dos princípios e conceitos gerais que constituem a concepção psicanalítica de psiquismo. Entre eles estão: os princípios do prazer e da realidade, as concepções de processo primário e secundário, os conceitos de inconsciente, pulsão e defesa e a definição das instâncias psíquicas, além de suas funções, relações, processos e conteúdos. Constitui, portanto, o arcabouço teórico-conceitual fundamental da Psicanálise. O arranjo dessa estrutura

é bastante complexo, envolvendo abordagens descritivas e conceituais distintas. Em primeiro lugar, refere-se a uma descrição de lugares e instâncias no aparelho psíquico a partir do qual se desenvolvem os processos em questão. Em segundo lugar, diz respeito tanto a uma descrição dos processos psíquicos em termos das magnitudes energéticas que investem no conflito quanto da dinâmica de forças engendrada pelos diferentes atributos e lugares em jogo. Os diferentes parâmetros de abordagem citados constituem os clássicos pontos de vista *tópico*, *econômico* e *dinâmico* da metapsicologia freudiana.

Embora constitua uma infra-estrutura do campo psicanalítico, a metapsicologia, assim como toda a teoria freudiana, tem um desenvolvimento cronológico e histórico bastante singular, que precisa ser levado em conta na sua *análise epistemológica*¹. A forma mais didática de compreender esse desenvolvimento é definindo períodos ou sistemas conceituais que indicam os pontos de segmentação da teorização freudiana. Assim, de forma mais geral, pode-se afirmar um primeiro núcleo conceitual estruturado em torno da relação entre recalcado e inconsciente. Essa primeira abordagem tem como fruto uma primeira *tópica* (Ics.- Pcs. - Cs.) e um primeiro dualismo pulsional (pulsões sexuais – pulsões de autoconservação). A partir da questão do narcisismo, das identificações e do lugar cada vez mais importante do ego no edifício teórico da Psicanálise, uma revisão da metapsicologia mostrou-se necessária, culminando em uma nova *tópica* (Id – Ego – Superego) e em uma nova dualidade pulsional (pulsão de vida – pulsão de morte). Esse remanejamento, por sua vez, foi acompanhado de uma revisão da teoria da angústia, que inverte os termos de sua primeira formulação. A síntese de todas essas formulações, contudo, foi um trabalho que Freud não pode concretizar em vida.

A gênese e articulação dos conceitos psicanalíticos, contudo, é mais complexa que a idéia de um desenvolvimento linear pode sugerir. Muitos dos autores que se propuseram “ler” Freud partiram justamente de um estudo sistemático do movimento desse pensamento, para daí indicar uma determinada estrutura geral da teoria psicanalítica, fruto de uma análise teórico-conceitual e, também, de seus fundamentos epistemológicos e ontológicos. Essa bibliografia é particularmente extensa, tendo no que conhecemos como “franco-freudianos”, ou seja, o contexto

¹ Veremos, no capítulo metodológico a seguir, no que consiste uma análise epistemológica e como ela se relaciona com uma investigação histórica dos conceitos da teoria freudiana.

psicanalítico francês pós-lacaniano, seus principais promotores. No nosso meio, por sua vez, um grupo de autores inseridos no contexto acadêmico da psicologia e da filosofia constitui a principal referência nesse tipo de análise. Esses autores refletem, no Brasil, muitas das posições que se originaram no contexto francês.

Neste trabalho, tomarei como ponto de partida a concepção de Jean Laplanche de uma teoria psicanalítica que se desenvolve pautada por uma *exigência* e articulando *problemáticas* (LAPLANCHE, 1988a, 1998). Embora traga uma série de contribuições e indicações importantes para a compreensão e interpretação do legado freudiano, propondo, inclusive, uma interessante abordagem metodológica, o trabalho desse autor não é exatamente uma apreensão sistemática da obra de Freud. No Brasil, dois autores são referência nesse tipo de leitura, buscando definir a estrutura própria e os impasses da teoria psicanalítica: Renato Mezan e Luiz Roberto Monzani.²

O trabalho de Mezan (2001) preocupa-se em elucidar o movimento entre os diversos níveis de desenvolvimento da teoria freudiana – sua teoria da técnica, as casuísticas e temáticas abordadas, sua metapsicologia, sua teoria do desenvolvimento e sua psicopatologia – na produção de tramas conceituais complexas. Descreve as progressivas articulações conceituais inerentes aos desenvolvimentos dessas tramas, possibilitando a emergência de temáticas que irão barrar ou privilegiar sentidos de desenvolvimento teórico. Na concepção do autor, o desenvolvimento cronológico da teoria freudiana pode ser dividido em quatro períodos distintos, centrados em temáticas específicas: (1) O período de tentativas e descaminhos ao longo da década de 1890, que se encerra com o abandono da teoria da sedução em 1897, também conhecido como momento pré-psicanalítico da obra de Freud; (2) O período de constituição e delimitação do conceito de inconsciente que vai de 1900 até 1905, por meio das obras fundamentais como a interpretação dos sonhos e os ensaios sobre a sexualidade; (3) O período de consolidação e amadurecimento da teoria psicanalítica, que vai de 1905 até 1920, um pouco depois da chamada síntese metapsicológica; (4) O período de revisão e reestruturação da metapsicologia que começa em 1920 e vai até o final da obra de Freud em 1938. Cada período desses tem uma trama conceitual

² Outro trabalho de referência é o de Garcia-Roza, em especial sua série de *Introdução à Metapsicologia Freudiana* (1998, 1999, 2002), que, contudo, tem uma característica mais didática e introdutória, além de, em alguns pontos, menos rigorosa. Todavia, é mais conhecido pelos estudantes de graduação em psicologia ou em formação psicanalítica. Por conta disso, será também uma referência importante para a presente tese.

própria, que privilegia certos problemas e temas, mas, também, se articula com os períodos anteriores e posteriores, em uma intrincada rede de retomadas, ressignificações e ampliações. Nesse sentido, é um trabalho que apresenta uma leitura bastante abrangente da estrutura conceitual da teoria psicanalítica e do seu desenvolvimento ao longo da obra de Freud.

O trabalho de Monzani (1989), por sua vez, é mais focado, voltando-se para a análise de pontos-chave da teoria psicanalítica, em especial alguns dos momentos mais comumente denominados de ruptura no pensamento freudiano: (1) A passagem da teoria da sedução para o conceito de fantasia; (2) A passagem de uma abordagem neurológica para uma psicológica do aparelho psíquico; (3) A introdução da pulsão de morte e do segundo dualismo pulsional; (4) A proposição do modelo estrutural do aparelho psíquico. Sua tese é de que a arquitetura da metapsicologia é função de um movimento *pendular* e *espiral*, em que a polarização entre pares dicotômicos se apresenta sem se resolver definitivamente ao longo de toda a obra do criador da Psicanálise. Da mesma forma, o movimento em espiral descreve uma trajetória entre pontos que segue uma articulação progressiva, porém chegando apenas a uma resolução mais satisfatória sem que as polaridades de origem sejam anuladas.

As particularidades da estrutura da teoria freudiana fazem com que a abordagem de um problema teórico não possa ser efetivada apenas em um recorte temporal específico. É preciso contextualizar a problemática ao longo de toda a obra para que se possa, de fato, derivar sua inserção. Da mesma forma, só artificialmente podemos operar o recorte de um nível específico da teoria como objeto de investigação, no caso, a metapsicologia.

No âmbito específico da metapsicologia, iremos encontrar um conjunto fundamental de conceitos que constituirão o que denomino, a partir de Garcia-Roza (1999, p. 242-263), de *teoria da representação*. Ela compreende os elementos básicos de construção do psiquismo, sendo tributária da concepção filosófica e psicológica tradicional sobre os processos mentais. Freud precisou desenvolver concepções próprias sobre a representação psíquica e articulá-las a conceitos específicos da Psicanálise, como os de *pulsão*, *inconsciente* e *recalque*, para estruturar sistematicamente seu corpo teórico-conceitual. Nesse sentido, o conceito de *representação psíquica* revelou-se um operador teórico com grande potencial heurístico para o pensamento freudiano. É dessa forma que ele pode ser entendido

como fundamental: uma concepção psicológica básica que delineou balizas para a construção de modelos do aparelho psíquico.

As concepções de representação (*Vorstellung*) e afeto (*Affekt*) são elementos muito precoces na teorização freudiana. Foco de seus primeiros trabalhos teóricos, os conceitos de representação de objeto e de palavra logo alçaram o estatuto de *hipótese de trabalho* para a compreensão das psicopatologias. Assim entendido, o psiquismo constitui um sistema energético em que o investimento endógeno de traços mnêmicos gera representações ideativas e sua descarga, afetos. Essa hipótese, inicialmente aplicada à histeria e expandida para as neuropsicoses de defesa, articulava a noção de defesa como atividade psíquica responsável pelo desligamento energético e perda da associação representacional, gerando deslocamentos ideativos e afetivos, além de conversões somáticas. A introdução por Freud do conceito de defesa e sua articulação com uma concepção energético-representacional mostrou-se muito produtiva, possibilitando tamanho salto teórico a ponto de alguns comentadores afirmarem que se encontra aí o início da teoria psicanalítica (MEZAN, 2001, p. 27-28).

Ainda na década de 1890 são definidos os termos gerais da hipótese representacional, com a concepção do esquema psicológico da representação ideativa. A representação de palavra é definida como um complexo fechado de representações (imagem da escrita, leitura, motora e acústica) de caráter verbal, enquanto a representação de objeto como um complexo aberto de associações de objeto (visuais, táteis, acústicas, etc.) de caráter conceitual. A conexão entre elas é dada pela imagem acústica da palavra e pela imagem do objeto, criando a representação de coisa.³

Tem-se, assim, que a teoria da representação psíquica é um operador teórico inicial do pensamento freudiano, sendo posteriormente encampada em uma formulação teórica mais geral da dinâmica psíquica, a saber, a teoria pulsional. Nesse sentido, a representação psíquica se tornará parte de um *circuito pulsional* que articula a excitação somática, pulsão, representação psíquica e a descarga (HANNS, 1999). Desse modo, as representações (*Vorstellung*) são definidas pela sua função de

³ É apenas nos textos iniciais que os conceitos aparecem sob essa denominação. Posteriormente, a representação de objeto passará a denominar o complexo formado pela associação entre a representação de coisa (antiga representação de objeto) e a representação de palavra.

representação (*Repräsentanz*) da pulsão.⁴ São, assim, a contrapartida psíquica da excitação somática, isto é, são as expressões da pulsão no aparelho psíquico. Essa expressão energética quantitativa se dá de duas formas qualitativas distintas: *representação ideativa* (*Vorstellung*) e *afeto* (*Affekt*). A primeira é de natureza imagético-conceitual, enquanto a segunda é entendida como uma descarga associada a uma sensação de prazer ou de desprazer. Dentre as representações ideativas, Freud distinguirá, pelo menos, duas modalidades: a *representação de coisa* e a *representação de palavra*. Dentre os afetos, o afeto de *angústia* se mostrará de especial relevância teórica, uma vez que constituirá a expressão da intensidade pulsional em sua forma mais desligada de representações ideativas. Afeto e representação ideativa serão, portanto, as formas básicas pela qual a Psicanálise descreverá os fenômenos psíquicos.

Contudo, desde o início a hipótese representacional constitui-se como um ponto de tensionamento na metapsicologia, uma vez que a Psicanálise progressivamente indicará como o campo das representações é dinamizado por uma energia móvel que, no limite, tende a escapar das amarras dos chamados traços mnêmicos. Em outras palavras, a teoria psicanalítica de Freud estará para sempre marcada pela disjunção entre a representação e o afeto como origem própria da dinâmica psíquica. Do ponto de vista epistemológico, essa dificuldade teórico-conceitual está referida à própria singularidade do campo psicanalítico, que encontra na análise de Ricoeur (1977) talvez sua enunciação mais precisa, a saber, a de que a Psicanálise se constitui no dilema entre a *força* e o *sentido*.

A reformulação teórico-conceitual dos anos vinte introduziu vários elementos que de certa forma transcendem a concepção inicial de representação e afeto. São eles: a irrepresentabilidade da pulsão de morte, a identificação como eixo central da estruturação da personalidade, o sentimento inconsciente de culpa e outros afetos “inconscientes”, além da reformulação da teoria da angústia, com a introdução do sinal de angústia e com a afirmação de uma angústia originária.

Sendo a pulsão de morte uma energia de desligamento, ela não pode fazer parte da organização de uma instância psíquica que se diferencia em função das

⁴ A palavra representação, em português, aglutina o significado de duas idéias distintas em alemão. A primeira (*Vorstellung*) diz respeito a uma apresentação na forma de imagem no psiquismo de um objeto, enquanto a segunda (*Repräsentanz*) significa uma espécie de delegação no psiquismo de uma excitação somática. Essa delegação pode se dar na forma de afeto – o que constitui um representante afetivo – ou de representação – o que constitui o representante ideativo (HANNIS, 1996, p. 386-404).

exigências da realidade e do investimento narcísico, ou seja, do ego. A pulsão de morte também não pode se fazer representar independentemente de uma cota de energia de ligação. É aí que Freud introduz um novo mecanismo na teoria das pulsões: a fusão e defusão das pulsões. A libido passa então a ser encarada não como o investimento das pulsões sexuais, mas como um investimento fusionado das pulsões de morte e de vida, em maior ou menor grau. É na intricada relação de fusão e defusão das pulsões que se deve procurar entender o novo estatuto dos representantes psíquicos e, principalmente, os seus limites. Dessa forma, pode-se afirmar que *o conceito de pulsão de morte dá um lugar ao irrepresentável* na metapsicologia freudiana.

A segunda teoria pulsional, por sua vez, está intimamente ligada aos desdobramentos que ocorrem na metapsicologia desde a introdução do conceito de narcisismo. É também no plano das identificações que passará a transitar a teorização freudiana, levando à definição das instâncias do modelo estrutural. Nesse percurso também encontraremos uma problemática que incide sobre a teoria das representações.

O Ego, tal como definido na segunda tópica, é marcado por uma ambigüidade. Por um lado, ele é essencialmente um conjunto de funções adaptativas e um conjunto organizado de representações de desejo. Freud não deixa de usar as noções representacionais consagradas na primeira tópica para definir as relações de pensamento e percepção na segunda. Essas noções, contudo, aparecem para justificar a concepção de que o Ego é uma diferenciação do Id em contato com o exterior, ou seja, como uma instância a serviço do princípio da realidade. Assim sendo, o traço mnêmico é entendido como a reminiscência de uma percepção e como o substrato de uma representação de coisa. O seu investimento libidinal procura a satisfação via um mecanismo alucinatório de realização de desejos. A pulsão investe o representante ideativo do objeto, ou seja, o que é investido é um traço que não é o ego, mesmo que este seja entendido como um conjunto de representações. De uma maneira geral, essa concepção é sincrônica com a estrutura conceitual do aparelho topográfico.

Por outro lado, passa a estar em pauta a constituição desse mesmo aparelho pela identificação. É certo que, tomando a identificação como modelo constituinte do aparelho psíquico, este inevitavelmente será um precipitado de representações investidas. Mas a identificação não visa à satisfação da pulsão segundo o modelo

alucinatório, ela é, antes, uma forma de ligação erótica. Há, portanto, um componente estruturante na identificação. Além disso, a representação não entra aí como um objeto, mas como um precipitado que entrará na constituição de uma instância psíquica. Dessa forma, a noção de identificação parece transcender a concepção de memória entendida como representação psíquica da pulsão por meio do investimento de traços mnêmicos.

Caberia, então, explicitar qual a *relação da representação psíquica com a identificação*. Tomada em termos de desenvolvimento, poder-se-ia dizer que a identificação é um modelo primitivo; uma primeira forma de representação. Isso, contudo, não diminui o problema. A noção de representante psíquico parece ceder lugar ao modelo da identificação, sem ficar claro como essas duas concepções se relacionam entre si.

Além disso, outra questão é colocada pela identificação. Trata-se do papel do outro na constituição da subjetividade. No tema específico dos representantes psíquicos, isso implica dizer que os representantes não são só representantes da pulsão mas, também, delegados da alteridade. Isto quer dizer que com a introdução da identificação a noção de representante é alargada no sentido de um trabalho que o outro imprime ao psiquismo⁵. Com isso, não cabe entender a representação apenas como algo que busca a satisfação alucinatória da pulsão, mas também como a marca da alteridade que impõe direções na constituição do aparelho psíquico. Assim, tem-se que o representante psíquico não é uma via de mão única, mas, ele mesmo, um compromisso entre a pulsão e a realidade. Há de se pensar, portanto, o papel do “outro” na constituição do aparelho psíquico.

A confluência da teoria da representação com a problemática da identificação nos leva a uma questão central. Trata-se de saber como um conjunto de representações pode ter um papel dinâmico e organizador do psiquismo. Como foi colocado, o conceito de representação refere-se a uma marca que se inscreve na superfície de um aparelho psíquico. As representações psíquicas em momento algum se referem à estrutura do aparelho psíquico. Este comparece como um suporte para a

⁵ Isso não quer dizer que o modelo freudiano anterior fosse solipsista, mas apenas que trazendo a constituição do ego através da identificação como cerne da Psicanálise a questão torna-se fundamental. É nesse contexto que cabe perguntar sobre a possibilidade de se operar ainda no modelo da representação, pois não se trata da imagem dos objetos projetada na superfície de uma tela de recepção, como nas analogias consagradas de Freud, mas da introjeção do outro enquanto modelo e possibilidade do “eu”, ou seja, enquanto fator constituinte e não apenas constituído.

produção daquelas, tal como o conjunto de lentes de um sistema ótico é a condição para a produção da imagem. Essa é metáfora para a compreensão do aparelho psíquico que estrutura a primeira tópica em torno da dinâmica das representações. Nela não há lugar para a investigação da própria gênese das instâncias psíquicas – suas lentes.

Com o progressivo desenvolvimento da metapsicologia, o esquema freudiano irá se desdobrar para dar conta da gênese e desenvolvimento do aparelho psíquico até que, com a emergência do conceito de identificação, a problemática vem a transcender a própria concepção de representação. Pois bem, na identificação abre-se espaço para um processo no qual um objeto do mundo exterior não é apenas representado na forma de imagem, mas, também, passa a organizar o próprio espaço mental, como suporte para a gênese de uma instância psíquica.

Assim, a identificação não é mera imagem ou conteúdo, mas também um continente. Nesse sentido, pode-se afirmar que haja uma configuração no processo de identificação que a noção de representação não comporta: o modelo da representação é a *imagem* sensorial – portanto, *bidimensional* – o de identificação é a incorporação de *objetos* na gênese de um espaço psíquico – sendo, assim, *tridimensional*.⁶

Ao definir a nova tópica, Freud colocara o Ego como sede da angústia. Essa afirmação era de certa forma contraditória com o modelo de angústia até então adotado, que era pautado no modelo da angústia automática e, portanto, um produto do Id no Ego. Essa aparente contradição procura ser sanada na segunda teoria da angústia que também procura acomodar as exigências lançadas pela nova teoria pulsional. Freud pautou o seu primeiro modelo na oposição entre angústia realística e angústia neurótica, sendo esta expressão da excitação livre. A angústia realística, por sua vez, já proporcionara a idéia incipiente de um sinal de preparação para o perigo. É esse o ponto que Freud retomará em sua nova teorização, trazendo-o para um lugar de destaque. A angústia seria, assim, um sinal emitido pelo Ego como forma de preparação para o perigo, só que agora um perigo interno, ou seja, pulsional. Dessa forma, passa a ser a angústia que origina o recalque, não o contrário. Essa é a

⁶ A metáfora da tridimensionalidade tem como objetivo enfatizar que a problemática da identificação transcende a do modelo representacional, abrindo uma nova dimensão em que a alteridade está incrustada na gênese do aparelho psíquico. Não se refere tanto a uma tridimensionalidade objetiva na construção de modelos de aparelho psíquico, apesar de que o modelo da segunda tópica certamente comporta características de um espaço psíquico em que se confrontam instâncias que lembram verdadeiras entidades.

concepção do sinal de angústia, cerne da segunda teoria da angústia, a qual fecha a concepção do segundo modelo tópico e pulsional freudiano. A angústia, assim entendida, é uma função de defesa do ego que o protege contra o desprazer do aumento da energia livre.

O sinal de angústia, contudo, não é o único momento da angústia. Como Freud mostrara antes, há a possibilidade de um transbordamento da excitação no aparelho psíquico que se converteria automaticamente em angústia. Essa excitação seria de origem pulsional, mas remeteria a certa condição do organismo, que seria a impossibilidade do ego em lidar com a excitação. Tem-se assim uma angústia originária entendida como um *desamparo*: o terror para o qual o ego não tem recursos. A defesa, portanto, mostra-se um mecanismo contra a repetição do desamparo originário. A angústia originária se reveste de particular interesse para uma pesquisa sobre o afeto porque ela é um representante psíquico singular. Ela é um estado de desamparo definido pela impossibilidade de elaboração psíquica e, portanto, não poderia ser representado. Ela não tem um objeto específico ou mesmo um estado particular de sensações, ela é o protótipo da invasão do ego pela energia livre. Poder-se-ia dizer que ela é uma verdadeira expressão da pulsão de morte. Freud, contudo, não se preocupou em associar a angústia originária com a pulsão de morte, apesar de ser essa uma vinculação possível.

Observa-se, a partir dos pontos expostos, que as reformulações da teoria da angústia lançam um questionamento para a questão do afeto como representação psíquica. Nesse sentido, há algo de irrepresentável nos afetos e há de se perguntar de que forma o modelo da representação afetiva dá conta dessa falta que é o desamparo psíquico. Tem-se, assim, que tanto o segundo modelo tópico quanto o segundo modelo pulsional e a teoria da angústia trazem questionamentos para a concepção freudiana da representação ideativa e do afeto.

Dois problemas surgem desse exame do desenvolvimento da metapsicologia freudiana. Em primeiro lugar, trata-se de compreender a relação e o alcance da concepção de representação a partir do modelo da identificação, que se tornou a base da segunda tópica. Essa questão implica analisar como a representação passa a ser compreendida no novo aparato em que se embatem instâncias psíquicas que lembram entidades antropomórficas. A compreensão dessas articulações deve passar, inevitavelmente, pela consideração do lugar da pulsão de morte e o problema

correlato da sua impossibilidade de representação. Entra-se aí no segundo ponto, que é o de como pensar a representação frente ao irrepresentável, quer seja na angústia, quer seja na representação ideativa. Os fios dessa nova meada teórica parecem apontar para um paradigma do negativo: o afeto remetendo ao desamparo e à morte; a representação perdendo o caráter ideativo e se convertendo em amálgama de identificações; a satisfação cedendo lugar à compulsão torturante e à tentativa de ligação. O eixo do desejo revela em sua origem a impossibilidade de elaboração psíquica. Surge, então, a questão chave que mobiliza esta tese, a saber, como conceber a relação entre a teoria da representação e o que a transcende. O afeto e a representação ideativa parecem encontrar aí seu impasse.

O recorte operado da teoria psicanalítica, portanto, é tomar a teoria dos representantes psíquicos para mostrar os limites da metapsicologia em duas dimensões: a representação e o mais *além* ou *aquém* da representação. *A hipótese é que a virada dos anos vinte traz um duplo questionamento ao modelo representacional* freudiano. Evidentemente, não quero dizer que as dimensões representacionais e não-representacionais se coloquem em lados opostos nesses dois momentos do pensamento freudiano. Tentarei mostrar os elementos contrários e problemáticos para a teoria dos representantes psíquicos ao longo do desenvolvimento das teses metapsicológicas, marcando os pontos de inflexão e retorno no movimento intrinsecamente pendular do pensamento freudiano. Nesse sentido, é mais rigoroso afirmar que o problema em questão é analisar a teoria da representação *frente* à emergência do segundo modelo tópico e pulsional, bem como os elementos precursores de tal virada no seio da própria hipótese representacional, indicando, a partir de uma análise epistemológica, que horizontes são circunscritos pelo legado freudiano.

Desse modo, a partir do problema de pesquisa circunscrito nesta introdução, podemos enunciar que o *objetivo geral* da presente tese consiste em estudar os conceitos de representação e afeto frente ao segundo modelo tópico e pulsional da metapsicologia freudiana. De modo mais *específico*, consiste em analisar: (1) o *além* da representação, ou seja, os limites da teoria representacional frente ao conceito de identificação; (2) o *aquém* da representação, ou seja, o irrepresentável em jogo na pulsão de morte e nas angústias.

A investigação dessas hipóteses se dará por meio de uma análise da obra de Freud que será desenvolvida em quatro capítulos teóricos. Busquei, portanto, fazer um recorte temporal da metapsicologia, partindo do momento que é notoriamente entendido como o seu ápice: a grande síntese metapsicológica elaborada por Freud em 1915.

O motivo da escolha desse ponto de partida é duplo. Em primeiro lugar, dá-se porque esta tese representa a continuidade de uma linha de pesquisa que foi iniciada com minha dissertação de mestrado (CAMPOS, 2004), na qual analisei o momento inaugural metapsicologia freudiana entre 1891 e 1900, englobando os dois períodos iniciais da obra de Freud que Mezan (2001) descreve.

Naquela ocasião, pude concluir que constituição do objeto da Psicanálise, o inconsciente, se deu em função de uma dupla ruptura epistemológica: de um lado, em relação ao nível biológico do organismo, por outro, ao nível daquilo que não é representável no nível psicológico. Embora a primeira afirmação não seja nenhuma novidade em termos de compreensão do desenvolvimento da teoria freudiana, a segunda não é tão evidente assim. Pude, então, enunciar a *hipótese* de que a *primeira tópica freudiana emerge em função de um movimento interno da teoria que “recalca” a dimensão irrepresentável e traumática do funcionamento pulsional*. Dessa forma, mostro como já no primeiro momento de síntese metapsicológica a questão sobre o que escapa à representação já está delineada no horizonte interno da teoria freudiana.⁷

Assim, o ponto natural de partida desta tese seria o próximo momento de síntese teórica, no caso, os artigos de metapsicologia. Porém o interesse meramente histórico e sistemático vem se recobrir de uma problemática própria, pois veremos que aquele momento de síntese é, também, um momento de rupturas e retomada de novos e antigos problemas. Desse modo, seria mais correto afirmar que proponho retomar a espiral problemática do ponto que a deixei anteriormente para continuar analisando o movimento do pensamento freudiano em seus desdobramentos desde a síntese metapsicológica até o final de sua obra. Desse modo, os capítulos se sucedem

⁷ Após a publicação daquele trabalho, tive a oportunidade de encontrar alguns artigos que sustentam posições como as minhas. Embora em geral digam respeito a aspectos pontuais, como os conceitos de concomitante dependente, de representação e de afeto presentes nos trabalhos entre 1891 e 1895 de Freud (WINOGRAD, 2004; IBERTIS, 2006; ROSSI, 2005) ou a presença de uma compulsão à repetição já no “Projeto” (CAROPRESO, 2006), esses trabalhos reiteram aspectos discutidos por mim naquela dissertação e retomados na presente tese.

descrevendo pontos de análise ao longo da cronologia dos textos freudianos, elegendo certos temas como pontos-chave desses períodos: (1) *a síntese metapsicológica*; (2) *a virada e a segunda teoria pulsional*; (3) *o segundo modelo tópico*; (4) *o remanejamento da teoria da angústia e as aberturas na última década da obra freudiana*.

No que diz respeito à bibliografia utilizada dos textos de Freud, irei utilizar como referência tanto a *Edição Standard Brasileira* – na diagramação mais recente, de 1996 – quanto os volumes já disponíveis da nova tradução das *Obras Psicológicas* de Freud. Os textos serão referenciados segundo sua data original de publicação e diferenciados pelo ano da edição em português. Como se sabe, a terminologia varia entre as duas versões do texto de Freud. Por uma questão de uniformidade e de rigor conceitual optei por seguir, em geral, as propostas terminológicas do já consagrado *Vocabulário da Psicanálise* (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998), indicando em nota de rodapé quando fizer uma opção diferente.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa consiste em um estudo teórico-conceitual de caráter histórico e epistemológico da metapsicologia freudiana. Nesse sentido, propõe abordar a obra de Freud visando reconstruir as tramas conceituais pertinentes ao tema da teoria da representação. Essa abordagem será efetivada por meio da leitura e interpretação de obras centrais da metapsicologia, orientadas pela leitura comparativa e contextualizada de alguns comentadores consagrados. Além disso, visará a uma articulação e contextualização na totalidade da obra do criador da Psicanálise.

A questão metodológica em pesquisas de caráter estritamente teórico costuma ser, em geral, subdimensionada. Enquanto os relatórios de pesquisa empírica necessitam de parâmetros determinados e de uma apresentação de seu delineamento, as pesquisas teóricas parecem prescindir de um instrumental de leitura. É notória a síntese do método envolvido na pesquisa teórico-conceitual em frases como “leitura crítica de textos, acompanhada de comentadores”, na qual normalmente se privilegia a descrição dos textos a serem consultados e não os pressupostos da leitura que será efetuada. É nesse sentido que se constata a interpolação de certa ingenuidade metodológica na interpretação dos textos, que nada mais é do que a assunção sem crítica de um referencial hermenêutico e epistemológico arraigado no senso comum.

Neste capítulo, irei discutir questões gerais envolvidas na pesquisa teórica com textos de ciências humanas e, em particular, na pesquisa no âmbito do conhecimento psicanalítico. O objetivo é esclarecer a problemática envolvida nesse tipo de trabalho e poder derivar uma metodologia de leitura para orientar a pesquisa conceitual em teoria psicanalítica.

2.1 Concepções Hermenêuticas

Pode-se esquematizar o campo da hermenêutica como constituído por duas polaridades ideais: o da *interpretação reprodutiva* e o da *interpretação criativa*, ou seja, aquela que procura resgatar um suposto sentido intrínseco da obra e aquela que busca a produção de um sentido novo a partir da subjetividade do leitor (FIGUEIREDO, 1994, p. 18-19). O primeiro pólo é o mais clássico, tomando como

pressuposto e critério de validade a manutenção do distanciamento entre o sujeito e o objeto de leitura. O método interpretativo consistiria na depuração das ambigüidades e aspectos contingentes, eliminando a diferença, a ruptura, o conflito e a subjetividade como obstáculos à compreensão. Quer seja em uma perspectiva mais psicológica, quer seja em um transcendentalismo *apriorístico* ou mesmo na configuração de contextos intersubjetivos ideais, o que está presente é a idéia de um reencontro do intérprete com o objeto, que é apreendido e concebido por meio de parâmetros como a totalidade, unidade, coerência, harmonia e assim por diante.

Passemos, agora, para a idéia da interpretação como *criação de sentido*. O problema nessa perspectiva é como, reconhecendo a prevalência da subjetividade, garantir certo rigor na interpretação. Essa empreitada passa, necessariamente, por uma concepção da interpretação a partir de um fundo do qual emerge a figura da obra, ou seja da interpretação como uma atividade de construção e desconstrução de contextos. Os horizontes, nesse caso, são tanto *externos* (inserção histórico-cultural) quanto *internos* (a própria rede de articulação teórico-conceitual) e estão inter-relacionados. É importante ressaltar que esses contextos não são passíveis de reconstrução ideal, mas sempre dinâmicos e contingentes. Tem-se, assim, a concepção de uma interpretação que responda à obra a partir da experiência que esta propicia ao leitor. Nesse sentido, a interpretação eficaz se dá não pela sua capacidade de conservação, mas, sobretudo, pela emergência de novas configurações que propiciam aquilo que Figueiredo chama da “fabricação do estranho” (1994, p. 21).

Um exemplo dessa abordagem é a hermenêutica filosófica de Gadamer (1997), que coloca a problemática do sentido em função de um reconhecimento da alteridade como aspecto fundamental. Porém, o sentido não é dado, mas constituído no diálogo em que se deparam e se interpenetram o texto e o intérprete. O distanciamento metódico é afirmado como ilusório e a historicidade é positivada, criando uma verdadeira ética do trabalho interpretativo na idéia de uma fusão de horizontes, em que haja a mútua transformação do sujeito e do objeto da interpretação. Assim, mais do que a submissão à autoridade de uma verdade já dada, o que se observa é a afirmação da dimensão ética subjacente ao processo interpretativo, na qual o fundamental é a alteridade entre autor e intérprete como motor da co-criação de sentido. *O problema hermenêutico, assim, passa a ser primeiro com relação ao do conhecimento.*

Nota-se que, nesse caso, os horizontes de interpretação não são mais passíveis de uma reconstrução ideal, mas inseridos em uma tradição que é histórica e dialógica. Apesar do reconhecimento da tradição em que se insere a obra, esse contexto não é entendido como um modelo ideal. Pelo contrário, a tradição está sempre se modificando em função das interpretações que vêm se inserir em seu campo. Nesse sentido, uma concepção como a de Gadamer abre espaço para a afirmação da necessidade de reconhecimento das questões iniciais do intérprete como condição e ponto de partida para uma interpretação. Tem-se aí um ponto essencial para o trabalho de pesquisa teórica: *o sentido não está dado em si no texto ou no passado de sua tradição, mas será função, também, da configuração de seu domínio de pesquisa atual*. Essa constatação certamente coloca em novas bases a idéia de uma *revisão de literatura*. Longe de uma listagem de dados ou teorias reconhecidas e autorizadas pela comunidade científica ou da enunciação de interpretações atemporais, esse tipo de trabalho não pode prescindir da complexidade do campo. Dessa forma, é preciso operar o delineamento de uma configuração de sentidos que recorta um *domínio* e uma *problemática* (FIGUEIREDO, 1987).

A concepção de uma polaridade original do campo da hermenêutica implica aquilo que Figueiredo (1999a, p. 15) definiu como *leituras sistemáticas e próximas* em oposição a *leituras próximas desconstrutivas*. Nas primeiras, o contingente e o acidental não são necessariamente ignorados, mas interpretados a partir de um suposto movimento intrínseco à obra ou a sua contextualização em uma tradição. O ambíguo aqui revela uma contradição de teses ou um ponto de inflexão que é redimensionado em função da evolução dos argumentos da obra ou do seu horizonte externo. Sua validade é dada não só por uma concepção pragmática estrita, mas pela sua fecundidade heurística e pelo rigor de uma verdade consensual. Nesse sentido, uma boa leitura sistemática não deve se fechar ao espanto nem à passividade inerentes à sua interpretação, muito menos recair em ilusões totalizantes ou dogmatizantes.

Uma *leitura próxima desconstrutiva* (FIGUEIREDO, 1999a, p. 18-25), por sua vez, parte de um patamar mais radical. Trata-se de pensar uma leitura que seja próxima sem se fechar (*close*) em uma suposta unidade. Para tanto, é necessário admitir um fato até então ignorado ou subdimensionado na tradição hermenêutica, a saber, de que o *texto seja outro para si mesmo*. Até então, o que se observava é a

consideração da alteridade entre os horizontes do autor e do intérprete, ou da obra em relação à sua tradição, mas sempre se pressupunha uma unidade ideal de sentido, mesmo que entendida em uma relatividade histórica. Pois bem, a metodologia desconstrutiva, desenvolvida, entre outros, por Jacques Derrida (2001), vai afirmar a alteridade radical no seio do próprio horizonte interno da obra.

A leitura desconstrutiva constitui a mais radical das concepções hermenêuticas. Seu fundamento é a afirmação da precedência e prevalência da marca diferencial sobre a essência. Entende a diferença como fator constituinte dos sentidos; a identidade se constituindo sobre esse campo descentrado, ambíguo e móvel. Em suma, o lugar do ideal é aqui abolido: em vez de uma filosofia essencialista, o que se tem é uma *filosofia da diferença*.

Essa perspectiva se alimenta do retórico e do contingente para evidenciar os limites das teses centrais, procurando o movimento *atético* do texto, evidenciando as ilusões dogmatizantes de uma identidade de sentido, em uma incessante transgressão. A desconstrução não intenciona qualquer transcendência, mas a própria heterogeneidade dos elementos do texto, implodindo-o para evidenciar seus próprios sentidos marginais.

O procedimento desconstrutivo é bastante metódico, no sentido de que está preocupado com as articulações internas do texto. Compartilha com as tradições contextualizantes a crítica à linguagem referencial e a uma historicidade linear mas, contudo, insiste no “compromisso com a obra literária” como aspecto ético fundamental da leitura (MILLER, 1995, p. 85), no sentido de que volta sua atenção para a trama intratextual. Percebe-se que, a partir do momento em que a coerência do horizonte interno da obra perde sua certeza, o problema das articulações internas do texto ganha um novo estatuto. O procedimento desconstrutivo, assim, é um mergulho no texto, porém pautado por uma *lógica não-identitária*, ou *suplementar*.

A concepção de complementaridade diz respeito ao caráter diferencial das teses de um texto ou dos conceitos de uma teoria. As perspectivas essencialistas, ao afirmarem a precedência da essência sobre a diferença, entendem que uma tese se constitui como um em si, para depois vir a se contrapor a sua antítese. Esse é o campo dos dualismos, em que impera a contraposição entre teses opostas e distintas, as quais, no máximo, podem ser entendidas como complementares. Essa complementaridade, por sua vez, tenderia a ser compreendida em uma temporalidade

dialética em que a oposição dirige-se a anulação da diferença em uma nova síntese. A ambigüidade, aqui, é produtora de tensões, mas o ideal identitário é o objetivo final. A idéia de um *suplemento de origem*, por sua vez, transcende a lógica identitária. A lógica suplementar age entrelaçando os sentidos e mostrando como suas condições de possibilidade remetem ao seu outro irreduzível, a sua própria impossibilidade. Nesse sentido, a ambigüidade não é pacificada ou contida, mas sustentada, mostrando como o que é representado se articula ao que está na sombra.

Ao tomar o horizonte interno do texto como campo privilegiado de investigação de ambigüidades inalienáveis, a leitura desconstrutiva redimensiona o problema da intertextualidade. A idéia é que o texto é outro para si mesmo, se nutrindo dos fios que ligam suas polaridades intrínsecas e os enxertos de elementos externos. É dessa trama discursiva em que o outro se insere como elemento ao mesmo tempo hostil e positivante, na qual o texto é simultaneamente *hóspede* e *hospedeiro* (MILLER, 1995, p. 18-19), que emergem os movimentos de significação.

A metodologia desconstrutiva traz de novidade a idéia de que o texto é constituído de ambigüidades suplementares, se desdobrando sobre uma série de articulações intra e intertextuais criadoras de tensão. Um texto, nessa perspectiva, não é um horizonte instrínseco fechado e unidimensional, mas a verdadeira arena em que as tradições da obra e do leitor se digladiam. Assim, a desconstrução é o recurso por excelência de investigação da dimensão de alteridade que resiste à sistematização, uma verdadeira tática de guerrilha ao desejo totalizante de conhecimento. Nesse sentido, coloca-se na amplitude extrema dos movimentos de um processo de teorização.

Se a leitura contextualizante de tradição heideggeriana-gadameriana nos alerta para o movimento dialógico do texto com a sua tradição, a desconstrução traz esse diálogo para o âmbito do próprio movimento constitutivo das teses e antíteses de um texto. Mais que isso, alerta para a necessária articulação suplementar que une um conceito ao seu negativo. Assim, uma leitura sistemática e uma desconstrutiva estarão unidas entre si pela suplementaridade, como hospedeiro e parasita. Essa constatação é importante para um trabalho de leitura sistemática dos conceitos de um autor. Alerta para a *atenção à ambigüidade como fator constitutivo dos movimentos do pensamento* e para a ilusão de uma univocidade de teses.

A perspectiva desconstrutiva traz derivações importantes para o trabalho de pesquisa com textos psicanalíticos. Isso se dá não apenas pela afirmação de que uma teorização necessariamente se desenvolve sobre seus suplementos de origem, o que certamente traz uma nova perspectiva para as pretensões lineares de leitura, mas, também, pela aproximação da lógica da suplementaridade na formação de conceitos com a própria noção de inconsciente. Alguns autores encontrarão no modo de teorização freudiana uma aproximação com a lógica desconstrutiva. Como demonstra Miller, a lógica da teorização freudiana está marcada pelo movimento retórico do “não apenas, mas em vez disso” (1995, p. 69-70), o que denotaria a remissão dos conceitos – no caso a idéia de *construção* – a contrapontos suplementares sem que um centro identitário possa ser, de fato, isolado.¹

A metodologia desconstrutiva, em sua ênfase na ambigüidade e alteridade intrínsecas ao texto, aproxima-se da perspectiva psicanalítica. O método psicanalítico caracteriza-se pela escuta diferenciada ao estranho, identificando no que é acessório a irrupção dos sentidos inconscientes da trama de símbolos trazida pelo paciente, por meio da atenção flutuante. Porém, há a questão de como pensar a transposição desse método da clínica para a interpretação de textos.

A caracterização de uma metodologia psicanalítica de leitura foi preconizada por Jean Laplanche. O percurso laplanchiano é, certamente, complexo, uma vez que tende atualmente mais à reificação dos conceitos freudianos.² Entretanto, seus trabalhos iniciais de interpretação de textos freudianos tinham uma perspectiva mais dialógica e crítica, expressa em sua concepção de *fazer o texto trabalhar*, através da “utilização de conceitos analíticos como chave de uma nova hermenêutica.” (LAPLANCHE, 1998a, p. 10). É essa perspectiva de leitura histórica, interpretativa e problematizante do texto freudiano que me interessará em particular.

A concepção hermenêutica laplanchiana afirma a possibilidade de ler os escritos psicanalíticos por um método psicanalítico. Isso significa não uma

¹ Perspectivas similares foram enunciadas a propósito dos conceitos de pulsão (FIGUEIREDO, 1999a), da relação sujeito-objeto (COELHO Jr., 2002) e do conceito de identificação (RIBEIRO, 2000). O livro de Figueiredo é um bom exemplo da metodologia de leitura desconstrutiva aplicada a textos psicanalíticos. A aproximação entre um expediente desconstrutivo e uma leitura laplanchiana, por sua vez, é operada no trabalho de Ribeiro.

² Sua perspectiva final, expressa no trabalho frente à equipe de tradução das obras completas de Freud para o francês, se aproxima de uma reificação da obra freudiana, através da ilusão da tradução efetiva do sentido original dos conceitos – o que foi amplamente criticado do ponto de vista estilístico e de uma teoria da tradução. A esse respeito ver Michaud (1996).

interpretação das fantasias de seus autores, mas a utilização do próprio método psicanalítico como instrumento de leitura. Esse método está baseado em um *princípio de análise igualitária*, que é o aplainamento ou desmantelamento dos enunciados textuais a partir de uma atenção igualmente flutuante. Com isso, crescem de importância a *absurdidade dos detalhes*, os *esquecimentos* e os *deslocamentos* de um texto. A idéia é destituir os “remanejamentos egóicos” (LAPLANCHE, 1988a, p. 30) da doutrina freudiana, desmontando os conceitos da obra. Nessa abordagem, a noção de desenvolvimento histórico é problematizada. Em vez de um desenvolvimento linear, o que se observa são as contingências da articulação de uma problemática, cuja temporalidade está próxima daquela própria da psicanálise: repetição, retorno do recaiado, ressignificação *a posteriori*, etc. A idéia de uma estrutura do pensamento freudiano, assim, só pode ser entendida no sentido de um equilíbrio dinâmico entre polaridades.

A idéia fundamental de percorrer a obra em todos os sentidos, sem nada omitir ou privilegiar *a priori*, possibilitando a emergência de uma *problemática* que não se resolve linearmente e que, pelo contrário, constrói um campo intermediário de *exigências teóricas* (LAPLANCHE, 1998, p. 10) é um procedimento hermenêutico que se aproxima das análises desconstrutivas. É interessante, contudo, marcar algumas diferenças. Enquanto a análise desconstrutiva não visa nenhum fim para além de si mesmo e toma esse tipo de compromisso teleológico como uma ilusão essencialista, uma hermenêutica psicanalítica como a de Laplanche guarda lugar para um sentido final no movimento do pensamento do autor.³ A noção de uma exigência de teorização que emerge das contradições e ambigüidades de um texto recoloca o lugar de um ideal regulador. É evidente que estamos aqui longe da concepção de um sentido inequívoco latente no texto. Trata-se de uma temporalidade espiral e, ao mesmo tempo, polarizada em oposições dinâmicas. Essas tensões criam linhas de força que possibilitam a concatenação de um desenvolvimento teórico o qual, contudo, não pode ter a pretensão de verdade absoluta, uma vez que é fruto de um processo histórico e contextualizado.

³ É importante não incorrer no erro de equiparar a dimensão inconsciente de uma obra com o inconsciente do autor. A questão aqui se desenrola no nível dos textos: sua intertextualidade na tradição e sua intratextualidade na obra. As menções a um suposto “conteúdo psíquico” freudiano devem ser tomadas, nesse sentido, como mero recurso estilístico e retórico.

Com a indicação dos desdobramentos da problemática hermenêutica para o campo da psicanálise chegamos ao final deste primeiro tópico. Espera-se ter deixado claro como os movimentos inerentes ao campo da hermenêutica não apenas contribuíram para uma fundamentação epistemológica em que cabem a especificidade do conhecimento psicanalítico e os procedimentos inerentes ao seu método. Esse percurso possibilitou aproximações sucessivas em direção a uma abordagem metodológica de leitura de textos psicanalíticos, exemplificada na concepção de Laplanche. Com isso, adentramos já no tópico subsequente, que trata da especificidade da pesquisa em Psicanálise.

2.2 Modalidades de Pesquisa Psicanalítica

A pesquisa em Psicanálise se efetiva em diversos níveis de investigação. Devem-se levar em consideração algumas distinções clássicas sobre esse campo de pesquisa, de forma que se possa inserir a presente tese nesse contexto.

A produção de conhecimento em Psicanálise pressupõe sua operacionalização no âmbito de um *setting* transferencial, onde o inconsciente pode emergir. Dessa forma, a verdadeira pesquisa *em* Psicanálise é aquela que emerge da clínica psicanalítica. Essa posição clássica é defendida, em sua versão mais ortodoxa, por Freud nas suas considerações sobre as limitações presentes na proposta de ensino de Psicanálise na universidade, em que defendia uma concepção que visasse à divulgação da teoria psicanalítica de forma *dogmático-crítica* (MEZAN, 1998b).

Evidentemente, o saber psicanalítico não é uma mônada fechada sobre si mesma e articulações muito profícuas foram estabelecidas entre a Psicanálise e as demais ciências, bem como entre a modalidade de produção que lhe é específica e as da pesquisa acadêmica clássica. De qualquer forma, a especificidade da pesquisa que emerge da clínica é o ponto essencial da teorização psicanalítica. Assim, tem-se um primeiro tipo de pesquisa psicanalítica, a qual pode ser propriamente denominada de *pesquisa em Psicanálise* (GARCIA-ROZA, 1994) ou de *pesquisa clínica* (MEZAN, 1994). A teoria em Psicanálise é, fundamentalmente, um trabalho de pensamento, abstração e elaboração que ocorre depois da escuta analítica e a partir dela, constituindo o cerne do saber psicanalítico.

Além da vertente de investigação dos processos psíquicos por meio do método psicanalítico, encontram-se as *pesquisas sobre Psicanálise* (GARCIA-ROZA, 1994). É nessa proposta que se inserem as pesquisas propriamente acadêmicas. Dizem respeito à investigação da história das idéias psicanalíticas, quer seja no plano exclusivamente *histórico-conceitual* – as articulações e desenvolvimentos conceituais de uma teoria psicanalítica – ou no plano mais *epistemológico* – a inserção de teorias psicanalíticas no contexto da produção de conhecimento em geral (MEZAN, 1994).

Mezan diferencia, ainda, a pesquisa de caráter *aplicado*, que diz respeito à articulação da compreensão psicanalítica com a cultura. Essa idéia de uma “aplicação” da teoria psicanalítica, contudo, não deve ser entendida nos mesmos moldes da distinção entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, já que a teorização em Psicanálise emerge do seu próprio método e nele se efetiva. Essa discussão, contudo, não interessa para o presente trabalho, que é uma pesquisa de caráter estritamente teórico e não será aprofundada aqui.⁴

Apesar de apresentarmos as definições de Mezan e Garcia-Roza como equiparáveis, há algumas distinções entre elas. Garcia-Roza é mais restritivo, considerando o lugar da pesquisa eminentemente como o de uma pesquisa *em* Psicanálise, enquanto a leitura sistemática caberia aos comentadores e se inseriria no âmbito de uma pesquisa epistemológica e não psicanalítica. Já Mezan é mais flexível, reconhecendo o lugar de uma pesquisa teórica de caráter histórico ou teórico-conceitual como complemento à indagação do campo clínico.

Em comum com o conhecimento científico, o campo psicanalítico possui aspectos de coesão interna, comunicabilidade, verificabilidade e cumulatividade. Contudo, essas noções devem ser entendidas na particularidade da produção de conhecimento em Psicanálise, em especial na configuração do campo psicanalítico como um espaço necessariamente dispersivo em que as formações teóricas não são *redutíveis entre si*, o que coloca empecilhos a uma redução da Psicanálise a noções epistemológicas como a de paradigma (MEZAN, 1998c). Na verdade, uma abordagem rigorosa dessa questão, implica a distinção dos diferentes níveis de

⁴ Considerações mais aprofundadas sobre as modalidades de pesquisa em Psicanálise podem ser encontradas em outros trabalhos meus (CAMPOS, 2008a, 2008b).

teorização em Psicanálise, bem como dos diferentes modos de abordagem e investigação da Psicanálise como campo de saber.

Em um texto mais recente sobre a epistemologia da Psicanálise, Mezan (2002) retoma muitas de suas teses para definir uma epistemologia que ocupe uma posição mediana na investigação teórica em Psicanálise. Nesse texto, Mezan retoma a problemática da especificidade do saber psicanalítico em sua discussão com a epistemologia. Em consonância com as perspectivas epistemológicas mais contemporâneas, notadamente a epistemologia francesa de Bachelard e Lebrun, afirma que “uma disciplina se emancipa e se torna autônoma quando define seu campo, seus métodos, sua problemática própria” (MEZAN, 2002, p. 437), de tal modo que cada ciência é responsável pela *construção de sua própria racionalidade*. Esse ponto é fundamental, pois recoloca o problema da epistemologia para além de sua concepção unívoca de verdade.

Em maior consonância com a virada *lingüístico-pragmática* da filosofia contemporânea⁵, essa concepção epistemológica “fraca” lida com a idéia de racionalidades regionais, próprias de cada campo de saber. Assim, uma investigação epistemológica passa pela *descrição* e pela *análise* do sistema de enunciados de um determinado campo de saber, mostrando como ele funciona e como constrói seu horizonte de conhecimento. Nesse sentido, não se trata mais de referir o saber da Psicanálise – ou de qualquer outro conhecimento – a um determinado crivo epistemológico que garanta a verdade de um método ou de um enunciado teórico. Nesse sentido renovado, a epistemologia passa a ser um instrumento de análise da coerência interna de um campo de saber. Somente nesse segundo sentido, resultado da inflexão do problema hermenêutico sobre a epistemologia tradicional, podemos pensar no valor de uma análise epistemológica da Psicanálise.

Sendo a Psicanálise tanto um aparelho conceitual como uma prática, é preciso demarcar qual a especificidade de suas diferentes formas de fazer e de pensar. Nesse ponto o texto de Mezan é muito esclarecedor, pois propõe uma esquematização dos modos de abordagem da psicanálise, o que certamente é de grande valia para o delineamento metodológico de uma pesquisa.

⁵ Para uma consideração mais aprofundada sobre as modificações presentes na filosofia contemporânea e sua implicação para uma compreensão da epistemologia, os textos de Figueiredo (2002), Phillips (1991) e Oliveira (1996) podem ser consultados. A denominação específica de “reviravolta lingüístico-pragmática” é uma proposição desse último autor.

Segundo o autor, podemos definir dois tipos de abordagem histórica da teoria psicanalítica. Uma primeira modalidade remete à *história externa* da teoria, definida como a “análise histórica do contexto científico e cultural no qual surgem as idéias psicanalíticas” (MEZAN, 2002, p. 443). Uma segunda modalidade remete à *história interna* da teoria com seus desenvolvimentos e rupturas. O importante nessa posição é que ambas as abordagens históricas constituem um preâmbulo necessário para a análise epistemológica. Ou seja, a análise epistemológica precisa levar em consideração tanto o horizonte externo de uma teoria como seu desenvolvimento interno. A *posição mediana* da epistemologia em Psicanálise se dá por ela pressupor um trabalho histórico em nível teórico-conceitual e por fundamentar as abordagens da Psicanálise como prática. Assim, a análise epistemológica da estrutura teórica da Psicanálise é o que possibilita fundamentar a “discussão clínica *stricto sensu*, que por sua vez ganha densidade quando situada nos contextos mais amplos do movimento analítico e da cultura em geral” (MEZAN, 2002, p. 443).

Levando em consideração a esquematização apresentada, podemos, então, compreender melhor o lugar que uma discussão teórico-conceitual tem na pesquisa sobre a Psicanálise. Como se pode notar, a análise histórica ou epistemológica não está *fora* do campo da Psicanálise, embora não seja exatamente uma pesquisa *em* Psicanálise, como definido acima. Da mesma forma, elas são necessárias para a compreensão do campo psicanalítico em seus horizontes internos e externos. *Portanto, é no nível de uma abordagem da história interna da teoria freudiana que esta tese procura fazer uma análise dos limites epistemológicos da teoria da representação na metapsicologia.*

2.3 Proposta de Método de Leitura

A abordagem aqui proposta da metapsicologia freudiana reitera a posição de que ambigüidade é inerente à metapsicologia, uma vez que esta é exatamente a tentativa de acomodação do estranhamento produzido pela experiência do inconsciente a uma lógica identitária e representacional (FIGUEIREDO, 2002). Mais que isso, ela se dá na e pela tensão entre essas duas dimensões conflitivas, pois a anulação de um pólo destitui a metapsicologia de seu potencial heurístico.

Foi visto que as leituras sistemáticas são necessárias para a compreensão das articulações teóricas de uma obra segundo a ordem das razões. Essas leituras canônicas têm a vantagem de examinar em profundidade o horizonte interno da obra de um autor. No caso da obra freudiana, temos como grandes expoentes os trabalhos de Mezan (2001) e Monzani (1989). Ambos são livros que procuram traçar o movimento do pensamento freudiano segundo uma hermenêutica do resgate do sentido original. Essas leituras sistemáticas da teoria psicanalítica se mostram extremamente elaboradas e necessárias para o entendimento da problemática conceitual na metapsicologia.

Contudo, foi visto que toda leitura sistemática se nutre de um movimento desconstrutivo que está nela incrustado. No caso da metapsicologia freudiana, essa constatação se mostra extremamente válida. Portanto, uma consideração mais detida das ambigüidades intrínsecas ao horizonte interno da obra, marcando as tensões e resistências entre as teses explícitas e suas teses marginais também é necessária. Esse recurso hermenêutico, que encontramos tanto nas leituras próximas e desconstrutivas como nas leituras que se utilizam de um método psicanalítico, se mostra um contraponto necessário no trabalho de pesquisa teórica.

Acredito que um trabalho rigoroso de descrição histórica do desenvolvimento teórico-conceitual que procure levar em consideração os movimentos próprios da obra de Freud a partir de um expediente hermenêutico como o que descrevemos acima acabe por implicar um nível de análise do tipo epistemológico, tal como descrito por Mezan (2002). Ou seja, a partir de uma análise histórica do desenvolvimento da metapsicologia é possível delinear certa estrutura teórico-conceitual que opere um recorte transversal de teoria psicanalítica, permitindo uma análise dos limites e aberturas que a metapsicologia constrói em termos de teoria do conhecimento. *Decorre daí a definição do recorte operado nesta tese como uma análise teórico-conceitual de cunho histórico e epistemológico.*

Outro aspecto a ser levado em conta é a vinculação das teses e antíteses da obra pesquisada com seus horizontes externos. Considerando as propostas gadamerianas de uma fusão de horizontes entre a obra, sua tradição e seu intérprete, é preciso reconhecer que qualquer interpretação que se faça do movimento do pensamento freudiano se dá a partir de um contexto contemporâneo, que elege e evidencia algumas problemáticas e não outras. Como o sentido verdadeiro e absoluto

é ilusório, a interpretação visa à criação de sentido a partir do diálogo com a tradição. A sua validade, nesse caso, se dá na medida em que pode trazer uma contribuição coerente ao campo. *Desse modo, esta tese não nutre a ilusão de estar desvinculada dos contextos contemporâneos de problematização do saber psicanalítico.*

Chegamos, então, à definição de um método de leitura dos textos psicanalíticos que efetua uma leitura cuidadosa e contextualizadora sem se fechar em uma leitura dogmatizada e canônica mas, também, sem perder de vista um olhar abrangente e sintético do pensamento freudiano. Apesar de não ter a pretensão de verdade ou de fechamento total à alteridade, trata-se de uma proposta que visa à elucidação de algumas exigências teóricas e a proposição de algumas sínteses que possam contribuir para o desenvolvimento do conhecimento. Nesse sentido, não se pode restringir o trabalho a um mero desconstrutivismo. É da própria natureza de uma tese ser *tética* e *sistemática*. Portanto, para além da experiência da alteridade do texto, uma certa sistematização a partir da preocupação metateórica se mostra necessária. Como vimos, isso não implica que a sistematização seja descontextualizada de seu campo de produção. Assim, trata-se de colocar esse horizonte interno da obra em perspectiva dialógica com sua tradição, ressignificando o problema em função do domínio contemporâneo.

O objetivo desta tese é contribuir na compreensão dos limites heurísticos da teoria freudiana dos representantes psíquicos. Essa contribuição, contudo, não se dará a partir dos horizontes externos, mas da própria consideração da metapsicologia freudiana e dos impasses que surgem a partir de das vicissitudes do seu desenvolvimento. Dessa forma, apesar da consideração dos horizontes externos, o que se tem é a definição de uma *pesquisa teórico-conceitual de caráter histórico e epistemológico da metapsicologia freudiana.*

3 A SÍNTESE METAPSICOLÓGICA

3.1 Anos de Maturidade: um Recorte

Como vimos na introdução desta tese, o momento de emergência do primeiro modelo metapsicológico freudiano foi investigado por mim em trabalho anterior (CAMPOS, 2004). Naquela ocasião, tratei do nível tópico da metapsicologia, por meio do estudo do aparelho psíquico proposto no livro sobre a interpretação dos sonhos em sua conexão com a hipótese representacional. Introduzi tanto o problema das diversas modalidades dos representantes psíquicos ideativos, quanto o da angústia como derivado afetivo do processo defensivo, afirmando que uma dimensão não-representacional suplementar pode ser traçada à margem da teoria da representação. Assinalei, ainda, que a operação de supressão de uma concepção radical de processo primário – na qual o pulsional atua como uma exigência de ligação em representação e não apenas como o livre curso da realização de desejos inconscientes – estaria relacionada ao abandono da noção de trauma em detrimento de uma concepção de realidade psíquica na qual o registro da fantasia inconsciente atua, na dinâmica psíquica, como único pólo energético imantador do conflito.

As considerações acerca da metapsicologia dos sonhos foram suficientes para demarcar um campo de problemática inicial, no qual pôde ser identificada a seguinte linha de desenvolvimento no pensamento de Freud: a “opção” de explorar até as últimas conseqüências a hipótese representacional na compreensão do aparelho psíquico. Por outro lado, esse mesmo campo constitui um ponto de ancoragem pelo qual o movimento pendular do pensamento freudiano deverá retornar quando da elaboração conceitual do campo do não-representacional, a partir da virada dos anos vinte.

Retomaremos agora essa problemática do ponto em que a deixei anteriormente. Desse modo, o presente capítulo, que de fato inicia a abordagem sistemática dos textos freudianos nesta tese, examina o desenvolvimento do pensamento freudiano até o ápice do seu primeiro modelo tópico e pulsional: os *artigos de metapsicologia*, de 1915-1917. Irei, portanto, abordar os desdobramentos e adensamentos da teoria da representação em direção a uma teoria das pulsões. Com

isso, teremos um quadro mais completo do desenvolvimento da teoria representacional freudiana em sua articulação com o arcabouço da metapsicologia. O objetivo é examinar a complexidade crescente da teoria freudiana e o seu esforço derradeiro de síntese no projeto dos “artigos de metapsicologia”, evidenciando como a introdução de novas problemáticas, articuladas em torno dos conceitos de narcisismo e de identificação, colocarão a teoria psicanalítica em um novo patamar, deixando o projeto dos “artigos” como uma pretensão inacabada.¹

Seguindo a organização proposta por Mezan (2001), os “anos de maturidade” da psicanálise compreendem o período entre 1905 e 1920 em que a produção teórica freudiana atinge seu apogeu. Seus marcos externos são a definição da teoria sexual, em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/1996) e a revisão das hipóteses metapsicológicas a partir dos anos vinte, em *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920/1996, 1920/2006). Trata-se de um período de ampla produção teórica na qual se configura uma malha teórica própria, cujo marco central em torno do qual gravitam as questões é a elaboração do conceito de *pulsão*.

Assim, é sobre a grande oposição entre as pulsões sexuais e as de auto-conservação que se desenvolvem as temáticas desse período, as quais se organizam para formar o arcabouço teórico da Psicanálise freudiana, definido por Mezan como a *árvore da Psicanálise* (2001, p. 154, 245-250). Como vimos anteriormente, esse modelo coloca o conceito de *pulsão* como a raiz de toda a teoria freudiana, a partir de onde se desenvolve o tronco, constituído, por um lado, da teoria da *sexualidade* e da organização da *libido* e, por outro, da gênese e dinâmica do *ego*. Desse tronco principal saem os ramos derivados, o conceito de *defesa* e o de *complexo de Édipo*, os quais darão sustentação para a copa, que é formada pela *teoria das neuroses*. Essa grande árvore que articula progressivamente a metapsicologia, a teoria do

¹ Sabe-se que a intenção original de Freud era redigir 12 artigos de metapsicologia, abordando os grandes temas da teoria psicanalítica. Sua motivação decorria de uma confluência de razões para uma síntese teórica: (1) do ponto de vista propriamente teórico, havia a exigência por conta da crescente complexidade conceitual; (2) do ponto de vista político-institucional, havia a necessidade de defesa da psicanálise em meio às dissidências do movimento psicanalítico (Jung e Adler); (3) do ponto de vista pessoal, havia a preocupação das consequências de sua morte para o legado da psicanálise. O fato é que, com o final da guerra, Freud destruiu os manuscritos dos demais artigos, publicando somente aqueles que constituíam o núcleo duro da metapsicologia até então: a articulação entre pulsões e recalque na criação da tópica. De qualquer forma, deixarei de lado as determinações *psicobiográficas* da história do movimento psicanalítico para explorar sua dinâmica intrínseca, naquilo que delimitei no capítulo de considerações metodológicas como *horizonte interno* à obra.

desenvolvimento e a psicopatologia, por sua vez, produz seus frutos, que são a concepção de *cura* própria da Psicanálise e sua *teoria da técnica*.

Ainda segundo Mezan (2001, p. 245), a trama conceitual que articula os sete conceitos da árvore da Psicanálise se desenvolve em três sub-períodos circunscritos que se encadeiam em uma temporalidade lógica: (1) O período de conceituação das pulsões (1905-1911); (2) O período da introdução do narcisismo (1911-1915); e (3) O período da emergência da metapsicologia (1915-1920). Os artigos de metapsicologia comparecem, portanto, como a tentativa de sistematização dos desenvolvimentos advindos do adensamento da teoria pulsional e do desenvolvimento da libido, além da introdução da problemática do narcisismo na compreensão da gênese e desenvolvimento do ego. De fato, tomados em perspectiva, os três aspectos da descrição metapsicológica, a saber, os pontos de vista *tópico*, *dinâmico* e *econômico*, refletem os três momentos em que a Psicanálise procurou se estruturar como sistema (MEZAN, 2001, p. 249).

Dessa forma, a descrição tópica vincula-se ao desenvolvimento do primeiro modelo topográfico (FREUD, 1900/1996). Naquele primeiro momento, o conflito psíquico era entendido principalmente em termos de oposições entre instâncias, enquanto a dinâmica subjacente, bem como seu substrato energético, estavam relegados a um segundo plano. O desenvolvimento do ponto de vista dinâmico só pôde se efetuar com o desenvolvimento da teoria pulsional e a definição do conflito psíquico em função da oposição entre pulsões de auto-conservação e sexuais, o que é levado a cabo entre 1905-1911. Com a introdução do narcisismo e a atribuição ao seio do ego de uma confluência do interesse das pulsões de auto-conservação e da libido das pulsões sexuais, ganha relevo a problemática econômica para elucidar a natureza e a magnitude da energia em jogo nos processos defensivos. Isso vem resgatar a dimensão energética, muito presente nos textos dos anos 1890, mas deixada em suspenso desde então.

Essas considerações são suficientes para marcar a complexidade dos desenvolvimentos teóricos do período e alertar para a confluência de meadas conceituais que alimentam a rede teórica dos artigos de metapsicologia. Optei por focar a discussão nesses textos porque é neles que se articula toda a problemática precedente, bem como aparecem os primeiros transbordamentos do arcabouço teórico da primeira tópica. Minha hipótese é de que o esforço de sistematização

teórica não se dê apenas pela exigência de alinhamento dos conceitos desenvolvidos a partir das hipóteses da primeira tópica, mas, também, pelas tensões criadas pela introdução do narcisismo e, principalmente, do conceito de *identificação*. Nesse sentido, a análise dos três artigos que constituem o “núcleo duro” da síntese metapsicológica – sobre as pulsões (FREUD, 1915a/1996, 1915a/2004), o recalque (FREUD, 1915b/1996, 1915b/2004) e o inconsciente (FREUD, 1915c/1996, 1915c/2006) – será acompanhada dos dois textos capitais do período: *Introdução ao Narcisismo* (FREUD, 1914/1996, 1914/2004) e *Luto e Melancolia* (FREUD, 1917a/1996, 1917a/2006).² Como o percurso proposto nesta tese se dá por meio das vicissitudes da teoria representacional na metapsicologia freudiana, torna-se imprescindível analisar o estatuto conceitual dos afetos e da angústia no período. Embora algumas questões gerais sobre os afetos sejam trabalhadas no texto sobre o inconsciente, a teoria específica sobre a angústia não é focada suficientemente nos artigos de metapsicologia. Para tanto, irei recorrer à conferência introdutória que aborda o tema, que é do mesmo período (FREUD, 1917b/1996).

A leitura mais próxima desse conjunto de textos, contudo, não pode ser efetuada sem levar em conta o desenvolvimento teórico precedente. Irei, para tanto, acompanhar de perto a organização proposta por Mezan e sua descrição para o período em exame, efetuando, contudo, um recorte elegendo três temas principais: (1) *teoria pulsional e desenvolvimento da libido*; (2) *gênese e desenvolvimento do ego*; (3) *angústia e recalque*. Recapitularei em linhas gerais cada um desses tópicos e examinarei de forma mais detida sua situação nos textos que elegi como objeto principal de análise.

3.2 Teoria Pulsional e Desenvolvimento da Libido

A idéia de um substrato energético investindo representações na dinâmica do psiquismo é um dos pontos centrais da hipótese básica de Freud sobre o

² Rigorosamente, o texto sobre luto e melancolia está inserido no conjunto dos artigos de metapsicologia, do qual faz parte também o que suplementa a teoria dos sonhos. Optei por colocar o texto em articulação com o de introdução ao narcisismo porque, na hipótese por mim defendida, eles comparecem como aberturas para o modelo teórico da primeira tópica, centrado na tríade pulsão, recalque e inconsciente.

funcionamento mental. Ela é anunciada já nos anos 1890 e retomada no contexto da emergência do primeiro modelo tópico. Contudo, a hipótese energética na teoria da representação só vem ganhar lugar teórico com a introdução do conceito de *pulsão*. Sua tematização, bem como a primeira estruturação de uma teoria do desenvolvimento sexual, são efetuadas em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/1996).

Sabe-se que esse texto sofreu revisões e adendos sucessivos ao longo de suas diversas edições, de tal forma que seu texto final reflete mais as posições de Freud no período de 1915-1920 do que na sua concepção original. De fato, aspectos conceituais importantes serão introduzidos nas edições subseqüentes, já que em sua primeira edição o texto trata o período pré-pubertário apenas em termos do auto-erotismo e do império das pulsões parciais nas diversas zonas erógenas, sendo que a confluência dessas pulsões sob o primado da genitalidade é função de fatores psicológicos relacionados, por um lado, à educação e, por outro, à maturação biológica do indivíduo.

É interessante notar o apego de Freud à idéia de “raízes constitucionais inatas da pulsão sexual” (1905/1996, p. 174) e a marginalidade de concepções psicológicas tais como a problemática edípica. Isso revela o quanto a idéia de um complexo de Édipo constitutivo estava distante da teorização freudiana do período (MEZAN, 2001, p. 133-136). Essa tônica “hereditária” na compreensão da sexualidade infantil, contudo, não se dá apenas pela impossibilidade de articulação teórica com uma idéia constitutiva de complexo de Édipo – o qual será tratado mais adiante – mas, também, como reflexo do abandono da teoria da sedução. Essa interpretação, defendida por Monzani (1989, p. 37-38), sustenta que o abandono da hipótese traumática na etiologia das neuroses leva Freud a diminuir a influência dos fatores externos no desenvolvimento da sexualidade. Dessa forma, o papel da educação ou qualquer processo de ordem psicológica ficam relegados a um segundo plano, subsidiário do desenvolvimento intrínseco às pulsões, filogeneticamente determinado. Para nosso intuito, é importante marcar a oscilação do pensamento freudiano em função da supressão do papel da realidade na etiologia das neuroses, que é quase um retrocesso: mais que uma afirmação da dinâmica das fantasias inconscientes, trata-se de ancorá-las em um desenvolvimento pulsional hereditariamente traçado. A ancoragem da fantasia inconsciente no pólo interno do psiquismo como consequência negativa do

abandono da teoria da sedução foi apontada, também, por Laplanche e Pontalis (1985, p. 35-42).

Veremos, a seguir, como essa ancoragem só poderá ser desfeita com a introdução de novos elementos conceituais. De qualquer forma, a própria série de adendos ao texto serve como indicador dos adensamentos da teoria do desenvolvimento psicosssexual até o terceiro subperíodo (1915-1920) dos “anos de maturidade”.

No tocante à teoria pulsional, o conceito de pulsão é, na ocasião, definido pelos três aspectos de *fonte*, *objeto* e *finalidade*.³ Assim, a pulsão tem uma fonte energética somática e um objeto variável, sendo que sua finalidade é sempre a de descarregar o excesso de tensão. São definidas também as pulsões parciais, cujo modo de satisfação está estritamente vinculado com as zonas erógenas, em regime auto-erótico. É só em um segundo momento do desenvolvimento que as pulsões parciais se submetem e se unificam sob a primazia da zona genital. Também são apontadas as inibições e regressões do desenvolvimento libidinal como causas das diversas psicopatologias. Nota-se, então, que o texto de 1905 tem o mérito de definir a concepção energética subjacente ao psiquismo através do conceito de pulsão e de colocá-la em uma perspectiva genética ainda incipiente, porém fundamental: a concepção de estágios no desenvolvimento do investimento pulsional através de zonas erógenas e a vinculação desse processo com a etiologia das neuroses por meio de noções como regressão e fixação da libido.

O passo seguinte na elaboração da teoria pulsional é a distinção de uma oposição essencial no seio das pulsões: por um lado, as pulsões postas a serviço da sexualidade e, por outro, as postas a serviço da sobrevivência do organismo – as pulsões de auto-conservação.⁴ Essa distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação é introduzida em *Concepção Psicanalítica das Perturbações Psicogênicas da Visão* (FREUD, 1910a/1996), a respeito da análise da cegueira histérica. Seu grande mérito é a atribuição de um suporte pulsional para o ego. Sabemos que desde a introdução do conceito de defesa, na aurora da Psicanálise, o ego é reconhecido como um dos pólos do conflito defensivo. No modelo topográfico, em 1900, esse conflito entre o ego e o desejo é transposto para a oposição entre os

³ O parâmetro *pressão* só será definido posteriormente, nos artigos de metapsicologia.

⁴ A ambigüidade na escolha de termos nesse segundo grupo de pulsões é constante. Prefiro utilizar o termo auto-conservação para não cair na confusão entre os conceitos de libido do ego e pulsão do ego, isto é, entre a pulsão sexual que investe o ego e a pulsão que está a serviço do interesse de auto-conservação do ego.

sistemas *Pcs.-Cs.* e *Ics.*. A oposição entre uma instância recalcadora e outra recalcada é um aspecto fundamental da teoria freudiana até então, mas o problema da energia a serviço da instância censora não havia evoluído. Nos textos até 1900, o que se observa claramente é a identidade entre as funções de auto-conservação e sexuais, uma vez que o protótipo do desejo é a revivência alucinatória da experiência de satisfação, pautada, em última instância, pela matriz da fome. No texto de 1910, a cegueira histérica é explicada pelo conflito pulsional na zona erógena do aparelho visual: há uma erogeneização do ato de olhar, o qual é inibido pelo recalque egóico, cuja energia é fornecida pelas pulsões de auto-conservação.

A introdução de uma oposição pulsional essencial na base do conflito psíquico coloca em um novo patamar o problema dinâmico, ao dar um substrato energético para o ego e recolocar o problema das relações do ego com a realidade. Se, anteriormente, a adequação à realidade era uma decorrência do desenvolvimento do ego em sua educação da energia endógena, agora essa energia endógena encontra-se dividida em duas pulsões, as quais se relacionam de forma diferente com a realidade. Enquanto a pulsão de auto-conservação se inclinaria mais facilmente ao princípio da realidade, a pulsão sexual tenderia a permanecer sob o princípio do prazer. A compreensão do processo por meio do qual o princípio da realidade atua como elemento dissociador das pulsões sexuais e de autoconservação é o mote do texto *Formulações sobre o Dois Princípios de Funcionamento Mental* (FREUD, 1911a/1996, 1911a/2004), que vem fechar o período de configuração da primeira teoria pulsional.

Observa-se, nesse texto, o reconhecimento do mundo exterior como elemento regulador da vida psíquica. Seu outro aspecto capital é a perspectiva genética das modalidades de funcionamento, que traz a idéia de *apoio* inicial das pulsões sexuais sobre as de auto-conservação. A noção de apoio é crucial para a introdução posterior do problema da *escolha de objeto*. Devemos lembrar que, nesse ponto da teoria freudiana, as pulsões sexuais são auto-eróticas, só aparecendo o problema da escolha do objeto após o período de latência, ou seja, na puberdade.⁵ As pulsões de auto-conservação, por sua vez, devem se render mais cedo ao princípio da realidade, adequando-se ao objeto de satisfação. O conflito pulsional, nesse momento, só pode

⁵ Esse ponto, por sua vez, é bastante indicativo de como a problemática edípica está ainda longe de ser considerada o momento constitutivo fundamental do aparelho psíquico.

ser pensado na emergência da puberdade, já que não há escolha de objeto da pulsão sexual no período pré-genital.

Em suma, pode-se afirmar que o sub-período 1905-1911, cujo percurso teórico vai dos ensaios sobre a sexualidade até o texto sobre os dois princípios do funcionamento mental, passando pelo artigo sobre as perturbações psicogênicas da visão, é capital no estabelecimento da dualidade constitutiva das pulsões, ou seja, na afirmação de uma oposição essencial entre as pulsões de auto-conservação e as sexuais. Vimos também que é responsável por dar à realidade o papel determinante na diferenciação progressiva entre essas pulsões, a partir da idéia de apoio, e de modificar a concepção original de conflito defensivo. Este, concebido anteriormente em um enfoque estritamente tópico – o embate entre instâncias – passa a ser complementado por um enfoque dinâmico – a oposição entre pulsões agindo como substrato energético do conflito. Esses desdobramentos, por sua vez, possibilitam o estabelecimento de um suporte pulsional para o ego que, nesse momento, consiste na sua relação íntima com as pulsões de auto-conservação (MEZAN, 2001, p. 159).

Os artigos de metapsicologia fazem um recenseamento dessa concepção pulsional elaborada nos anos anteriores. Seria ingênuo pensar que o valor de um texto como aquele sobre as pulsões e seus destinos reside no resumo feito por Freud, pois, na verdade, traz uma série de articulações interessantes a partir do problema do narcisismo, que fora colocado em pauta a partir do texto freudiano imediatamente precedente. Vamos acompanhar um pouco mais detidamente esse texto nos próximos parágrafos.

Em primeiro lugar, é particularmente ilustrativo notar a cautela com a qual Freud introduz o conceito de pulsão, desautorizando e ao mesmo tempo confirmando a síntese de um dos desenvolvimentos teóricos mais importantes do período – a dualidade pulsional.

Freud inicia seu artigo com uma consideração sobre a gênese dos conceitos em ciência e, derivativamente, em Psicanálise. Defende a função especulativa dos conceitos, os quais deveriam provar seu valor heurístico em sua confrontação com o material empírico. Essa posição, que contemporaneamente poderíamos aparentar a um modelo hipotético-dedutivo em filosofia da ciência⁶, concebe que os conceitos

⁶ Com isso não estou afirmando de maneira alguma que a filosofia da ciência que embasa a psicanálise seja um neo-positivismo como o do modelo hipotético-dedutivo, mas apenas que essa é a

serviriam, inicialmente, como “hipóteses de trabalho” até se consolidarem em “conceitos básicos”. É o caso, por exemplo, da hipótese representacional que Freud defende desde os primórdios da Psicanálise: a separação entre representação e afeto por operação da defesa, que permitiu inferir uma dimensão energética subjacente à vida psíquica levando, por sua vez, à tematização da pulsão como operador teórico para pensar a relação entre o somático e o psíquico.

A teoria representacional aparece como uma mera hipótese de trabalho nos anos 1890, enquanto em 1915 está amplamente integrada ao arcabouço conceitual da teoria pulsional. No artigo de 1915, a pulsão é apresentada, então, como um conceito básico da psicanálise, cuja inspiração mais profunda vem da abordagem energética do psiquismo. Nesse sentido, a idéia de pulsão advém do modelo do arco reflexo, pensado em termos de uma estimulação interna e constante que gera necessidade de satisfação adequada, segundo o princípio do prazer.⁷ Esses processos internos encontram-se remetidos, em última instância, às necessidades orgânicas como a sede e a fome, cabendo ao aparelho psíquico a função básica de dominação dos estímulos pulsionais.

É interessante notar já nesse trecho inicial a ampla defesa de Freud de uma referência biológica para a pulsão. A oposição se dá entre estímulos externos e internos, sendo particularmente reticente a distinção entre uma ação filogeneticamente pré-determinada e um objeto completamente indeterminado. No caso do texto em questão, o que se nota é uma insistência exagerada no viés biológico na definição da pulsão. O texto tem muito mais afinidade com as hipóteses freudianas anteriores à teoria da pulsão – desejo ancorado no modelo da fome, por exemplo – do que propriamente o acento anárquico da vida pulsional infantil que nos mostram os ensaios sobre a teoria da sexualidade.

Essa perspectiva não é a tônica do ensaio, evidentemente. Um de seus pontos centrais é a retomada dos três termos que definiam a pulsão, acrescido de um quarto, que vem enfatizar a característica de pressão constante do estímulo pulsional. Tem-se, assim: a *pressão* constante ao aparelho psíquico, a *finalidade* ativa de satisfação,

forma como Freud procura definir a gênese de seus conceitos metapsicológicos. Afinal, sabemos da insistência freudiana, que deve ser compreendida em perspectiva histórica, em vincular à Psicanálise às ciências da natureza.

⁷ A definição dos princípios prazer, desprazer ou constância é bem irregular na obra freudiana. O termo não aparece explicitamente no artigo em questão. Optei em utilizar nesse momento princípio do prazer, em consonância com a terminologia instaurada em 1911.

o *objeto* contingente e a *fonte* somática. Com essas considerações, fecha-se, então, a definição teórica mais completa da pulsão na metapsicologia freudiana. Uma questão, contudo, se evidencia logo de saída. Trata-se de saber de que pulsão Freud está falando. A resposta mais óbvia, de que essa definição trata dos dois tipos de pulsão, nem sempre é tomada sem ressalvas pelos comentadores.

Garcia-Roza é bastante enfático em afirmar que a montagem da pulsão que Freud efetua em torno dos quatro termos, não se aplica adequadamente às pulsões não-sexuais, de forma que devemos entender que embora Freud empregue “o tempo todo o termo *pulsão* pura e simplesmente, sabemos que é da pulsão sexual que está tratando” (1999, p. 99). Essa afirmação se baseia na própria interpretação da pulsão sexual efetuada pelo comentador, na qual a satisfação é entendida como uma meta inatingível por natureza e o objeto como uma síntese de representações sem qualquer relação constitutiva com o objeto percebido no mundo, em suma, como um objeto do desejo irredutivelmente vazio. Com isso, se torna necessário descolar o conceito de pulsão de qualquer ancoragem na montagem biológica, o que é feito não apenas colocando a questão da relação entre a organização corpórea fisiológica e a energia pulsional entre parênteses – como o faz o próprio Freud ao afirmar que “o estudo das fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia” (1915a/1996, p. 129) – mas desautorizando a hipótese do desenvolvimento da pulsão sexual por apoio nas de autoconservação.

O intuito é claro, mas os argumentos são problemáticos. Em primeiro lugar, o comentador afirma que é preciso distinguir entre o apoio nas funções corporais do apoio nas pulsões de auto-conservação, uma vez que, feita essa identificação, não haveria sentido em chamar as pulsões de auto-conservação de “pulsões” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 105). Esse argumento é sustentado pela afirmação de que a idéia de apoio, se faz algum sentido, seria apenas na concepção das pulsões sexuais, não sendo aplicável no caso da pulsão de morte. Por fim, o problema é subdimensionado, uma vez que constituía uma mera hipótese de trabalho, se tornando uma “teoria” apenas a partir da interpretação de comentadores franceses como Laplanche e Pontalis. Em suma, defende que a idéia de auto-erotismo constitui o ponto de disjunção do pulsional em relação ao meramente instintivo, abrindo o paradoxo de que se as pulsões de auto-conservação, “não são pulsões, ou, se são pulsões, não são de autoconservação” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 109).

Argumentos como os de Garcia-Roza se mostram reféns de seu próprio ponto de partida. Ora, se a pulsão é de início pensada na sua cisão com o biológico e interessa ao comentador marcar a radicalidade dessa cisão, o ponto de partida referenda a própria resposta, em um argumento circular. Assim, se a pulsão é concebida *a priori* como desvinculada do biológico, não fará sentido identificar as funções de auto-conservação com o corpóreo, pois iria de encontro com a concepção prévia de pulsão. Daí a necessidade de diminuição da abrangência da noção de apoio, a hipótese que opera a articulação entre a autoconservação e a sexualidade.

O problema em jogo na posição de Garcia-Roza não é tanto a lógica de sua argumentação, mas sim que o horizonte de problematização acaba determinando a configuração do trabalho teórico. Assim, como parto de uma abordagem em que a relação entre o biológico e o sexual não é entendida como uma cisão, mas como um problema a ser investigado, é natural que recorte a questão de uma outra maneira. A meu ver, o problema é acabar considerando essa interpretação como a mais verdadeira ou utilizar argumentos *ad hoc*. Afirmar que a hipótese de apoio foi hiperdimensionada por outros comentadores como argumento de desvalorização não é um subterfúgio válido, uma vez que se pode igualmente afirmar que a cisão entre sexual e biológico está igualmente hiperdimensionada nessa posição. Da mesma forma, a posição de que a noção de apoio não se aplica à pulsão de morte como argumento de que não se aplicaria às pulsões sexuais é utilizar dos desenvolvimentos posteriores da teoria pulsional para invalidar sua problemática precedente. Posso concordar com Garcia-Roza que a hipótese de apoio não se aplicaria à pulsão de morte, mas o problema é pensar que a própria teoria pulsional alça novas bases com a introdução da pulsão de morte. Teremos oportunidade de discorrer sobre essa passagem no próximo capítulo, por enquanto quero marcar que a pulsão de auto-conservação é um conceito legítimo da teoria pulsional da primeira tópica e que encerra em seu cerne um problema, que é a articulação entre o biológico e o sexual.

De fato, a concepção de pulsão emerge de sua manifestação na esfera sexual, sendo, posteriormente, aplicada na compreensão das funções de auto-conservação, que possuem uma ligação mais estreita com a conservação biológica do indivíduo. Mas é importante frisar que Freud não resume a questão cindindo o pólo do sexual em oposição ao auto-conservativo. Sua teoria é bem mais complexa do que isso.

A pulsão de auto-conservação não é instintiva, se tomarmos momentaneamente a definição mais corriqueira de que se trata de um impulso com objeto definido e pré-determinado filogeneticamente. Como se pode constatar facilmente no artigo sobre os dois princípios do funcionamento mental, no início da vida pulsional as pulsões de auto-conservação também se encontram sob o princípio do prazer, não se distinguindo das pulsões sexuais auto-eróticas. Portanto, o objeto das pulsões de auto-conservação também é contingente, apesar de se cristalizar mais docilmente ao longo do desenvolvimento. Isso não quer dizer que a pulsão de auto-conservação tenha o objeto determinado com a maturidade do indivíduo, pelo contrário. A energia das pulsões de auto-conservação é desviada de seu objeto externo para a consumação da operação defensiva. Como mostra Freud no mecanismo da cegueira histérica, a pulsão de auto-conservação abandona o órgão da visão, deixando-o a mercê da satisfação erótica. Por outro lado, é essa mesma energia auto-conservativa que impulsionará a operação defensiva. Portanto, a pulsão de auto-conservação é utilizada para os propósitos egóicos, é, como vimos, seu suporte pulsional.

Assim, é plausível tomarmos a definição de Freud de pulsão de forma a compreender os dois tipos de pulsão e que a relação entre o biológico e o sexual se dá de forma mais complexa que a mera cisão. É importante, nesse sentido, levarmos em consideração as afirmações do próprio Freud no seu artigo, em que a palavra final na questão da diferenciação das pulsões é inconclusiva.

No ponto em que estamos analisando a teoria freudiana, ou seja, em torno da síntese metapsicológica de 1915, essa distinção aparece marcada de forma bastante pontual em passagens na qual Freud tenta organizar seu argumento tentando calcar a distinção entre as pulsões sexuais e as egóicas em uma diferenciação de função biológica, ou seja, de que as pulsões estivessem ancoradas estritamente na dupla função biológica do indivíduo: a conservação de sua própria vida e a da espécie. Eis duas citações bastante conhecidas:

O indivíduo leva de fato uma dupla existência: uma em que persegue seus próprios fins e outra em que é um elo de uma corrente, à qual serve involuntariamente e, às vezes, até contra a sua vontade. Ele imagina que a sexualidade seja uma de suas metas pessoais, mas, de outro ponto de vista, podemos considerar o indivíduo apenas um apêndice de seu próprio plasma germinal, plasma a cuja disposição ele coloca suas energias em troca de um prêmio de prazer. (...) A diferenciação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo. (FREUD, 1914/2004, p. 101)

Penso também que seria desejável que pudéssemos tomar esses pressupostos emprestados de outro campo e transferi-los à psicologia. Nesse sentido, cabe mencionar que da biologia provém uma contribuição que corrobora a idéia de uma separação entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. A biologia ensina que a sexualidade não pode ser equiparada às outras funções do indivíduo, pois suas tendências vão além dele e têm por conteúdo a produção de novos indivíduos, portanto, a conservação da espécie. Além disso, a biologia nos mostra que duas concepções a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade coexistem lado a lado, com igual direito. (FREUD, 1915a/2004, p. 150-151)⁸

Embora essas afirmações pontuais corroborem a distinção entre o que é do âmbito da sexualidade e o que é do âmbito da auto-conservação, pouco ajudam na compreensão do que distingue o regime pulsional da função puramente biológica. Muitos autores, como Garcia-Roza, insistem na cisão entre a sexualidade/pulsionalidade e a função biológica instintiva, tentando trazer a dimensão auto-conservativa do ego para este segundo pólo. O caso mais patente é o de Laplanche, que já no *Vocabulário da Psicanálise* insiste na distinção entre *instinto* e *pulsão* (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 394). Posteriormente, esse autor irá defender uma reorganização da teoria das pulsões no sentido de integrar as duas teorias pulsionais e, também, marcar a distinção entre a auto-conservação biológica e a sexualidade pulsional. Nessa proposta, apresenta uma distinção fundamental entre as funções de auto-conservação – antigas pulsões do ego – e as pulsões sexuais, propondo que somente no campo dessas últimas é que se diferenciariam as pulsões de vida e de morte (LAPLANCHE, 1988c, p. 17). Somente a esse segundo grupo caberiam as características próprias da pulsão (fonte, objeto, pressão, meta) que teria, portanto uma origem distinta das funções de auto-conservação do organismo, uma vez que seria constituída pela instalação do recalque originário, segundo a teoria da sedução generalizada que propõe.

Essa questão não pode ser polarizada porque as relações entre as funções de auto-conservação do organismo e a pulsão sexual são bastante complexas. A questão da pulsão de auto-conservação encontra-se no cerne de uma problemática que é a passagem da função biológica para a sexualidade tal como a investigação psicanalítica pôde concebê-la: uma satisfação de desejo independente de seu objeto e sua função biológica. Contudo, a dinâmica não pode ser concebida sem um aporte da

⁸ Aqui a versão da *Standard Edition* brasileira deixa muito a desejar, pois afirma justamente o contrário, com a inclusão de uma negativa inexistente: “(...) seria desejável que essas suposições pudessem ser extraídas de algum outro ramo de conhecimento e levadas para a psicologia. Aqui a contribuição da biologia por certo *não* vai de encontro à distinção entre os instintos sexuais e os do ego. A biologia ensina que (...)” (FREUD, 1915a/1996, p. 130, *grifo nosso*).

manutenção do ego como pólo do conflito. Nessa polarização, entretanto, a auto-conservação não comparece como uma função destituída de significação simbólica, mas, ela mesma, como um processo pulsional. É no mesmo patamar processual, porém com interesses distintos, que se desenvolverá o conflito pulsional na primeira tópica.

Não se trata, portanto, de relegar o biológico a um campo distinto do pulsional, mas compreender como o próprio pulsional se infiltra no biológico, destituindo-o de sua posição original. Assim, o que Freud opera é a sexualização das funções de auto-conservação do indivíduo. A maior prova disso é a introdução do conceito de narcisismo. Ao afirmar que o ego é sujeito ao investimento da pulsão sexual e que essa etapa é fundamental na constituição dele, o que se tem é o reconhecimento da imbricação profunda entre as funções de auto-conservação e a sexualidade. Embora considere necessário marcar a distinção entre função biológica e pulsão, Laplanche compreende que essa relação é complexa, tanto que sustenta a idéia de uma relação vicariante entre esses pólos de atividade do homem, por meio da metáfora da *recuperação dos alicerces*:

Recuperar os alicerces é, após escoramento, escavar as fundações para recimentá-las de maneira mais sólida (...) sem ter mudado nada nas estruturas. Evidentemente, forneço essa imagem para figurar a ‘vicariança’ da auto-conservação pela sexualidade no ser humano. (LAPLANCHE, 1992a, p. 65)

Iremos retomar a discussão laplanchiana sobre as pulsões de morte e sobre as origens do psiquismo em seu devido tempo. Por enquanto queria frisar apenas esse aspecto particular de sua interpretação da teoria das pulsões que, embora mais nuançado, vai no mesmo sentido da opção de Garcia-Roza: isolar a dimensão pulsional/sexual das funções biológicas e de sua ancoragem somática.

Espero ter deixado claro que o lugar da pulsão de auto-conservação é fundamental no esquema teórico freudiano da primeira tópica, sendo o substrato pulsional que sustenta o pólo egóico do conflito. Defendi que a crítica ao biologismo desse conceito parte de uma outra preocupação que não é a de Freud, uma vez que as hipóteses biológicas sempre estão no horizonte teórico da metapsicologia freudiana. Isso não quer dizer que o conceito não expresse uma problemática teórica; problemática essa que será evidenciada quando começar a ficar claro que uma dinâmica sexual está presente na formação do próprio ego, ou seja, com o

narcisismo. Esse é o ponto que gostaria de afirmar como essencial: *a consideração da gênese do ego coloca em xeque o primeiro dualismo pulsional*.

Voltemos então ao texto freudiano sobre as pulsões. O que se pode notar é bastante curioso. Acompanhamos o fechamento da teoria pulsional, vendo o quanto era uma síntese da grande dualidade que se instaurou ao longo do primeiro subperíodo do recorte temporal que efetuamos. Era de se esperar que essa síntese se completasse com a afirmação da grande descoberta do período, a dualidade pulsional. Pois bem, a dualidade é afirmada, mas de uma forma, no mínimo, curiosa:

Propus que se distingam dois grupos de tais instintos primordiais: os instintos [pulsões] do *ego*, ou *autopreservativos*, e os instintos [pulsões] *sexuais*. Mas essa suposição não tem *status* de postulado necessário, como tem, por exemplo, nossa suposição sobre a finalidade biológica do aparelho mental; ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas quando se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra. (FREUD, 1915a/1996, p. 129)

Propus uma classificação para essas pulsões originais diferenciando-as em dois grupos: o das pulsões do *Eu*, ou de *autoconservação*, e o das pulsões *sexuais*. Mas essa classificação não é uma premissa necessária, como por exemplo, a hipótese a respeito da tendência biológica do aparelho psíquico. Ela é uma simples construção auxiliar que apenas será mantida enquanto se mostrar útil; sua substituição por outra fará pouca diferença nos resultados de nosso trabalho de descrição e categorização. (FREUD, 1915a/2004, p. 150)

Mais curiosa ainda é a afirmação, algumas linhas adiante, que seria possível que um estudo das neuroses narcísicas e das esquizofrenias viesse a obrigar uma alteração nessa distinção que levasse a uma diferente classificação das pulsões, mas que, por enquanto, “ainda não encontramos nenhum argumento desfavorável à hipótese da oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais” (FREUD, 1915a/2004, p. 150). Ora, essa passagem do texto é realmente “sintomática”, uma vez que admite, por meio da negação, o abalo que a hipótese do dualismo pulsional sofreu com a introdução do narcisismo e o estudo das patologias narcísicas. O texto freudiano aqui está resguardando o flanco contra o artigo imediatamente anterior. Pode-se dizer que o estudo preliminar dessas patologias levou a um abalo do dualismo pulsional, uma vez que o ego seria investido também com as pulsões sexuais, mas que, até então, não se havia encontrado uma saída teórica que levasse à superação desse dualismo. Em suma, o dualismo pulsional estava abalado, mas não podia ser descartado, pois não havia uma outra hipótese para ser colocada no lugar e sem o dualismo pulsional a teoria do conflito perderia sua sustentação econômica.

O problema colocado pelo narcisismo é o da superposição da pulsão sexual sobre a pulsão de auto-conservação na gênese do ego. É essa confluência que coloca em perigo o dualismo pulsional. Assim, a questão não se coloca em termos de ruptura com o biológico, mas de infiltração da sexualidade nas funções de conservação do ego. A teoria das pulsões, tal como se estabeleceu até a década de 1910, encontra-se ameaçada com a investigação da gênese do ego.

Veremos que após essa breve menção ao narcisismo o artigo freudiano se desenvolverá no sentido de tentar definir a dinâmica pulsional operante nas organizações pré-genitais da libido. Trata-se da parte do artigo que procura discorrer sobre os diferentes destinos da pulsão. Dos quatro destinos, dois são deixados temporariamente de lado, a sublimação e o recalque. Esses dois destinos eram os mais conhecidos por Freud, sendo seu mecanismo abordado em pormenores em outras ocasiões.⁹

Para os propósitos da presente argumentação, interessa assinalar que tanto o recalque como a sublimação são transformações da pulsão que têm seu mecanismo elucidado a partir da investigação psicanalítica no nível da organização genital da libido. Os outros dois destinos são encontrados nas organizações pré-genitais da libido, campo mais incipiente na teoria freudiana. Assim, nessa parte do artigo, Freud irá passar do fechamento da teoria pulsional para a abertura rumo aos destinos da pulsão nas organizações pré-genitais. Irei acompanhar esse movimento, mas antes é preciso que abordemos a teoria do desenvolvimento da libido e a gênese do ego, para então voltarmos aos desdobramentos da hipótese do narcisismo sobre a teoria das pulsões. Esse desvio é justificado porque os destinos pulsão precisam ser entendidos em sua articulação com a teoria do desenvolvimento da libido em seus estágios pré-genitais, que envolveram a gênese do ego via identificação narcísica.

De qualquer forma, pode-se afirmar que não apenas a dualidade pulsional é posta em movimento pela introdução do narcisismo, mas que do próprio quadro teórico da dualidade das pulsões emerge, de forma renovada, o problema do ego, tal como foi exposto mais acima. Vimos que a afirmação de um suporte pulsional para o

⁹ O artigo sobre a sublimação foi um dos destruídos por Freud. Sabemos que a sublimação tem um lugar especial na teoria freudiana, uma vez que estará vinculada à questão dos ideais do ego fornecidos pela sociedade, constituindo um ponto importante da chamada *interpretação psicanalítica da cultura*. Do ponto de vista da metapsicologia, que é o recorte que propomos aqui, sua relevância dirá respeito apenas à noção de um mecanismo de sublimação da libido na formação do superego, que será abordada no capítulo 5 deste tese.

ego possibilitou o aprofundamento de sua problemática, o que implicou em desvendar sua origem, estrutura e relacionamento com a realidade. Esses desdobramentos, por sua vez, remetem diretamente ao tema da organização da libido. A trama conceitual, como podemos observar, desenvolve-se de forma sobredeterminada: desenvolvimentos em uma área aprofundam e lançam exigências de complementação pela outra, que, por sua vez, renova a problemática em outro patamar. Examinaremos agora o desenvolvimento libidinal, com o intuito de mostrar que, se a problemática das pulsões remete ao ego, o exame do desenvolvimento libidinal, passando pelo narcisismo, reencontra e vitaliza a temática do ego.

A modificação mais importante que ocorreu na teoria da sexualidade no período de 1905-1920 foi a introdução da idéia de organizações pré-genitais da libido. Como vimos, inicialmente a sexualidade infantil até a puberdade era tomada como auto-erótica e anárquica em uma pluralidade de pulsões parciais que acabavam por confluir – porém sem se esgotar – sob o primado da zona genital. Sabemos também que na versão final da teoria do desenvolvimento sexual a sucessão de fases se dá da fase oral até a genital, passando pelas fases anal e fálica. Na elaboração teórica, contudo, temos que a primeira destas organizações a ser reconhecida foi a fase anal, seguindo-se a fase oral e somente em 1923-1924 a fase fálica. Nesse contexto, há a interposição entre as organizações oral e anal do momento do narcisismo primário, apesar de sua localização precisa variar segundo os pontos de vista de Freud.

O erotismo anal foi, portanto, a primeira das organizações pré-genitais da libido a ser trabalhada por Freud. Sua tematização remonta a 1908, com os textos *Caráter e erotismo anal* e *Teorias sexuais infantis* (FREUD, 1908a/1996, 1908b/1996). O primeiro tem como ponto de partida a constatação de que alguns traços de caráter – minuciosidade, economia e perseverança – são derivados reativos do recalque do erotismo anal. O segundo estabelece, por meio das teorias infantis sobre o parto cloacal e a separação das fezes do corpo, uma vinculação estreita entre a fantasia infantil e o erotismo anal. Contudo, é com a análise dos pacientes obsessivos, principalmente em o “homem dos ratos” (FREUD, 1909/1996), que a teoria sobre o erotismo anal ganha sua forma final. A contribuição teórica desse caso se refere a dois grupos: o das equivalências inconscientes – que vem reforçar a tese das fantasias sexuais ligadas à analidade – e o do par amor/ódio. Esse segundo

aspecto revela toda a força da ambivalência afetiva na neurose obsessiva, colocando a repressão do ódio na raiz das manifestações obsessivas. Com esses novos elementos, Freud se vê na pista de uma origem comum para dois aspectos da neurose obsessiva: por um lado, o *erotismo anal* - recalcado, porém substituído pelas formações reativas – e, por outro, o *componente sádico* - recalcado, porém parcialmente expresso pelos rituais de anulação.

A reunião dos dois aspectos se dará no artigo *A disposição à neurose obsessiva* (FREUD, 1913), em que será apresentado pela primeira vez o conceito de organização *sádico-anal*. A análise efetivada nesse artigo levará à constatação da antítese atividade/passividade como característica das tendências pulsionais nessa organização pré-genital e a afirmação da indissolubilidade do par sadomasoquista, a qual receberá tratamento metapsicológico no texto sobre os destinos da pulsão (FREUD, 1915a) e aplicação clínica na análise do “homem dos lobos” (FREUD, 1918). Observa-se, portanto, que a dissecação da estrutura da neurose obsessiva conduziu à identificação do erotismo anal e seu componente sádico, levando a uma síntese, por volta de 1915, no conceito de organização sádico-anal. Essa síntese é possibilitada pela introdução do par de opostos atividade/passividade, que vem soldar intimamente os dois componentes dessa organização, atribuindo ao sadismo o papel ativo e ao erotismo anal a função passiva.

O passo final na configuração da organização sádico-anal é dado pela sua transposição da neurose obsessiva para demais quadros normais e psicopatológicos. Isso é feito, inicialmente, com a localização da problemática sádico-anal na sexualidade feminina, mas é definitivamente levado a cabo no artigo *Transformações da pulsão, em especial no erotismo anal* (FREUD, 1917c), em que são analisados os diferentes destinos do erotismo anal. Freud enumera quatro possibilidades: (1) perseveração desimpedida, o que leva ao sadismo e ao homossexualismo; (2) sublimação em curiosidade, o que desemboca em uma tendência geral à investigação; (3) recalque, o que levaria, dependendo da intensidade do conflito, a uma integração em traços de caráter ou à disposição à neurose obsessiva; (4) integração na sexualidade genital, o que deixa o erotismo sádico-anal como possibilidade de satisfação preliminar ao ato sexual propriamente dito.

Mezan (2001, p. 173-174), indica que a análise dos destinos do erotismo anal acaba desembocando no problema da organização do ego, uma vez que todos

implicam em certa estrutura do ego para se instalarem como dominantes. Essa vinculação do erotismo anal com a estrutura do ego é particularmente marcante nos casos dos destinos da perversão e da neurose obsessiva, o que vem alimentar a temática da gênese e desenvolvimento do ego.

A outra organização pré-genital tematizada no período é a *oral*. Em 1905, o termo erotismo oral já aparece de forma descritiva, sendo, inclusive, aquele sobre o qual recai a análise mais detida, o que permitiria supor que se trataria da zona erógena mais importante para Freud¹⁰. Vimos, contudo, que a evolução da teoria da libido voltou-se paulatinamente para a investigação do erotismo anal via a problemática da neurose obsessiva, o que fez com que a organização sádico-anal viesse a ser reconhecida em primeiro lugar. A organização oral vem a ser reconhecida apenas na terceira edição dos ensaios sobre a sexualidade, em 1915. Na ocasião, ela é definida pela sua vinculação íntima com a função biológica de alimentação, em consonância com a idéia de desenvolvimento da pulsão sexual apoiada nas de auto-conservação. Nesse sentido, ela é unívoca com a pulsão de auto-conservação, ou seja, ambas têm o mesmo objeto comum, sendo que a finalidade da pulsão sexual é a *incorporação* do objeto.

Nota-se, portanto, que, nesse caso, não há uma oposição entre as atividades tal como se observa na organização seguinte, a sádico-anal. Porém, o mais importante é o deslocamento do acento na zona erógena para o modo de relação com o objeto, ou seja do auto-erotismo puro para a incorporação do leite. Essa mudança crucial no ângulo de abordagem da oralidade é apontada por Mezan (2001, p. 174). A incorporação diz respeito ao prazer de ser penetrado por um objeto exterior, a destruição desse objeto e assimilação de suas qualidades. É por conta dessa característica do prazer que incorpora por meio da destruição que a fase oral não

¹⁰ A oralidade, como se pode depreender desde de os anos 1890, sempre foi tomada como modelo para pensar a experiência de satisfação. De fato, é a partir da necessidade de alimento que se cunha a noção de ação específica. Notaremos, contudo, que a oralidade passará de metáfora prototípica da regulação energética do organismo para um modo específico de organização dessa regulação. Assim, tal como o sadismo e a analidade imprimem uma forma de regulação do prazer, colocando-o sob o eixo da passividade-atividade e constituindo uma forma de relação com os objetos das pulsões, a organização oral irá imprimir um regime particular de circulação das pulsões no aparelho psíquico. Vê-se, portanto, que as coisas não se resolvem mais apenas em termos da oposição processo primário e secundário, como se observava desde o *Projeto* e se reedita, ao nível do dualismo pulsional, na formulação dos dois princípios do funcionamento mental. A questão se torna bem mais complexa com a introdução de passos intermediários no desenvolvimento das pulsões, o que abre a perspectiva para a concepção de diferenciações nas relações com o objeto além da fórmula: satisfação – inibição da satisfação – satisfação alucinatória.

permite a diferenciação entre atividade e passividade típica do erotismo anal: o ato de conservação e de destruição do objeto é um só. Essa forma de relação com o objeto, definida pela incorporação, servirá como matriz para dois processos de formação do ego a *introjeção* e a *identificação*.¹¹

Ao final desse percurso, pode-se constatar que a problemática do desenvolvimento psicosssexual acaba remetendo à questão da gênese do ego. Assim, quer seja pelo lado das modalidades de relação das organizações orais e anais da libido, quer seja pelo aporte dinâmico no conflito defensivo via a afirmação das pulsões de auto-conservação, o ego vem ganhando papel de destaque na teoria freudiana.

3.3 Gênese e Desenvolvimento do Ego

A noção de ego está presente desde o início das pesquisas freudianas, tendo em vista que ele aparece como um dos pólos do conflito no conceito de defesa. Nos primeiros textos, o ego é concebido como uma organização psíquica voltada para o mundo exterior, por meio das funções sensoriais e motoras, e como uma superfície de contato com o aparelho mental propriamente dito; interface na qual se desenvolvem os processos defensivos. Dessa forma, na emergência da primeira

¹¹ Incorporação, introjeção e identificação são termos muito próximos e seu emprego por Freud não se dá sem certa ambigüidade. Contudo, algumas distinções podem ser enumeradas. A incorporação, como o próprio termo denota, está estritamente ligada à referência corporal, ou seja, diz respeito ao nível mais literal da ingestão de objetos e da delimitação de um invólucro corporal. A introjeção é um termo mais amplo, já que o processo não remete mais ao interior do corpo, mas ao interior do aparelho psíquico ou de uma instância desse aparelho. Assim, pode-se afirmar que sobre o modelo da incorporação oral se desenvolve a modalidade de relação com o objeto que leva a modalidades de introjeção de objetos no ego. A identificação, por sua vez, é mais complexa, na medida em que diz respeito ao processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto, propriedade ou atributo do outro, se transformando segundo o modelo desse outro. Assim, não basta afirmar que um objeto foi introjetado no aparelho psíquico, mas descrever que aspectos desse objeto foram tomados como modelo para determinadas instâncias e de que forma se efetivou. Nesse sentido, a identificação diz respeito ao processo que permite a transformação da estrutura do ego em sua relação com o outro (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 248-249, p. 226-230). Convém lembrar que, na teoria freudiana, essa identificação é tomada sempre pelo modelo da introjeção de aspectos do objeto no aparelho psíquico, sendo que a projeção não tem estatuto de identificação. O indivíduo projeta no exterior o seu desejo e responde a tal como se fosse externo, mas se nota que não há uma estruturação do ego em função dessa projeção e sim o contrário; não há, verdadeiramente, uma alteridade em jogo no processo. A identificação por projeção, pensada estritamente como a transformação em função dos conteúdos projetados por outrem, será tematizada, como se sabe, apenas a partir dos trabalhos de Melanie Klein.

tópica, o termo ego aparece ocasionalmente, mas o conceito não é necessário. Como vimos, o conceito de ego só passará a desempenhar um papel mais central na metapsicologia a partir da década de 1910, com a introdução do dualismo pulsional, no qual as pulsões de auto-conservação atuam como suporte energético do ego.¹²

O problema do ego é retomado com a introdução da problemática das pulsões. Inicialmente, ele aparecerá como o agente das pulsões de auto-conservação, para em seguida ganhar maior inteligibilidade com a introdução do narcisismo e dos elementos articulados a esse conceito. Por último, o crescimento em importância do mecanismo de identificação – que inicialmente aparece como um mecanismo inconsciente ao lado dos outros (FREUD, 1917a/1996, 1917a/2006) para, já no âmbito da segunda tópica, revelar-se como processo essencial na constituição do ego (FREUD, 1923a/1996, 1923a/2007) – abrirá um novo momento na elaboração do conceito de ego. De forma esquemática, têm-se, segundo Mezan (2001, p. 188), quatro constelações conceituais em torno dos quais progressivamente se elabora o conceito de ego na metapsicologia freudiana entre 1905-1920. São elas:

1. **1895-1909** – o conceito de ego é vinculado às *funções inibidoras impostas pela realidade*, sendo que entre 1901-1909 o termo está relativamente ausente;
2. **1910-1911** – o conceito de ego é ligado às *pulsões de auto-conservação*;
3. **1911-1914** – o conceito de ego é articulado ao *narcisismo*;
4. **1917-1920** – o conceito de ego é remetido à problemática da *identificação*.

A distinção desses quatro pontos é importante, não só porque evidencia a complexidade crescente que o conceito de ego ganha na teoria freudiana, mas porque é o fio que percorrerei para delinear a problemática da teoria da representação na primeira tópica. Se a hipótese básica freudiana é pensar o aparelho psíquico em termos de um conjunto diferenciado de representações, veremos que o conceito de ego irá surgir dentro dessa perspectiva e, posteriormente, subvertê-la.

Em trabalho anterior (CAMPOS, 2004), apresentei esse primeiro momento da noção de ego, no qual ele é assimilado mais a um conjunto de funções do que de

¹² Essa articulação pode ser traçada no artigo sobre os dois princípios de funcionamento mental (FREUD, 1911a/1996, 1911a/2004), em que dois regimes de funcionamento do ego, o ego-prazer e o ego-realidade, são definidos em função da modalidade de operação das pulsões de auto-conservação: sob o signo do princípio do prazer ou do princípio de realidade.

representações, apesar de um conjunto de representações investidas ser pressuposto. Esse é o caso do modelo em jogo no chamado “projeto” de psicologia (FREUD, 1895/1995, 1895/1996) em que o ego nada mais é do que um conjunto de neurônios permanentemente investidos – o que só é possível pela inibição de sua própria descarga – que, por meio dos investimentos colaterais, impede a revivência alucinatória da ação específica. Essa concepção de que o ego é um conjunto de representações é encontrada, também, na formulação dos dois princípios do funcionamento mental (FREUD, 1911a/1996, 1911a/2004). Por outro lado, ao ego cabe uma série de funções que não podem ser assimiladas exclusivamente a uma rede associativa representacional, tais como a sensorialidade, a motricidade e, principalmente, a censura. Assim, observa-se que na origem do conceito há um duplo registro do problema do ego: como conjunto de representações e como feixe de funções. Essa ambigüidade é importante, pois coloca a problemática do ego sob uma tensão inaugural.

A dimensão energética do ego vem a ser mais bem elaborada no momento que estamos apresentando neste capítulo, no qual o ego é assimilado à função de auto-conservação e a um regime pulsional próprio. Agora veremos que, com a introdução do narcisismo, as coisas irão se tornar mais complexas. O ponto crucial é que passará a haver uma gênese do ego via pulsão sexual. Assim, não se trata mais da diferenciação das funções de auto-conservação guiando o desenvolvimento em direção à realidade, em que as pulsões sexuais ficariam como pólo regressivo em regime do princípio de prazer. Naquela formulação, o ego era criado pelo desenvolvimento das pulsões de auto-conservação. Agora o ego passará a ser uma nova ação psíquica no desenvolvimento das pulsões sexuais, entre o auto-erotismo e o investimento de objetos.

A partir da introdução do narcisismo o ego passa a ser entendido em termos de objeto da pulsão sexual. Para tanto, ele deve ser definido em termos de um regime representacional. Porém, é mais importante ainda perceber que essa representação não é uma representação qualquer, uma vez que é uma representação responsável por certo ordenamento do regime pulsional. Em outras palavras, ela configura o modo de funcionamento do aparelho psíquico. Como se pode perceber, as coisas já não podem ser explicadas em termos de representações ideativas isoladas que satisfazem um

desejo, uma vez que o próprio desejo é função desse modo de relação da pulsão com o seu objeto.

Precisamos, assim, entrar nos detalhes dessa gênese do ego e dos objetos, observando que sua saída se dará via a definição de um processo de identificação na gênese do ego, ou seja, na tomada de um objeto externo como modelo para estruturação do ego. Veremos que esse objeto introjetado e sujeito à identificação não será mais apenas uma representação de desejo, mas algo da ordem do continente, do envoltório que constitui o aparelho psíquico. A identificação abrirá um problema para a compreensão da tópica em termos estritos de *registros*, criando a exigência de se pensar a dinâmica entre *instâncias*.

Por enquanto, retomaremos a idéia colocada ao longo do tópico anterior, de que a compreensão do conflito psíquico em termos de uma diferenciação progressiva das pulsões de auto-conservação e sexuais revela que a disposição à neurose não depende apenas da trajetória da libido, mas, também da evolução do ego, ou, ainda, que os dois problemas estão intimamente relacionados. Pois bem, é a hipótese de um desenvolvimento do ego, aliada com os problemas colocados pela análise de mecanismos psicóticos e das tendências libidinais homossexuais, que conduz Freud à construção do conceito de narcisismo.

Como se sabe, a problemática narcísica remete ao texto sobre a lembrança de Leonardo da Vinci (FREUD, 1910b/1996), sendo extensamente evidenciada na análise do caso Schreber (FREUD, 1911b/1996), no qual a escolha narcísica de objeto ligada à fixação da tendência libidinal homossexual está no centro da discussão. Na análise de Schreber, Freud introduz a hipótese de uma organização pré-genital narcísica, entre o auto-erotismo e a sádico-anal. Essa organização narcisista corresponderia à vigência de um objeto unificado corporal, após o momento inicial da anarquia dos “objetos” parciais corporais no regime auto-erótico, pensado de forma privilegiada pelo modelo da oralidade – o que mostra como naquele momento o auto-erotismo coincide com a organização oral. Após a unificação do objeto corporal no narcisismo, entra em jogo a organização sádico-anal, em que o objeto, agora exterior, é submetido a pulsões parciais de caráter ativo e passivo.

O recalque dos impulsos sádicos e anais leva à *fase de latência*, em que emerge mais claramente a chamada corrente “carinhosa” da vida erótica,

permanecendo em segundo plano a corrente “sensual”, que sofre sublimações¹³. Por fim, com o período da *puberdade*, há a reemergência da corrente “sensual”, porém agora sob a organização genital (MEZAN, 2001, p. 177).

O argumento freudiano é que no desenvolvimento se observa, a partir do investimento no próprio corpo, que o indivíduo se orienta em primeiro lugar para um objeto exterior semelhante a ele, o que coincide com a organização sádico-anal. O narcisismo é então introduzido como explicação do mecanismo psicótico em que há uma retração da libido ao ego, a qual remete a esse ponto da escolha do objeto homossexual na fase sádico-anal. Assim, há uma distinção entre a regressão à fantasia na neurose – na qual há o investimento de representações ideativas de desejo – e na psicose – na qual os investimentos libidinais de objetos são cancelados em detrimento de uma estase da libido no ego. Essa relação com a realidade, por sua vez, vem intimamente relacionada ao tema das modalidades de escolha de objeto: por apoio, ou anaclítica, e narcisista. A descoberta da escolha narcísica de objeto nos quadros psicóticos foi a razão mais forte para Freud sustentar a hipótese do narcisismo.

Observa-se que, por meio do problema da definição dos papéis das diferentes pulsões na gênese e desenvolvimento do ego e pelas diferentes escolhas de objeto correlacionadas, o narcisismo vem evidenciar sobremaneira o problema da relação entre o ego e a sexualidade, de tal forma que o narcisismo poderia ser chamado de “conceito-limite entre o ego e a sexualidade” (MEZAN, 2001, p. 180). Retomando o que coloquei anteriormente, a introdução do narcisismo vem colocar o interesse do ego, que está, por sua vez, ligado às funções de auto-conservação do organismo, em profunda ligação com o desenvolvimento da libido. Assim, a introdução do narcisismo vem evidenciar o limite da hipótese do conflito entre o ego e a sexualidade, mostrando que a gênese do ego é sexual e que a distinção entre as pulsões deve ser reavaliada.

Embora traga uma série de inovações à teoria do desenvolvimento, a problemática do narcisismo esteve muito longe de ser solucionada a contento por Freud, o que talvez justifique a palavra “introdução” no texto de 1914, sendo que o

¹³ A definição de duas correntes amorosas distintas no desenvolvimento libidinal é um ponto importante na articulação da teoria pulsional da primeira tópica com a teoria da libido. Basicamente, a corrente carinhosa diz respeito ao interesse da auto-conservação, remetendo à mãe nutridora, enquanto a corrente sensual diz respeito à libido sexual, remetendo à mulher desejada. Essas diferentes correntes foram definidas na explicação inicial do complexo de Édipo.

tema do narcisismo vinha sendo discutido por Freud e seus discípulos desde pelo menos 1908 e é apresentado em trabalhos desde 1910. Veremos, na verdade, como a discussão sobre o narcisismo e a identificação na gênese do ego encontra-se ainda bastante incipiente no período que estamos abordando neste capítulo.

O trabalho de Ribeiro (2000) sobre o problema da identificação em Freud nos será de bastante valia neste momento, pois faz um estudo bastante sistemático e rigoroso dos meandros da teoria das identificações na metapsicologia freudiana. Além disso, trata-se de uma proposta de investigação cuja metodologia é muito próxima da que estamos desenvolvendo nesta tese, pois é inspirada tanto na proposta de Figueiredo de uma leitura próxima desconstrutiva quanto na de Laplanche de uma interpretação psicanalítica da teoria psicanalítica. As considerações desse autor colaboraram sobremaneira para minha própria investigação da problemática proposta nesta tese, de forma que irão nos acompanhar ao longo desta investigação em diversos momentos.

Por enquanto, nos interessa apresentar sua leitura do problema do narcisismo e da identificação no período que estamos investigando. Nesse sentido, cabe apresentar as conclusões da análise efetuada pelo autor sobre a questão do narcisismo, cujo ponto central é mostrar como desde o início, a hipótese do narcisismo esteve marcada por uma ambigüidade fundamental e que essa incongruência expressa uma recusa de reconhecimento do papel da identificação materna primária na gênese do ego.

As duas leituras sobre o narcisismo que Freud inicialmente constrói estão assentadas nas investigações da lembrança de Leonardo da Vinci (FREUD, 1910b/1996) e do livro de Schreber (FREUD, 1911b/1996). A primeira leitura consiste naquela que irá aparecer nos adendos posteriores aos três ensaios sobre a sexualidade (FREUD, 1905/1996) e que expressa um raciocínio cada vez mais central na teoria das identificações, a ponto de figurar com toda a força nos textos da década de 1920, em especial aquele sobre o ego e o id (FREUD, 1923a/1996, 1923a/2007). O fundamental dessa leitura é a hipótese de que o narcisismo é fruto de uma ligação erótica intensa com a mãe, tomada sob a perspectiva do homossexualismo masculino. A idéia é que o homossexualismo é fruto da fixação inconsciente da imagem da mãe devido a uma presença muito extensa dessa figura na vida infantil, quer seja por uma personalidade muito masculina, quer seja pela

ausência do pai. Seria a fidelidade do amor a esse objeto materno das origens que determinaria a escolha de objeto masculino na vida adulta. Assim, a escolha de objeto masculina seria uma transferência defensiva da atração em relação ao objeto materno. Por mais paradoxal que se mostre esse raciocínio, uma vez que liga a instauração da homossexualidade à intensidade do amor heterossexual infantil, ele apresenta como consequência inevitável a hipótese de que a identificação seja um derivado do recalçamento e da perda do amor de objeto. Portanto, a identificação seria secundária à instauração das relações de objeto e do recalque.

Percebe-se que, nesse ponto, fica bastante claro o caráter incipiente da teoria das identificações, pois elas aparecem como resultado do recalque da relação de objeto, ou seja a identificação seria consequência regressiva da dinâmica do recalque sobre as relações de objeto. Todo o desenvolvimento posterior da obra de Freud irá indicar a vinculação da identificação com um papel mais primário na gênese das instâncias psíquicas, como teremos a oportunidade de acompanhar neste trabalho. Contudo, um aspecto fundamental dessa primeira hipótese manterá sua força e continuará incidindo como um elemento importante da teoria das identificações: o papel de uma identificação feminina na dinâmica narcísica e na gênese do ego.

Já a segunda leitura, embora também parta da relação de objeto homossexual, apresenta outra visão sobre o narcisismo. Nela aparece aquela que tenderá a ser a posição mais reconhecida sobre o narcisismo, a saber, a de que seja fruto da confluência das pulsões sexuais auto-eróticas sobre o corpo, tomado como objeto amoroso. Nesse caso, a escolha do objeto masculino decorre da transferência do investimento narcísico genital para um objeto externo com órgãos genitais semelhantes, ou seja, o homem/pai é tomado como objeto de investimento libidinal pela identificação com a própria unidade egóica, simbolizada pelos genitais: a criança ama o pai porque encontra nele o próprio órgão sexual. Assim, nessa nova fórmula, é o narcisismo que passa a determinar a escolha objetual e não o recalçamento do amor objetual que determina um posicionamento narcísico, como na primeira leitura.

Embora essa segunda leitura apresente uma maior elaboração em termos de uma teoria de desenvolvimento das instâncias psíquicas, definindo o narcisismo agora como um momento efetivo e fundamental da constituição do ego, ela ainda carece de uma série de adendos. O principal problema dessa segunda explicação é

que ela esbarra em uma total ausência da figura materna. Se no primeiro caso a figura materna não comparecia como modelo primordial de identificação, mas somente como objeto de desejo, agora ela não comparece nem como figura de amor. Toda a dinâmica envolvida na constituição do ego pelo narcisismo e na escolha de objeto passando pelo objeto homossexual se resolve exclusivamente pela relação entre o filho e o pai. Para isso basta lembrarmos a resolução clássica que Freud apresenta para o delírio de Schreber, resumido no enunciado “eu o odeio porque ele me persegue”: o deslocamento e a inversão defensivos da fantasia “eu (um homem) o amo (um homem)”.

Essas duas leituras sobre o narcisismo são bastante díspares entre si e a tentativa de conciliação de todos esses aspectos está presente em boa parte da teorização freudiana do período e perdurará até o final de sua obra. Contudo, o que se observa em ambas as hipóteses sobre o narcisismo é que seu modelo, o homossexualismo masculino, é compreendido a partir de uma posição francamente masculina, onde a identificação feminina não aparece como elemento significativo na constituição do ego. Isso faz com que se possa elaborar a seguinte interpretação sobre as posições de Freud quanto ao narcisismo em sua origem:

Consideramos que a única maneira de responder a essas questões é admitir a impossibilidade, por parte de Freud, de se deixar convencer da existência de uma invariável identificação feminina precoce no menino, fato que o teria permitido suspeitar que a proposição inaceitável encerrada, não no fundo, mas na superfície do delírio de Schreber não seria ‘Eu (um homem) amo (ele, um homem)’ mas antes ‘Eu (um homem) desejo ser transformado numa mulher’. (RIBEIRO, 2000, p. 28)

Esses apontamentos são suficientes para apresentar um ponto importante da análise que estamos fazendo do impacto do narcisismo no edifício teórico da Psicanálise. Eles mostram não só como o narcisismo é fundamental para a introdução da problemática de identificações constitutivas do ego, mas, ainda, como nessas hipóteses sobre o narcisismo observa-se, desde o início, um recalcamento da identificação materna primária.

Vejam agora como a organização narcísica é definida em *Introdução ao narcisismo* (FREUD, 1914/1996, 1914/2004) e como será aplicada para a compreensão do desenvolvimento libidinal e escolha de objeto no texto sobre os destinos da pulsão (FREUD, 1915a/1996; 1915a/2004).

O primeiro capítulo do artigo sobre o narcisismo procura definir o “novo” conceito, evidenciando sua origem a partir da investigação dos quadros psicóticos e sua confirmação na vida mental infantil e dos povos primitivos, além de suas implicações para a teoria da libido, do qual emergem duas questões, a saber, sua relação com o auto-erotismo e com o dualismo pulsional. Freud constata um retraimento da libido para o próprio ego, em detrimento do investimento objetal normal, essa oposição entre a libido objetal e uma libido do ego mostra-se bastante evidente nos quadros clínicos como o de Schreber, no qual a defesa não opera uma mudança no investimento do objeto, mas a própria regressão do investimento no objeto para o investimento da pulsão sexual no ego. Assim, não se trata de pulsão do ego *versus* a pulsão sexual, mas da retirada do investimento objetal da pulsão sexual para o próprio ego, tomado como objeto.

O ego passa de fonte da pulsão com finalidades de auto-conservação para receptáculo e objeto da pulsão sexual. Essa antítese entre libido do ego e libido objetal nos quadros narcísicos leva à afirmação de um estado narcísico primário e normal do desenvolvimento da libido, em que o narcisismo aparece como a nova ação psíquica que se interpola entre o auto-erotismo e a escolha de objeto. Dessa forma, o primeiro objeto da pulsão sexual unificada seria o próprio ego.

O narcisismo secundário, por sua vez, seria uma regressão ao modo narcísico primário, no qual a escolha de objeto tem como parâmetro o próprio ego do indivíduo, de forma tal que se observa uma escolha de objeto por identificação com um aspecto egóico. Esse profundo imbricamento entre o desenvolvimento do ego e a escolha de objeto levará à clássica definição dos dois tipos de escolha de objeto: a escolha de tipo narcisista e a de tipo anaclítico, ou de ligação (FREUD, 1914/1996, p. 97; 1914/2004, p. 109-110).

No momento quero ressaltar os dois pontos inicialmente colocados por Freud. O primeiro é sua afirmação de que a passagem do auto-erotismo para o narcisismo é função de uma nova ação psíquica, o desenvolvimento do ego. O ego, portanto, não existe desde o começo. Ele precisa ser desenvolvido e com o seu desenvolvimento há a passagem do auto-erotismo para o narcisismo. Esse ponto é essencial por marcar a profunda relação entre o narcisismo e a gênese do ego. Sabemos que a compreensão freudiana do lugar do narcisismo ao longo da teoria é sujeito a variações. Nesse primeiro momento, no auge da primeira tópica, o narcisismo oscila entre a

organização oral e a sádico-anal. A distinção das organizações, por sua vez, não está claramente definida em relação ao auto-erotismo e à escolha de objeto. Assim, a organização oral inicialmente coincide com o auto-erotismo, apesar da própria organização sádico-anal não se configurar como uma escolha de objeto propriamente dita.

Portanto, à época da introdução do narcisismo, não há um lugar exato para a introdução do investimento pulsional sexual do ego, até porque o próprio ego era um conceito que vinha se formando com a investigação das organizações pré-genitais da libido. De qualquer forma, é bastante evidente nessa problemática na qual o conceito se insere a exigência de que o narcisismo coincida com a gênese do ego – a nova ação psíquica da qual nos fala Freud. O que não está claro é que identificação esteja presente na gênese do ego e, menos ainda, como se dá essa dinâmica de identificações. Vimos acima como a tendência de Freud é suprimir o papel da identificação materna, tentando derivar toda a dinâmica entre narcisismo e escolha objetal das identificações masculinas.

Cabe ressaltar nesse contexto uma ambigüidade conceitual importante que se colocará posteriormente na teoria do narcisismo: a supressão da distinção entre narcisismo e auto-erotismo na segunda tópica. Lá o narcisismo primário tenderá a ser considerado equivalente ao auto-erotismo inicial, uma verdadeira condição originária anobjetal ou, pelo menos, indiferenciada, “da qual a vida intra-uterina seria o arquétipo” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 290). Isso é um fato surpreendente porque apaga justamente a importância do investimento da pulsão sexual na gênese do ego, o que é um ponto central na compreensão da origem da instância egóica, como estamos vendo nesse momento da obra freudiana. Não entrarei nessa questão por enquanto, bastando marcar a importância da afirmação freudiana de uma nova ação psíquica – a gênese do ego – no narcisismo primário, uma vez que esse é um ponto essencial para a teorização do ego, cujo efeito será potencializar a virada rumo à segunda tópica.

Apesar das ambigüidades, é suficientemente claro que o narcisismo, quando de sua definitiva inserção na trama conceitual da primeira tópica, não coincide com o auto-erotismo, sendo um estágio posterior a ele. O outro ponto é mais problemático. Trata-se do grande problema que instaura o reconhecimento do narcisismo como um investimento pulsional sexual na gênese do ego: a manutenção do dualismo

pulsional. Quanto a esse problema já discorri o suficiente, bastando resumir a defesa que Freud arma. Basicamente, Freud afirma que há razões clínicas para sustentar a distinção entre uma libido do ego e outra do objeto, uma vez que ajudam a elucidar características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos, além de razões de ordem biológica para sustentar uma distinção marcada entre a pulsão sexual e outras pulsões do ego, que por sua vez, se mostrou de grande utilidade na análise das neuroses de transferência. Em suma, Freud admite o valor heurístico de suas duas construções, sem conseguir, contudo, integrá-las em um quadro teórico mais geral. Suas tentativas tanto de justificar o narcisismo pela evidência clínica quanto de aplicar o narcisismo na elucidação dos quadros psicóticos ocupa um bom pedaço da argumentação – fora seu embate com Jung, sobre a introversão da libido e o monismo pulsional, e com Adler, sobre a inadequação do protesto masculino como fenômeno nuclear nas neuroses. Irei me limitar a discutir o problema do narcisismo primário e das instâncias ideais.

Quanto ao narcisismo, é importante desvinculá-lo de qualquer concepção monadológica na origem do psiquismo. A confusão é causada porque Freud define tanto um narcisismo primário e um narcisismo secundário, sendo que no momento da introdução do narcisismo, é particularmente clara a distinção entre o auto-erotismo, o narcisismo e a escolha de objeto. Pode-se afirmar, seguindo o raciocínio genético freudiano, que o narcisismo secundário é uma regressão a um narcisismo primário original, que fora fixado ao longo do desenvolvimento. Assim, nas psicoses, o que estaria em jogo seria uma regressão secundária a um investimento narcísico primário do ego, de tal forma que o investimento nas relações com os objetos seria suprimida.

Esse raciocínio, contudo, não pode ser igualmente aplicado nas perversões, onde o que está em jogo também é um narcisismo secundário, só que este modula um tipo especial de escolha de objeto, a do tipo narcísico, que se dá por meio da identificação do objeto com o ego. Assim, o narcisismo secundário não pode ser identificado com a escolha de objeto propriamente dita, ou seja, tal como essa é pensada em termos de uma organização genital da libido. Pelo contrário, o narcisismo secundário é expressão de uma escolha de objeto fixada por modalidades mais primitivas de relação com o objeto. O narcisismo secundário, portanto, se aproxima da polaridade da escolha de objeto, na medida em que caracteriza uma

escolha narcísica de objeto. Sua estruturação, contudo, é modulada pela fixação em um momento anterior do desenvolvimento, o narcisismo primário.

É no narcisismo primário que recai o problema teórico. Inicialmente, pode-se pensar em três opções na sua relação com o auto-erotismo: anterior, coincidente ou posterior. A primeira opção, apesar de absurda no contexto teórico da teoria das pulsões, não é totalmente inconcebível. Seria o caso de pensar o narcisismo em termos originários, o estado anobjetal uterino que, como tal, só pode ser remetido a uma construção mítica. Como vimos, essa possibilidade até será ventilada posteriormente por Freud, mas parece se tratar mais de uma ancoragem teórica do conceito de narcisismo por meio da recapitulação da filogênese na ontogênese e do recurso a construções míticas da cultura. Essa forma de compreensão do originário é utilizada para justificar a armação inicial da tela em branco do psiquismo freudiano, isto é, as fantasias prototípicas e o Édipo – ele próprio um complexo dessas fantasias originárias. É praticamente consenso que essa saída para a explicação do originário seja particularmente problemática em Freud, sendo, na verdade, uma limitação dos seus próprios pressupostos desenvolvimentistas e biológicos. Por conta dessas dificuldades e pela articulação teórica tão problemática, prefiro descartar essa forma de abordagem do narcisismo. Deste modo, excluo da problematização a mitologia freudiana sobre o narcisismo, ressaltando que é nesse nível que se encontra sua identificação com um estado prototípico monádico.

Quanto à equivalência entre auto-erotismo e narcisismo, vimos a gênese teórica da problemática narcísica e sua estreita relação com a gênese do ego, de tal forma que o narcisismo implica o ego. Essa distinção, tão clara no período que estamos examinando neste capítulo, não tem porque ser ignorada. Dessa forma, tudo indica que o narcisismo primário deva ser posicionado entre o auto-erotismo e a escolha de objeto. O narcisismo primário, portanto, coincide com o momento da gênese do ego.

Essa insistência na demarcação do narcisismo primário é importante, pois alguns comentadores fazem a distinção entre duas modalidades estruturais de narcisismo, o que tem como consequência o narcisismo secundário não ser concebido como uma regressão ao primário, mas como uma modalidade estruturalmente distinta de funcionamento egóico. Essa posição é defendida pela interpretação lacaniana do freudismo.

Basicamente, essa posição, ilustrada por Garcia-Roza (1999, p. 63-73), irá relacionar o narcisismo primário ao plano da imagem corporal, ou seja, da identificação via fase do espelho que instaura uma relação imaginária dual. Essa relação é compreendida como não sendo mediada pelo registro simbólico linguagem e necessariamente alienante, de tal forma que “toda relação dual especular é uma relação mortal, só superável com o surgimento do simbólico” (GARCIA-ROZA, 1999, p. 68). Já o narcisismo secundário seria remetido à introdução de um ideal ético via mediação lingüística no nível da relação simbólica, de modo que o simbólico passa a prevalecer sobre o imaginário, organizando-o.

Não cabe aprofundar essas distinções, que não interessam ao presente estudo e que são demasiadamente conhecidas. Quis apenas mostrar que há interpretações que concebem o narcisismo primário e o secundário como modalidades estruturais distintas, não articuláveis do ponto de vista de um desenvolvimento genético da libido, tal como define Freud. Uma vez que procuramos destrinchar a hipótese freudiana, tomaremos o narcisismo secundário como um desdobramento da organização narcísica primária.

O narcisismo primário, portanto, consiste em um estágio posterior ao auto-erotismo no qual a pulsão sexual investe o ego como objeto, ou seja, há uma estase da libido no ego. Dessa forma, o interesse do ego (as pulsões de auto-conservação) coincide com a libido do ego (as pulsões sexuais) no narcisismo primário. Cabe saber por que essa libido precisa reconhecer o ego antes dos objetos e o que a faz sair desse estado.

Segundo o princípio do prazer, parece razoável pensar que a estase no ego seja uma condição temporária, de forma que seja necessário ao indivíduo investir objetos para não sucumbir ao desprazer. A confluência do interesse do ego com a pulsão sexual no narcisismo leva Freud a reencontrar o problema do papel da pulsão sexual na defesa do ego. Devemos lembrar que essa linha de raciocínio, presente nos anos 1890 é colocada em segundo plano, já que com a instauração do dualismo pulsional a sexualidade vem a ser o pólo oposto ao do ego. Com a confluência da sexualidade e o interesse do ego, Freud reencontra a sexualidade no egoísmo.

É nesse sentido que Freud se aventura pela elucidação da hipocondria e da dor física, encontrando que o refluxo do investimento narcísico remete a uma forma primária de defesa da estrutura corpórea, já que “o hipocondríaco recolhe o interesse

e a libido – esta última de modo especialmente nítido – dos objetos do mundo exterior e os concentra sobre o órgão do qual está se ocupando” (FREUD, 1914/2004, p. 104). A hipocondria revela um funcionamento pulsional muito próximo ao nível da estruturação corpórea do ego, de tal forma que Freud a coloca como um terceiro tipo de neurose atual, com mecanismo aparentado ao da parafrenia – tal como a neurose de angústia se ligaria à histeria, por exemplo.

Não interessa ao presente estudo essas distinções psicopatológicas, mas sim evidenciar que essa concepção do narcisismo como uma confluência da libido para o ego em função de seu interesse de auto-conservação quando de um traumatismo nos leva a uma noção radical do processo primário, isto é, de uma ligação da energia em representação, em elaboração psíquica. Não é à toa que ao examinar a indiferenciação das pulsões reemerja a problemática do traumático, deixada para trás antes da emergência da primeira tópica. Assim, é particularmente interessante notar que Freud traz à tona, no bojo das considerações sobre a introdução do narcisismo, o problema das neuroses atuais, completamente marginal desde então – e não muito ventilado depois disso.

A hipótese do apoio, por outro lado, já coloca uma possibilidade do desenvolvimento rumo à escolha de objeto: a diferenciação entre as pulsões se dá na esteira do princípio da realidade. Mas isso é insuficiente para explicar tanto a gênese do ego como a escolha de objeto, uma vez que agora essa problemática deve ser remetida às organizações pré-genitais da libido.

Acompanhando o artigo de Freud, percebe-se que a preocupação maior é justificar a necessidade do conceito, examinando-o descritivamente nas mais diversas esferas da vida psíquica. É só no tópico III que se avança um pouco mais na consideração do mecanismo subjacente ao narcisismo primário. Já no início desse capítulo, Freud deixa de lado a questão das vicissitudes do narcisismo primário infantil para isolar a questão no nível do complexo de castração. Nesse momento, coloca que no complexo de castração as duas pulsões ainda atuam em uníssono, isto é, a libido e o interesse do ego estão mesclados na condição narcísica (FREUD, 1914/1996, p. 99; 1914/2004, p. 111). Afirma, ainda, que o recalque provém não só do ego mas, com mais exatidão, do amor-próprio do ego e que “a condição para o recalque é essa formação de ideal por parte do Eu” (FREUD, 1914/2004, p.112). Isso quer dizer que não basta atribuir um interesse de auto-conservação na dinâmica do

recalque, mas elucidar que esse interesse do ego é de fundo libidinal e que, para tanto, há uma estase da libido investida em uma porção idealizada do mesmo. O amor-próprio, o investimento libidinal nessa instância ideal, seria, agora, o suporte energético da defesa. A formação de um ideal seria, portanto, concomitante ao potencial de recalque; potencialidade esta que parece ter como parâmetro o complexo de castração.

Como podemos notar, a articulação entre o recalque, o ideal e o complexo de castração é, nesse artigo, bastante incipiente. Basta notar que o complexo de castração é remetido diretamente ao narcisismo, sem conexão com a problemática edípica. Para o propósito da argumentação, queria apenas assinalar que Freud se abstém de tratar a questão no nível das organizações pré-genitais, tentando articular diretamente o narcisismo e o recalque, via interesse egóico no complexo de castração, o que se revela infrutífero. Tanto que a seqüência do texto irá enveredar pelos ideais, pela questão da sublimação e pela censura, sem que nada efetivamente se feche. O que se observa, na verdade, é o impulso que o narcisismo traz para diversas vertentes da teoria freudiana, explodindo as amarras conceituais em que se insere e sem possibilitar novos fechamentos. Essa impressão de que o texto está inflado de considerações é ressaltada pelo próprio Freud, segundo Strachey (1914/1996, p. 78).

A minha hipótese é que ao debruçar-se definitivamente sobre o problema do narcisismo Freud introduz um “corpo estranho” que vitaliza vários problemas e, simultaneamente, dispara uma série de exigências de complementação. Sua influência irá marcar profundamente os textos dos artigos de metapsicologia sendo, inclusive, um de seus disparadores. A abertura que começa a se anunciar nesse artigo e que será, como vimos, fechada pelo direcionamento para a organização genital e o recalque, voltará a se abrir adiante na obra de Freud.

De qualquer forma, é na seqüência da argumentação que alia diretamente o narcisismo ao recalque que se introduzirá outra ambigüidade característica da teoria freudiana. Em um ponto do artigo, Freud comenta a noção de um *ego ideal* ou de um *ideal do ego*, já que os dois termos parecem comparecer como sinônimos:

Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. (...) O que ele [o homem] projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal” (FREUD, 1914/1996, p. 100-101).

O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. (...) Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal. (FREUD, 1914/2004, p. 112)

O ideal é, portanto, o substituto de um regime de funcionamento narcísico que é desfrutado na infância pelo ego real. O investimento libidinal, que inicialmente recobria todo o ego é paulatinamente deslocado para uma parte idealizada do mesmo.

Laplanche (1998, p. 291) aponta que o termo ego ideal denota a idéia de uma idealização da potência narcísica do ego, ou seja, é um ego em regime de onipotência, espelho direto do ego real prototípico da infância. Já o termo ideal do ego traz a idéia de algo que se coloca diante do ego como seu ideal. Há aí, portanto, uma diferenciação intra-egóica, uma instância colocada de forma menos ilusória que o regime de funcionamento do ego ideal.

Dessa ambigüidade de termos, pode-se extrair que haja uma gradação na formação das instâncias idealizadas do ego, em regimes de funcionamento narcísico diferenciados. É o caso, por exemplo, da leitura lacaniana, na qual o ego ideal aparece relacionado ao narcisismo primário e o ideal de ego ao narcisismo secundário.¹⁴ Não nos interessa entrar nessa discussão sobre termos, uma vez que a exigência de diferenciação só aparece em função de uma necessidade posterior do intérprete. Parece mais interessante marcar, acompanhando Freud, que a perfeição do ego infantil é deslocada para o ideal de ego, que resguarda esse regime narcísico ideal das imposições do mundo externo. É nesse sentido que se pode entender a seguinte síntese:

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal” (FREUD, 1914/1996, p. 106)

O desenvolvimento do eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal. (FREUD, 1914/2004, p. 117)

Tem-se, portanto, que o desenvolvimento do ego para além do narcisismo primário se dá pela constituição de um ideal de ego que é uma instância de

¹⁴ Outra possibilidade é a distinção entre os sentimentos de inferioridade estando relacionados ao ego ideal e os de culpabilidade ou insuficiência moral vinculados ao ideal de ego, tal como propôs Lagache (LAPLANCHE, 1998, p. 291).

compromisso, pois resguarda o investimento da libido sexual no ego. A satisfação libidinal passará agora, portanto, pela realização desse ideal que será um parâmetro de funcionamento mental.

O que fica de fora de toda essa discussão é justamente a relação das identificações com esse momento narcísico de constituição do ego. A distinção entre ego ideal e ideal de ego não se justifica neste momento da obra freudiana porque, como vimos, toda a dinâmica em jogo está sendo pensada em termos de uma única identificação, a masculina. Cabe já nos perguntar se a reinterpretação desse esquema sobre as interpretações na origem das instâncias psíquicas em termos de identificações masculinas e femininas não colocaria a exigência de uma diferenciação maior dentro da dinâmica narcísica, como fizeram os autores citados acima.

Iremos, a seguir, abordar mais de perto essa problemática. No momento, é importante notar outro aspecto, apontado por Mezan. Vimos que há uma ambigüidade na definição do ego, uma vez que é tanto objeto da pulsão sexual como correlato da pulsão de auto-conservação. O próprio ego, por sua vez, traz a ambigüidade de ser tanto um complexo representacional como um feixe de funções. Todos esses aspectos são colocados em conjunto no momento do narcisismo primário. Seria possível deixar o ideal de ego como objeto da pulsão sexual, ou narcísico, e a ego propriamente dito como o agente das funções de auto-preservação, isto é, a percepção, pensamento objetivo, controle motor e etc. (MEZAN, 2001, p. 179). Essa distinção é importante porque resgata um lugar para as pulsões de auto-conservação, tão eclipsadas na discussão sobre o narcisismo.¹⁵

Contudo, devemos lembrar que essa distinção das pulsões se efetiva quando há diferenciação do ideal de ego. É nesse momento que há a passagem do narcisismo primário para o momento posterior do desenvolvimento, o qual Freud não pode ainda nomear. Não sabemos de que organização libidinal se trata: genital, anal-sádica ou oral. Pelas considerações freudianas, parece que esse passo é fundamental na instalação da capacidade de recalque e que é este ideal do ego, internalização da

¹⁵ Essa é a base para a distinção entre o ego como um conjunto de funções e o *self* como um precipitado de identificações, como o fará, por exemplo, toda a tradição da psicanálise norte americana. Embora não sustente a necessidade de uma separação entre esses dois modos de operação, como o fez essa tradição, não deixa de ser interessante marcar que essa ambigüidade é inerente à teoria sobre o ego. Poderemos acompanhar mais de perto as dificuldades dessa amarração conceitual quando abordarmos o segundo modelo tópico, no capítulo 5 desta tese.

moral, que serve como parâmetro da censura. Assim, ao lado da instância ideal, Freud afirma a possibilidade de um agente psíquico especial que atuasse como observador do ego, medindo-o com relação ao seu ideal e garantisse a satisfação narcisista. Assim, o agente observador do ego e o ideal do ego seriam aspectos distintos. Freud, contudo, não desenvolve a idéia de um agente da censura, provavelmente remetido às funções auto-conservativas do ego.

Há ainda algumas indicações da vinculação do aporte da libido homossexual na formação do ideal narcísico e sua relação com uma dimensão social na psicologia de grupos (FREUD, 1914/1996, p.108; 1914/2004, p. 118-119). Ou seja, de forma bastante pontual é colocada a relação da formação do ideal de ego com a problemática do destino da libido homossexual, indicando um ponto para futuras investigações no livro sobre a psicologia de grupos e a análise do ego (FREUD, 1921/1996). Ademais, o que se observa no artigo sobre a introdução ao narcisismo são considerações teóricas sobre a saída do narcisismo primário em direção ao uma organização libidinal em que haja um ideal de ego e seja possível um recalque da pulsão sexual.

Apesar da precariedade da construção teórica freudiana sobre a relação entre o recalque, o Édipo e a organização genital – pois sabemos que a definição do Édipo como estruturante da personalidade só se dará a partir da virada dos anos 1920, com a definição da fase fálica e a consolidação da teoria das identificações –, tudo indica que a formação do ideal de ego e a entrada em jogo do recalque colocam o indivíduo em um regime de funcionamento egóico amparado em uma organização genital da libido. O que Freud não responde, contudo, é como se dá a própria formação do ego, ou seja, em que regime pulsional e organização libidinal ele se configura, uma vez que essa nova ação psíquica marca a superação do auto-erotismo.

Embora traga todos esses avanços teóricos, o artigo sobre o narcisismo encerra também uma série de compromissos intrínsecos à teoria do narcisismo e das identificações. É novamente o trabalho de Ribeiro que nos ajuda a compreender como esse momento da teoria metapsicológica envolve uma ampla indefinição na teoria das identificações e, principalmente, um recalque da identificação feminina primária na gênese do ego. Vejamos, em linhas gerais, a figura que o autor delinea em sua interpretação do texto freudiano.

Em primeiro lugar, fica evidente que a idéia de narcisismo anobjetal é completamente suplantada pelas evidências da importância do outro na constituição do narcisismo. Embora toda a discussão sobre o narcisismo exija essa construção teórica, Freud recusa-se a reconhecer o papel da identificação, de tal forma que ela não aparece em nenhum momento do texto de introdução ao narcisismo. Ou seja, mesmo sendo considerado fundamental, o tema das relações entre homossexualidade e narcisismo é deliberadamente evitado em 1914. Da mesma forma, o narcisismo intenso na mulher e a superestimação do objeto sexual feminino pelo homem apresentam uma inversão flagrante do ponto de vista freudiano da importância narcísica do pênis. Ribeiro (2000, p. 46) mostra, ainda, como o que é recalcado pelo ego em favor do surgimento do ideal não é independente do narcisismo primário e que a compreensão deste está ligada a modificações na compreensão dos delírios paranóicos e dos investimentos libidinais homossexuais.

A análise de todos esses pontos da teoria freudiana até 1914 mostra uma articulação bastante incoerente que, veremos, surtirá efeitos nos artigos de metapsicologia. O mérito da leitura de Ribeiro é mostrar que grande parte dessa incoerência é fruto do recalco da identificação feminina primária já nesse momento da obra freudiana. Sua hipótese, que será melhor trabalhada ao longo desta tese, é anunciada, inicialmente, como uma hipótese para as contradições e lacunas do texto freudiano sobre o narcisismo:

Segundo nossa hipótese, as moções sexuais inaceitáveis às quais Freud se refere são aquelas oriundas da posição da criança ante a sedução originária e têm como a feminilidade uma afinidade intransponível (...). A identificação feminina primária funciona como uma formação narcísica ainda hesitante entre a unificação e a dispersão, mas ainda assim capaz de organizar parcialmente um auto-erotismo inteiramente marcado pela ação traumática e invasiva da sexualidade inconsciente do adulto sobre a criança. (RIBEIRO, 2000, p. 47)

As teses de Freud no texto sobre o narcisismo, contudo, mostram apenas indicações que a libido homossexual esteja presente não só como efeito do narcisismo – a escolha narcísica de objeto levando a um objeto homossexual – mas na sua própria gênese. A discussão sobre a libido homossexual, entretanto, aparece articulada estritamente com a organização sádico-anal. No entanto, a investigação das organizações pré-genitais levará Freud a encontrar na ambivalência amor-ódio um entrave à teoria do recalco da sexualidade, sem falar na problemática da incorporação como forma primeira e indiferenciada de relação com o objeto. A chave

para a compreensão do narcisismo não estaria, portanto no recalque da pulsão, mas nos seus destinos pré-genitais. Depois de adiar a questão ao introduzir o narcisismo, Freud não poderia deixar de escapar da tentativa de encaixar o narcisismo e as organizações pré-genitais da libido em sua análise dos destinos da pulsão.

Voltemos agora para o artigo sobre os destinos da pulsão. Já discutimos na secção anterior os aspectos mais gerais da teoria das pulsões, que constituem mais propriamente o começo do texto. Agora nos interessa observar a incidência das questões do narcisismo e da identificação nesse quadro. Isso se dá no momento em que Freud se volta para a consideração de dois dos quatro destinos da pulsão – a reversão a seu oposto e a retorno em direção ao próprio indivíduo.¹⁶

O primeiro ponto a destacar é aquilo que Freud nos alerta desde o início, a saber, que esses destinos constituem “modos de defesa contra as pulsões” (1915a/2004, p. 152). Essa afirmação é interessante porque situa o problema no nível das modalidades de defesa a que se submetem as pulsões, operando no nível das organizações pré-genitais.¹⁷ É esse o fio condutor da leitura dessa parte do artigo de Freud sobre as pulsões, sem o qual o leitor se perde em uma complexa rede de articulações entre a ambivalência, a atividade-passividade e o narcisismo, bem como sua manifestação nas perversões.

O que se nota é que Freud tenta articular uma gama de conceitos que vinha desenvolvendo a partir das organizações oral e sádico-anal em função da gênese da relação entre o ego e o objeto, ou seja, da elucidação da dinâmica pulsional subjacente ao narcisismo e seus destinos. Portanto, o que esse texto procura é, através da análise de sintomas perversos e neuróticos, encontrar subsídios para elucidar os momentos de origem do ego. A empreitada se mostrará bastante rica,

¹⁶ Os outros dois destinos, o recalque e a sublimação, não são examinados no artigo em questão e serão discutidos oportunamente nesta tese, como já indiquei.

¹⁷ É uma afirmação importante, pois ao longo da primeira tópica os termos defesa e recalque tendem a se aproximar, uma vez que o recalque é tomado como modelo para pensar a operação defensiva. A propósito dessa questão, nota-se, mais uma vez, uma oscilação no movimento do pensamento freudiano. O recalque se diferencia de uma noção mais geral de defesa instaurada nos anos 1890 e acaba por ocupar todo o campo da operação defensiva na primeira tópica, de tal forma que recalque e defesa são tomados como sinônimos. É só na segunda tópica, com a definição de outras operações defensivas estruturantes, que os termos defesa e recalque voltam a ser diferenciados, o segundo como uma modalidade do primeiro. A passagem comentada é um dos raros momentos na segunda tópica onde o problema das modalidades de defesa que não se enquadram sob a rubrica de recalque aparece, justamente ao tratar da problemática no nível das modalidades de relação com o objeto da pulsão em nível de organizações pré-genitais da libido.

porém inconclusiva, uma vez que o resultado final é uma amarração frouxa e por demais incipiente.

A conclusão freudiana é que o essencial da análise dos destinos da pulsão é sua submissão a três grandes polaridades que dominam a vida mental (FREUD, 1915a/1996, p. 144; 1915a/2004, p. 162). De fato, são esses os três grandes eixos temáticos com que Freud se depara ao longo do artigo, sendo o problema justamente a articulação entre esses campos. Há, em primeiro lugar, uma hipótese geral e básica sobre a regulação econômica da vida psíquica e pulsional, que remete, por sua vez, a um postulado biológico freudiano. Esse postulado da teoria das pulsões vem a ser complementado por outro aspecto, que é o do caráter ativo das pulsões, também no nível dos postulados biológicos da teoria pulsional. O problema é que essa atividade pulsional é tornada mais complexa pela introdução da problemática da atividade-passividade na relação da pulsão com seus objetos, a partir da organização sádico-anal. Ou seja, ao problema propriamente econômico do prazer-desprazer, vem somar-se o do regime de ordenamento do aparelho psíquico nas organizações pré-genitais. A terceira polaridade, por sua vez, diz respeito ao da gênese do ego e sua relação com os objetos, ou seja, ao momento do narcisismo primário. Essa polaridade é denominada real no sentido de um desenvolvimento da distinção entre o “eu” e o mundo, ou seja, em consonância com uma perspectiva realista ingênua da questão sujeito-objeto. Contudo, a gênese do ego e a possibilidade de escolha do objeto estão na esteira dos desenvolvimentos precedentes, dentro do quadro maior da teoria pulsional e seus postulados biológico-energéticos.

Percebe-se, portanto, que as supostas três polaridades não constituem níveis distintos e equiparáveis de abordagem da vida mental. São, na verdade, as três facetas de um mesmo problema, a saber, como, a partir de postulados econômicos sobre a pulsão, construir uma teoria do desenvolvimento do aparelho psíquico que articule as modalidades de funcionamento libidinal pré-genitais em um contínuo lógico que dê lugar à cisão final entre o ego e os objetos do mundo externo, tal como é descrito no realismo ingênuo.

Vejamos como se enumeram essas três faces do problema. Tomaremos o aspecto que elegi como central na interpretação do artigo: reversão ao oposto e retorno em direção ao próprio indivíduo como modalidades pré-genitais de defesa contra a pulsão. Não vou apresentar todos os passos dessa instigante tentativa de

síntese da teoria pulsional por parte de Freud, limitando-me a apontar os aspectos mais pertinentes para nossa discussão.

Em primeiro lugar, Freud trata do mecanismo da *reversão em oposto* (1), que envolve dois processos distintos: (A) a mudança da finalidade pulsional, por meio da reversão da atividade para a passividade; e (B) a mudança do conteúdo pulsional, por meio da reversão do conteúdo. Essa mudança de objeto encontra-se expressa na transformação de amor em ódio. As mudanças de finalidade, por sua vez, seriam exemplificadas pelos seguintes pares de opostos: (a) sadismo-masiquismo; (b) escopofilia-exibicionismo. Já o segundo mecanismo, o *retorno em direção ao próprio indivíduo* (2) também envolve a dinâmica de pares de opostos, contudo incide exclusivamente no aspecto de mudança de objeto, pois a moção pulsional passa a tomar o próprio sujeito como objeto.

Essa hipótese sobre os destinos da pulsão é exemplificada em um exame mais detido do par de opostos sadismo-masiquismo. Freud enuncia, então, o desenvolvimento do masiquismo secundário a partir dos desdobramentos do sadismo. O sadismo primário seria a posição originária, em que o sujeito exerce a violência ou poder sobre outro sujeito tomado como objeto. Uma transformação possível no destino da pulsão seria dada pelo abandono do outro e a tomada do próprio “eu” como objeto da pulsão, porém tomado agora em uma finalidade passiva. Assim, nesse caso, convergiriam os dois mecanismos, originando um sintoma de auto-punição, que Freud associa à condição da neurose obsessiva. Uma segunda transformação seria efetivada quando um outro é novamente procurado como objeto de uma relação. Porém, nesse caso, os termos da relação estariam invertidos, pois o indivíduo passa a ocupar o lugar de objeto de um outro que é o sujeito ativo da libido agressiva. Essas seriam as condições para a instalação do masiquismo, considerado então secundário a um sadismo primário na relação com o objeto.

Um esquema estruturalmente semelhante é apresentado para o caso da libido investindo a atividade do olhar, por meio do par exibicionismo-voyeurismo. A única diferença é que a libido na sua forma epistemofílica pressupõe um passo anterior, característico das expressões da pulsão sexual: o estado original auto-erótico. Esse momento é recusado por Freud na compreensão dos impulsos agressivos, o que já indica o estatuto diferenciado destes na economia da libido.

O que é interessante notar nesse momento, entretanto, é que esses modelos referem-se apenas aos destinos da libido mediante o recalçamento, sem colocá-los em relação com o esquema das fases de desenvolvimento das pulsões e, muito menos, com a dinâmica das identificações. Ele incide apenas sobre sintomas neuróticos e perversos, tomados todos como derivações secundárias ao recalçamento da moção pulsional em relação de objeto. No máximo se pressupõe um estado original auto-erótico das pulsões parciais que é reencontrado ao final das transformações da libido.

O que não é investigado em profundidade por Freud são as etapas narcísicas no desenvolvimento desses destinos pulsionais. É bastante instigante, por exemplo não encontrar o esquema de transformação do amor homossexual, enunciado em estrutura muito semelhante na análise de Schreber, como vimos. Pelo contrário, o narcisismo é nesse momento explicitamente confundido com o auto-erotismo, apagando a distinção tão fundamental enunciada no texto imediatamente anterior. Mas, de qualquer forma, Freud indicará que dessas duas modalidades de destino da pulsão – a reversão em oposto e a reversão ao “eu” – indicariam escolhas narcísicas de objeto cuja compreensão mais geral deveria ser remetida a formas primitivas de defesa relacionadas à organização narcísica do ego:

Se levarmos em conta a fase do sadismo preliminar e narcisista que construímos, estaremos aproximando-nos de uma compreensão mais geral – a saber, que as vicissitudes instintuais [pulsionais], que consistem no fato de o instinto [pulsão] retornar em direção ao próprio ego do sujeito e sofre reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do ego e trazem o cunho dessa fase. Correspondem talvez às tentativas de defesa que, em fases mais elevadas do desenvolvimento do ego, são efetuadas por outros meios. (FREUD, 1915a/1996, p. 137)

Portanto, considerando também a etapa preliminar do sadismo que aqui construímos, chegamos a uma visão mais abrangente, segundo a qual os destinos pulsionais de redirecionamento contra o próprio Eu e de transformação em atividade em passividade são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca dessa fase. Talvez esses destinos correspondam a tentativas de defesa que, em etapas mais avançadas de desenvolvimento do Eu, são efetuadas com outros recursos. (FREUD, 1915a/2004, p. 156)

Dessa forma, parece bastante claro o reconhecimento por parte de Freud que esses destinos da pulsão deveriam ser remetidos às modalidades de defesa e de representação características do momento de constituição do ego, por meio do narcisismo. O que não é claro, contudo, é que a elucidação dessa dinâmica narcísica deva ser igualmente buscada em uma teoria sobre as identificações. O conceito de

identificação, contudo, não aparece em nenhum momento do artigo, o que mostra a evitação sintomática de articulação de um elemento ainda muito incipiente do ponto de vista metapsicológico na síntese proposta.

Outro questionamento que pode ser colocado em relação a essa análise dos destinos da pulsão é que o exame da finalidade de infligir dor no sadismo encontra-se em amplo desacordo com o princípio do prazer e com a predominância do desejo sexual na etiologia do conflito psíquico. Freud tenta desviar dessa questão atribuindo um componente sexual no desejo de dominar e de infligir dor, mas ela volta novamente no exame da outra forma de reversão ao oposto: a mudança de conteúdo, que é ilustrada pela transformação de amor em ódio.

A primeira questão que esse caso coloca é similar à apontada anteriormente: trata-se de saber se o ódio se ajusta à teoria das pulsões pensada em termos de sexualidade e auto-conservação. Para tanto Freud investiga as polaridades em jogo no amor e encontra três casos: (1) amar – odiar; (2) amar – ser amado; amar – ser indiferente. Desses três casos, apenas a segunda se encaixaria no esquema das transformações da atividade em passividade e do retorno do objeto ao “eu”, por meio de uma escolha narcísica de objeto.

É nesse ponto da análise que Freud lança mão de outro recurso, que é pensar a totalidade da vida psíquica como função de três polaridades de origens distintas, porém sujeitas a confluências e disjunções: (A) Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo); (B) Prazer – Desprazer; (C) Atividade – Passividade. O interessante é que Freud afirma que no narcisismo primário a polaridade prazer-desprazer coincide com a sujeito-objeto, de tal forma que o ego investido pela pulsão satisfaz-se auto-eroticamente, coincidindo o ego com o prazer e o objeto externo com o indiferente ou potencialmente prazeroso. Dessa forma, encontraríamos no narcisismo primário a condição da polaridade amar – ser indiferente, que seria, então, a polaridade inicial.

O que encontramos nesse momento da argumentação freudiana, novamente, é a dificuldade em tomar a identificação com o outro como um aspecto constitutivo do narcisismo. Como argumentamos acima, o exame da dinâmica narcísica tal como apresentado em introdução ao narcisismo deveria, minimamente, envolver uma dinâmica que envolvesse a polaridade amar – ser amado, como tão bem mostraram as análises de Leonardo da Vinci e Schreber. Mas Freud recusa-se a examinar essa passagem, passando por cima da distinção necessária entre o amor – indiferença e o

amor – ser amado. Aqui Freud parece refugiar-se na idéia de um narcisismo anobjetal como porto seguro para não encarar a dinâmica das identificações na gênese do ego. Isso é tão patente que o restante do artigo se volta para o exame da terceira polaridade, a amor – ódio, que vai ser explicada com base na dualidade pulsional.

Freud recorrerá à hipótese de apoio das pulsões sexuais nas pulsões de auto-conservação como condição de superação do narcisismo primário. Isso quer dizer que neste momento da teoria freudiana serão as pulsões de auto-consevação e não a dinâmica das identificações que determinaram a passagem do narcisismo para a escolha de objeto. É nessa direção que a compreensão do ódio será elucidada. O ódio não será relacionado com o prazer e a função sexual, mas apenas com o desprazer. Origina-se não de uma transformação da libido, mas é fruto da luta do ego para preservar-se e manter-se. Portanto, tem uma fonte pulsional distinta em relação ao amor. Somente em um nível superior e posterior da dinâmica psíquica eles seriam transformados em pares de opostos, por influência da relação prazer-desprazer características das pulsões sexuais.

Essa descrição de Freud é importante em dois sentidos. Em primeiro lugar, esclarece que amor e ódio dizem respeito à relação do “eu” total com os objetos e não da pulsão com os objetos, ou seja, que os afetos de amor e ódio são representantes psíquicos de uma dinâmica pulsional subjacente, que não coincide com eles. Em segundo lugar, mostra que o desenvolvimento do amor está marcado pela dinâmica da pulsão sexual, encontrando diferentes combinações com as outras polaridades ao longo do desenvolvimento psicosexual¹⁸, e que ódio surge de uma relação anterior do ego com a realidade, baseado na dinâmica das pulsões de auto-conservação.

Embora a tentação seja grande de sintetizar a polaridade afetiva em termos de uma dualidade pulsional, Freud mostra que essa dinâmica é complexa e passa por diversas combinações ao longo do desenvolvimento psicosexual. A afirmação de que o ódio se origina da luta do ego pela sobrevivência é, assim, ambígua, pois não esclarece o quanto é função das pulsões de auto-conservação e o quanto é decorrente de um ego formado pelo investimento da pulsão sexual, via identificação narcísica.

¹⁸ É assim que ele irá definir a vinculação do amor na libido oral, onde a distinção externo-interno tende a ser abolida, na libido sádico-anal, onde a distinção amor-ódio é abolida e, por fim, na organização genital, onde as duas oposições são estabelecidas.

Da mesma forma, deixa em aberto como a polaridade prazer-desprazer própria da pulsão sexual incide sobre a relação entre o ego e o mundo externo.

Freud encerra o seu artigo de “síntese” da teoria das pulsões de forma bastante pífia. O que se nota é a manutenção de uma série de ambigüidades. Em primeiro lugar temos aquelas relativas à dinâmica pulsional na constituição do ego. A questão do narcisismo como relação dual ou anobjetal fica em aberto, assim como o papel da identificação na constituição do ego e sua descrição por meio do modelo dos diferentes destinos da pulsão. A própria questão da dualidade pulsional é colocada em questão, já que não há uma descrição consistente dos diferentes pesos das pulsões sexuais e de auto-conservação na constituição do ego e das relações de objeto. Pelo contrário, a hipótese de uma infiltração da sexualidade na organização do ego, ponto essencial da introdução ao narcisismo, continua presente ao fim do texto sobre os destinos das pulsões.

A impressão do leitor ao ler os últimos parágrafos desse texto é que o autor está completamente perdido em sua argumentação. Sua tentativa de síntese resume-se a retomar as três polaridades da vida mental enunciadas e tentar ancorá-las em algum registro mais geral. Dessa forma, Freud encerra o artigo enunciando que as pulsões estão sujeitas a três grandes polaridades, uma de caráter biológico (o par atividade - passividade), outra de caráter econômico (o par prazer - desprazer) e finalmente uma real (o par ego - mundo externo). É seu modo de tentar referir os destinos da vida pulsional às características da auto-conservação, da sexualidade e da realidade, mas toda a discussão anterior mostra que essa simplificação não se sustenta face à complexidade da metapsicologia freudiana. Essa constatação é apoiada pelo fato de que esses “registros” da vida mental não aparecem no restante dos artigos de metapsicologia, muito menos nos textos metapsicológicos posteriores.

Assim, o que se observa ao final desse exame do primeiro dos artigos de metapsicologia é que ele não consegue acomodar na teoria pulsional as questões que foram trazidas pelos conceitos de narcisismo e identificação. As tentativas de descrição dos destinos da transformação em oposto e retorno ao próprio eu mostraram-se insuficientes e apenas indicam o quanto à teorização sobre os estágios pré-genitais da libido encontra-se incipiente. O que se sustenta é apenas o destino da pulsão no regime das relações já constituídas entre o ego e o objeto por meio do recalçamento.

O fato é que deste ponto em diante, a problemática do narcisismo e da identificação cessa de irromper na trama dos artigos de metapsicologia. Os dois artigos posteriores irão tratar especificamente do mecanismo do recalque e da compreensão do inconsciente a partir desse referencial. Embora a questão do recalque primário volte a trazer questões sobre os momentos constitutivos do ego, a problemática da identificação só voltará a aparecer, de fato, no quinto artigo da metapsicologia, no texto sobre o luto e a melancolia (FREUD, 1917a/1996; 1917a/2004). Ali se dará o passo final na elaboração da teoria do ego no período que estamos investigando por meio de uma definição mais explícita do conceito de identificação: “nele convergem os temas do narcisismo e da incorporação, e a partir de então começa a ser introduzida uma nova concepção do ego, que, no entanto só se realizará plenamente na fase final da obra de Freud” (MEZAN, 2001, p. 185)

Como se sabe, esse texto de Freud centra-se na analogia entre os mecanismos psíquicos do luto e da melancolia. Partindo da concepção de que o *trabalho de luto* é um retraimento narcísico que engendra uma elaboração psíquica das representações afetivas e ideativas vinculadas ao objeto perdido que permita o re-investimento em novos objetos, Freud analisa a melancolia, com seu desinvestimento do mundo e sua intensa recriminação e desqualificação do eu, e encontra nela uma variação patológica. Diferentemente de uma *elaboração*, ocorreria ali uma *identificação*, a libido investida no objeto precisou ser retirada mas, ao invés de se deslocar para outro objeto, foi investida no ego, que se substituiu ao objeto e passa a dirigir a si mesmo o ódio que teria daquele. Ou seja, em função de uma frustração do acesso ao objeto, sua perda na realidade psíquica, o ego irá lançar mão de uma defesa em que retoma destinos prévios da pulsão. Constituirá uma identificação narcísica com esse objeto perdido, revertendo para si todo o ódio que sente do objeto que o abandonou.

Assim, Freud enumera um novo caso de inversão do afeto e reversão do objeto no destino da pulsão, porém desta vez ressaltando que o que está em jogo é um mecanismo de identificação narcisista, baseado na incorporação oral. Contudo, trata-se de uma defesa secundária, ou seja, é uma identificação regressiva reativa e não um mecanismo constituinte do próprio ego ou de suas instâncias ideais.

O que podemos notar é que a identificação aqui aparece como mais um caso ilustrativo na teoria do desenvolvimento das pulsões e como um mero termo descritivo de processos psíquicos, carecendo, ainda, de uma elaboração conceitual

mais abrangente. De qualquer forma, estão aí indicações interessantes de mecanismos identificatórios primitivos importantes. Assim, podemos dizer que esse pequeno texto tem o importante papel de marcar uma brecha na trama conceitual dos artigos de metapsicologia, constituindo uma verdadeira fronteira interna desse período e um ponto de ancoragem do movimento que estou descrevendo nesta tese.

O aprofundamento da gênese do ego por meio de identificações levará a uma mudança fundamental no arcabouço teórico da Psicanálise que é o deslocamento do complexo de Édipo para a infância e a progressiva construção de uma teoria do desenvolvimento em que ele aparece como momento organizador fundamental da personalidade, o que será efetivado somente a partir da segunda metade do pensamento freudiano:

Para resumir numa fórmula a relação entre o Complexo de Édipo e a identificação, tal como ela se apresenta na constelação conceptual presente, diremos que é a análise da identificação que fornece a alavanca para o deslocamento do complexo da puberdade para a infância. Esta modificação é crucial, já que, ocorrendo em época precoce, o Édipo passa a ter a importância dos elementos infantis, o que (...) equivale a equipará-lo às pedras fundamentais da psicanálise. (MEZAN, 2001, p. 206)

Voltando agora para o artigo que examinamos, outro ponto trazido pela discussão dos destinos da pulsão é a indagação de como essas modalidades de defesa se estruturam nos termos da teoria representacional. Como se sabe, a noção de defesa está em íntima relação com a suposição da representação ideativa e do afeto como aspectos distintos da vida mental. A partir da teoria pulsional sabe-se que a defesa não opera sobre a pulsão, mas sobre seus representantes psíquicos, cabendo distinguir os diferentes destinos do afeto e da representação ideativa nessas modalidades de defesa. Sabe-se, também, que já na teoria inicial da defesa estão bem definidos os destinos do afeto, a saber, seu deslocamento, sua conversão ou sua transformação em angústia ou em outro afeto. Pode-se perguntar, portanto, por que a síntese sobre os destinos da pulsão não traz uma consideração mais detida desses mecanismos amplamente descritos pela metapsicologia.

Dessa forma, é interessante, do ponto de vista do movimento do pensamento freudiano, notar como no artigo em questão essa distinção entre a pulsão e seus representantes não se encontra definida, pois simplesmente não aparece em lugar algum a idéia de um representante psíquico da pulsão ou ainda da necessidade de distinguir entre o seu representante ideativo e o afetivo. Como aponta Garcia-Roza

(1999, p. 199-200) estas definições só aparecem no artigo sobre o recalque e, a partir daí, se mantêm no artigo sobre o inconsciente, sendo importantes organizadoras teóricas dos dois textos.

Essa constatação poderia levar à suposição que a integração da teoria pulsional com a teoria da representação só se dá ao longo dos artigos de metapsicologia, o que é absurdo. Isso só seria plausível se a teoria da representação fosse um desdobramento posterior da teoria pulsional. Sabemos que, na verdade, é o contrário que ocorre: a teoria da representação é uma hipótese desde os anos 1890, assim como suposição de uma dinâmica energética subjacente. A teoria pulsional se desenvolve a partir do aprofundamento da teoria representacional, não sendo, portanto, possível dizer que Freud, ao escrever sobre a pulsão em 1915, não esteja levando em consideração suas hipóteses sobre a separação entre representação e afeto, bem como seus destinos. Porém, algo surpreendente ocorre, pois, de fato, a análise dos destinos da pulsão não parece levar em conta essa distinção. Uma explicação plausível é que, de fato, o artigo sobre as pulsões se move na direção de problematizar os destinos pré-genitais da libido, nos quais a própria hipótese da distinção marcada entre representação e afeto, com destinos diferentes em função da defesa, não se aplica sem ressalvas. A distinção entre os destinos da representação e do afeto, portanto, só se evidenciaria mais claramente na defesa em sua modalidade de recalque. Como é nesse nível de problematização que se desenvolvem os dois artigos posteriores, a distinção entre representação e afeto comparece em maior destaque. Fica em aberto o problema de investigar os destinos do afeto e da representação, bem como suas relações, nas modalidades pré-genitais de investimento da libido e das relações com o objeto.

De qualquer forma, podemos, a partir da análise desses textos iniciais, sustentar que esse momento da síntese metapsicológica só dá conta de uma descrição do aparelho psíquico no nível do recalque e dos destinos da pulsão a partir da instauração dessa defesa em um regime de relação de objeto. Toda a problemática dos níveis pré-genitais de desenvolvimento da libido, com suas formas de representação e de investimento, passando pela teoria das identificações, encontra-se à margem, ou melhor, como um corpo estranho no tecido da teoria freudiana.

Veremos, a seguir, como se desenvolvem esses conceitos nos dois últimos artigos da síntese metapsicológica, até para apresentar a parte mais estruturada da

teoria freudiana antes da virada dos anos 1920, dando destaque para a relação do mecanismo de recalque com a angústia.

3.4 Angústia e Recalque

Os textos sobre o recalque (FREUD, 1915b/1996; 1915b/2004) e o inconsciente (FREUD, 1915c/1996; 1915c/2006) trazem a apresentação mais sistemática do que é central na teoria da representação na metapsicologia freudiana. Embora, como vimos, os conceitos de representação e afeto sejam elementos básicos da teoria freudiana desde seus primórdios, eles estão absolutamente ausentes do texto sobre as pulsões. Uma possível razão para isso, como vimos, é a tentativa freudiana de acomodar teoricamente o narcisismo e a identificação na gênese do aparelho psíquico. Qualquer que seja a razão, o fato é que esses dois textos resgatam e ampliam a teoria da representação que vinha sendo elaborada desde os anos 1890, colocando-a em estreita ligação com a estrutura e dinâmica do inconsciente.

Se tomarmos o ponto anterior de síntese metapsicológica da obra freudiana, o capítulo VII da interpretação dos sonhos (FREUD, 1900/1996), veremos que o esquema topográfico lá apresentado carece tanto de uma elucidação mais complexa da energia que dinamiza o sistema psíquico quanto de seus elementos representacionais, que lá são genericamente denominados “traços mnêmicos”. Pois bem, à época dos artigos de metapsicologia, Freud já tem condições de integrar sua proposta do modelo topográfico com a teoria das pulsões e com a teoria da representação, integrando-as.

O segundo tópico deste capítulo tratou de apresentar o desenvolvimento da teoria das pulsões entre 1905-1910, já os elementos principais da teoria representacional, estabelecidos nos anos 1890, foram rapidamente apresentados na introdução da presente tese. Fazemos contudo, uma breve recapitulação.

Em 1915 a primeira teoria das pulsões encontra-se consolidada: a pulsão é um conceito-limite entre o somático e o psíquico, partindo de uma *fonte* somática e exercendo uma *pressão* sobre o psiquismo na forma de seus representantes. Está regulada pelo princípio do prazer, que busca a redução dessa intensidade energética ao mínimo por meio da descarga em uma *ação específica*. Essa *meta* de descarga é

imperativa e a pulsão pode se utilizar dos mais diferentes *objetos* na realização dessa ação. A pulsão é extremamente dinâmica e maleável, passível de uma série de modulações de seus destinos, como vimos mais detalhadamente acima. As pulsões são de duas naturezas distintas: uma voltada para a realidade e para a auto-conservação, as *pulsões do ego* ou *pulsões de auto-conservação*, e outra ligada intimamente ao princípio do prazer, as *pulsões sexuais*. Essas pulsões são o substrato econômico da dinâmica psíquica e investem sistemas diferentes na tópica: as pulsões de auto-conservação partem do sistema pré-consciente/consciente e as pulsões sexuais investem o inconsciente.

Quanto à teoria da representação, temos que a descoberta fundamental de Freud foi a separação entre representação e afeto por meio do recalque. Assim, a teoria da representação nasce intimamente ligada com a concepção de defesa. Nos anos 1890, Freud define os diferentes tipos de *representação psíquica*: as representações *ideativas* e os *afetos*. Enquanto as representações ideativas seriam da natureza de traços mnêmicos, ou seja, resíduos representacionais das percepções e, portanto, meramente cognitivas, os afetos seriam caracterizados por serem a expressão de uma intensidade energética na forma de descargas motoras e de uma certa qualidade psíquica. As representações ideativas, embora necessitassem do investimento de uma intensidade energética para dinamizarem o aparelho psíquico, não tinham essa propriedade de afetação típica das emoções.

Dentre as representações ideativas, Freud distinguiu uma referente à função imaginativa e outra à função de significação ou de pensamento verbal. Cada uma delas seria um complexo de impressões sensoriais específico, formado pelos traços elementares do objeto ou da palavra. Em 1915, Freud denominará esses complexos associativos de representação de *coisa* e de *palavra*, respectivamente. A união dessas duas representações, por sua vez, formaria a representação completa do *objeto*, como um objeto simultaneamente da imaginação e do pensamento.

Já os *afetos* são, desde o começo, fenômenos de difícil conceituação. Eles possuem uma intensidade psíquica e corporal própria, mas veiculam, também, sentidos. Portanto, possuem tanto a propriedade de uma energia livre buscando descarga quanto o potencial de significação das representações ideativas. Assim, não fica claro se o afeto tem uma estrutura representacional própria ou se é a mera expressão de uma intensidade não ligada a representações no aparelho psíquico.

Contudo, Freud não está preocupado em descrever uma teoria geral dos afetos ou das emoções, mas em compreender um fenômeno afetivo de importância especial para a clínica: a *angústia*. A angústia pode ser caracterizada como a expressão afetiva mais elementar, pois se aproxima muito de uma pura descarga motora sem representação ideativa associada. Ela é de importância clínica porque é justamente aquilo que aparece como resíduo dos processos defensivos neuróticos que Freud descobriu. Daí surge o conceito de uma angústia propriamente neurótica, que seria o processo afetivo produzido pelo deslocamento e condensação de investimentos libidinais inconscientes sobre as representações ideativas da consciência. Nessa concepção inicial, a angústia aparece, portanto, como efeito do processo defensivo e sinal perceptível de um processo inconsciente em curso.

Essas são as linhas gerais sobre a teoria das pulsões e da representação na metapsicologia. Veremos, contudo, que à medida que aprofundarmos nossa discussão cada uma das afirmações acima se mostrará sujeita a uma série de questionamentos e ambigüidades. Iremos trabalhar agora esses meandros, sem perder de vista que este tópico tem como eixo central a relação entre a angústia e o recalque.

Em seu clássico trabalho sobre a teoria dos afetos, André Green (1982, p. 25) faz um breve e rigoroso recenseamento das concepções de afeto e angústia, discriminando três períodos distintos na obra freudiana:

1. **1893-1900:** Dos estudos sobre a histeria até a interpretação dos sonhos;
2. **1900-1915:** Da interpretação dos sonhos até a metapsicologia;
3. **1915-1939:** Da metapsicologia até o fim da obra.

O primeiro período, embora rico em indicações para trabalho posterior, centra-se fundamentalmente na oposição entre a representação ideativa e a quantidade (ou *quota*) de afeto. A quota de afeto seria um excedente energético desligado de sua representação original, que se tornara inconsciente, devendo ser religada por meio do processo analítico. Da análise desse primeiro modelo, Freud retirará mecanismos específicos para diferentes patologias, descrevendo diversos destinos e transformações para o afeto mediante o recalque. Assim, o mecanismo fundamental da transformação dos afetos e sua relação com o processo defensivo é definido em linhas gerais já nesse primeiro período.

O segundo período prossegue com a complexificação dessa teoria. Freud inicia seu artigo sobre o recalque (FREUD, 1915b/1996; 1915b/2004) tentando

relacioná-lo às vicissitudes da pulsão que descrevera. Afirma que o recalque não seria uma defesa presente desde o início, pois só poderia ser posterior à cisão entre as instâncias psíquicas, e que a tarefa defensiva anteriormente deveria ser levada a cargo por outros destinos da pulsão mais primitivos. Prossegue, então, diferenciando entre dois tempos do recalque: o recalque *primário* e o recalque *secundário* ou propriamente dito.

Essa é uma distinção importante e absolutamente nova no pensamento freudiano. O que diferenciaria essas duas modalidades é que o primeiro tempo seria constitutivo, pois consistiria na negação de entrada no consciente do representante psíquico ideacional das pulsões, estabelecendo aí um ponto de fixação. Já o segundo tempo seria uma pressão posterior de idéias que entrassem em associação com esse complexo representacional primário por meio de um duplo mecanismo: o contra-investimento do consciente e o investimento do núcleo inconsciente. Assim, além de uma distinção temporal, há uma distinção dinâmica entre o recalque primário e o recalque propriamente dito. O recalque primário seria constitutivo dos núcleos fantasísticos do inconsciente e exerceria uma pressão constante à consciência, mantendo-se a defesa por meio do contra-investimento constante desta instância.

Um terceiro momento do recalque seria quando esses contra-investimentos conscientes são suplantados por representações substitutivas dos desejos inconscientes, criando formações de compromisso entre o inconsciente e a defesa por meio de sintomas. Tem-se aí, portanto, a definição de uma dinâmica que será fundamental para toda a psicanálise, a idéia do recalque em três tempos: recalque primário, recalque secundário e retorno do recalcado. O que nos interessa nessa discussão são duas coisas: (1) a dinâmica representacional do recalque; (2) a constituição do recalque primário.

Quanto ao primeiro ponto, Freud nos apresenta as linhas gerais da teoria representacional. O recalque incidiria sobre o representante ideativo investido por libido ou por interesse, levando-o a desaparecer do sistema consciente. O afeto ligado a essa representação ideativa, entendido fundamentalmente como um fator quantitativo, sofreria três destinos possíveis: (1) o impulso é completamente suprimido ou anulado, (2) o impulso é deslocado para outro complexo ideativo e se expressa por meio de um afeto qualitativamente distinto, (3) o impulso se transforma em energia livre e se expressa na forma de angústia.

Depois da apresentação geral do mecanismo do recalque, Freud prossegue examinando sua dinâmica em diferentes patologias, procurando marcar que os substitutos formados (conversões, fobias, rituais, formações reativas, etc.) não se confundem com o processo do recalque em si, sendo diferentes formas do retorno do recalcado.

Esses são os pontos principais trabalhados nesse artigo que, na verdade, constitui um texto muito breve e sintético sobre o processo do recalque e que prepara para uma discussão mais aprofundada no texto sobre o inconsciente. O que nos cabe comentar desse texto é um fato curioso e essencial que Freud em geral despreza. Embora o recalque incida sobre a representação ideativa, sua função é evitar o desprazer na consciência, ou seja, a liberação de energia. Dessa forma, o destino do afeto seria o fator realmente importante de toda defesa psíquica, embora o que se observe é que em geral os processos defensivos tem como resultado a produção de angústia. Este é o paradoxo do recalque: “o recalque opera para impedir o aparecimento do desprazer, mas o próprio desprazer é o efeito do recalque” (GREEN, 1982, p. 50).

Já o artigo sobre o inconsciente (FREUD, 1915c/1996; 1915c/2006) começa pela justificação e definição do que seria propriamente o inconsciente do ponto de vista da Psicanálise, que estaria em relação com aquilo que Freud veio descrever como o processo do recalque. Em seguida, descreve as três instâncias psíquicas e a censura, marcando a distinção fundamental entre os processos do *Ics.* e os do *Pcs.* e *Cs.*. Na consideração dessa descrição tópica dos processos psíquicos, Freud chega a uma questão bastante importante sobre a teoria da representação. Trata-se de saber o que ocorre em termos de registros na passagem de uma idéia inconsciente para o pré-consciente/consciente e vice-versa. Em outras palavras, se uma idéia inconsciente ao se tornar consciente ganha uma nova inscrição mnêmica ou apenas tem uma mudança de estatuto dinâmico em seus investimentos. A primeira hipótese pode ser entendida como tópica ou topográfica, enquanto a segunda seria de caráter mais funcional.

Essa primeira hipótese é reconhecida por Freud como mais fácil de manejar, pois estaria em consonância com a distinção topográfica entre processos conscientes e inconscientes, mas também seria mais grosseira, enquanto a segunda, embora mais provável, seria mais difícil de manipular. Depois de elencar exemplos igualmente

plausíveis para as duas hipóteses, o autor deixa a discussão em suspenso, sem conseguir chegar a uma conclusão.

Na secção seguinte, Freud se propõe a examinar o problema dos afetos, retomando a discussão sobre os destinos do afeto em função do recalque, apresentado no artigo anterior. Freud se preocupa em fazer a clara distinção entre os níveis pulsional e representacional de sua teoria, lembrando que a pulsão somente se faz representar na consciência por meio de seus representantes, não sendo jamais ela mesma objeto da consciência (FREUD, 1915c/1996, p. 182; 1915c/2006, p. 28).

Em seguida trata da questão das emoções e afetos inconscientes. O problema aqui está em que uma representação ideativa pode ser passível de submissão ao inconsciente, mas o mesmo, a rigor, não poderia ser dito dos afetos. Isso se dá porque segundo a concepção freudiana os afetos são fundamentalmente sensações de descargas motoras e, portanto, não poderiam ser “inconscientes”, ou seja, não poderiam subsistir como estruturas representacionais no inconsciente. Por isso que o afeto, do ponto de vista metapsicológico, só pode ter aqueles três destinos (supressão, deslocamento ou transformação em angústia) descritos. Assim, Freud afirma que o afeto pode, no máximo, ser *suprimido* ou *reprimido*¹⁹ de se desenvolver em função de uma operação de recalque. Quando se fala em afeto “inconsciente”, portanto, trata-se da ligação ideativa original do afeto que foi perdida e não que o afeto não esteja presente para a consciência.

A passagem do texto é bastante elucidativa:

Assim, não se pode negar que o emprego das expressões em causa é coerente, embora, em comparação com idéias inconscientes se verifique a importante diferença de que, após a repressão [recalque], idéias inconscientes continuam a existir como estruturas reais no sistema *Ics.*, ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é um início potencial impedido de se desenvolver. A rigor, então, e ainda que não se possa criticar o uso lingüístico, não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes. Pode, porém, muito bem haver estruturas afetivas no sistema *Ics.*, que, como outras, se tornam conscientes. A diferença toda decorre do fato de que idéias são

¹⁹ Convém marcar aqui algumas distinções conceituais e terminológicas essenciais. A operação defensiva de caráter inconsciente que incide sobre as representações ideativas transpondo-as para o inconsciente é o *recalque* (*Verdrängung*). Já a operação defensiva de caráter consciente sobre as representações ideativas ou a operação de supressão de um afeto da consciência é conhecida como *repressão* (*Unterdrückung*). A *negação* (*Verneinung*), por sua vez, diz respeito à admissão de um desejo recalcado na consciência por meio de sua negação. Já a *recusa* (*Verleugnung*) consiste na operação defensiva em que o sujeito rejeita o reconhecimento da realidade de uma percepção. Este último mecanismo será apontado por Freud como característico de perversões e psicoses, sem, no entanto, discriminar melhor suas operações. Caberá a Lacan resgatar um outro termo (*Verwerfung*), de uso impreciso por parte de Freud, para definir um mecanismo de defesa próprio das psicoses, a *forclusão* (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998).

catexias [investimentos] – basicamente de traços de memória –, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos. No presente estado de nosso conhecimento a respeito dos afetos e das emoções, não podemos exprimir essa diferença mais claramente. (FREUD, 1915c/1996, p. 183)

Portanto, não se pode negar a coerência das expressões acima citadas, mas, em comparação com a idéia inconsciente, há uma diferença significativa: a idéia inconsciente continua existindo como formação real no sistema *Ics*. após o recalque, enquanto no mesmo local, em vez do afeto inconsciente, há apenas um ponto de ancoragem potencial que não pôde desenvolver-se. Apesar de o uso lingüístico permanecer imaculado, em rigor não existem, portanto, afetos inconscientes tal como existem idéias inconscientes. Mas no mesmo sistema *Cs*. Pode, sim haver formações de afeto que venham se tornar conscientes tal como ocorre com outros tipos de formação que conhecemos. Toda a diferença origina-se no fato de que idéias consistem em cargas investidas – basicamente de traços de lembranças – ao passo que os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga cujas manifestações finais são percebidas como sensações. Levando em conta o que hoje sabemos dos afetos e sentimentos, não temos modo mais claro de descrever essa diferença. (FREUD, 1915c/2006, p. 30)

O que chama a atenção nessa citação é que Freud se refere não só ao afeto, mas também a termos como emoções, sentimentos e sensações, o que mostra que ele está se esforçando para falar das experiências afetivas de uma forma geral e não apenas os afetos mais pontuais e da angústia. Além disso, ele aprofunda a distinção entre os destinos da representação ideativa e do afeto, chegando a essa afirmação categórica que não há afetos no sistema inconsciente, embora as representações ideativas lá presentes possam influenciar o desenvolvimento de afetos na consciência. É nessa passagem que aparece a enigmática afirmação de que poderia haver também afetos inconscientes, mas a tradução mais recente deixa claro que esses afetos seriam inconscientes apenas no sentido descritivo e não no dinâmico. De qualquer forma, nota-se que Freud se esforça para mostrar que a representação ideativa e o afeto estão vinculados a sistemas diferentes, o primeiro da memória e o segundo da consciência perceptiva. Além disso, o fator quantitativo dessas duas representações opera de forma distinta, pois na representação ideativa o fator quantitativo é redutível a ligações associativas e é governável, enquanto no afeto ele aparece de forma ingovernável e rebelde, buscando involuntariamente a descarga.

O exemplo mais claro desse afeto rebelde é a angústia, que é então pontuada por Freud como um produto direto do desenvolvimento do afeto a partir do sistema *Ics*. Isso quer dizer que, de uma consideração geral dos afetos, Freud recorta uma teoria específica que articula angústia e recalque: a angústia é expressão afetiva de um resto libidinal que se originou na operação da defesa. Essa é a concepção própria

da angústia no período em que estamos examinando, que ficou conhecida como *primeira* teoria freudiana da angústia.

Embora a distinção geral entre *primeira* teoria da angústia, formulada na primeira tópica e que toma a angústia como produto da defesa, e *segunda* teoria da angústia, formulada na segunda tópica e que toma a angústia como mobilizadora do processo defensivo, seja bastante comum na compreensão da metapsicologia freudiana, ela é por demais simplista e dicotômica. Se tomarmos novamente a esquematização proposta por Green (1982, p. 73), veremos que existem três períodos essenciais nas concepções sobre angústia:

1. **1893-1895:** em torno da neurose de angústia e de suas relações com a vida sexual.
2. **1909-1917:** focado nas relações entre angústia e libido recalcada;
3. **1926-1932:** centrado nas relações da angústia com o aparelho psíquico.

O primeiro período, tratou fundamentalmente da relação da produção da angústia com a excitação somática, sendo que somente no segundo período Freud irá se ater especificamente à relação da angústia com a libido recalcada. A essência da discussão está no conflito psíquico e nas relações entre representação ideativa e afeto, em especial para o destino e a transformação dos afetos, como pudemos observar acima no texto sobre o inconsciente.

Outro autor que nos ajuda a compreender os meandros dessa teoria da angústia em Freud é Laplanche (1998). Em primeiro lugar, ajuda a entender que embora sejam entidades com características estruturais distintas, do ponto de vista econômico as representações ideativas e os afetos consistem em níveis de ligação energética progressivos. Nessa perspectiva, a angústia consiste no nível mais baixo de ligação e elaboração psíquica, uma verdadeira desorganização dos processos psíquicos ao seu mínimo denominador comum (LAPLANCHE, 1998, p. 31).

Figura 1: Economia da elaboração psíquica dos afetos.

Essa indicação é importante e possibilita pensar uma articulação das diferentes modalidades de representação pulsional em termos de intensidade de ligação energética. Esse recurso iria de encontro com um esquema antigo proposto por Freud dos diferentes níveis de representação psíquica: excitação – registro perceptivo – representações de coisa – representações de palavra (LAPLANCHE, 1998, p. 37).²⁰

Figura 2: Economia da elaboração psíquica dos representantes ideativos.

Quanto à esquematização da teoria da angústia, Laplanche propõe uma classificação próxima à de Green. Distingue entre duas teorias principais, sendo que a primeira delas seria subdividida em duas. Assim, teríamos uma primeira teoria de caráter *econômico* sobre a angústia que se preocuparia em descrevê-la tanto em uma dimensão *fisiológica* quanto em outra *psíquica* da dinâmica da libido. Já a segunda teoria, consolidada em 1926, seria uma teoria mais *funcional*, em que a ênfase recai sobre a articulação dos diversos modos da angústia com a estrutura do aparelho psíquico, ou seja, em sua relação com o ego e as demais instâncias psíquicas. Nesse aspecto, é uma teoria mais funcional, mais histórica e simbólica sobre a angústia, além de ser também muito mais objetivista, o que acabará por ser uma limitação, como veremos adiante.²¹

O seguimento do texto de Freud sobre o inconsciente, contudo, não avança muito mais do que isso na definição da teoria da angústia. Será preciso consultar a vigésima quinta conferência introdutória sobre Psicanálise (FREUD, 1917b/1996) para poder aprofundar a compreensão da teoria da angústia nesse período da metapsicologia.

Naquela conferência, Freud retoma sua teoria da angústia pelo eixo norteador da comparação do recalque com as situações de perigo, propondo uma oposição fundamental na compreensão desse processo. Distinguirá então entre a angústia

²⁰ Trata-se do esquema da *Carta 52* sobre o recalque como uma falha de tradução entre níveis de representação, que será muito útil para o próprio Laplanche na construção de sua teoria da sedução generalizada. Esse texto de Freud foi discutido por mim em trabalho anterior (CAMPOS, 2004).

²¹ Retomarei a discussão sobre a angústia no capítulo 6 desta tese.

diante de um perigo real, produzida por uma reação a um perigo real ao ego, e a angústia neurótica, resultado da operação do mecanismo de defesa.

Freud recorrerá ao dualismo pulsional para tentar fundamentar essa distinção. A angústia diante de um perigo real consiste em uma preparação para o perigo, sendo resultante da dinâmica das pulsões de auto-conservação. Já a angústia neurótica é caracterizada por não ter relação com as exigências da realidade mas, pelo contrário, se mostrar altamente móvel e flutuante, apesar de poder se circunscrever a algum objeto específico que, contudo, não represente uma ameaça racional. Essa angústia, por sua vez, decorre da dinâmica de pulsões sexuais sobre o ego. O autor chega, inclusive, a concluir que a preparação para o perigo e as emoções correlatas, como o medo²², seriam aspectos pertinentes aos processos das pulsões de auto-conservação, mas que a angústia seria um produto exclusivo da dinâmica das pulsões sexuais, uma vez que a angústia por si só não teria utilidade alguma contra o perigo.

Vê-se, portanto, que Freud tenta distinguir entre um campo da relação do ego com a realidade, que seria dominado pelas pulsões de auto-conservação, e um campo de uma série de expressões irracionais de angústia que eram fruto da dinâmica das pulsões sexuais e designavam diferentes arranjos afetivos de cunho patológico. Nesse segundo campo ele distingue entre a angústia flutuante, em que a totalidade do ego é tomada pelo afeto, e as angústias circunscritas, em que está em ação um mecanismo de defesa do ego específico. A angústia flutuante consiste naquilo que Freud vinha afirmando desde o primeiro momento da teoria da angústia: a falta de elaboração psíquica com a transformação da quantidade em qualidade. Já a angústia circunscrita remete aos sintomas observados nas neuroses e liga-se a um mecanismo de simbolização em que os sintomas aparecem como defesas contra o desprazer.

Dessa forma, o que se observa é uma complexificação crescente da teoria da angústia, em que, nesse momento, são ressaltadas as relações da produção da angústia com o recalque:

O progresso realizado no decorrer desse segundo período da teoria da angústia é considerável. A oposição entre as duas formas de angústia recebe explicações metapsicológicas mais satisfatórias. Se, por um lado, pouca coisa é acrescentada à concepção

²² Tanto nesta conferência quanto no texto de 1926, Freud irá se ater a distinções terminológicas e conceituais sobre o afeto da angústia. Em especial procura discriminar a *angústia* (*Angst*) de um *medo* objetivo (*Furcht*) e de um *susto* (*Schreck*), no qual o ego é pego desprevenido. Essas distinções se mostram um tanto problemáticas (HANNS, 1996), mas não afetam o essencial do que pretendo discutir.

de angústia tal como aparece nas neuroses atuais, por outro lado, foi realizado um progresso no que concerne à concepção da angústia nas psicose. Resta a ser elucidado um certo número de pontos quanto à natureza do perigo a temer que não é o mesmo nas diferentes etapas do desenvolvimento. Pode-se dizer, além disso, que a teoria da angústia permanece, ainda aqui, mais econômica do que simbólica. A angústia aparece aqui como consequência e não, como Freud sustentará mais tarde, como causa do recalque. A articulação entre as duas formas de angústia ainda está por vir. (GREEN, 1982, p. 78-79)

A *Conferência XXV* é um texto interessante de análise dessa problemática em Freud porque constitui um ponto intermediário entre as duas teorias da angústia, no qual encontramos o auge das considerações econômicas e as primeiras distinções que fundamentarão a segunda teoria, como a noção de ego e o modelo de preparação para o perigo.

Voltemos agora ao texto de Freud sobre o inconsciente. Na seção IV, o autor irá retomar a descrição metapsicológica do mecanismo do recalque. Sua ênfase agora é na dinâmica de investimentos, ressaltando que o recalque secundário consiste em uma dinâmica na qual a retirada do investimento pré-consciente é suplementada por um investimento inconsciente, enquanto no recalque primário não poderia haver uma retirada do investimento pré-consciente, pois a representação ideativa não se encontrava nesse sistema, e nem um investimento do inconsciente, pois esse, a rigor não existia. Dessa forma, o único mecanismo em jogo no recalque primário seria o contra-investimento do pré-consciente/consciente. A partir desse esclarecimento, o autor irá retomar o exame da dinâmica do recalque nas neuroses de transferência e definir os três aspectos característicos de uma descrição metapsicológica dos processos psíquicos: *dinâmico*, *topográfico* e *econômico* (FREUD, 1915c/1996, p. 186; 1915c/2006, p. 33).

Prosseguindo em sua sistematização, Freud irá definir as características especiais do sistema inconsciente, retomando os conceitos que haviam sido desenvolvidos no texto sobre os sonhos e no texto sobre os dois princípios do funcionamento mental. Assim, define que o núcleo do inconsciente consiste em representantes psíquicos investidos que buscam a satisfação de desejo segundo o princípio do prazer. Descreve suas características dinâmicas gerais, que irão compor o chamado *processo primário*: ausência de contradição, energia livre, mecanismos de condensação e deslocamento, intemporalidade e preponderância da realidade psíquica. Em oposição ao inconsciente haveria o sistema pré-consciente/consciente, no qual as representações investidas estariam submetidas a um *processo secundário*,

que teria as características do psiquismo tradicional (princípios lógicos e racionais, atenção psíquica, teste de realidade, etc.) e estaria orientado pelo princípio da realidade. Seu conteúdo seria formado tanto por derivados pulsionais quanto da percepção. Retoma então a concepção fundamental da *fantasia* como um derivado do inconsciente provido das qualidades representacionais e estruturais do sistema pré-consciente/consciente, embora se situe de fato no sistema inconsciente, para descrever a dinâmica de representações e investimentos entre os diferentes sistemas.

Curiosamente, Freud prossegue sem fazer uma apresentação metapsicológica sistemática do sistema inconsciente e da totalidade do aparelho psíquico. Embora traga aqui e ali alguns aspectos referentes à dinâmica do sistema, como a operação das censuras e o jogo de investimentos entre os sistemas, em geral eles são discutidos por meio de sua expressão nas diversas psicopatologias. O leitor desavisado precisa recorrer ao *Apêndice C* para uma apresentação mais sistemática dos conceitos de representação de coisa e representação de palavra. O mesmo pode ser dito dos diversos sistemas do aparelho psíquico. Considerando que o modelo topográfico havia sido apresentado quinze anos antes, uma recapitulação seria muito bem vinda.

Fiz um pouco desse resgate no começo dessa secção, agora é o momento de integrar os elementos da teoria da representação com o aparelho psíquico da primeira tópica.

Da teoria da representação aprendemos que a pulsão se faz representar no aparelho psíquico, por meio de três representantes: a representação de coisa, a representação de palavra e o afeto. Um jeito sistemático de apresentar esse núcleo fundamental é por meio do diagrama proposto por Green (1990, p. 42):

Figura 3: Matriz fundamental da representação psíquica.

O que Freud traz de novidade no artigo sobre o inconsciente é o esclarecimento quanto à localização tópica desses diversos registros e a dinâmica

pulsional e defensiva envolvida. Como já vimos, caracterizou o processo de recalque quanto aos elementos ideativos e afetivos, ressaltando que o afeto não pode permanecer enquanto sensação fora da consciência. Mais adiante, já no final do artigo (FREUD, 1915c/1996, p. 205-207; FREUD, 1915c/2006, p. 49-51), ele faz uma segunda distinção fundamental: coloca que as representações de coisa são registros característicos do sistema inconsciente, enquanto o sistema pré-consciente/consciente teria como diferencial o funcionamento a partir das representações de palavra. Isso quer dizer que o pensamento racional seria função de uma submissão à linguagem, de tal forma que a complexidade dos processos pré-conscientes/conscientes seria função dessa articulação entre o registro puramente imagético e as estruturas de significação, que formaria então as representações de objeto.

Com esses elementos ficamos possibilitados de traçar um esquema geral do aparelho psíquico que articule tópica, dinâmica e economicamente o trânsito representantes psíquicos. Novamente é a Green (1990, p. 41) que recorremos:

Figura 4: Integração do modelo topográfico com a teoria da representação.

Como se pode observar, temos a articulação do circuito pulsional com as modalidades representacionais e os sistemas psíquicos. O que falta aqui é discriminar os papéis das pulsões de auto-conservação e sexuais nessa dinâmica. A princípio tem-se que as pulsões sexuais seriam responsáveis pelo investimento nas representações inconscientes, enquanto as pulsões de auto-conservação seriam responsáveis pelo contra-investimento nas representações pré-

conscientes/conscientes. Essa esquematização, contudo, é bastante primária, pois considera apenas um recorte da estrutura atual do funcionamento psíquico, desconsiderando as dinâmicas pulsionais na estruturação desse mesmo aparelho. Em outras palavras, se tomarmos a questão a partir da gênese do aparelho, as coisas se mostram bem mais complicadas, ainda mais se levarmos em consideração toda a questão da constituição do ego por meio do investimento das pulsões sexuais, o que é cuidadosamente deixado de lado por Freud nessa discussão sobre o inconsciente.

De qualquer forma, podemos retomar o modelo topográfico em sua enunciação original, que descreve o aparelho psíquico como um sistema energético seqüencial. Já nessa apresentação temos um problema, que é a concepção de uma consciência dividida em duas funções distintas: a *consciência-memória*, ligada aos registros representacionais dos objetos e das palavras, portanto; como função de pensamento; e a *consciência-percepção*, ligada às imagens atuais dos objetos da realidade, portanto, como função de atenção psíquica. Ora, fenomenologicamente a consciência não aparece assim para o sujeito, então deveria se pensar em outras possibilidades de articulação dessa estrutura. Além disso, a hipótese energética utilizada por Freud é elementar e incorreta, pois supõe que a mesma energia transite do pólo somático para o pólo psíquico. Tem-se, aí, o grande problema da articulação somatopsíquica, que, como vimos, envolve o próprio conceito de pulsão.

Esses pontos problemáticos do modelo topográfico foram observados por Garcia-Roza (2002, p. 165) e, principalmente, por Laplanche (1998, p. 168-171), que chega a uma solução bastante elegante tanto do problema da consciência bipartida quanto da articulação somatopsíquica. Trata-se de pensar o aparelho psíquico como um sistema circular com um ponto único de articulação com a fonte somática. Esse modelo, que será a base para o constructo posteriormente conhecido como a “tina” (LAPLANCHE, 1993), parte da idéia que o aparelho psíquico poderia ser representado como a secção transversal de um cilindro a partir do “enrolamento” do modelo linear original. O ponto de articulação entre as duas extremidades corresponderia, então, ao pólo unificado da consciência que, também, seria o ponto de articulação entre dois circuitos distintos: o circuito somático e o circuito psíquico. Fica então mais clara a idéia de que os impulsos somáticos tangenciam o aparelho psíquico, mantendo com ele relações de troca e influência energética recíprocas. Decorre dessa proposta também uma representação mais “orgânica” do aparelho

psíquico, compreendido como um espaço delimitado em oposição aos impulsos somáticos e externos. Isso certamente proporciona uma aproximação do modelo topográfico das metáforas sobre um organismo protoplasmático primordial que serão a base não só para a compreensão do investimento e constituição narcísica do ego quanto para entender a defesa do aparelho psíquico contra o traumatismo da pulsão de morte.

Figura 5: A “tina” e o fechamento do aparelho psíquico.

Embora esses subterfúgios tragam um pouco mais de clareza ao modelo topográfico, algumas questões fundamentais permanecem. A principal delas diz respeito justamente a como esse aparelho se constitui. Ao examinar a hipótese representacional à luz das diferentes patologias, Freud chega à conclusão de que haveria diferenças fundamentais no regime das representações psíquicas nas neuroses e nas psicoses. Se nas neuroses as relações com os objetos externos não são perdidas, nas psicoses haveria um refluxo da libido sobre o ego. Se nas neuroses o recalque levaria a uma transposição de certas representações para outro regime de funcionamento, o inconsciente, nas psicoses as representações de palavra encontram-se predominantemente investidas como uma forma de reconstrução de um sistema de representações de objeto que fora, de alguma forma, perdido (FREUD, 1915a/1996, p. 205-209; 1915a/2006, p. 48-51).

Essa é a origem da intrigante afirmação de que na psicose as representações de palavra funcionam como representações de coisa ou de que o inconsciente, nesses casos, encontra-se a céu aberto. O problema aí é que embora essa afirmação seja facilmente compreensível do ponto de vista descritivo, não é nada fácil compreendê-la metapsicologicamente. Freud também não se aventura, no momento, a falar dessa espécie de abolição do mundo de representações de objeto, conseguindo, no máximo,

retornar à discussão das duas hipóteses sobre os registros representacionais para afirmar que o recalque nega a tradução da representação de objeto em representação de palavra, impedindo o investimento consciente dessa.

Na minha interpretação, as coisas se tornaram obscuras nesse ponto da sistematização freudiana justamente por faltarem recursos para compreender a gênese do ego, o que só será efetivamente possibilitado com o desenvolvimento de uma teoria das identificações. Essa dificuldade aparece não só na distinção psicopatológica, mas na própria idéia de uma gênese do inconsciente por meio do recalque primário. Ora, é curioso notar que depois de dois artigos de síntese Freud não tenha avançado nem um pouco na questão das origens do recalque. Na verdade, essa é uma questão que permanece em aberto, principalmente depois que o único recurso teórico que ancorava essa construção na metapsicologia freudiana foi amplamente desconsiderado pela Psicanálise contemporânea: as fantasias originárias como pré-inscrições representacionais constitutivas da espécie humana e adquiridas ao longo do seu processo evolutivo.

Posteriormente voltaremos a essa discussão, pois é somente no final da obra freudiana que algumas indicações preciosas sobre essa questão irão aparecer. Por enquanto, para permanecer na análise dos artigos de metapsicologia, gostaria apenas de esclarecer alguns aspectos no que diz respeito à hipótese da dupla inscrição e sua incidência sobre o recalque primário. Digo isto porque Freud não se preocupa em discriminar o mecanismo do recalque primário para além de sua descrição dinâmica em termos de investimentos dos sistemas, quando seria interessante notar que talvez os diferentes momentos do recalque envolvam diferentes modos de constituição e de organização dos registros representacionais. Laplanche é quem lança luz sobre a questão, afirmando que a hipótese funcional seria mais adequada para as operações de recalçamento, enquanto a teoria tópica seria mais adequada para as diferentes modalidades de retorno do recalcado:

Eu interpretaria antes as coisas da seguinte maneira: de fato, é com duas experiências diferentes que Freud se defronta quando formula esses dois tipos de explicação: por um lado, a experiência ou, pelo menos, a explicação do recalçamento (...) e, por outro, a experiência do retorno, do reconhecimento, da tomada de consciência do recalcado. É a propósito da primeira experiência, ou seja do recalçamento, que a chamada hipótese funcional é enunciada e parece ser a mais adequada; é para a segunda que a hipótese da ‘dupla inscrição’, ou seja, da teoria tópica, parece impor-se. (LAPLANCHE, 1992b, p. 60)

Além disso, prossegue Laplanche (1992b, p. 60), seria preciso marcar que o recalque primário fosse concebido como uma espécie de clivagem inicial que originaria a própria tópica, ou seja, a distinção entre os sistemas. Corresponderia, portanto, a uma primeira inscrição e fixação de representações no inconsciente, mantido por contra-investimentos e que constituiria um momento propriamente traumático.

Diante dessa exigência de demarcação de uma origem do inconsciente a partir de uma teoria representacional, algumas saídas se mostram possíveis.

Garcia-Roza (1999, p. 177) aponta para uma primeira *inscrição* representacional como origem do inconsciente. Resgatando o conceito de registro perceptivo como primeira mobilidade de inscrição energética, o autor insiste em uma primeira modalidade de inscrição e fixação da pulsão como constituinte do sistema inconsciente:

A inscrição do traço ou da representação num determinado sistema mnêmico corresponde à *fixação* da excitação nessa representação. Ao mesmo tempo em que é negada à representação seu acesso à consciência, estabelece-se a fixação dessa pulsão nessa representação. A partir de então a representação em questão passa a se comportar em relação às formações psíquicas posteriores “como se pertencesse ao sistema inconsciente”. Ou seja, a representação passa a se comportar como se fosse recalçada. (...) É neste ponto que entra em jogo o que ele denomina de *Urverdrängung*, esse recalque originário que vai fazer com que determinadas representações passem a se comportar *como se* fizessem parte do sistema inconsciente, isto é, passassem a se comportar como se fossem recalçadas e a exercer a atração necessária para o recalçamento propriamente dito. (GARCIA-ROZA, 1999, p. 180)

Embora a proposta de Garcia-Roza seja interessante, por atrelar o núcleo do inconsciente a uma forma primitiva de representação psíquica vinculada a uma experiência externa ao sujeito, no caso, a cena originária, a verdade é que o autor não avança muito em uma proposta própria para o recalque primário. Apesar de encontrar nas idéias de ligação da pulsão para constituição das representações e de registro perceptivo como forma primitiva de inscrição psíquica respaldo teórico interessante, a verdade é que acaba resvalando para uma explicação da verdadeira constituição do recalque pela operação *a posteriori* do simbólico sobre o imaginário, em uma certa apropriação do modelo lacaniano do inconsciente. Acaba por perder-se em uma discussão entre as posições de Laplanche e Lacan para, por fim, enunciar aquela que é sua tese fundamental sobre a origem do inconsciente: a noção de que a representação se funda sobre uma diferença essencial. Essa tese, de inspiração deleuziana, é mais radical do que a compreensão estruturalista da teoria da

significação, pois não remete às oposições diferenciais do sistema a origem das significações, mas insiste na idéia de uma diferença ontológica essencial. Não nos cabe percorrer os meandros dessa discussão, que já remete a outros referenciais epistemológicos e ontológicos em relação à metapsicologia freudiana. Basta ressaltar que Garcia-Roza faz uma apropriação bastante particular e apressada da teoria lacaniana do recalque²³ para enunciar sua própria saída epistemológica:

O essencial a se destacar na contribuição de Lacan e dos seus então discípulos é a idéia de que antes mesmo de se formar o inconsciente como um sistema psíquico, uma rede de oposições significantes opera a captura das representações elementares, criando uma primeira cadeia inconsciente – esta é a *inscrição*. Simultaneamente, dá-se também a captura da energia pulsional por essa trama de oposições significantes, de tal modo que se estabelece uma ligação da pulsão à representação – é a *fixação*. (GARCIA-ROZA, 1999, p. 195)

Uma outra saída para a origem do inconsciente é forjada por Laplanche, que tenta, a partir de sua *teoria da sedução generalizada*, dar conta dos mesmos problemas que temos trabalhado ao longo desse último tópico e que remetem diretamente às questões inconclusas do nosso tópico anterior sobre o desenvolvimento do ego. Essa hipótese é grandemente apoiada nos elementos da teoria da representação desse momento da metapsicologia, mas, também, articula outros elementos anteriores e posteriores, como a própria teoria da sedução e das pulsões. O importante, é marcar que essa discussão do recalque originário como primeiro modo de inscrição representacional e de constituição do inconsciente é um ponto importante da problemática que estou tecendo ao longo da obra freudiana. Portanto, iremos retomar a hipótese de Laplanche ao seu devido tempo.²⁴

O fato é que com aquelas últimas distinções sobre o regime das representações nos diversos sistemas acabam os elementos teórico-conceituais

²³ Acredito que uma apreciação verdadeira das origens do inconsciente em uma perspectiva lacaniana precisa, necessariamente, partir dos referenciais epistemológicos e ontológicos próprios dessa teoria, no caso a idéia de significante como elemento de um sistema de oposições diferenciais. A noção de representação psíquica, não custa insistir, não é semelhante à concepção do signo lingüístico. De qualquer forma, sabemos que o recalque originário em Lacan surge de uma metáfora essencial que é o deslocamento do significante fálico para o *nome-do-pai*, constituindo, por meio do terceiro tempo do Édipo, o inconsciente. Contudo, sabemos que essa tese propriamente estruturalista não é unívoca no pensamento lacaniano, pois no período posterior de primazia do *real*, ela será subsumida às concepções de *traço unário* e de *objeto a* como objeto-fonte da pulsão. É possível, portanto, pensarmos que Garcia-Roza esteja tentando remeter o traço unário a esse tipo de inscrição primordial, mas acredito que ao fazer isso sem as mediações necessárias nesse intercâmbio entre a metapsicologia freudiana e a lacaniana, acabe por prestar um desserviço na compreensão de ambos os autores e, mais ainda, para o leitor, que acaba tomando o pensamento de Lacan pelo de Freud sem se dar conta.

²⁴ Essa questão será retomada no capítulo 4 desta tese.

importantes do último artigo de metapsicologia e, também, da articulação entre angústia e recalque, que era o propósito deste tópico.

Um último comentário deve ser feito, contudo, com relação a outro dos artigos de metapsicologia, o que trata da reconsideração da teoria dos sonhos a partir daqueles avanços (FREUD, 1917d/1996, 1917d/2006). Como esse assunto particular não nos interessa, passarei diretamente para os aspectos concernentes à teoria da representação. O autor ali retomara a discussão sobre os processos representacionais por meio da discussão do trabalho do sonho e, em especial pelo seu caráter alucinatório. Como sabemos, a idéia fundamental presente aí é que o aparelho psíquico busca uma revivência alucinatória do desejo inconsciente. Portanto, quer seja pelo modelo do trabalho onírico, quer seja do ponto de vista da dinâmica própria das neuroses, o que se encontra é uma teoria da fantasia inconsciente como uma positividade que engendra a dinâmica do aparelho psíquico. Contudo, com a introdução da discussão sobre as psicoses, Freud é levado a considerar a relação entre a dinâmica alucinatória própria dos sonhos, que fora o paradigma para o aparelho psíquico até então, com as alucinações próprias dos processos psicóticos. Nessa consideração ele retomará os pontos que haviam sido discutidos no texto sobre o inconsciente, a saber, sobre o diferente papel que as representações de palavra ocupariam na dinâmica psíquica – comportando-se como substitutos de representações de objeto perdidas – e uma diferente posição quanto ao teste de realidade nas psicoses e acrescentará que na psicose alucinatória estaria em jogo um mecanismo regressivo distinto pois implicaria em um falseamento do teste de realidade. Disso decorrerá uma discussão mais pormenorizada sobre o teste de realidade como função do sistema percepção-consciência, o que introduz mais algumas discriminações importantes do ponto de vista da teoria do aparelho psíquico. No entanto, o que chama particularmente a atenção é uma afirmação que aparece de forma completamente marginal nas conclusões do artigo. Vejamos. Freud segue concluindo sua explicação provisória sobre a alucinação:

Por hora podemos presumir que a alucinação consiste numa catexia [investimento] do sistema *Cs.* (*Pcpt.*), a qual contudo, não se origina – como normalmente – do exterior, mas do interior, e que uma condição necessária para a ocorrência da alucinação é que a regressão seja levada longe o suficiente para alcançar esse próprio sistema, sendo, assim, capaz de passar pelo teste de realidade. (FREUD, 1917d/1996, p. 239)

Todavia, nada agora nos impede, para suprimirmos as necessidades mais imediatas de nossa discussão atual sobre a alucinação, se adotarmos uma suposição: a de que a alucinação consiste em um investimento do sistema *Cs (Pcpt)* que não nos atinge vindo de fora, como seria normal, mas a partir de dentro. Nesse caso, o pré-requisito da alucinação seria que a regressão vinda de dentro tenha logrado atingir diretamente o próprio sistema *Cs (Pcpt)* e conseguindo, assim, passar ao largo do teste de realidade. (FREUD, 1917d/2006, p. 87)

O que se observa nessa passagem é que Freud integra sua teoria alucinatória do sonho com a concepção mais geral do funcionamento do aparelho psíquico, explicitando melhor as diversas regressões envolvidas e o papel do sistema percepção-consciência como regulador do teste de realidade. Contudo, ao fim desse parágrafo, Freud acrescenta uma nota de rodapé muito importante, em que admite que o estudo das alucinações deveria partir, inicialmente, da alucinação *negativa*, e não da *positiva*. O autor, contudo, não desenvolve essa indicação, que tem o mérito de assinalar que na medida em que se toma o aparelho psíquico em uma perspectiva constitutiva, o problema da alucinação remete, em última instância, primeiramente aos mecanismos de recusa da realidade perceptiva, em vez de sua inscrição. Isso porque a psicose mostra, justamente, um rompimento com a realidade objetiva por meio de um processo defensivo análogo, porém distinto do recalque. Vê-se aí, indicações preciosas de um mecanismo constitutivo para além do recalque e para uma dimensão *negativa* do funcionamento representacional.

Veremos adiante os desdobramentos dessa questão.²⁵ Por enquanto, cabe ressaltar como se pode observar novamente um duplo movimento de síntese e abertura, ponto de ancoragem para desdobramentos importantes da teoria representacional na segunda tópica e na segunda teoria pulsional. Com isso encerro a proposta de analisar os textos fundamentais da síntese metapsicológica.

3.5 Amarrando os Fios

O propósito deste capítulo era fazer uma apresentação consistente dos elementos conceituais presentes no período dos chamados artigos de metapsicologia, que consistem em uma tentativa malograda de síntese teórica da psicanálise efetivada ao longo do ano de 1915.

²⁵ Conferir o capítulo 6 desta tese.

Para tanto, investigamos detalhadamente alguns textos fundamentais do período, discutindo os conceitos apresentados e retomados em função do desenvolvimento das idéias de Freud. O objetivo era duplo. Em primeiro lugar, apresentar a consolidação da teoria das pulsões e da representação na primeira síntese metapsicológica, mostrando suas derivações para uma teoria da angústia e sua ancoragem no modelo das defesas neuróticas por meio do recalque. Em segundo lugar, mostrar como o movimento de síntese engendrado por Freud depende de um enfoque sobre o aparelho psíquico já constituído, ou seja, passa por um desvio na elucidação das origens desse mesmo aparelho por meio de um conjunto de identificações.

Assim, pudemos ver, em um primeiro momento, a constituição da teoria das pulsões e sua articulação em um primeiro dualismo opondo pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais. A esse primeiro período de *conceituação das pulsões* (1905-1911), segue-se um aprofundamento sobre as origens do aparelho psíquico e as primeiras rupturas significativas com a própria teoria pulsional por meio da *introdução do narcisismo* (1911-1915). O narcisismo não só põe em xeque o dualismo pulsional como, também, traz a questão da gênese do ego para o primeiro plano da teoria psicanalítica. Embora traga avanços consistentes, essas aberturas se conciliam muito pouco com as sínteses que Freud pode engendrar no período da *emergência da metapsicologia* (1915-1920).

Desse percurso decorre minha observação sobre os textos fundamentais do último período, em que os artigos sobre as pulsões, recalque e inconsciente constituem a apresentação mais consistente da teoria freudiana até então, mas estão limitados por um texto anterior, de introdução ao narcisismo, e um posterior, de definição da identificação melancólica, em que a problemática da gênese do ego por identificação aparece como contraponto e exigência teórica. Mais do que uma oposição externa, pude mostrar também que essa dinâmica de exigências está presente no interior dos próprios textos, como pudemos ver tão claramente a respeito dos destinos pré-genitais das pulsões e da dificuldade de construção de uma teoria do recalque primário. Assim, simultaneamente aos movimentos de síntese, encontramos movimentos de abertura significativos que serão pontos de ancoragem imprescindíveis para as construções futuras.

Este capítulo, portanto, procura evidenciar o movimento próprio de construção do pensamento freudiano, que como pudemos notar, é marcado por reviravoltas e ambigüidades. Vamos deixar para o final, depois de mais três ensaios sobre esse movimento, uma afirmação mais categórica sobre esse pensamento. Por enquanto, gostaria apenas de ressaltar que, do ponto de vista do pensamento freudiano, a síntese metapsicológica ocorre a expensas de uma suspensão da problemática da gênese do aparelho psíquico por identificações e que caberá ao movimento do pensamento freudiano tentar desenvolver essa nova teoria para uma perspectiva temporal mais consistente de constituição da subjetividade.

Nesse ponto cabe retomar as conclusões de Mezan sobre esse período do pensamento de Freud, que apontam justamente para as exigências que estou defendendo:

A não ser os dois elementos que segundo nossa interpretação ainda não se encaixam no conjunto – a questão da identificação e a localização precisa do Complexo de Édipo (...), nada faria um leitor desprevenido esperar, a partir de 1920, uma reforma tão extensa do edifício laboriosamente construído nas três décadas precedentes (...). Iniciado sem alarde em *Além do Princípio do Prazer*, o experimento iria modificar de alto a baixo o aspecto da psicanálise, acarretando transformações profundas nos seus elementos essenciais. (MEZAN, 2001, p. 250)

Eu apenas acrescentaria que a questão da identificação é uma exigência que aparece mais claramente nesse período de síntese metapsicológica, enquanto a proposição do segundo dualismo pulsional depende de uma retomada de exigências precedentes que, inclusive, ficaram, naquele momento, deslocadas para um segundo plano.

No que diz respeito à teoria representacional na metapsicologia, que é o que nos interessa particularmente, posso concluir que nesse período de síntese metapsicológica se observam claramente dois movimentos.

O primeiro movimento decorre da própria complexificação da teoria representacional e sua articulação com a teoria das pulsões. Há limites internos a essa teoria que Freud termina de montar nos artigos de metapsicologia. Fora as questões sobre a articulação somatopsíquica e a compreensão constitutiva desses registros representacionais na tópica, a própria hipótese representacional é marcada por uma ambigüidade constitutiva: a separação entre afeto e representação ideativa. Esse limite é fundamental na teoria da representação freudiana: a dinâmica psíquica é

marcada sempre por um resto ou um resíduo da operação de significação, os afetos, cuja expressão mais característica é a angústia.

O segundo movimento diz respeito aos limites externos à teoria da representação, que se referem, nesse período, ao papel das representações na constituição do próprio aparelho psíquico, ou seja, por meio de que mecanismos as representações conseguem instaurar sistemas com leis próprias que passaram a determinar o próprio regime dinâmico das representações. A teoria do recalque primário mostra justamente o âmago dessa questão, mas o período traz uma série de hipóteses interessantes da constituição do aparelho por meio de identificações, quer seja da ordem de um narcisismo mais originário do ego, quer seja de mecanismos identificatórios de cunho mais secundário, como no caso da melancolia.

De qualquer forma, em geral a problemática do período aponta para uma ampliação dos limites representacionais em direção a uma teoria das identificações. Chamo isso do movimento do *além da representação*, que é marcada ainda por certo paradigma *positivo* na metapsicologia, no sentido da suposição de um ideal representacional controlando a lógica do sistema. Embora o conceito de pulsão, já em sua origem, aponte para certa transgressão desse ideal, o fato é que, até então ele se acomoda relativamente bem nesses limites, exceção feita ao problema do afeto, que, por isso mesmo, representa um verdadeiro calcanhar de Aquiles na metapsicologia freudiana. Fora isso, somente a afirmação completamente isolada de uma prioridade da alucinação negativa do objeto na constituição do psiquismo, parece apontar alguma abertura para um referencial de *negatividade* na metapsicologia.

Será preciso aguardar o retorno de uma outra problemática para avançar na integração dessas aberturas: as considerações sobre o *além* do princípio do prazer, que implicarão a chamada “virada dos anos vinte”.

4 A VIRADA E A SEGUNDA TEORIA PULSIONAL

4.1 Compreendendo a “Virada”

Quando Freud escreve *O Estranho* (1919/1996) está preocupado com o estranhamento produzido pela experiência estética e nas derivações que isso traz para a dinâmica do aparelho psíquico. Como sabemos, a conclusão desse artigo é que o estranho nada mais é do que o retorno do recalcado, daí sua singular característica de ser simultaneamente uma experiência de alteridade e de familiaridade, como bem mostra o jogo dos significantes *heimlich* e *unheimlich*.

O estranho não constitui uma alteridade externa, mas aquela íntima, que se desdobra e eclode na própria trama de representações do aparelho psíquico. A questão que se coloca, entretanto, é sobre a natureza dessa irrupção. Tudo leva a crer que é no campo do retorno do recalcado inconsciente que se dê a discussão, embora esta citação destoe do restante da argumentação, causando um efeito de estranheza no leitor: “todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho.” (FREUD, 1919/1996, p. 298)

Eis que a hipótese da compulsão à repetição emerge como estranheza dentro da própria trama de argumentos de *O Estranho*. Qual o sentido dessa interpolação? Considerando a ordem dos fatos, temos uma informação importante: esse texto foi escrito posteriormente, ou pelo menos simultaneamente, a *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920/1996; 1920/2006). Neste capítulo, pretendo desenvolver a discussão da chamada “virada” dos anos 1920 a partir da seguinte hipótese: *a pulsão de morte emerge como um elemento estranho na metapsicologia freudiana*. Quero dizer com isso que a introdução da pulsão de morte produziu um efeito de estranhamento no edifício da metapsicologia freudiana, marcando a assim chamada “virada” dos anos vinte como uma reviravolta, ou se preferirmos, um “retorno do recalcado”³⁸ da teoria. Nesse sentido, é indicativo que Freud tenha se ocupado do estranho simultaneamente ao problema da pulsão de morte. Sendo assim, podemos

³⁸ Essa licença de pensar um “inconsciente” produzido na e pela teoria psicanalítica me é facultada pela assunção dos referenciais metodológicos que guiam esta pesquisa, em especial a proposta de Laplanche, apresentada e discutida no segundo capítulo desta tese.

propor que aquele texto *não só* se ocupe da experiência estética e do retorno do recalcado, *mas em vez disso*, da tentativa de elaboração do impacto traumático da pulsão de morte nos alicerces da metapsicologia.

Continuidade ou Ruptura? Essa pergunta é o fio da meada da hipótese de Monzani (1989) sobre o movimento do pensamento freudiano. A resposta é: nem continuidade nem ruptura, mas um processo de retomada e elaboração constantes que delineia um movimento espiral e pendular nos desdobramentos da metapsicologia. Da mesma forma, Mezan (2001) insiste na idéia de que a “virada” seja entendida como um movimento reflexivo de retomada e rearticulação da trama conceitual da Psicanálise, caracterizando mais propriamente uma reviravolta no pensamento freudiano.

Dentre os elementos precursores da “virada” dos anos vinte, dois são essenciais: o problema da identificação na gênese do ego e o da tendência de descarga absoluta das pulsões. Os aspectos básicos desses dois problemas estão colocados desde o início das investigações freudianas e pode-se afirmar que são eixos centrais da problemática teórica da Psicanálise, tal como foi configurada inicialmente por Freud. Porém, no que diz respeito ao processo de elaboração desses eixos teóricos, o caminho é diferenciado.

O problema da descarga absoluta da excitação pulsional é trabalhado no início da investigação freudiana (FREUD, 1895/1995; 1895/1996), mas logo se torna um horizonte teórico da metapsicologia. Isso quer dizer que embora a ambigüidade entre um princípio de prazer que visa a descarga total da excitação e um princípio de constância que a mantenha no nível mais baixo possível esteja presente desde as origens da Psicanálise, a resolução encontrada por Freud ganha uma certa estabilidade dentro do horizonte teórico da primeira tópica.³⁹ A conclusão é que o princípio de prazer é uma tendência à descarga absoluta que nunca se completa devido as exigências de auto-conservação do organismo, o que leva à instauração do princípio de prazer como um princípio de constância. Dessa forma, o postulado essencial da metapsicologia é um *princípio de prazer relativo* às variações de intensidade pulsional dentro do aparelho psíquico.

³⁹A esse respeito, remeto o leitor a minha dissertação de mestrado, onde faço uma análise desses elementos iniciais na emergência da primeira tópica freudiana (CAMPOS, 2004). Minha hipótese naquele trabalho era de que a primeira tópica emerge ocultando os aspectos mais radicais do princípio do prazer que estão em jogo no trauma e na identificação, tal como podemos ver no tratamento que Freud dá às neuroses atuais e ao seu “projeto” de uma psicologia científica.

Essa solução se mostra satisfatória por dois motivos. Em primeiro lugar, pela própria natureza do conflito psíquico tematizado pela primeira tópica, que é o do jogo entre fantasias inconscientes e defesas pré-conscientes. É sobre o campo dos traços mnêmicos das representações mentais que a dinâmica das intensidades pulsionais se desenrola. Em segundo lugar, pela natureza da primeira teoria pulsional, em que as pulsões sexuais se desenvolvem por apoio nas pulsões de auto-conservação, mostrando a essas seu objeto. Essa hipótese de apoio, substanciada pela barreira do recalque, justifica afirmar que as próprias pulsões sexuais passem a ser regidas por um princípio de constância, ou, como prefiro, um *princípio de prazer relativo*.

Por esses motivos Monzani (1989) insiste na afirmação de que a pulsão de morte é uma *exigência* da construção teórica freudiana uma vez que assenta a idéia de prazer em postulados energéticos e, mais do que isso, em uma teleologia negativa. Assim, seria um horizonte conceitual que se configura junto com a circunscrição do campo teórico da metapsicologia e não é de se espantar que a problemática ganhe uma evidência e tratamento posterior:

Quando nos desembaraçamos dos “pré-juízos” que guiam um certo tipo de leitura; quando, por fim, reconhecemos que o prazer, no pensamento freudiano, não é solidário de uma ontologia da positividade, mas sim que ele é a forma mesma do negativo, ocorrendo isso desde o início e atravessando toda a obra; quando também constatamos que, ao invés de ser uma afirmação isolada e esporádica, é, ao contrário, uma tese constante – isto é, aquela que diz que nosso aparelho anímico e nervoso tem como tendência fundamental, básica e primária a evacuação total das tensões –, então, somos obrigados a concordar que essa atração mortal está reconhecida desde os primeiros textos de Freud, que ela domina todo o cenário e exprime a aspiração mais recôndita de todo ser vivo. (MONZANI, 1989, p. 219)

Se a aliança entre prazer e negatividade é o que circunscreve a problemática econômica da metapsicologia, podemos afirmar que essa exigência permanece como um horizonte teórico no primeiro modelo tópico e pulsional freudiano, por conta dos motivos acima. Contudo, não é pelo viés dos limites do princípio do prazer que são disparadas as reformulações do quadro geral do modelo topográfico de aparelho psíquico. O tema da descarga absoluta do prazer permanecerá como um parasita incubado na trama dos conceitos, aguardando o momento oportuno para emergir.

Como vimos no capítulo anterior, é a introdução do narcisismo e seus desdobramentos para a concepção da gênese do ego por identificação que evidenciam, primeiramente, os limites do modelo topográfico. Isso quer dizer que a partir do momento em que começa a ficar mais patente a idéia de uma constituição

do ego por meio do investimento da pulsão sexual via processo de identificação o modelo topográfico começa a mostrar seus limites.

A desestabilização da metapsicologia com a introdução do conceito de narcisismo é suficientemente conhecida para que nos detenhamos em todas as suas passagens. Gostaria de apontar apenas dois pontos essenciais.

O primeiro é a colocação em xeque do dualismo pulsional, evidenciando uma nova oposição dinâmica da libido – a do ego e a objetal – que, no entanto, parece não se sustentar em uma oposição econômica fundamental, uma vez que o próprio ego é fruto do investimento da pulsão sexual e, portanto, a oposição entre pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais não parece mais ser justificada. Esse ponto é o que tornará possível a reabertura do horizonte da negatividade essencial do princípio do prazer a partir da década de 1920.

O segundo ponto é a colocação em andamento da gênese de uma estrutura psíquica que transcende a concepção de representações psíquicas recalcadas buscando a satisfação e gerando formações do inconsciente. Alguns conjuntos de representações agora passam a configurar como parâmetros para a dinâmica psíquica, dando evidência ao pólo egóico do aparelho psíquico e revelando que o ego não se confunde com a dinâmica do sistema pré-consciente/consciente. Esse percurso, que se inicia com a descrição das instâncias ideais do ego e desemboca na concepção de uma nova instância psíquica, o superego, é responsável pela desmontagem da ordenação topográfica para uma ordenação mais complexa, pensada em termos de estruturas psíquicas.

Considerações como essas mostram a preponderância cada vez maior que os objetos de identificação encontrarão na metapsicologia a partir da “virada” dos anos 1920, em detrimento dos objetos de satisfação da pulsão, que constituíam a essência do modelo topográfico. Percebe-se, então, que a segunda tópica é marcada pela configuração de um espaço psíquico, daí a impressão de que ego, id e superego são entidades demonológicas debatendo-se em um mundo interno. Em outras palavras, parece-me que a passagem do modelo topográfico para o estrutural implica uma ampliação do aparelho psíquico de um modelo bidimensional para um tridimensional. *Instância*, portanto, configura um lugar psíquico, enquanto *sistema* diz respeito a uma modalidade de processamento ou organização de representações.

Com base nisso é que sustento a hipótese fundamental desta tese, a saber, que o segundo modelo tópico e pulsional da metapsicologia freudiana traz uma dupla limitação no que concerne à teoria da representação: por um lado, com a pulsão de morte, ela abre a dimensão do irrepresentável, daquilo que está aquém da representação; por outro, com a teoria das identificações, ela abre a dimensão dos objetos internos, daquilo que está além da representação. Iremos abordar todos os aspectos dessa hipótese ao longo deste e dos próximos capítulos. Neste momento, pretendo dar conta apenas da primeira parte do problema, a que diz respeito à pulsão de morte, indicando dentro dessa análise da pulsão os desdobramentos em direção da segunda parte do problema, que diz respeito aos objetos de identificação.

Para tanto, irei apresentar a constituição teórica da pulsão de morte na obra de Freud, que tem no texto sobre o além do princípio do prazer seu ponto fundamental e inicial (FREUD, 1920/1996; 1920/2006). Contudo, a elaboração da segunda teoria pulsional se consolida ao longo dos anos vinte, de forma que elaborações importantes aparecem ao longo de textos desse período, principalmente em *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924/1996; 1924/2007) e em *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 1929/1996). Irei percorrer esse percurso de construção da segunda teoria pulsional na companhia de alguns comentadores e, em seguida, discutirei os desdobramentos da teoria da pulsão de morte para a Psicanálise pós-freudiana, buscando alguns elementos que ajudem a integrar essa teoria com a problemática geral da teoria da representação e da metapsicologia freudiana.

4.2 Além do Princípio de Prazer

O texto de *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1920/1996; 1920/2006) consiste em um amplo resgate e aprofundamento dos postulados econômicos da metapsicologia freudiana. Por conta disso, ele se inicia discutindo e esclarecendo princípios básicos que nem sempre foram explicitados ao longo do desenvolvimento da teoria. Seu primeiro capítulo inteiro é dedicado ao exame do princípio do prazer e demais princípios do funcionamento mental, tal como vinha sendo trabalhado ao longo de décadas de produção teórica em Psicanálise. Embora tenha apresentado

brevemente os princípios econômicos fundamentais que regem o psiquismo no capítulo anterior, é interessante agora retomar essa discussão.

Mesmo considerando que tenha havido uma oscilação conceitual e terminológica ao longo da obra freudiana, o esquema metapsicológico geral parte da diferenciação entre três princípios: o de *prazer*, o de *constância* e o de *realidade*. O princípio de prazer consiste em um postulado energético geral no qual o aumento de excitação é vivido como desprazer, enquanto sua redução é responsável pela experiência de prazer. Partindo desse postulado, o princípio do prazer diz respeito a uma orientação geral do psiquismo de evitar a produção de desprazer e buscar a produção de prazer. Desse princípio decorre que o aparelho psíquico deveria buscar sempre a eliminação dos excessos energéticos o que, em última instância, implicaria um ideal de redução total da excitação no aparelho psíquico. Embora reconhecesse essa implicação lógica de seus postulados, Freud tendeu a assimilar o princípio do prazer à idéia de manutenção de uma constância energética no aparelho psíquico, ou seja, de uma descarga relativa e não absoluta das tensões. Esse seria uma primeira modificação do princípio do prazer, que foi, então, denominado de princípio de constância. Nessa perspectiva, princípio do prazer e princípio de constância constituiriam os princípios originários do funcionamento do aparelho psíquico, associados aos denominados processos primários e às pulsões sexuais.

Já o princípio da realidade envolveria um adiamento da satisfação em função das exigências do ambiente, consistindo em uma adaptação do regime energético às demandas da realidade objetiva. Seria, portanto, um desvio da satisfação e não, necessariamente, um impedimento a ela. Disso decorre que o princípio da realidade é uma modificação do princípio do prazer que busca salvaguardá-lo. Essa modificação seria uma aquisição posterior do psiquismo e teria sido promovida pelas pulsões de auto-conservação do ego. Esse seria o fundamento econômico da distinção entre pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais. Enquanto as primeiras iriam mais facilmente deixar a satisfação auto-erótica em busca de uma adaptação funcional ao ambiente, as pulsões sexuais só iriam encontrar seus objetos por meio do apoio nas funções de auto-conservação, sem contudo, abandonar o princípio do prazer. Essa seria a base para a estruturação de uma oposição topográfica na constituição do aparelho psíquico, com o conflito entre as exigências da sexualidade e as exigências do organismo. Seriam então as pulsões de auto-conservação, sob o imperativo do

princípio da realidade e sob o funcionamento em processo secundário relacionado ao sistema pré-consciente/consciente, que forneceriam a intensidade energética para o recalque das pulsões sexuais, mantidas sob o imperativo do princípio do prazer e sob o funcionamento em processo primário relacionado ao sistema inconsciente. Essa articulação se encontra representada na figura abaixo:

Figura 6: *Esquema dos princípios econômicos que regem o aparelho psíquico na primeira tópica.*

Até aí, nada de novo sob o céu da metapsicologia, o que temos é uma esquematização de aspectos mais ou menos constantes da teoria. O que fica como questão é a própria distinção do princípio de prazer/constância, que Freud não toca no momento. O que ele irá apontar é a dupla fonte do desprazer: uma que é externa e realística, que advém das exigências da realidade, e outra que é interna e propriamente pulsional. Aí vemos os primeiros desdobramentos das discussões sobre a ansiedade a partir da idéia de perigo externo e perigo interno, possibilitando a Freud lançar a hipótese de que um exame da reação mental ao perigo externo poderia lançar luz sobre as reações ao perigo interno.

Parte então, no segundo capítulo, para um exame mais detido de algumas situações que envolvessem a reação ao perigo e que apresentassem argumentos contra o princípio do prazer. Inicia pelas *neuroses traumáticas*, que escapavam às explicações tradicionais da Psicanálise sobre as neuroses. Essas patologias tinham como característica o fato dos sintomas serem desvinculados da intensidade do trauma físico e estarem mais relacionados ao fator surpresa, no qual o ego era pego

desprevenido. Além disso, apresentavam a curiosa característica de que os danos físicos contribuíam para uma prevenção no desenvolvimento da neurose. Prosseguindo no exame dessa classe de patologias, Freud retoma a discussão sobre a angústia como fator de preparação para o perigo, inferindo que nesses casos a angústia preparatória não estaria presente. Por fim, apresenta uma outra característica desse grupo de psicopatologias que seria o tipo de produção onírica. Nesses casos, o que se observava era um sonho que repetia a situação traumática e, portanto, colocava-se contra a hipótese do sonho como realização de desejos inconscientes.

Em seguida, Freud abandona o tema das neuroses traumáticas para elencar outro tipo de fenômeno em que a soberania do princípio do prazer estaria colocada em questão: a *brincadeira infantil*. É aí que ele apresenta a discussão sobre o famoso jogo do carretel que observou no seu neto de colo. Como se sabe, o jogo da criança consistia em dois momentos, o primeiro de lançamento do carretel para longe, acompanhado de uma articulação fonética primitiva (*fort*) que indicaria que o objeto teria “ido”, e o segundo de recolhimento do carretel para perto, acompanhado de outra articulação que indicaria que o objeto estaria novamente “ali” (*da*). Freud interpreta o propósito dessa brincadeira como a repetição e tentativa de elaboração psíquica de uma experiência aflitiva fundamental: o desaparecimento da mãe.

Analisando mais a fundo essa hipótese, chega a uma série de interpretações sobre o que consistiria exatamente o prazer em jogo, desde a tentativa de assumir uma posição ativa no jogo e, portanto, dominar o objeto, até a expressão de impulsos hostis contra o objeto como reação ao abandono por este promovido. Conclui que quaisquer que sejam os impulsos perpetrados pelo jogo, eles revelam uma tentativa de dominação do estímulo desagradável ligada a tendências do princípio de prazer e, portanto, não provariam a existência de tendências mais primitivas e independentes para além do princípio de prazer.

Parte, então, no capítulo III, para o exame de um terceiro fenômeno: a chamada *compulsão à repetição*. Após uma breve retomada do método psicanalítico em sua relação com a transferência, discute sobre a relação da repetição e das resistências com o princípio do prazer. A idéia aí é de que todo desejo inconsciente recalado insiste por meio da repetição do sintoma e que a resistência é derivada dos mecanismos defensivos do ego. Essa resistência do ego, que é tanto consciente como inconsciente, consistiria em uma modificação do princípio do prazer e, portanto,

estaria sob a sua influência. Da mesma forma, grande parte dos conteúdos recalçados buscaria a realização do desejo inconsciente e, também, encontraria respaldo no princípio do prazer. A oposição entre esses dois mecanismos não seria, portanto, de princípio, pois se tratavam de modulações de um mesmo princípio geral que estabeleceriam uma oposição topográfica e constituiriam a regra de que o que é prazer para um sistema é desprazer para o outro. Contudo, e isso é novo, Freud aponta que alguns impulsos derivados do inconsciente poderiam rememorar experiências passadas que nunca trouxeram satisfação, o que colocaria uma repetição do recalçado inconsciente para além do princípio de prazer. Procura endossar essa intuição de uma repetição contrária ao princípio de prazer no comportamento de algumas pessoas em que se observa a recorrência ativa e passiva de situações que desencadeiam sofrimento, como se o indivíduo sabotasse a si mesmo na busca de um destino trágico – as chamadas neuroses de “destino”.

É importante ressaltar que o fenômeno da repetição também não é nenhuma novidade, sendo um elemento essencial no processo psicanalítico. Porém, o que passa a ser tematizável para Freud é a repetição que não está a serviço do princípio de prazer, mas a serviço do inconsciente como um imperativo que opera como uma compulsão a repetir um evento desprazeroso como forma de controlá-lo ativamente. Isto é, inclusive, o que sustenta a necessidade de uma distinção entre a mera *repetição*, que descreve um mecanismo operante dentro do princípio de prazer, da *compulsão à repetição* propriamente dita, que implicaria um *além* do princípio de prazer.⁴⁰

Embora o exame de nenhuma dessas situações isoladas possa ser suficiente para sustentar uma hipótese sobre um regime além do princípio de prazer, Freud encontra na soma desses diversos fenômenos a convicção necessária para justificar sua hipótese de uma compulsão à repetição como “mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta” (FREUD, 1920/2006, p. 148). Assim, é por meio da hipótese da compulsão à repetição, sustentada em vários níveis de manifestações psíquicas – a transferência, o comportamento das pessoas, a brincadeira infantil e a neurose traumática – que a dimensão do além do princípio de prazer é introduzida por Freud.

⁴⁰ Embora essa distinção seja extremamente útil, cabe ressaltar que Freud tenderá a não considerá-la nessa última etapa de sua obra, confundindo sob o termo “compulsão à repetição” os dois fenômenos que tanto se esforçou para distinguir no texto de 1920.

Após esses três capítulos de introdução, Freud finalmente se autoriza, no quarto capítulo, a propor uma nova hipótese teórica, que ele cautelosamente chama de especulativa.

Para tanto, ele faz um breve resgate dos elementos teóricos da primeira tópica. Lembrando que o aparelho psíquico se organiza a partir de postulados básicos como a exclusão entre as funções de percepção e de memória e a distinção entre os sistemas baseada nos regimes de energia livre ou ligada, Freud destaca o papel do subsistema percepção/consciência (*Pcpt.-Cs.*) na posição fronteira entre o exterior e o interior, estando voltado para o mundo externo e envolvendo os outros sistemas psíquicos. A idéia presente nesse resgate é apontar que o aparelho psíquico se constitui em uma progressiva adaptação aos imperativos energéticos do mundo exterior. Para tanto, irá recorrer à famosa metáfora da vesícula protoplasmática. Essa analogia já havia sido utilizada na compreensão do narcisismo, quando as emanções da libido em direção ao objeto ou o seu refluxo sobre o ego foram comparadas aos pseudópodes de um organismo amebóide. Agora ela será novamente convocada, mas para ajudar a compreender as reações do organismo vivo aos excessos energéticos que provêm do exterior e do seu interior.

A analogia parte de um suposto organismo primordial, que consistiria em uma vesícula protoplasmática indiferenciada suscetível de estimulação. Esse organismo estaria então submetido ao impacto incessante dos estímulos sobre a sua superfície que trariam perigo à manutenção da vida. Para se proteger desse impacto energético, o organismo desenvolveria um escudo protetor cortical externo, que poderia, então, passar a mediar a recepção dos estímulos, diminuindo e modulando sua intensidade energética por meio da criação de resistências e facilitações. Essa diferenciação da superfície externa acabará sendo considerada o protótipo de todo o desenvolvimento de órgãos sensoriais por parte dos organismos vivos e será denominada de escudo *pára-excitações*. Portanto, afirma-se que a diferenciação da senso-percepção nos organismos se dá em função de uma adaptação progressiva às demandas e perigos dos estímulos energéticos externos.

Contudo, se há o desenvolvimento de um aparato para lidar com os excessos e perigos externos, faltaria um escudo protetor análogo com relação aos estímulos que partem do interior do organismo. Essa diferença entre as condições de recepção dos estímulos externos e internos terão efeito decisivo sobre o funcionamento do

aparelho psíquico, já que restará ao organismo como única defesa dos estímulos internos tratar as excitações como externas por meio de uma defesa de caráter projetivo.

Com essa idéia de que o organismo está suscetível de um impacto constante de estímulos internos para o qual não tem meios adequados de contenção, surge a proposição de uma dinâmica traumática das pulsões. Partindo da analogia com o trauma físico, Freud propõe um modelo de irrupção energética para além da capacidade de contenção do escudo pára-excitações. Essa verdadeira efração ou transbordamento energético levaria a uma suspensão dos princípios fundamentais da dinâmica psíquica, baseados em níveis energéticos menos intensos.

Um postulado econômico fundamental da metapsicologia é que os sistemas psíquicos trabalham com níveis progressivamente menos intensos de energia, de forma que as diferentes modalidades representacionais e de processamento nos sistemas possuem um nível adequado de facilitação energética.⁴¹ Assim, tanto o processo primário, com sua energia livre, quanto o processo secundário, com sua energia ligada, consistem em modulações energéticas compatíveis com a constituição e trânsito de representações ideativas e afetivas. O transbordamento energético simplesmente faz com que essa organização entre em curto-circuito e as diferenças de potencial energético que dinamizam todos os sistemas sejam suplantadas. Portanto, um estímulo que excede a capacidade de contenção dos sistemas sensoriais e mnêmicos acaba por dismantelar todas as ligações representacionais e, conseqüentemente, levar a uma verdadeira suspensão do princípio de prazer.

Essa hipótese se torna mais fácil de compreender se lembrarmos que as diferentes modalidades representacionais e processuais do aparelho psíquico são, em última instância, frutos de facilitações e contenções do trânsito energético, como bem demonstrara Freud em seu projeto não-publicado (1895/1996; 1895/1995). Na verdade, a discussão do texto de 1920 é tributária direta de articulações que Freud propusera de forma incipiente em seu manuscrito de 1895, mas deixara suspenso desde então.⁴² O que retorna de forma especial nessa discussão de 1920 é a idéia de um excesso energético que interrompa o funcionamento segundo o princípio do

⁴¹ Esse aspecto por mim ressaltado de níveis progressivamente diferenciados de tensão energética é também levado em consideração por Laplanche (1998, 1993) em sua proposição do modelo da “tina”.

⁴² Novamente, remeto o leitor interessado em aprofundamentos ao meu trabalho de mestrado (CAMPOS, 2004) no qual o texto citado de Freud é minuciosamente discutido e a hipótese de um recalçamento do potencial traumático da energia livre na emergência da primeira tópica é defendida.

prazer e o trânsito de representações. Até então essa possibilidade encontrava-se completamente fora de questão no grosso da discussão metapsicológica.

Portanto, o que se abre é a idéia de um momento logicamente anterior ao domínio do princípio de prazer no qual o que está em jogo é a tentativa de amortização do excesso energético como forma de controlá-lo, disponibilizá-lo e descarregá-lo. Em outras palavras, o excesso energético precisaria ser vinculado para que pudesse efetivamente entrar nos processos psíquicos sem suplantá-los. Essa defesa primária será denominada, então, de *ligação* e envolve, do ponto de vista econômico, a criação de barreiras de contenção ao excesso por meio de contra-investimentos da energia já ligada, levando a um empobrecimento da energia disponível para os sistemas psíquicos estabelecidos. Uma representação esquemática para os momentos desse processo encontra-se abaixo:

Figura 7: Analogia da vesícula viva e hipótese do trauma.

Baseado nesse modelo hipotético de ruptura de um “escudo protetor” interno⁴³, Freud irá tentar explicar os fenômenos descritos nas neuroses traumáticas. Em primeiro lugar, mostrará que essa concepção não se confunde com a teoria comum do choque, na qual o trauma é função direta da intensidade do estímulo, pois seria função da preparação do aparelho psíquico para o perigo por meio do desenvolvimento de angústia e do hiper-investimento dos sistemas perceptivos. Essa organização consistiria na última linha de defesa contra estímulos e, também, na mais primitiva delas.

⁴³ Embora Freud não se preocupe em explicitar esse ponto, parece-me bastante claro que o “escudo protetor interno” é o próprio tecido das representações psíquicas sob o princípio de prazer.

Com essa hipótese, Freud pode então explicar a função dos sonhos da neurose traumática. Esses sonhos teriam o objetivo de dominar retrospectivamente o estímulo por meio do desenvolvimento de uma angústia preparatória e, portanto, diriam respeito a um tipo mais primitivo de elaboração psíquica da experiência. Da mesma forma, poderá explicar o efeito paradoxal do dano físico no desencadeamento dessas neuroses, pois o hiper-investimento narcísico do órgão lesado possibilitaria uma disponibilização de maiores potenciais de contra-investimento.

Esse último argumento, que encerra o capítulo IV, embora apareça de passagem, é extremamente interessante pois indica a participação fundamental dos investimentos narcísicos na constituição desses diques internos, verdadeiras reservas libidinais à disposição do ego. É uma indicação que vale à pena reter, pois essa questão da origem narcísica do princípio do prazer, não será abordada por Freud no seguimento de sua discussão. Um comentador que faz uma extensa análise desse texto freudiano – e que nos será de grande valia ao longo deste capítulo – é quem aponta:

Antecipemos: o investimento no *próprio*, a proteção e a conservação do *próprio*, o retorno ao *próprio* são as condições que, aquém do princípio de prazer, condicionam sua dominância e, além dele, impulsionam para sua modificação em princípio de realidade e que, muito mais aquém e muito mais além disso, o inscrevem como caso especial do princípio de constância, da procura de uma definitiva estabilidade, a da vida idêntica a si mesma, a da morte. (FIGUEIREDO, 1999, p. 75)

Segundo esse mesmo autor, o modelo do trauma aponta para uma natureza sexual da energia liberada pelo choque com a alteridade do objeto do mundo externo, de forma que o excesso de sexualidade além das possibilidades de contenção representacionais do aparelho seria traumatizante. Além disso, embora se trate de libido essa energia que se gera no encontro com a diferença, ela dependeria de uma articulação com um investimento narcísico que estaria aquém do princípio de prazer. Veremos, mais adiante, o desdobramento dessas hipóteses sobre o objeto.

O capítulo V se inicia dando seguimento à discussão sobre a analogia da vesícula, vinculando-a mais diretamente com a teoria pulsional. Afirma então mais claramente que a excitação interna corresponde às pulsões, definidas como representantes das forças corporais transmitidas ao aparelho psíquico e que pertencem aos processos de energia livre que pressionam no sentido da descarga. Dessa forma, as pulsões estariam referidas a um modo de funcionamento em

processo primário, o qual precisaria ser sujeitado para proporcionar a dominância do princípio de prazer e sua posterior modificação em princípio de realidade. Passa então a associar esse caráter radicalmente livre das pulsões ao fenômeno da compulsão à repetição, afirmando que nela haveria um caráter pulsional intenso, em oposição ao princípio de prazer, que configuraria sua aparência “demoníaca”. Caberia então ao aparelho psíquico a dupla tarefa de sujeitar o processo primário/princípio de prazer e dominar as excitações pulsionais. Nesse ponto há uma afirmação curiosa:

(...) somente após haver sido efetuada [a sujeição] é que seria possível a dominância do princípio de prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) avançar sem obstáculo. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em *oposição* ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o. (FREUD, 1920/1996, p. 72)

Só depois de ter havido um enlaçamento bem-sucedido é que poder-se-ia se estabelecer o domínio irrestrito do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade). Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar ou enlaçar a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio de prazer, mas operando independentemente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração. (FREUD, 1920/2006, p. 158-159)

O leitor cuidadoso encontra nesse encadeamento de argumentos de Freud uma certa imprecisão, pois se o princípio de prazer opera, fundamentalmente, em regime de processo primário, como podem ser opostos? Entendo que a questão aí está em discriminar o “grau de liberdade” da intensidade pulsional em jogo. Até então a intensidade pulsional sempre parecera manejável dentro do princípio do prazer, o que levou à afirmação da sinonímia entre processo primário e princípio de prazer. A questão é que, agora, a compulsão à repetição começa a mostrar um funcionamento pulsional ainda mais radical, pois suplanta as leis do processo primário e do princípio de prazer, além de sua estrutura representacional. Daí minha proposta de diferenciar uma dimensão relativa e outra absoluta desse processo. Entendo que Freud esteja nesse momento afirmando que a compulsão à repetição expressa uma pulsionalidade absoluta, além do princípio de prazer. Nesse sentido, é possível discriminar um duplo estatuto da “compulsão à repetição”, um que seja fruto de uma energia livre sob o regime do princípio de prazer – o antigo fenômeno da *repetição* – e outro propriamente além desse princípio, ou seja, no nível da efração traumática – a *compulsão à repetição* propriamente dita.

Essa discriminação de termos, contudo, não resolve o problema fundamental em jogo e que diz respeito à própria lógica fundamental que opera no aparelho psíquico definido por Freud. A questão é que a afirmação da pressão de uma energia completamente livre só faz sentido em associação com a hipótese de que haja uma estrutura de energia ligada, ou seja, o impedimento do livre fluxo de energia depende da constituição de uma estrutura de investimento narcísico que lhe ofereça resistência. Embora Freud tenda a apresentar as coisas em um encadeamento sucessivo, ele se esquece de que a situação de um perigo de transbordamento só faz sentido em um recorte transversal no qual os limites do aparelho psíquico já estão constituídos. Caso tomemos o problema em uma perspectiva longitudinal ou genética, perceberemos que não podemos fazer uma articulação sucessiva desses estágios, pois eles se originam simultaneamente. Decorre daí que o desenvolvimentismo biológico encontra uma limitação, na medida em que avançamos nos recônditos do princípio de prazer. Novamente é Figueiredo que nos chama a atenção para essa *lógica suplementar*⁴⁴ dos conceitos fundamentais da metapsicologia:

Ora, se esta circulação livre constitui o processo primário e a ligação das energias pertence ao processo secundário, se os sistemas inconscientes obedecem ao processo primário e os estratos mais altos do aparato mental têm como tarefa ligar a excitação pulsional, devemos admitir que “primário” e “secundário” não podem ser concebidos segundo uma lógica identitária simples nem segundo uma simples cronologia desenvolvimentista. Deve haver sempre uma obra de ligação já em curso para que as energias livres possam circular, acumular, se escoar ou, abruptamente, descarregar-se. (FIGUEIREDO, 1999, p. 78)

E mais adiante:

Ou seja, nem o processo primário pode ser primeiro em relação ao secundário, nem, em contrapartida, a “primeira tarefa” pode ser primeira em relação à experiência de perturbação promovida pela energia livre. Contudo, esta tarefa de ligação, sem sombra de dúvida, deve ter precedência não tanto em relação ao princípio de prazer, mas em relação à sua dominância e, mais ainda, à dominância de sua modificação em princípio de realidade. (FIGUEIREDO, 1999, p. 79)

Percebe-se, então, que as relações entre princípio de prazer absoluto, princípio de prazer relativo e princípio de realidade devem ser tomadas de forma mais nuançada, sem cair em oposições absolutas e posições identitárias, pois a instauração de cada um desses regimes depende da articulação também com o outro.

⁴⁴ Aqui remeto o leitor ao capítulo metodológico, onde a concepção de lógica da suplementaridade foi apresentada e suas implicações para a compreensão dos conceitos da metapsicologia apontadas.

Freud, embora aponte que não se trate de uma oposição, não se preocupa em examinar essas questões. Seu interesse na compreensão da pulsionalidade absoluta é mais forte e o levará a testar os limites dos princípios funcionais da biologia, o que nos levará a um grande desvio do foco da discussão.

Partindo do princípio da inércia inerente à vida orgânica, Freud chega à fundamental afirmação de que uma pulsão seria “uma força impelente interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (FREUD, 1920/2006, p. 160). Essa afirmação traz em si uma nova perspectiva para a compreensão da dinâmica pulsional, pois leva ao reconhecimento da natureza *conservadora* dos princípios vitais.

Sem abrir mão de sua tentativa de fundamentação naturalista da metapsicologia, Freud é levado a aproximar sua constatação sobre a natureza conservadora das pulsões com a suposição de uma recapitulação filogenética da história natural. Apoiado na tese lamarckista de uma herança genética de caracteres adquiridos e na teoria de Weismann sobre uma imortalidade potencial da vida, é levado a afirmar que a natureza conservadora das pulsões nada mais seja do que a expressão de uma tendência natural da vida orgânica em retornar ao seu estado inorgânico original. Dessa hipótese, por sua vez, decorreria que toda tendência ao movimento e ao desenvolvimento seria, em última instância, função de fatores externos ao organismo.

Nesse ponto chegamos à parte mais difícil e densa do texto de Freud, onde ele irá começar a rever o dualismo pulsional em função desse além do princípio de prazer que as compulsões à repetição revelam. A dificuldade decorre da complexidade das questões envolvidas, que o levarão a propor dois arranjos distintos para acomodar essa nova hipótese, mas, também decorre da dificuldade de manejo de seu ponto de partida, que são os pressupostos de uma biologia ultrapassada. Acredito, contudo, que o exame dessa discussão possa trazer elementos que configurem uma outra possibilidade de abordagem da pulsão de morte.

A primeira tentativa de Freud é vincular essa tendência conservadora original às pulsões de auto-conservação, por meio da curiosa idéia de que essa tendência procuraria garantir um modo de retorno ao inorgânico que seja inerente ao organismo, ou seja, a idéia de que o organismo só desejaria morrer ao seu modo. Já

as pulsões sexuais seriam representantes do impulso contra a morte, uma vez que o trabalho das células germinativas seria garantir a manutenção da estrutura original da vida para além da existência individual. Nesse sentido, caberia afirmar que as pulsões sexuais seriam as verdadeiras conservadoras da vida e, portanto, responsáveis pelo impulso interno de desenvolvimento. A essa construção Freud acrescenta a noção de um impulso da vida para combinar as substâncias orgânicas em unidades cada vez maiores: *Eros*.

Essa seria, portanto, uma primeira hipótese, que embora afirme a tendência última de todas as pulsões à morte e à descarga, coloca as pulsões sexuais em um pólo mais próximo à vida, em oposição às pulsões de auto-conservação, mais próximas as tendências da morte.

O capítulo VI contém a revisão dessa hipótese provisória. Freud irá aprofundar seus argumentos, recorrendo não só à teoria de Weismann sobre o plasma germinal, mas ao próprio lugar da morte como atributo dos organismos vivos, para concluir que a biologia endossa sua visão dualista sobre a natureza dos organismos vivos. Parte então para uma discussão mais ampla do dualismo pulsional, recorrendo às teorias de Hering sobre a concorrência entre um processo assimilativo/construtivo e outro dissimilativo/destrutivo nos seres vivos e às de Schopenhauer sobre a morte como propósito da vida e da sexualidade como expressão da vontade de viver. Por fim, aplica sua hipótese do dualismo para a compreensão dos seres multicelulares, onde algumas células se sacrificariam para a sobrevivência de outras, que garantiriam a continuidade da espécie a despeito do organismo.

O interessante de toda essa especulação biológica está em um princípio que Figueiredo (1999, p. 95) explicita: a suposição de que a vida não só vem de fora, como, principalmente, da *diferença*. Mais ainda, a de que a associação entre células ou organismos não só tem uma função de *defesa* – manutenção da vida em oposição à morte – como também de *vitalização* – pois a conjunção potencializa a sobrevivência de ambas.

Novamente o que se observa é a imbricação profunda entre os dois pólos do dualismo que rege a economia pulsional e a própria dinâmica da vida. Cabe notar a transposição direta que Freud faz entre o nível biológico e o psicológico da discussão, afirmando que as células tomam umas as outras como objetos da libido e que se nota um comportamento “narcisista” das células germinais. Deixando de lado

esse materialismo, o importante é notar como a manutenção da vida se dá às custas da morte e como o traumatismo da morte só aparece em oposição a um núcleo de investimento narcísico:

Nesta medida, estas outras, as que morrem ou se deixam amortecer/imobilizar, são tão indispensáveis para a *manutenção do vivo* (na sua *identidade*) quanto as células germinativas para a *vitalização da vida*. Vitalização que se, de um lado, é o pólo de organização dos conjuntos (...) é, de outro, também e ao mesmo tempo o que implica no incremento do potencial de diferenças e no incremento de *tensão* que habita esses conjuntos. São essas as dimensões mais vitalizantes da vida que exigirão, para a preservação da unidade, novas ligações, novos sacrifícios, novas reservas, novas necroses. (FIGUEIREDO, 1999, p. 99)

Deixando de lado as especulações biológicas, Freud retomará a teoria da libido, agora do ponto de vista de seu desenvolvimento ao longo da Psicanálise. Nesse retrospecto, lembra-nos que a oposição entre auto-conservação e sexualidade surgira da escuta clínica dos quadros neuróticos. Esse primeiro dualismo, contudo, passou a ser questionado na medida em que a Psicanálise passou a se ocupar do problema da estrutura do ego e desenvolveu a hipótese de investimentos libidinais que o tomavam como objeto, estabelecendo uma dinâmica entre investimentos narcísicos e objetais. Desse aprofundamento surgiu a idéia de uma libido narcísica e a concepção de que o ego fosse o verdadeiro e original reservatório da libido, sendo somente a partir deste reservatório que ela se estenderia para outros objetos (FREUD, 1920/1996, p. 73; 1920/2006, 173).⁴⁵ A partir daí o dualismo entre sexualidade e auto-conservação revelou-se inapropriado, uma vez que a diferença deixou de ser qualitativa e passou a ser apenas tópica. Esse foi o ponto em que as coisas ficaram entre 1915 e 1920, quando a reunião das pulsões em um monismo apareceu como uma possibilidade para Freud. Agora ele dá um passo além, reconhecendo o caráter libidinal das pulsões de auto-conservação, por meio da hipótese de uma tendência pulsional conservadora: *Eros*.

Depois de uma defensiva reafirmação do dualismo em oposição à tentação junguiana do monismo, Freud anuncia o novo caminho por onde reencontrar o dualismo: o da oposição entre as tendências à vida e à morte. Continuando o

⁴⁵ Essa afirmação do ego como reservatório original da libido é problemática. Ela faz sentido quando se toma a hipótese do narcisismo a partir do primeiro dualismo pulsional, no qual a libido originalmente provinha do inconsciente e se opunha ao ego. Agora Freud ressalta que a libido investe o ego, constituindo-o e que, portanto, a libido, que tem origem sua fonte somática, se aloca no ego e, daí, parte para os objetos. Posteriormente, em seu texto sobre o ego e o id (FREUD, 1923/1996; 1923/2007), ele irá corrigir essa afirmação, colocando o id como reservatório original da libido e o ego como o secundário.

movimento teórico retrospectivo que começara, passa a analisar outras polaridades presentes na teoria das pulsões. A mais importante e clássica delas é a oposição entre o amor (afeição) e o ódio (agressividade) nas relações com o objeto.

Como vimos no capítulo anterior, essa foi uma das polaridades discutidas por Freud em seu texto sobre os destinos da pulsão. Naquele momento, a agressividade ficou claramente remetida à dinâmica das pulsões de auto-conservação do ego. Agora toda aquela análise cai por terra e é interessante notar que Freud retoma apenas o exemplo da polaridade entre sadismo e masoquismo para substanciar sua nova tese. Os destinos de retorno sobre si mesmo e reversão no oposto, bem como o exemplo do exibicionismo/voyeurismo, são cautelosamente esquecidos. Uma explicação possível para esse aparente lapso é que Freud aqui está preocupado com a dinâmica mais originária da economia pulsional e, portanto, anterior ou simultânea à constituição do ego. Aqueles destinos pulsionais, por outro lado, pareciam remeter a momentos pré-genitais da dinâmica egóica. De qualquer forma, o fato é que o exemplo do sadismo-masoquismo consiste na evidência mais importante do ponto de vista de uma revisão da teoria das pulsões.

Freud retoma então a polaridade amor e ódio, negando veementemente a possibilidade de reduzir o dualismo pulsional à expressão dessa polaridade afetiva (FREUD, 1920/1996, p. 76; 1920/2007, p. 174). Essa discussão é crucial no que tange à teoria da representação na metapsicologia. Freud está marcando a nítida distinção entre a qualidade das pulsões e a qualidade dos afetos. O afeto é um representante psíquico da pulsão e não a expressão direta desta no psiquismo. Já em 1915, Freud lembrava da importância dessa caracterização e ressaltava, além disso, que o amor e ódio, enquanto afetos, só poderiam dizer respeito a investimentos da libido de um ego em relação aos objetos, ou seja, de um ego unificado em relação a objetos também unificados. Em outras palavras, enquanto os afetos são expressão de uma dinâmica posterior ao narcisismo, os impulsos sádicos seriam da ordem de pulsões parciais, componentes primitivos da pulsão sexual.

Mantendo a idéia de que o sadismo é distinto do ódio, Freud lança a hipótese do sadismo consistir em uma expressão da pulsão de morte, uma vez que se oporia à tendência geral de conservação da vida. A origem do ego, portanto, deveria estar relacionada a uma expulsão do sadismo para o objeto exterior, por meio da influência da libido narcísica. Essa hipótese coloca em questão a própria hipótese do apoio, uma

vez que passaria a ser o sadismo expulso do ego que apontaria o caminho do objeto para os componentes sexuais da libido. Além disso, essa hipótese exige a revisão da teoria sobre a relação entre o sadismo e o masoquismo. Anteriormente, o masoquismo era entendido como uma inversão e reflexão do impulso sádico sobre o próprio sujeito, de tal forma que o masoquismo era sempre secundário a um impulso original sádico de domínio e auto-conservação. Agora, com a idéia de uma qualidade sádica intrínseca ao organismo, surge a possibilidade de um masoquismo primário original, contrário ao movimento de constituição do ego, por meio das tendências sexuais da libido.

É assim que, por meio de uma hipótese sobre o sadismo-masoquismo, Freud encontra o argumento mais forte para sustentar a oposição entre uma tendência original de redução total dos estímulos em direção à morte e uma tendência vitalizante que surge da sexualidade e do encontro com o objeto. É curioso notar, contudo, que embora Freud nomeie essa tendência mortífera de “princípio do Nirvana”, não o dissocia do princípio de prazer. Em outras palavras, o dilema entre o princípio de prazer absoluto, mortífero, nirvânico, em oposição ao princípio de prazer relativo, constante e sexualizado permanece. Pelo contrário, o seguimento do capítulo nos mostra os seus esforços em mostrar que as tendências de morte e de vida estão intimamente relacionadas desde o início, mas sem uma conclusão definitiva.

Por fim, Freud faz suas ressalvas à importância desse último passo na construção da teoria pulsional, afirmando que as hipóteses sobre a extensão do conceito de sexualidade e sobre o narcisismo seriam passos mais assentados na observação clínica. Além disso, lembra das limitações presentes tanto na abordagem psicológica quanto na biológica das pulsões como justificativa de suas dificuldades.

A seqüência de avanços, recuos e contradições aumenta vertiginosamente ao longo desse sexto capítulo e é só uma nota de rodapé ao fim do capítulo e ulterior à primeira versão do texto que irá trazer alguma organização para os argumentos que Freud coloca em jogo. Vamos tentar explicitar essas ambigüidades.

Em primeiro lugar, é preciso ficar claro que Freud está trabalhando com duas linhas de hipóteses sobre a pulsão de morte que não estão suficientemente diferenciadas. A primeira dessas linhas toma o *além* do princípio de prazer como o retorno a um estado anterior e que essa tendência conservadora seria o mais pulsional das pulsões. A segunda linha afirma que as pulsões de morte se diferenciam

qualitativamente das pulsões de vida assumindo a forma de ódio e agressividade. Veremos, na sequência deste capítulo, como cada vez mais Freud irá privilegiar a segunda hipótese ao longo de sua obra, aproximando, cada vez mais, as pulsões de morte das expressões de sadismo, ódio e agressividade. Contudo, não deixa de estar presente essa segunda hipótese, muito mais nuançada, em que o pulsional está remetido a um retorno ao próprio, a um deixar morrer ao seu próprio modo. O que se nota aí é a idéia de um narcisismo defensivo, que retiraria seus investimentos do objeto, deixando-se morrer. Um verdadeiro encontro mortífero com o objeto na constituição do ego, em oposição e simultaneidade ao encontro vitalizante que a sexualidade desencadeia. Essa é a hipótese de uma ligação das tendências de auto-conservação que seria fundamentalmente restauradora:

Qual a natureza dessa ligação? Aparentemente, Freud pareceria se encaminhar para uma resposta que seria a continuação da distinção feita no parágrafo anterior: tratar-se-ia de uma só qualidade pulsional investida em duas direções, ou seja, de uma distinção topográfica na qual as células somáticas ligadas – algumas das quais se convertem em matéria semi-orgânica para cumprir suas funções, muitas das quais se sacrificam diariamente, sendo diariamente repostas (...) e, em sua totalidade, serão sacrificadas um dia – desempenhariam as tarefas de autopreservação do organismo multicelular. Esta autopreservação dependeria, portanto, daquela dimensão básica que Freud já havia denominado como “o mais pulsional das pulsões”: o caráter restaurador. Isto seria, realmente, a “aventura de um passo além” e uma possibilidade de integrar as considerações sobre o narcisismo com as considerações sobre o *além do princípio de prazer*. (FIGUEIREDO, 1999, p. 104-105)

Indicação preciosa esta que nos dá Figueiredo, resgatando uma tendência simultaneamente mortífera e vitalizante, dependente da dinâmica de seus investimentos em relação aos objetos. Segundo a análise desse autor, com a qual tendo a concordar, é a opção epistemológica de Freud por um dualismo como forma de garantia de uma perspectiva dinâmica que não o permite desenvolver uma concepção mais nuançada da lógica das pulsões:

O problema é que este dualismo termina por funcionar como um limite que não permite que se possam integrar as direções transitadas e as estações percorridas. Ele também impõe um engessamento e para escapar disso seria/será necessário uma outra lógica. Para esta outra lógica Freud tinha os ingredientes básicos e uma forte necessidade mas não tinha ainda a solução. (FIGUEIREDO, 1999, p. 107)

Será então sob essa lógica identitária e opositiva que Freud irá remanejar sua proposta de um novo dualismo pulsional encerrando seu sexto capítulo, escolhendo, cada vez mais, o caminho da equivalência entre pulsão de morte e ódio.

A longa nota de rodapé acrescentada faz um resumo das transformações da teoria pulsional na história da Psicanálise, marcando a transformação da pulsão sexual em *Eros*. Essa passaria a ser a tendência que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva, na qual as pulsões sexuais constituiriam a parte voltada para os objetos. Somente em 1921 ele acrescenta uma afirmação mais taxativa sobre a localização das pulsões de auto-conservação, incluindo-as entre as pulsões sexuais libidinais, concluindo que:

A oposição entre os instintos [pulsões] do ego e os instintos [pulsões] sexuais transformou-se numa oposição entre os instintos [pulsões] do ego e os instintos [pulsões] de objeto, ambos de natureza libidinal. Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre os instintos [pulsões] libidinais (do ego e de objeto) e outros instintos [pulsões], quanto aos quais há que supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser realmente observados nos instintos [pulsões] destrutivos. Nossas especulações transformaram essa oposição numa oposição entre os instintos [pulsões] de vida (*Eros*) e os instintos [pulsões] de morte. (FREUD, 1920/1996, p. 95)

A oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais transformou-se na oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões de objeto, ambas de natureza libidinal. Mas no lugar da primeira oposição surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do Eu e de objeto) e outras pulsões que devem estar presentes no interior do Eu e que talvez possam ser reconhecidas nas pulsões de destruição. Nossa especulação transformou essa oposição em pulsões de vida (*Eros*) e pulsões de morte. (FREUD, 1920/2007, p. 198)

Vê-se, portanto, que é só em uma posterior nota de rodapé que Freud consegue sintetizar uma proposta de dualismo que oporá pulsões de vida e pulsões de morte, as primeiras reunindo componentes objetais, narcísicos e auto-conservativos, enquanto as segundas encontrariam uma possível representação na destrutividade. Síntese esclarecedora, mas parcial, pois omite a riqueza das hipóteses sobre a compulsão à repetição. A inclusão em forma de nota de rodapé reforça a impressão que se trata de um anexo que procura remanejar o que não está resolvido.

Curiosamente o texto não acaba aí e mais um capítulo, a título de conclusão, se apresenta. Nesse sétimo capítulo, Freud irá concluir que a tendência do princípio de prazer está ligada a uma função primária de conservação do inorgânico, ou seja, que o princípio de prazer opera secundariamente ao ímpeto da descarga absoluta (FREUD, 1920/1996, p. 96; 1920/2007, p. 178). Freud tenta aí discriminar melhor os conceitos, distinguindo *função* de *tendência*. A tendência, o princípio de prazer, seria secundária à função da descarga/constância. Embora discrimine melhor os níveis conceituais, o que se observa é a manutenção da incerteza quanto ao enunciado desse

princípio de prazer absoluto, tributário das pulsões de morte e expresso em um processo primário radical.

Por fim, o autor enuncia que a pulsão de morte teria um trabalho mais discreto e imperceptível, já que as tensões que irrompem na subjetividade são fruto do trabalho das pulsões de vida. Assim, o princípio de prazer, tendência das pulsões de vida, seria o guardião da função mais originária de descarga absoluta, operação da pulsão de morte.

Nota-se que, embora não discrimine a tendência à descarga absoluta da constância, Freud precisa ordenar uma lógica temporal que comporte um primário em oposição a um secundário: o princípio de prazer, fruto das pulsões de vida, que suplanta e protege a tendência à descarga absoluta das pulsões de morte. Novamente, é a lógica de uma dualidade identitária que prevalece no pensamento freudiano, embora sua discussão sobre o *além* do princípio de prazer comporte a perspectiva de uma lógica da complementaridade, onde pulsão de vida e de morte seriam tendências que se inauguram e se limitam mutuamente. Daí a impressão vacilante que a análise do texto nos deixa e a epígrafe de Freud sobre o manquejar confirma:

E é assim que neste ritmo vacilante em que ora pisa o chão com a perna curta do dualismo e ora pisa com a perna longa, mas aventureira e por vezes fora do controle de um *mais além*, ora subindo, ora descendo, ora se projetando eroticamente na direção de um outro de si, ora recuando narcisicamente para si e para alguém de si, para o próprio berço, é assim que *coxeando* termina este livro. (FIGUEIREDO, 1999, p. 121)

A análise detalhada desse texto fundamental da obra de Freud nos revela uma série de questões interessantes para a compreensão metapsicológica da teoria das pulsões em sua segunda versão. O ritmo tateante da escrita freudiana nos mostra o quanto o manejo teórico da reviravolta nos princípios fundamentais da metapsicologia é problemático. Muitas questões que são ali abertas só serão melhor solucionadas mais adiante, como veremos, mas é importante analisar a problemática em seu momento emergente.

O primeiro ponto que essa análise permite endossar é justamente a hipótese com a qual abri este capítulo, a saber, a idéia de que a pulsão de morte emerge como o estranho na metapsicologia, trazendo a problemática da descarga absoluta das pulsões, que sempre esteve no horizonte epistemológico da teoria freudiana, mas só é devidamente nomeada e trabalhada nesse texto capital.

O segundo ponto que gostaria de ressaltar diz respeito à própria inconsistência da discussão engendrada por Freud com relação à ambigüidade presente na definição dos princípios de prazer e constância. Como vimos, embora toda a questão das pulsões de morte remeta a uma lógica anterior de descarga absoluta da excitação e de suplantação do princípio de prazer, Freud ainda reluta em definir um princípio próprio de regime das pulsões de morte. As coisas ficam um pouco mais claras se tomarmos as pulsões de morte sobre o imperativo de um princípio de descarga absoluta o qual seria posteriormente suplantado por um princípio de descarga relativo, próprio ao princípio do prazer sob uma idéia de manutenção da constância no aparelho.

Porém, e aí é que as coisas começam a se complicar, essa lógica identitária e de uma temporalidade desenvolvimentista se mostra insustentável. Isso porque o acúmulo de tensão que levaria a uma pressão por descarga só se constitui simultaneamente à instalação de um núcleo de investimento narcísico, o ego, que possa erigir barreiras ao livre escoamento das excitações pulsionais.

Essa observação é fundamental por dois motivos. O primeiro é que se encontra aí uma abertura para uma lógica suplementar ordenando a construção conceitual da metapsicologia já em seus princípios mais básicos. O segundo é que aponta para uma exigência de articulação do narcisismo com a nova teoria das pulsões. O que posso concluir, baseado na análise de Figueiredo, é que o texto de 1920 aponta para duas hipóteses distintas sobre o além do princípio de prazer: uma em que a irrepresentabilidade ou, pelo menos, o limite da representação, se coloca como fundamental e outra em que a destrutividade e o sadismo aparecem como expressões paradigmáticas.

Antes de desdobrar essas questões, trabalhemos um pouco mais a construção da teoria freudiana da pulsão de morte, para ver em que sentido caminha seu desenvolvimento.

O passo intermediário na elaboração da teoria da pulsão de morte é dado no texto em que o modelo estrutural é apresentado. Irei analisar a segunda tópica no próximo capítulo, por enquanto quero permanecer no nível econômico da problemática. Vejamos, contudo, como as coisas são sintetizadas em 1923.

O capítulo IV de *O Ego e o Id* praticamente sintetiza a teoria das pulsões de vida e pulsões de morte, nomeando mais especificamente aquilo que ficara um tanto

desorganizado em 1920. Inicia com a distinção das duas classes de pulsões, as de vida, cujas pulsões de auto-conservação e sexuais seriam componentes, e as de morte, que encontrariam no sadismo seu principal representante (FREUD, 1923/1996, p. 65; 1923/2007, p. 49).

Observa-se que já aí Freud entrega os pontos, assumindo como mais manejável a hipótese do sadismo. Essa será a orientação daqui para frente, como veremos. Mas cabe perguntar sobre as razões que levariam Freud a enveredar por esse caminho. A hipótese mais plausível é que ele tenha se apegado àquilo que era minimamente tangível da dinâmica silenciosa e subterrânea da pulsão de morte para tentar desenvolver sua teoria. Penso que um fato tenha contribuído substancialmente para essa decisão, que foi a ênfase cada vez maior do trabalho freudiano a partir da década de 1920 nos fenômenos sociais e culturais. Essa ênfase possibilitou Freud encontrar, no seio do social, aquilo que era mais recôndito no âmbito da subjetividade individual: os impulsos sádicos e destrutivos.

Não é minha intenção nesta tese abordar a teoria psicanalítica da cultura, pois quis insistir em um recorte limitado ao horizonte interno da metapsicologia. Contudo, é necessário marcar este ponto fundamental no qual a teoria freudiana da cultura se intercala com o desenvolvimento da metapsicologia. Duas citações endossam essa interpretação:

Num primeiro momento, Freud é levado a buscar do lado da biologia as manifestações da pulsão de morte (...). Mas esta direção é substituída por uma outra, que vem mais uma vez assinalar quão indissolavelmente ligadas estão a análise da cultura e a elaboração da teoria psicanalítica: progressivamente, o espaço de manifestação da pulsão de morte será identificado na esfera da civilização. Eis por que os principais textos sobre a cultura se situam após o *tournant* de 1920 (...). (MEZAN, 1990, p. 433)

Inversamente, a dificuldade de captar o funcionamento da pulsão de morte no nível intrapsíquico, dado que só se submete à percepção quando “tingida de erotismo”, e o risco de deriva metafísica implícito no recurso a uma biologia especulativa, fazem com que Freud se volte cada vez mais para o registro da agressividade, na tentativa de perseguir os rastros do novo princípio, postulado a partir de exigências tão fundamentais. Ora, a agressividade implica a existência de um objeto sobre o qual atue (...). Este objeto não é, por sua vez, indiferente: é outro ser humano, e a relação de alteridade vai tomar uma importância crescente na elaboração teórica de Freud. (MEZAN, 1990, p. 449)

Assim a teoria freudiana da pulsão de morte se desenvolverá referida à problemática da alteridade e ao campo do social. O flerte se dera já em 1921, no texto sobre a psicologia dos grupos (FREUD, 1921), em que as identificações grupais mostram-se paralelas às identificações que constituem a subjetividade

individual. Naquele momento, por meio da descrição do narcisismo das pequenas diferenças, Freud lança a hipótese da constituição e manutenção dos grupos pela coesão de seus laços libidinais via identificações. Contudo, esse mecanismo de idealização implica, necessariamente, em uma projeção dos impulsos sádicos e destrutivos para o exterior, em grupos *estranhos*. Já em 1923, e daí por diante, essa hipótese ganhará cada vez mais consistência no pensamento freudiano.

Somente em o *Ego e o Id* (FREUD, 1923/1996; 1923/2007), será afirmado um ponto essencial da nova teoria pulsional: a hipótese da fusão e defusão das pulsões como possibilidade de compreensão da articulação entre componentes sádicos e eróticos na libido. O interessante é que já nesse enunciado aparece também a hipótese de uma exigência de neutralização da pulsão de morte no interior dos organismos por meio de um desvio para o exterior via destrutividade. Esse enunciado permitirá, então, afirmar uma teoria que dê conta das diversas nuances dos impulsos libidinais sem cair na hipótese de uma equivalência entre pulsões e afetos na dinâmica do par amor/ódio.

Ainda no capítulo IV daquela obra, Freud irá tecer uma série de considerações reavaliando essas etapas do desenvolvimento de sua teoria das pulsões e descrevendo os diversos intercâmbios entre os componentes libidinais. O que aparece de novo é a análise da energia neutra e deslocável a serviço do ego, fruto de investimentos narcísicos, que será então explicitamente denominada de um *Eros dessexualizado*. Isso quer dizer que Freud faz então uma articulação teórica que permite derivar mais claramente as pulsões de auto-conservação de uma transformação das pulsões sexuais e, mais importante, lança a hipótese de que essa libido dessexualizada a serviço do ego é fruto de uma *sublimação*.⁴⁶ A hipótese, portanto, é que a transformação da libido sexual em libido do ego é fruto de uma dessexualização sublimatória por meio de um mecanismo de *identificação*:

Chegamos aqui novamente à possibilidade (...) de que a sublimação pode efetuar-se regularmente através da mediação do ego. Será recordado o outro caso, em que o ego trata com as primeiras catexias objetais do id (e certamente com as posteriores, também), retirando a libido delas para si próprio e ligando-as à alteração do ego produzida por meio da

⁴⁶ Do ponto de vista da teoria psicanalítica, esse momento marca uma modificação fundamental no conceito de *sublimação*, que deixa de ser um mero mecanismo de transposição do investimento libidinal de uma representação recalcada para um objeto culturalmente valorizado e passa a ser um mecanismo inerente à própria teoria pulsional, pois será fundamental na transformação qualitativa das pulsões. Uma apreciação mais detida da teoria da sublimação em Freud pode ser conferida no trabalho de Laplanche (1989).

identificação. A transformação [de libido erótica] em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização. De qualquer modo, isto lança luz sobre uma importante função do ego em sua relação com Eros. Apoderando-se assim da libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais [pulsionais] opostos. (FREUD, 1923/1996, p. 72)

Vemo-nos de novo diante da possibilidade (...) de que a sublimação ocorra regularmente por intermédio do Eu. Lembremo-nos de que o Eu, lidando com os primeiros investimentos objetais do Id – e aliás, também com os outros investimentos que mais tarde o Id venha fazer nos objetos –, absorve a libido desses investimentos e a enlaça à modificação que, por meio da identificação, ele mesmo [o Eu] pôde promover em si. Essa conversão de libido erótica em libido do Eu implica, naturalmente, o abandono das metas sexuais e, assim, uma dessexualização. Podemos reconhecer aqui uma importante realização do Eu na sua relação com Eros. Na medida em que ele se apodera da libido dos investimentos objetais, impondo-se como único objeto de amor e dessexualizando ou sublimando a libido do Id, ele trabalha contra os propósitos de Eros e se coloca a serviço de moções pulsionais que se opõem a Eros. (FREUD, 1923/2007, p. 54-55)

Esse ponto é radicalmente novo na teoria sobre a pulsão de morte e um passo além na teoria das identificações. O que Freud afirma é o aspecto constitutivo que as relações objetais têm para o ego. Aqui é dado um passo além na teoria do narcisismo, pois além de descrever um mecanismo identificatório próprio pelo qual o ego consegue transformar a libido objetal e sexual em libido narcísica, também afirma a gênese do ego por meio dessas identificações com o objeto.

Apontei, no capítulo anterior, que a teoria do narcisismo tende, a partir da década de 1920, a ser cada vez mais remetida a um estado anobjetal originário no qual boa parte dos comentadores da obra freudiana vê um retrocesso imperdoável (GARCIA-ROZA, 1999, p. 50; LAPLANCHE e PONTALIS, 1998, p. 288). Mas essa posição freudiana não é unívoca e a citação abaixo, na sequência da anterior, não deixa dúvidas quanto essa gênese do narcisismo por meio da relação com o objeto:

Isto pareceria implicar uma importante amplificação da teoria do narcisismo. Bem no início, toda libido está acumulado no id, enquanto o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em conseqüência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos. (FREUD, 1923/1996, p. 72)

Coloca-se agora para nós uma tarefa mais imediata: é preciso que procedamos a um importante aprimoramento da teoria do narcisismo. De início, toda libido está ainda acumulada no Id, enquanto o Eu ou se encontra ainda em processo de formação ou já se formou, mas ainda é frágil. Nessa fase é o Id que emite uma parte desta libido, investindo-a nos objetos. Mais adiante, quando já está mais fortalecido, o Eu tenta se apoderar ele mesmo desta libido objetal enviada pelo Id e busca se impor como objeto de amor ao Id. O narcisismo do Eu é, dessa forma, um narcisismo secundário que foi retirado dos objetos. (FREUD, 1923/2007, p. 55)

Aqui se vê uma articulação da teoria pulsional com a teoria das identificações no momento do narcisismo. É interessante marcar, contudo, que esse movimento de investimento narcísico é fruto de um duplo movimento: o de ligação no ego via identificação narcísica e o de desinvestimento do objeto. Isso mostra a complexidade das operações de fusão e defusão pulsionais na dinâmica narcísica e, aponta, novamente, para a idéia de um investimento do próprio que é conservador no sentido da pulsão de morte. Mais adiante, quando falarmos especificamente das identificações, retornaremos a esse ponto. Por enquanto, irei dar seguimento na construção da nova teoria das pulsões.

O restante do capítulo que estamos examinando não traz novidades. Além da reafirmação de que o trabalho das pulsões de morte é silencioso e que toda introdução de tensão no aparelho psíquico é função de *Eros*, só encontramos a reafirmação da hipótese de deflexão da pulsão de morte para o exterior por meio da intervenção dos investimentos eróticos no ego.

Novos elementos significativos para a teoria pulsional serão encontrados no texto *O Problema Econômico do Masoquismo* (FREUD, 1924/1996; 1924/2007). Esse texto é importante pois nele Freud irá retomar a análise do enunciado teórico que é o pilar da hipótese sobre a pulsão de morte: o par de opostos sadismo-masoquismo. É importante também porque se trata de um texto posterior ao grande remanejamento tópico e dinâmico que foi a introdução da segunda tópica em *O Ego e o Id*.

Nesse texto, Freud retoma uma questão fundamental da economia psíquica que a análise do par sadismo-masoquismo deixara em aberto. Em sua abordagem inicial do problema, Freud não concebia a possibilidade de um masoquismo primário, uma vez que tal hipótese era totalmente contra o princípio de prazer que ordenava o funcionamento das pulsões sexuais e também, por meio de sua modificação em princípio de realidade, das de auto-conservação. A idéia era que o sadismo era função de uma reação defensiva do ego perpetrada inicialmente pelas pulsões de auto-conservação e que somente por um mecanismo de reflexão a agressividade voltaria para o sujeito. Portanto, a hipótese era de que o masoquismo era secundário a um sadismo primário. Contudo, a introdução do “além” do princípio de prazer e das pulsões de morte tornou possível pensar-se em um masoquismo primário originário, fruto da operação das pulsões de morte sobre o aparelho

psíquico. O objetivo desse pequeno texto de Freud é reorganizar essa teoria sobre o masoquismo, discriminando suas diversas formas e localizando-as em termos genéticos.

Para tanto, o autor retoma alguns aspectos de sua nova teoria pulsional e faz uma distinção teórica importante, que é separar o princípio de prazer do princípio de Nirvana e relacioná-los aos dois tipos de pulsão. Assim, a tendência radical à descarga, denominada por mim de princípio de prazer absoluto, é finalmente destacada do princípio de prazer relativo à constância. Isso possibilita, a partir daí, uma melhor definição de conceitos dentro da lógica temporal desenvolvimentista a que o pensamento freudiano tende a submeter-se. A seqüência de relações seria, a partir daí, a seguinte: “o princípio de *Nirvana* expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de *prazer* representa sua transformação em reivindicação da libido; e o princípio de *realidade*, a influência do mundo exterior” (FREUD, 1924/2007, p. 106).

Feita a retificação, Freud parte para o problema específico do masoquismo e diferencia três formas fundamentais do masoquismo: *erógeno*, referido a uma contingência da excitação sexual; *feminino*, expressão da essência feminina; e *moral*, referido às normas e regras de comportamento. A hipótese é que o masoquismo erógeno seria mais originário e, portanto, fundamento dos outros dois.

O masoquismo feminino seria a forma mais facilmente observável e compreensível. Consiste na produção de situações ou fantasias em que o sujeito é humilhado ou maltratado, assumindo um papel de criança indefesa, dependente e desobediente. Às vezes também envolve tomar uma posição de mulher, em que sofre passivamente o coito, é castrado ou dá à luz. O termo deriva do papel fundamentalmente passivo e feminino da libido nesse tipo de masoquismo. No conteúdo manifesto dessas fantasias delineia-se também um sentimento de culpa, que é expiado por meio dos procedimentos dolorosos e torturantes, mas esse aspecto não é o mais evidente no masoquismo feminino. É, contudo, a característica essencial no masoquismo moral, em que uma consciência moral extremamente suscetível derivada de um sadismo exacerbado do superego suscita a produção de sentimentos inconscientes de culpa. Nesta última forma de masoquismo a relação com o objeto de amor não é importante, de forma que se mostra marcado por imperativos impessoais.

A forma originária do masoquismo seria a erógena, que partiria do prazer direto e imediato que o sujeito obtém com a excitação dolorosa, sem passar pela mediação de exigências de punição ou de sentimentos de culpa moral. Para explicar o masoquismo erógeno, Freud recorre a sua nova teoria pulsional e ao mecanismo de deflexão da pulsão de morte para o exterior na forma de pulsão de destruição ou de domínio, por meio da ação das pulsões de vida. A hipótese é que haveria uma parcela das pulsões de morte que não seria transposta para o exterior e permaneceria no interior do organismo. O modo de lidar com essa pulsão de morte intrínseca é tentar ligá-la por meio da fusão com as pulsões de vida em libido, o que levaria à criação de uma satisfação libidinal fixada à dor física e psíquica.

O masoquismo erógeno, portanto, seria a prova de um mecanismo primário de fusão pulsional, enquanto as formas moral e feminina envolveriam mecanismos secundários de organização dos impulsos sádicos no aparelho psíquico, relacionados à mediação da instância superegóica. Da análise desses mecanismos secundários Freud vai retirar uma conclusão importante, a saber, que todo sadismo do superego se acopla a um masoquismo egóico e que todo recalque sobre as representações ideativas opera sobre a libido uma parcela de defusão pulsional que implica um duplo destino afetivo: a angústia, expressão das pulsões de vida, e o sentimento inconsciente de culpa, expressão da pulsão de morte. Essa última hipótese lança um pouco mais de luz sobre as chamadas relações entre o ego e o superego, analisadas no texto de introdução da nova tópica. Mas o que é mais interessante desse texto é a idéia de um mecanismo primário de ligação da pulsão de morte em libido, anterior à mediação de instâncias ideais. Novamente, é em direção a uma dinâmica narcísica que integre os impulsos mortíferos que a trama dos conceitos aponta.

Vejamos agora o texto *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 1929), no qual a hipótese do duplo destino afetivo do recalque será fundamental. É curioso notar o movimento típico de Freud nessa elaboração da nova teoria das pulsões: a alternância entre análises da subjetividade individual e da cultura. De fato, se o masoquismo moral mostra o sentimento inconsciente de culpa como uma produção inevitável da história do indivíduo, o mal-estar social revela esse mesmo resto na dinâmica do processo civilizatório. Essa é, inclusive, uma das principais e trágicas conclusões da análise de Freud: o mal-estar é inevitável pois é o avesso necessário do progresso de *Eros* em sua tarefa de unir e ligar todas as dimensões da vida: biológica, psíquica e

social. É importante notar a amplitude que a teoria pulsional vai ganhando ao longo de sua elaboração, pois aqui Freud já não tem nenhum pudor em afirmar essa tese altamente especulativa e problemática do ponto de vista epistemológico, que é a afirmação das pulsões como princípios universais de vida e morte, operantes em um amplo espectro de níveis ontológicos.

Deteremo-nos, contudo, apenas no capítulo VI, onde é feita uma ampla retomada da teoria pulsional com o intuito de discutir especificamente a hipótese da pulsão de morte em sua relação com a agressividade. O desenvolvimento do argumento é bastante previsível: apresentação do primeiro dualismo em termos de pulsões sexuais e de auto-conservação, considerações sobre a introdução do narcisismo e da teoria do ego, revisão da teoria pulsional e proposição de *Eros* e da pulsão de morte, levando a uma discussão sobre as manifestações dessa última. É retomada então a hipótese de que parte da pulsão de morte é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como agressividade e destrutividade (FREUD, 1929, p. 158), seguida dos demais adendos da nova teoria pulsional, em especial a concepção da fusão e defusão das pulsões na libido, exemplificada nas análises tanto do sadismo quanto do masoquismo. Dessa forma, passo-a-passo, o que se vê é a retrospectiva de todos os pontos da segunda teoria das pulsões. A novidade é justamente a extrapolação da teoria pulsional para o plano metafísico e sua aplicação para a compreensão da cultura:

Em tudo o que se segue, adoto, portanto, o ponto de vista de que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva [pulsional] original e auto-subsistente, e retorno à minha opinião de que ela é o maior impedimento à civilização. (...) Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de *Eros*, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. (...) Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre *Eros* e a Morte, entre o instinto [pulsão] de vida e o instinto [pulsão] de destruição tal como ela se elabora na espécie humana. (FREUD, 1929, p. 162-163)

Esse é o gigantesco e final passo na construção da teoria da pulsão de morte na obra freudiana, que implica em modificações radicais no próprio fundamento da teoria pulsional. Se agora tomarmos todos os aspectos essenciais que norteavam a concepção original da teoria pulsional, veremos que muito pouco permanece. A idéia de que as pulsões são um conceito limite entre o somático e o psíquico e, portanto, mola propulsora do aparelho psíquico, dá lugar a uma noção quase metafísica de princípios universais de ligação e desligamento.

Os parâmetros de fonte, pressão, objeto e meta, por sua vez, estão radicalmente comprometidos. Embora as pulsões de vida ainda possam ser subsumidas a esses parâmetros, a pulsão de morte não se encaixa nessa descrição, pois está além do princípio de prazer, no plano da repetição mortífera e da irrepresentabilidade. Embora em seu percurso Freud tenha se esforçado para reduzir o alcance da hipótese das pulsões de morte à expressão da destrutividade projetada na cultura ou introjetada no superego⁴⁷, o que podemos concluir é que a nova teoria pulsional desmonta essa noção original do que sejam pulsões.⁴⁸

Outro ponto que é radicalmente transformado diz respeito às relações que se estabelecem entre as pulsões de auto-conservação e as pulsões sexuais. Na primeira teoria pulsional a oposição entre as duas se dava em termos de um fundamento biológico distinto: a conservação do indivíduo em oposição à conservação da espécie. Além disso, a hipótese genética básica era a de que as pulsões sexuais se desenvolviam apoiadas sobre as de auto-conservação.

Com a inclusão das duas pulsões sob a categoria de pulsões de vida, o que se observa é o apagamento dessas distinções, sendo que as pulsões de auto-conservação tendem cada vez mais a serem entendidas como a libido do ego, que seria uma transformação da pulsão de vida por meio do mecanismo de dessexualização da libido. Assim, o termo pulsão do ego passa a fazer todo o sentido, sendo entendida como uma elaboração secundária da tendência erótica original.

Outra modificação fundamental diz respeito à compreensão do movimento de saída na busca do objeto, que passa a ser referido a uma dinâmica completamente distinta. Agora é a pulsão de morte que é defletida para o exterior por força do investimento narcísico de *Eros*. Essa libido sádica visa não só a destruição, mas também o domínio do objeto. A porção de sexualidade fusionada nesse investimento libidinal sádico é que será o ponto de apoio para os investimentos eróticos posteriores.

⁴⁷ Aqui é curioso notar o próprio movimento de restrição semântica que vai se configurando ao longo dos textos freudianos, se antes eram denominadas as pulsões de vida e de morte, no plural, agora se define a pulsão de vida *Eros* e a pulsão *destrutiva*, no singular, estando o caráter mortífero restrito à sua expressão positiva na agressividade.

⁴⁸ Um aprofundamento nessa discussão sobre as duas concepções de pulsão presentes na metapsicologia freudiana pode ser encontrado em Gomes (2001), que faz uma apresentação bastante sintética e acessível das ambigüidades presentes na teoria pulsional.

Podemos afirmar, contudo, que embora a noção de auto-conservação biológica fique marginalizada e a compreensão da agressividade seja significativamente transformada, o quadro geral da pulsão sexual, entendido como exigência de trabalho para o aparelho psíquico a partir de uma estimulação de *fonte* somática, exercendo *pressão* na busca de descarga por meio de *objetos* que possibilitem a *meta* de *satisfação* e dando origem ao *desejo*, é mantido. Assim, o que há é uma significativa ampliação da teoria das pulsões, que revoluciona alguns aspectos da teoria original, mas preserva o núcleo da compreensão da pulsão sexual como um dos elementos fundamentais de *Eros*.

Freud tenta, nos seus últimos escritos, harmonizar e articular as duas teorias, notadamente nos capítulos II e III do seu inconcluso “*Esboço*” de Psicanálise, como mostra a citação a seguir:

As forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas de *instintos* [pulsões]. Representam as exigências somáticas que são feitas à mente. Embora sejam a suprema causa de toda atividade, elas são de natureza conservadora; (...) Descobrimos que os instintos [pulsões] podem mudar de objetivo (através do deslocamento) e também que podem substituir-se mutuamente, a energia de um instinto [pulsão] transferindo-se para outro. (...) Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas dois instintos [pulsões] básicos, *Eros* e o *instinto* [pulsão] *destrutivo* (O contraste entre os instintos de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do ego e o amor objetual, incidem dentro de *Eros*). O objetivo do primeiro desses instintos [pulsões] básicos é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso do instinto [pulsão] destrutivo, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamámo-lo também de *instinto* [pulsão] *de morte*. (FREUD, 1938/1996, p. 161)

Embora a síntese seja satisfatória, observa-se a permanência de algumas ambigüidades terminológicas, especialmente no que diz respeito ao termo *libido*, pois ele passa a designar tanto seu conceito mais restritivo e original, ligado à função sexual, quanto a concepção mais nova e ampla, ligada às pulsões de vida. Nesse segundo caso, pode-se considerar as pulsões de auto-conservação como de natureza libidinal. Cabe, ainda, lembrar das diversas combinações entre componentes eróticos e destrutivos fusionados nos investimentos libidinais. Além disso, como já apontei, a própria noção de narcisismo fica confusa. Embora afirme que o narcisismo constitutivo do ego seja secundário ao investimento de objeto, colocando a constituição da subjetividade na relação com a alteridade, afirma igualmente um

narcisismo originário de caráter mítico, em que as pulsões estariam confinadas ao id, anteriormente à constituição do ego.⁴⁹

Somente levando em consideração todas essas questões suscitadas pela integração das duas teorias pulsionais em Freud, podemos propor um quadro sintético que organize os conceitos e proposições desse tópico fundamental da metapsicologia:

Figura 8: Síntese da Teoria Pulsional em Freud.

Terminando esse movimento de construção meticulosa do novo dualismo pulsional, podemos, agora, sintetizar os argumentos que concernem à hipótese da pulsão de morte como um *estranho* na metapsicologia. Essa hipótese afirma que o novo dualismo pulsional retoma processos essenciais que estavam no horizonte epistemológico freudiano e os lança em direção aos limites das concepções da teoria da representação, que é um elemento fundamental no arcabouço da Psicanálise.

A idéia radicalmente nova que a concepção da pulsão de morte traz é a de uma tendência absoluta à descarga – o princípio de Nirvana – que é oposta ao princípio de prazer e ao regime de representações psíquicas. Surge, assim, a concepção da *ligação* de uma efração pulsional traumática como defesa mais primária do aparelho psíquico, necessária para a instalação do princípio de prazer e da própria organização do aparelho psíquico em termos de estruturais.

⁴⁹ Embora bastante elucidativo e sintético, o texto do “*Esboço*” não deixa de ser impreciso, como se pode ver na afirmação do narcisismo primário, que será ali referido ao ego (FREUD, 1938/1996, p. 163).

É a dimensão econômica que volta com toda a força nesse giro da espiral metapsicológica, impulsionada pela retomada da idéia de trauma. O trauma agora passa a ser entendido como excesso pulsional desligado que está para além da capacidade de contenção dos sistemas de representação psíquica. A ligação é o que opera a passagem do princípio de prazer *absoluto* para o *relativo*, ou seja, do princípio de nirvana para o princípio do prazer agora reduzido à idéia de constância.

Essa revolução metapsicológica só foi possível por conta do aprofundamento da investigação clínica dos quadros narcísicos em que justamente a estruturação do ego é deficitária. Enquanto nos neuróticos a ligação da pulsão em um princípio de prazer relativo – segundo as leis do processo primário e do investimento de representações psíquicas – encontrava-se mais ou menos consolidada, nos quadros narcísicos e nas neuroses traumáticas essa passagem não era efetivada sem percalços. Pelo contrário, era naquele ponto de entrada da pulsão no aparelho psíquico que se configurava o problema. A questão passa a ser trabalhar a idéia de que a pulsão em sua manifestação mais bruta possui um funcionamento demoníaco que é uma ameaça traumática potencial ao psiquismo, devendo ser ligada e domesticada para poder investir nos sistemas representacionais. Assim, enquanto o recalque é a defesa que instaura a divisão do aparelho psíquico, a ligação é a forma mais primária de manejo da pulsão. Ela é que possibilita a criação e manutenção de sistemas representacionais e identificatórios; em suma, um aparelho psíquico. Nesse sentido, a função primária da ligação encontra-se intimamente ligada com os processos propriamente originários do psiquismo.

Sendo assim, fica muito mais claro que o aparelho psíquico se constitui contra a pulsão e a partir dela. Há um potencial mortífero no funcionamento pulsional que deve ser contido e ligado. Sem essa ligação, não há possibilidade de investimento em representações, pois a pulsão de morte, no regime do prazer absoluto, nada mais visa que a própria descarga, ou seja, a evacuação de toda energia psíquica e conseqüentemente o esvaziamento e abolição do próprio aparelho psíquico.

A idéia de uma evacuação completa da energia psíquica, que antes figurava como um horizonte teórico e até como uma idéia reguladora – ou seja, um princípio teórico que necessariamente não se efetiva nunca –, agora passa a estar no cerne da problemática das pulsões. Isso explica a inversão que o conceito de pulsão de morte traz para a teoria pulsional, uma vez que a idéia reguladora de prazer absoluto passa

a configurar aquilo que é o verdadeiro protótipo das pulsões: mais primitivo, mais originário e mais pulsional. A pulsão de morte passa a ser a pulsão por excelência. Nessa reviravolta, aquilo que permanecia na periferia da metapsicologia ganha o centro. Do mesmo modo, a idéia de um prazer absoluto como uma negatividade coloca o psiquismo em torno do irrepresentável.

Essa implicação fundamental da pulsão de morte, contudo, tendeu a ser progressivamente apagada ao longo da consolidação do novo dualismo pulsional. A irrepresentabilidade do além do princípio de prazer cada vez mais deu lugar à versão mais domesticada das pulsões de morte, sua expressão por meio dos componentes destrutivos da libido. Embora seja interessantíssima a hipótese de uma deflexão da pulsão de morte para o exterior como condição necessária para a constituição do aparelho psíquico, Freud atentou mais para os efeitos dessa destrutividade na cultura do que para as consequências metapsicológicas dessa concepção.

Do ponto de vista metapsicológico, a única derivação que Freud irá sugerir, já no *O Ego e o Id* (1923/1996; 1923/2007), é o papel das pulsões de morte no investimento do superego, como veremos no capítulo a seguir. No entanto, novamente, essa derivação diz respeito a uma dinâmica da pulsão de morte no nível representacional, fusionada a uma libido sádica que alimenta o superego contra o ego. Além disso, fala de uma identificação e de uma diferenciação posteriores à própria gênese do ego.

Contudo, vimos que a derivação dessa problemática para o nível da própria gênese do aparelho psíquico é possível. O que a idéia de gênese do aparelho psíquico sugere é, nada mais, do que uma ampla reconsideração da identificação narcísica, o que, por sua vez, nos coloca no caminho de uma discussão sobre o papel da identificação primária. Infelizmente, Freud deixou essa sugestão, como tantas outras, em aberto.

Uma análise cuidadosa do pensamento freudiano mostra que essa derivação não só é possível como necessária. É possível pensar em um mecanismo de defusão pulsional que reinvesta o próprio, constituindo um ego, de tal forma que o narcisismo implique em um movimento tanto da pulsão de vida quanto da pulsão de morte e seja entendido como uma gênese simultânea do mundo externo e do aparelho psíquico.

O problema é que, na medida em que avançamos em especulações e abstrações sobre um modelo teórico que dê conta desses momentos originários da

subjetividade, o manejo das hipóteses fica mais complexo e menos tangível, o que dificulta extremamente a tarefa de teorização. O percurso de elucidação da teoria pulsional aproxima-se cada vez mais da discussão sobre a própria origem do aparelho psíquico e, portanto, da teoria das identificações. Desse modo, será necessário avançar rumo a esses outros arranjos conceituais da metapsicologia e descartar e discriminar algumas imprecisões e dificuldades presentes na própria proposição da teoria pulsional.

Parece-me, então, que aquilo que coloca o ponto de vista econômico como um dos eixos centrais da metapsicologia a partir dos anos 1920 é a abordagem de uma passagem que sempre esteve prevista teoricamente. Porém, mais que alargar um campo antes negligenciado, a introdução da pulsão de morte irá revolucionar todo o arranjo teórico da metapsicologia, colocando suas problemáticas em novas bases.

Se a pulsão de morte pôde figurar como o elemento traumático à trama de conceitos da metapsicologia, mobilizando a “virada” dos anos 1920, não se pode dizer que seu impacto foi totalmente domesticado por Freud. O fato é que a pulsão de morte permaneceu como uma das mais controversas invenções da teoria psicanalítica, aquilo que Freud considerava como a mais especulativa de suas contribuições, não tendo lugar essencial entre os conceitos mais importantes da metapsicologia e não contribuindo para uma modificação essencial no trabalho psicanalítico. Concessões freudianas à parte, defendo a idéia de que a pulsão de morte é um aspecto central do arcabouço teórico da segunda tópica e que ela possui reflexos para além da dimensão metapsicológica.

A tarefa que se coloca é justamente o equacionamento desse impacto da pulsão de morte na metapsicologia, cujo encaminhamento foi tão inconcluso por parte de Freud. Portanto, há uma série de aberturas e descaminhos com a introdução da pulsão de morte. Penso que seja interessante sintetizar essas possibilidades por meio da definição de alguns aspectos que a teoria comporta.

Proponho, então, a distinção entre *três ênfases fundamentais na compreensão da problemática da pulsão de morte*: (1) *traumatismo e ligação*; (2) *desligamento e sentimento inconsciente de culpa*; (3) *agressividade e destrutividade*.

O primeiro eixo é aquele que privilegia o traumático em sua condição de colocar em suspenso o princípio de prazer e o trânsito de representações e afirma a defesa contra essa efração por meio da ligação da pulsão de morte em libido. Esse

aspecto privilegia o trabalho do ego de ligação em representantes libidinais. A questão, nesse caso, é entender a natureza dessa ligação e transformação. Do ponto de vista representacional, ela envolveria a idéia de uma tradução entre níveis representacionais por meio de uma elaboração psíquica. Mas, provavelmente, esse mecanismo de elaboração não pode ser compreendido independente de uma dinâmica de identificações que articule essa passagem. Podemos também entender que essa descrição provavelmente se refere a um traumatismo posterior à instalação do ego como conjunto de representações e instância psíquica, e, portanto, seja a dimensão mais secundária das relações entre o ego e as pulsões de morte.

O segundo aspecto não enfatiza tanto o transbordamento energético que suspende os mecanismos representacionais por excesso, mas, principalmente, o movimento de retirada da pulsão de morte dos objetos, que é ilustrado pelo fenômeno do aumento do sentimento inconsciente de culpa por conta da incidência de mecanismos defensivos, sobretudo o recalque, na libido fusionada. Aqui temos duas questões importantes. A primeira é a valorização de um outro afeto, que não a angústia, como resultado dos conflitos psíquicos. A segunda é a indicação preciosa de que há um movimento de investimento e desinvestimento das pulsões de morte sobre o objeto, de tal forma que o *desligamento* seria uma característica significativa na dinâmica das pulsões de morte. O importante é compreender que esse desligamento não envolve somente a separação dos vínculos representacionais do aparelho psíquico mas, também e sobretudo os vínculos do ego com os objetos, de tal forma que podemos reconhecer aí um movimento de desinvestimento do objeto com retração da pulsão de morte sobre o ego, na forma de um sentimento inconsciente de culpa que não é, necessariamente, uma angústia moral, decorrente de um temor do superego.

Nesse ponto é que as análises de Freud sobre as modalidades do masoquismo se mostram interessantes. Embora o masoquismo moral fale de um sadismo domesticado no qual a pulsão de morte está a serviço do superego sobre o ego, o masoquismo erógeno fala de uma fusão mais primária entre as pulsões, perpetrada pelo próprio objeto. Novamente a questão sobre a fixação do objeto como matriz representacional se impõe, e somos levados a perguntar sobre o tipo de identificação em jogo nessa dinâmica. Parece-me, contudo, que nesse caso há claramente dois

mecanismos distintos, um propriamente superegótico e, portanto, posterior e outro de caráter mais narcísico e originário.

O terceiro aspecto é o que toma a pulsão de morte como expressão de uma qualidade psíquica particular, no caso o ódio, agressividade ou destrutividade. Nesse caso, como já indiquei, a pulsão se torna sinônimo do que seria seu representante afetivo, simplificando todo o circuito pulsional. Nesse caso, a dinâmica se dá dentro do paradigma da representação, sendo a única questão o perigo que essa destrutividade traz quando reintrojada e colocada a serviço de uma instância específica, a saber, o superego.

Evidentemente, essa proposta não cria categorias excludentes ou designa processos constitucionais distintos, apenas organiza um pouco melhor esse campo de problemáticas. O que se nota é que essas tendências se agrupam de forma distinta ao longo da obra freudiana, como pudemos acompanhar. Além disso, acredito que essas diferentes ênfases contribuam para as diferentes interpretações dos autores pós-freudianos sobre a pulsão de morte. Antes vejamos, contudo, alguns aspectos problemáticos que esse caminho de desenvolvimento da teoria da pulsão de morte em Freud nos deixa.

4.3 Trabalhando no Campo Aberto

Após esse primeiro tópico de trabalho mais próximo na teoria da pulsão de morte e no novo dualismo pulsional na metapsicologia freudiana, proponho agora uma discussão um pouco mais distanciada das teses originais de Freud aprofundando esse campo aberto de possibilidades de desdobramentos da problemática da pulsão de morte na Psicanálise. Para tanto, irei não só discutir os pontos mais significativos a que chegamos, mas também irei enveredar por algumas proposições de autores pós-freudianos ao tema.

O primeiro ponto a abordar é a inflexão para o nível biológico de explicação que ocorre a partir da “virada” dos anos 1920. Essa inflexão ocorre para dar conta da própria origem do psiquismo, quer seja em nível pulsional, quer seja em nível das fantasias. Sabemos, em linhas gerais, a saída que Freud dará para esse problema. Buscará fundamentar a tópica em fantasias originárias herdadas filogeneticamente,

remetendo a fonte pulsional para o plano das excitações da matéria viva. Esse movimento acabará por tornar a pulsão, no registro da segunda teoria pulsional, uma espécie de categoria ontológica transcendental, já que se faz presente em todos os níveis de organização da vida e da morte.

Com isso, a própria categoria do social é simultaneamente incluída e destituída do campo da teoria psicanalítica, uma vez que embora os grandes textos de interpretação psicanalítica da cultura sejam do período, o que se observa neles é o fato do esquema interpretativo ser, na melhor das hipóteses, psíquico – quando não, biológico. Mezan (1990) sustenta que, embora a construção teórica em Psicanálise só possa ser pensada na interpenetração entre teoria, clínica e cultura, e que a dimensão cultural seja um aspecto essencial para a produção de hipóteses, não é possível afirmar que a categoria social realmente figure com pertinência nas hipóteses explicativas freudianas. Quanto a isso, posso então afirmar que não é pelas teses explícitas dos textos sobre a cultura que Freud encontra a dimensão social, mas pelo próprio movimento de interpenetração entre a gênese do sujeito e da cultura, por intermédio das construções míticas do Complexo de Édipo, do Narcisismo e da Horda Primeva. Contudo, ainda que não tenha conseguido fundamentar esse movimento propriamente, a virada nos anos 1920 coloca a alteridade no cerne da constituição do sujeito, o que caracteriza essa abertura para o fenômeno social. Para os propósitos da presente investigação é justamente essa questão do estatuto da alteridade na gênese do psiquismo e do inconsciente que interessa particularmente.

Porém, se, por um lado, percebe-se essa abertura para a compreensão da gênese do ego e, em última instância, do próprio aparelho psíquico, pelo outro, é no plano das explicações biológicas e de um suposto retorno a idéia de uma realidade histórica e material como predeterminação do psíquico que as teses freudianas irão transitar. A questão em jogo nesse ponto é de ordem epistemológica, ou mais propriamente, dos referenciais epistemológicos de que dispunha Freud.

Assim, o primeiro ponto a ser trabalhado nessa discussão sobre a teoria das pulsões é sua articulação com e sua fundamentação a um referencial biológico. A releitura do campo freudiano por um referencial epistemológico que se assente em outras bases, que não a realidade empírica e a necessidade biológica, foi uma das contribuições mais importantes de Lacan para a Psicanálise. Nessa perspectiva, a distinção entre o plano da necessidade biológica e o do desejo psíquico se instaura no

corte entre instinto e pulsão. Essa dissociação do biológico para um plano mais propriamente semiótico, ou seja, das diversas concepções sobre os sistemas de linguagem, é uma marca distintiva do movimento psicanalítico francês. Além de Lacan, boa parte da disseminação dessa perspectiva crítica do que poderíamos chamar de *desvio biologizante* em Freud se assenta no trabalho de Jean Laplanche. Como o trabalho deste último autor se propõe permanecer mais próximo das categorias conceituais da metapsicologia freudiana, vamos examinar sua hipótese sobre a teoria das pulsões.⁵⁰

A tese laplanchiana é de uma *teoria geral das pulsões como pulsão sexual*. Para tanto, parte da mesma crítica que estou fazendo a uma interpretação apressada e redutora da pulsão de morte tomando-a como uma certa qualidade psíquica específica, como a agressividade ou o ódio. Além disso, acrescenta uma perspectiva propriamente *problemática, histórica e crítica* dos conceitos freudianos, tentando ultrapassar suas limitações heurísticas e as interpretações por demais literais e dogmáticas do pensamento freudiano. Essa concepção, por sua vez, está amplamente articulada ao tratamento que o mesmo autor dá à problemática do originário, uma vez que o esforço desse autor é justamente desenvolver um descolamento da metapsicologia de seu desvio biologizante. A hipótese é que tanto a noção de passividade frente à pulsão quanto a idéia de um id ou de um inconsciente primário não-recalcados não implica uma concepção da Psicanálise que tome o biológico como fundamento. Não irei entrar nos meandros dessa discussão, que transcende os propósitos desta tese, apenas irei apontar duas contribuições importantes: a rearticulação da teoria das pulsões e a hipótese sobre o originário.

Em um texto bastante sintético, esse autor articula os principais elementos da concepção das pulsões e, principalmente, da concepção de pulsão de morte que perpassa boa parte de sua obra (LAPLANCHE, 1988c). A hipótese fundamental, que vai de encontro com as discussões deste capítulo sobre a teoria das pulsões, é que as duas teorias freudianas sobre as pulsões não substituem umas às outras, mas se

⁵⁰ Cabe aqui uma nota sobre a omissão de uma discussão direta com a teoria lacaniana. Isso se dá pelo simples fato de que a metapsicologia lacaniana parte de uma outra posição quanto ao problema da representação. Mais especificamente, diria que ela é proposta mais bem desenvolvida de ultrapassagem do paradigma da representação, resquício de uma raiz psicológica da metapsicologia freudiana, por meio de um recurso à concepção de estrutura linguística como fundamento do sujeito do inconsciente. Assim, o diálogo com Lacan nesta tese não é possível simplesmente porque ele parte de outras bases que não a da teoria da representação.

completam, a segunda vindo modificar e reequilibrar a primeira. O ponto de articulação entre as duas está na consideração sobre o narcisismo e na proposição de uma sutil modificação na teoria freudiana. O seu arranjo baseia-se em poder distinguir efetivamente as funções de auto-conservação da sexualidade, deixando apenas a esse último campo o estatuto de *pulsional*. O esquema proposto por Laplanche (1988c, p. 17) é o seguinte:

Figura 9: Teoria das Pulsões segundo Laplanche.

Comparando o gráfico acima com a *figura 8*, onde propus um esquema sintético da teoria pulsional em Freud, vemos facilmente que a proposta laplanchiana resolve uma ambigüidade fundamental da teoria pulsional freudiana que é a superposição entre as funções biológicas da auto-conservação e a dinâmica da libido narcísica, que assinalai por meio da interrogação na figura anterior. O ganho em compreensão, contudo, ocorre à custa de uma dissociação mais explícita entre as funções biológicas e a economia das pulsões. A auto-conservação continua como uma função primária, que ainda se presta a um certo apoio para o desenvolvimento das pulsões sexuais mas não é mais um componente efetivo na economia do conflito psíquico, pois a fonte e a própria constituição da dinâmica pulsional fica remetida a um outro movimento, estritamente no campo da significação: o *recalque originário*.⁵¹

⁵¹ Nessa concepção laplanchiana a idéia de um recalque *primário* está mais ligada a uma noção de *originário*, uma vez que, como veremos, a constituição do núcleo do inconsciente é simultânea à instalação do regime das pulsões. Em Freud o fundamento biológico da pulsão permite uma dissociação entre o recalque primário e as origens do aparelho psíquico. Por esse motivo e para manter

É por isso que afirmei que a problemática do biológico está intimamente relacionada com a do originário. Retirar a fonte da pulsão de uma concepção biológica e empirista implica na reconsideração do problema das origens do inconsciente. A saída laplanchiana – assim como a de Lacan⁵² – é postular um fundamento estritamente semiótico para as pulsões e para o inconsciente, de tal forma que o inconsciente seja fruto da operação do recalque originário.

Mas vejamos, antes, como o autor justifica a inclusão da pulsão de morte no campo da pulsão sexual. Sua proposta passa de uma retomada da evolução da teoria das pulsões, assinalando os pontos intermediários entre as duas teorias que foram as proposições da concepção de uma sexualidade objetual e narcísica e, posteriormente, de uma sexualidade desligada e demoníaca. É aí que está a contribuição específica do autor: compreender que a compulsão à repetição é um modo essencial de funcionamento da sexualidade, ligado à radicalidade da energia livre no processo primário:

Portanto, neste momento, há a necessidade de reafirmar algo que era essencial na sexualidade e que havia sido perdido, seu aspecto demoníaco, sujeitado ao processo primário e à compulsão à repetição. A partir de então, a sexualidade (...) encontra-se como que desmembrada entre estes dois aspectos, que por fim serão reagrupados por Freud sob os termos de pulsões de vida, ou Eros, e pulsões de morte. Eros retomando para si não a totalidade da sexualidade, mas os aspectos desta dedicados a conservar o objeto, assim como a conservar o eu como objeto primário. (LAPLANCHE, 1988c, p. 21)

Ora, essa afirmação, na verdade, é bastante capciosa, pois não justifica ou argumenta, simplesmente reafirma a sexualidade como fundamento, ou seja, reafirma um postulado. Nesse sentido, reflete uma tomada de posição fundamental quanto ao estatuto do inconsciente e, especialmente, do id. Ela visa a priorizar a dinâmica do recalque primário em relação à concepção de uma pulsionalidade radical de origem somática, da qual Freud não abrirá mão em sua segunda tópica. De qualquer forma, a interpretação laplanchiana possibilita um novo olhar sobre o originário, retomando o papel do objeto na constituição do aparelho psíquico.

É aí que entra a contribuição da chamada *teoria da sedução generalizada*. Essa teoria, sustentada por Laplanche desde meados da década de 1960, implica em

o rigor, preferi me referir ao mecanismo em Freud como recalque *primário* e em Laplanche como recalque *originário*.

⁵² A referência fundamental para compreender a saída lacaniana está no texto de seu discurso de Roma, onde afirma e fundamenta sua tese do *inconsciente estruturado como linguagem* (LACAN, 1953/1998).

uma ampla rearticulação teórica do legado freudiano, priorizando, como o próprio nome já diz, um resgate do papel da sedução, supostamente abandonado ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica. Como se sabe, a teoria da sedução “restrita” foi uma hipótese adotada no início das investigações psicanalíticas para explicar a gênese do trauma psíquico em função de uma resignificação de eventos vividos na infância. Foi abandonada em 1897 por Freud e deu lugar a duas concepções que seriam fundamentais para a concepção da Psicanálise como campo de saber, que foram a noção de realidade psíquica, por meio do conceito de fantasia inconsciente, e a concepção de uma sexualidade infantil. Essa teoria da sedução, embora equivocada em seus aspectos restritos, implicava em uma concepção revolucionária de temporalidade, que não foi abandonada por Freud: a idéia de um traumatismo em dois tempos, decorrente da significação *a posteriori* de um registro mnêmico, ou seja, de uma tradução de registros representacionais que implicaria reposicionamentos tópicos. Esses fatores, que Laplanche chama de “força” na teoria da sedução restrita (1988b, p. 112) serão aquisições fundamentais da racionalidade psicanalítica.

A inovação propriamente laplanchiana não está em resgatar os elementos dessa primeira teoria da sedução ou a noção de *a posteriori*, mas indicar os remanejamentos finais da obra freudiana no sentido de um resgate da idéia de sedução precoce e rearticulá-los em uma teoria coerente sobre o originário.

Já nos anos 1930, Freud irá resgatar em alguns momentos a idéia de que o desenvolvimento da sexualidade estaria relacionado a uma sutil e ampla sedução materna sobre o bebê por meio dos cuidados corporais prestados ao longo da relação pré-edipiana:

E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (FREUD 1933c/1996, p. 149)

Embora essas indicações estejam presentes na última década do pensamento freudiano, faltou uma ampla restituição da sedução no conjunto da teoria freudiana. Laplanche se propõe a sanar essa falha por meio de uma generalização que parte de uma crítica das concepções de atividade e passividade por meio da idéia de um “a

mais” de significação no confronto da criança com o mundo adulto, tributária, por sua vez, das proposições de Ferenczi.

Desse modo, é por meio da apropriação da noção ferencziana de uma confusão de línguas entre criança e adulto e de uma consideração bastante ampla do que seriam as modalidades semiológicas (verbalizações, gestos e expressões, afetos, etc.), que Laplanche propõe a idéia fundamental de um potencial traumático da linguagem adulta em função de um sentido ignorado que é expressão do inconsciente parental. Essa será, a idéia de uma sedução originária, perpetrada pela instalação de um *significante enigmático*:

Pelo termo *sedução originária* qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais, tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. Do que chamo *significantes enigmáticos*, não é necessário procurar longe para encontrar exemplos concretos. O próprio seio, órgão aparentemente natural da lactação: podemos negligenciar ainda seu investimento sexual e inconsciente maior pela mulher? (LAPLANCHE, 1988b, p. 119)

É essa sedução precoce, originária e generalizada que fornece o fundamento para a sedução infantil restrita que embasava o primeiro modelo freudiano, assim como é o solo de origem do próprio circuito pulsional. Novamente é a noção de apoio nas funções de auto-conservação que é convocada, mas dessa vez de uma perspectiva completamente distinta. O originário é entendido como fruto de uma confrontação do organismo biológico dotado de montagens somatopsíquicas com significantes emanados do adulto, ligados à satisfação das necessidades biológicas, mas veiculando uma interrogação puramente potencial de mensagens de cunho sexual. Isto quer dizer que é a significação proveniente do outro humano como uma intencionalidade suposta porém incompreendida que invoca e constitui a sexualidade. Esses primeiros registros, portanto, indicariam uma forma de registro pré-simbólica, que demandariam tradução em significações mais elaboradas, criando uma exigência constante de simbolização.

É aí que Laplanche se mostra herdeiro dos primeiros modelos representacionais freudianos, na medida em que tenta indicar a articulação deste ponto de vista temporal essencialmente tradutivo com a noção de *registros perceptivos* (1988c, p. 120), apresentada no capítulo anterior desta tese.

Uma apresentação um pouco mais extensa e didática da teoria da sedução generalizada é feita no livro *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (LAPLANCHE,

1992a, p. 111-157). Novamente o autor irá partir dos aspectos tópico, temporal e tradutivo da sedução restrita e da teoria do trauma ferencziana para desenvolver sua hipótese de uma sedução originária perpetrada por significantes enigmáticos, porém dessa vez dando especial atenção para os significantes referentes às fantasias das cenas originárias (nascimento, coito parental, castração, diferença de gêneros, etc.) como os elementos primordiais de incidência do potencial traumático. Com isso, cada vez mais o autor vai se aproximando de uma concepção estrutural e fundante do aparelho psíquico em que o originário é dissociado da mitologia científica na qual Freud o enraizara, a ponto de afirmar que “o originário é um aprofundamento da noção de real (o real humano, evidentemente) em direção às situações inelutáveis que o fundam; o originário é uma categoria da efetividade (LAPLANCHE, 1992b, p. 137).

O ser humano é entendido aí como um ser fundamentalmente semiótico, de caráter autotradutivo e autoteorizante, que se origina dessa operação fundamental em que os significantes enigmáticos se implantam como restos e inscrições mnêmicos rudimentares que atuarão como incitadores do processo de simbolização e engendradores da pulsão. Dessa forma, os significantes enigmáticos são compreendidos como verdadeiros “objetos-fontes” da pulsão, instalados pelo traumatismo da sexualidade proveniente do outro.

A constituição de todo esse circuito pulsional, por sua vez, seria dado pelo recalçamento originário, que envolveria um processo de substituição significativa que o autor denomina de *metábole*. Esse neologismo assemelha-se às figuras de linguagem da metáfora e da metonímia utilizadas por Lacan em sua própria concepção do recalque originário como advento da metáfora paterna, mas procura ressaltar a ação metabolizante das operações semióticas constituintes do aparelho psíquico e do circuito pulsional.

Evidentemente, o percurso laplanchiano aí se aproxima muito das concepções lacanianas. De fato, toda a proposta laplanchiana do originário surge de sua crítica à primazia da linguagem concedida por Lacan na compreensão do inconsciente e envereda por uma noção mais ampla do que viria a ser o “significante”. Não nos interessa entrar nesse debate, mas apenas indicar a pertinência para o nosso próprio

percurso.⁵³ O que gostaria de indicar desse percurso de Laplanche é a proposição de uma teoria do originário que está fundamentada em uma compreensão semiótica e não biológica das origens do inconsciente e da pulsão. A diferença fundamental entre as duas perspectivas é o caráter do significante, que era entendido de forma extremamente restrita na concepção estrutural lacaniana e passa a ser um tanto ampla demais na concepção laplanchiana⁵⁴. Porém não é isso que interessa verdadeiramente, mas sim o fato de como compreender que essa operação pode ser estruturante e inaugural do aparelho psíquico. Mais especificamente, trata-se de entender como essa concepção restrita ao campo das significações pode se transformar em um parâmetro de funcionamento para o aparelho psíquico, delimitando *instâncias*.

Vejamos o esquema proposto por Laplanche (1992a, p. 143):

Figura 10: *Sedução originária e recalcamto originário segundo Laplanche.*

A compreensão do esquema ilustrado na *figura 10* depende de um certo esclarecimento terminológico e conceitual. O que o autor chama de ego-corpo diz respeito à unidade corporal ainda fragmentária que tem nos limites do corpo os primeiros pontos de referência para uma unidade somatopsíquica. Corresponderia,

⁵³ Para esse clássico debate da Psicanálise francesa, a publicação do colóquio de Bonneval sobre o inconsciente é fundamental (EY, 1969). A comunicação laplanchiana, escrita em conjunto com Leclaire, foi reproduzida também no quarto volume das problemáticas (LAPLANCHE, 1992b).

⁵⁴ Convém lembrar que em uma perspectiva estritamente lingüística, que é a de qual parte Lacan, o significante refere-se a um signo. O que Laplanche e muitos autores franceses, como André Green, vão propor é uma ampliação desse termo para comportar outras formas de significação simbólica, incluindo os símbolos motivados, índices, afetos e assim por diante.

portanto, ao momento propriamente “pré-erótico” do desenvolvimento psicosexual, em que as diversas funções do corpo se satisfazem de forma independente e desordenada.

Assim, nesse primeiro tempo, não há um ego propriamente dito, o ego-instância que se configura como uma unidade psíquica por meio das identificações narcísicas, nem mesmo um circuito pulsional, já que apenas as funções de auto-conservação encontram-se operantes. O ego-instância será uma parte do aparelho psíquico constituído à imagem da totalidade somatopsíquica e na relação com os objetos por meio da sedução dos significantes, criando uma distância em relação à montagem estritamente biológica original. É fruto, portanto, de um narcisismo originário, que configuraria os elementos de origem do circuito pulsional. Percebe-se que Laplanche utiliza uma lógica que articula dois tempos para mostrar a instalação do auto-erotismo e a configuração de um narcisismo propriamente primário que configuraria um ego-instância distinto da totalidade somatopsíquica. Já o ego-indivíduo, por sua vez, diz respeito ao nível mais geral do funcionamento do aparelho psíquico, na medida em que se configura como a totalidade da personalidade/subjetividade do indivíduo.

Desse modo, a sedução originária opera por meio de um fornecimento de significantes enigmáticos que irão encontrar apoio nas funções biológicas de auto-conservação. É a intencionalidade semiótica que vem se superpor ao funcionamento no nível da mera necessidade e implementa uma nova modalidade de regulação. Esse momento, em que o significante enigmático instala-se no corpo e configura propriamente uma zona erógena, circunscrevendo limites corporais que serão referências importantes do que virá a ser o ego-instância, é denominado de *implantação*. O significante enigmático, portanto, é inicialmente externo ao ego, sendo essa primeira forma de inscrição progressivamente internalizada. A estimulação incessante desse resquício traumático engendra mecanismos defensivos que irão progressivamente estabelecendo ressignificações sobre essa marca originária. Essas defesas primárias estão mediadas por identificações com o objeto e constituirão propriamente o *recalcamento originário*.

A operação do recalque originário, portanto, refere-se mais propriamente àquilo que cria simultaneamente a distinção entre um ego-instância e o núcleo do inconsciente. O significante enigmático que fora implantado nas fronteiras de um

ego-corporal ainda indiferenciado passa a estar localizado em um outro regime de funcionamento dinâmico e localização tópica: dentro do aparelho psíquico (ego-indivíduo) mas fora do ego-instância. Esse resto da operação do recalque originário, núcleo do que se convencionou chamar de inconsciente e que a partir de 1923 será chamado de id, será denominado de *objeto-fonte* da pulsão. Ele é, portanto, externo ao ego, mas irrompe de dentro do psiquismo.

Esse modelo carece, ainda, de um terceiro tempo na estruturação do aparelho psíquico, que também é fundamental mas não se encontra representado no esquema de Laplanche. É que a significação *a posteriori* não opera apenas no recalque originário, estando presente, também, no complexo de Édipo, na dinâmica de identificações, angústias e defesas que levará à formação do superego. Assim, quando a dinâmica triangular se organiza e se configuram o recalque secundário e a dinâmica edípica, está em jogo também um movimento de ressignificação, que vem confirmar, reforçar e consolidar as próprias fantasias originárias: “o recalque originário necessita de uma chancela para ser mantido, *necessita do recalque secundário*” (LAPLANCHE, 1992a, p. 145). Decorre daí que esse escalonamento de níveis do aparelho psíquico é mais complexo, comportando, pelo menos mais uma instância – a superegógica. Mas, mesmo assim, o esquema seria insuficiente, pois não se trata propriamente, como já vimos, de uma nova inscrição independente da anterior, mas de uma mudança no estatuto dessas representações, por meio de suas relações de significação.

Com essas considerações estamos nos afastando do nosso intuito neste capítulo e adentrando nas questões suscitadas pelo modelo estrutural, que discutiremos somente no próximo capítulo. Contudo, como também aponte, a questão das origens da pulsão não se dissocia das origens do inconsciente. Esse é o foco da discussão agora – de forma que a questão do recalque secundário se torna desnecessária. Notemos, ainda, que por meio da discussão dos novos fundamentos que propõe Laplanche resgatamos a questão do recalque primário, que foi trabalhada no capítulo anterior e deixada em suspenso. O que posso acrescentar agora é que se tomamos o caminho dessa inflexão semiótica acabamos por enfatizar o papel do objeto na constituição do aparelho psíquico. Dessa forma, acredito que a posição laplanchiana seja bastante interessante para abordar algumas questões sobre a relação

do biológico com o originário, indicando o papel da alteridade na origem do chamado sujeito do inconsciente.

Uma outra questão que esse aporte nos permite discutir é a da inscrição das representações no aparelho psíquico. Nesse caso, contudo, o recurso a uma perspectiva mais semiótica torna as coisas mais difíceis. Lembrando que para Freud as diferentes modalidades de representação ideativa estariam mais articuladas com os lugares psíquicos, a ênfase nos processos de significação mediados por uma temporalidade não-linear, própria do *a posteriori*, deixa a questão de quantos e quais registros praticamente insolúvel. Além disso, há uma alteração no esquema energético original, já que a fonte da pulsão está em um objeto introjetado e, portanto, no âmbito do aparelho psíquico. Porém, não fica claro o papel da identificação na organização desses lugares psíquicos e também essa teoria da significação não é explicitada pelo autor, ficando em termos bastante gerais. De qualquer forma, o fato é que uma concepção semiótica coloca em novas bases a questão do aparelho psíquico.

O redimensionamento epistemológico por meio da ruptura com o biológico traz, portanto, alguns avanços no sentido de uma origem do inconsciente por meio de uma alteridade indutora de significações e traz algumas respostas sobre a gênese das instâncias psíquicas. Contudo, nos afasta na questão da irrepresentabilidade originária da pulsão de morte, pois a insistência na afirmação da sexualidade como comportando duas tendências opostas e distintas, a ligação (vida) e o desligamento (morte) reduz a amplitude do campo de articulações entre as pulsões de vida e de morte. Esse expediente, por sinal, acaba por reduzir o dualismo pulsional a uma lógica identitária de princípios transcendentais opostos.

Essa posição, que ademais é bem fiel às escolhas de Freud, é encontrada em outros comentadores:

A revisão imposta à teoria das pulsões é, como vemos, radical. Onde antes se defrontavam uma sexualidade de base orgânica e sediada no inconsciente, e uma perseveração na existência também de base orgânica mas localizada no ego, surgem agora dois princípios transcendentais, a Repetição e a Ligação, fundando respectivamente as pulsões de morte e as pulsões de vida. (MEZAN, 2001, p. 268)

Curiosamente, esse expediente de afirmação do dualismo em termos identitários via de regra está associado com a negação do biológico como fundamento da Psicanálise. Não é o caso de Mezan, mas pode ser encontrado nas

obras de Garcia-Roza. Embora não tenha efetivamente publicado o volume de sua *Introdução à Metapsicologia Freudiana* em que trataria do segundo dualismo pulsional e da última etapa do pensamento de freudiano, alguns textos desse autor trazem sua posição sobre as pulsões de morte (GARCIA-ROZA, 1990, 1995, 1999).

A princípio esse autor também parte de uma crítica de uma postura transcendental, já que propõe que as pulsões sejam articuladas a um princípio ontológico da *diferença*. A idéia, fundamentada nas concepções deleuzianas, é que a verdadeira produção da subjetividade é perpetrada pela diferença como princípio de ruptura e constituição do novo. Isso faria da pulsão de morte a pulsão por excelência, uma vez que atuaria como princípio de ruptura na trama de representações do aparelho psíquico, criando diferenças e, portanto, movendo o circuito pulsional que de outra forma tenderia a cristalizar-se sob o domínio unificante das pulsões de vida:

A solução estaria em concebermos o dualismo pulsional não como um dualismo de *natureza* das pulsões, mas como um dualismo de *modos* da pulsão. Assim, as pulsões, em si mesmas, seriam todas “qualitativamente da mesma índole”, como diz o próprio Freud; a diferença entre elas seria dada pelos seus modos de presentificação no aparato anímico. E poderíamos conceber dois modos de funcionamento o disjuntivo e o conjuntivo. Se a pulsão se faz presente no aparato anímico promovendo e mantendo uniões, conjunções, ela é dita “de vida”; se ela se presentifica no aparato anímico disjuntivamente, “fazendo furo”, então ela é dita “de morte”. Dessa forma, *pulsão de vida* e *pulsão de morte* seriam modos de presentificação da pulsão no psiquismo e não qualidades das pulsões elas mesmas. (...)

O que o conceito de pulsão de morte introduz na teoria psicanalítica é a possibilidade de se pensar em uma região do campo psicanalítico, concebido como o caos pulsional, oposto à ordem do aparato psíquico. Isto tem como consequência imediata a queda da hegemonia do princípio do prazer. Ele é hegemônico apenas no que se refere ao funcionamento do aparato psíquico, mas aquilo que está para além do aparato psíquico está também para além do princípio de prazer, e um dos modos de presentificação desse “além” no psiquismo é disjuntivo, destrutivo, desfazendo as formas constituídas, dando lugar à emergência de novas formas. (GARCIA-ROZA, 1999, p. 162)

Como se pode notar, essa concepção, além de buscar uma aproximação com a concepção de pulsão presente na Psicanálise francesa, também está próxima de certas posições contemporâneas sobre uma ontologia não-identitária, que traga a *produção das diferenças* para o próprio seio do ser. Contudo, há também o risco dessa proposta de uma lógica da diferença seja interpretada nos mesmos modos binários e identitários que supunha criticar. Isso se dá, certamente, pelo caráter estritamente positivo que a noção de desligamento ganha nessa abordagem, uma vez que é reduzida à concepção de disjunção e, portanto, de um mero espaço entre as representações. Assim, nessa perspectiva é possível afirmar que as verdadeiras pulsões promotoras da diferença e da mudança seriam as pulsões de morte e que as

pulsões de vida são, na verdade, forças de conservação. Ora, isso é simplesmente desconsiderar toda a complexidade da problemática em Freud e reduzi-la a uma mera polaridade marcada por juízos de valor, ou seja, inverte os termos sem modificar a lógica operante.

Outra possibilidade de saída para esse impasse que nos deixou Freud é não operar o corte, mas tentar conciliar os dois níveis. Essa opção foi seguida pelas tradições norte-americana e inglesa, embora em perspectivas diferentes. Enquanto a psicologia do ego alinhou-se com uma epistemologia positivista e funcionalista, a ponto de renunciar o conceito de pulsão de morte como um contra-senso à sobrevivência da espécie, a perspectiva kleiniana parece ter permanecido em uma categorização pré-biológica do “instinto”⁵⁵, um pouco na esteira da posição freudiana.

Não caberia aos propósitos deste capítulo apresentar uma apresentação crítica dessas saídas.⁵⁶ Gostaria apenas de discutir um autor que refaz esse percurso ao longo da tradição kleiniana das relações objetais e dos seus desdobramentos em Bion e Winnicott: André Green. Esse autor se propôs examinar os problemas inerentes à metapsicologia freudiana por meio de um resgate, interpretação e renovação dos pressupostos e hipóteses da obra do fundador da Psicanálise. Já apresentei, no capítulo anterior, algumas das contribuições desse autor para a problemática da teoria dos afetos na metapsicologia. De fato, a obra de André Green é marcada por seu momento inicial de crítica à hegemonia do significante no auge do movimento estruturalista no lacanismo por meio de um resgate da importância fundamental da teoria dos afetos na metapsicologia e na clínica psicanalítica. Porém, além dessa proposição de um *discurso vivo* (GREEN, 1982), o autor também é responsável por contribuições importantes à teoria das pulsões e à compreensão do narcisismo, além de uma série de discussões extremamente pertinentes para a Psicanálise contemporânea. Por enquanto, vou me limitar a expor brevemente essas duas contribuições específicas, que tocam diretamente a questão que estamos discutindo.

O primeiro ponto a destacar é o de um narcisismo *negativo* ou *narcisismo de morte* como complemento necessário à teoria do narcisismo. Como vimos

⁵⁵ Convém lembrar a especificidade terminológica da Psicanálise de língua inglesa, em geral, e dos kleinianos, em particular, de tomar o conceito de pulsão como sinônimo de instinto em sua acepção geral do senso comum.

⁵⁶ A esse respeito cabe conferir o já citado livro de Figueiredo (1999), além do panorama sistemático apresentado em um artigo de Anzieu (1998).

anteriormente, a teoria do narcisismo não sofreu modificações significativas a partir do segundo dualismo pulsional, ficando, portanto, relegada a sua compreensão pela dinâmica estrita da sexualidade no primeiro dualismo. Contudo, na medida em que vamos avançando sobre a proposição de uma virada na teoria pulsional e nos aproximando de uma compreensão do originário fundamentada no encontro com a alteridade e na produção de um excesso traumático, fica cada vez mais evidente que há a necessidade de uma compreensão da incidência da ligação da pulsão de morte sobre a constituição de um núcleo narcísico promotor do ego, bem como das dinâmicas engendradas por esses vínculos com o objeto. A pulsão de morte é marcada por uma dimensão negativa de evacuação da excitação e destruição da trama de representações do psiquismo. Sendo desligamento, a pulsão de morte nada visa além da irrepresentabilidade, promovendo-a necessariamente por meio de um ataque ao espaço de objetos e instâncias psíquicas.

A teoria do narcisismo, embora fundamental para o desenvolvimento das teses metapsicológicas, não chega a encontrar uma sistematização conclusiva na obra de Freud. Embora o último momento de sua teorização privilegie o papel das identificações na constituição do aparelho psíquico, é somente no nível da dinâmica triangular e edípica que chega a uma posição mais consistente. O papel do narcisismo na constituição do ego é deixado em segundo plano, havendo até a regressão em alguns pontos importantes na teoria do desenvolvimento psicosssexual, como na superposição entre auto-erotismo e narcisismo primário com um estado anobjetal originário. Desse modo, toda a discussão sobre a dinâmica da pulsão de morte na constituição do ego é deixada de lado. Pois bem, esse é propriamente o problema metapsicológico que Green propõe elucidar.

Partindo de uma matriz clínica pautada nos chamados casos-limite ou *borderlines* e da descrição de dinâmicas narcisistas como o complexo da “mãe morta”, a psicose branca e o gênero neutro, caracterizadas por angústias de perda do objeto, identificações “adesivas”, esvaziamento da dimensão simbólica, sintomas no plano somático e atuações, o autor desenvolve uma ampla reorientação da teoria psicanalítica para o que chama de *trabalho do negativo* (GREEN, 1994). A constatação sistemática do que denominou de complexo da “mãe morta” na identificação primária infantil permitiu descrever um tipo de processo identificatório que não se constituía pela incorporação positiva de um objeto de amor – como em

Freud e mesmo Lacan – mas que também não tinha as características das projeções do ódio para a manutenção do “bom” núcleo identificatório do ego – como em Klein. Mais do que a atividade pulsional engendrando afetos de ódio, o que se observava nesses casos era um intenso desinvestimento dos objetos externos e desligamento dos vínculos internos, produzindo a sensação de “vazio” e morte subjetiva. Constituiu-se, a partir daí, a proposta de desenvolver uma teoria sobre os vínculos mortíferos constituintes do narcisismo.

O trabalho de Green visa, portanto, a um resgate do tema do narcisismo⁵⁷ em Psicanálise e a um aprofundamento dessa teoria para contemplar os processos tanáticos caracterizados pelo desligamento dos vínculos objetivos e egóicos. O negativo, portanto, não é somente a dimensão irrepresentável da pulsão de morte em sua exigência de simbolização, mas, também, um conjunto de defesas que promovem desligamentos nos processos de identificação. É nesse ponto que essa proposta traz um avanço importante em relação a outros autores que trabalham a metapsicologia dos processos originários do psiquismo, como é o caso de Laplanche e Garcia-Roza, discutidos acima. A constituição do aparelho psíquico não é função apenas de um processo contínuo e logicamente progressivo de níveis de simbolização de uma pulsão que é originalmente irrepresentável, mas, também, de processos que atuam “negativamente”, isto é, como forças silenciadoras e desinvestidoras no próprio seio dos processos de simbolização e identificação.

Uma vez configurado o campo de problematização, Green (1988a, p. 59-70) propõe um conjunto de elementos para entender a complexidade inerente aos processos narcísicos. Essas categorias dizem respeito fundamentalmente a uma compreensão dos valores em jogo em cada uma dessas figuras na relação com a alteridade. Daí, portanto, a idéia de valores narcisistas, que o autor categoriza em um esquema numérico: o *um*, o *outro* e o *neutro*. Sua concepção geral sobre o narcisismo está baseada na tendência a uma entidade unitária, no sentido de que qualquer posição narcísica implica essencialmente um desejo de unidade. Este é propriamente

⁵⁷ Embora essa afirmação soe um pouco estranha para os ouvidos contemporâneos, em que o narcisismo comparece como um dos temas mais em evidência na teoria psicanalítica, Green teve o mérito de apontar a raridade de discussões metapsicológicas que valorizassem esse conceito. De fato, foi com Kohut, nos EUA, e Lacan, na França, que a discussão do narcisismo como etapa no desenvolvimento do psiquismo e como estrutura de ancoragem para certas dinâmicas psicopatológicas vingou. Uma revisão mais sistemática sobre o tema pode ser encontrada na introdução do livro citado (GREEN, 1988a).

o momento *Um* do narcisismo, que diz respeito ao seu movimento constitutivo por meio do investimento das pulsões de vida. Assim, podemos afirmar, em consonância com os princípios da metapsicologia e com uma teoria geral do desenvolvimento psicosexual, que o narcisismo primário consiste nessa nova ação psíquica em que há uma unificação do auto-erotismo sob a égide de um núcleo egóico, constituído em um modo de relação narcísica com a alteridade e que, portanto, não implica uma diferenciação sujeito/objeto, interno/externo, ou eu/outro.

Até aí não há nada de particularmente novo do ponto de vista da teoria psicanalítica. A contribuição específica de Green está em afirmar que esse narcisismo primário pode ter um duplo destino: o *outro* ou o *nada*. Assim, uma primeira direção é a abertura para a escolha de objeto, rumo ao *Outro* e, portanto, a uma relação mediada com a alteridade em que a diferença já se coloque por meio da instalação de um ideal por vir: o ideal de ego. Assim, é por meio dessa passagem do narcisismo primário, sob a primazia de um ego ideal, para um narcisismo secundário, sob a primazia de um ideal de ego, que se consolida o percurso do chamado *narcisismo de vida*. Uma outra alternativa é o movimento “para o *narcisismo primário absoluto*, onde a excitação *tende* ao zero: o *narcisismo negativo*” (GREEN, 1988a, p. 60).

O negativo aqui não deve ser entendido no sentido de um inverso do positivo, como por exemplo, na inversão entre amor e ódio na teoria dos afetos ou em sua derivação para a compreensão do dualismo pulsional. O negativo deve ser compreendido em seu sentido econômico absoluto, ou seja, para além do princípio de prazer e na direção de uma tendência à completa descarga e, portanto, ao zero e ao nada, própria do princípio de nirvana.

Percebe-se que é no sentido do que tenho chamado de um processo primário absoluto, portanto, que se organiza a concepção de um narcisismo negativo ou de morte. É nesse campo que se instaura propriamente a figura do *neutro*, que o autor remete diretamente à categoria do *branco* (*blank*) tematizada nos quadros de sua matriz clínica.

Esses três tipos de valores narcisistas, evidentemente, estão diretamente relacionados às dinâmicas de vinculação e desvinculação próprias da economia da libido segundo os componentes de pulsão de vida e de pulsão de morte que temos trabalhado ao longo deste capítulo. São figuras intercambiáveis, até porque envolvem

uma temporalidade complexa marcada por ressignificações *a posteriori*, que ajudam a organizar teoricamente os diferentes momentos e dinâmicas dentro do que a Psicanálise reconhece como fenômenos “narcísicos”.

Uma organização esquemática dessa concepção de figuras do narcisismo pode ser proposta de acordo com a seguinte figura:

Figura 11: Figuras do narcisismo na lógica da constituição subjetiva segundo Green.

Essa proposta parece-me bastante coerente com o problema metapsicológico que está sendo discutido ao longo deste capítulo: a relação entre o segundo dualismo pulsional e as concepções sobre as origens do ego e do aparelho psíquico. Nesse sentido, as seguintes citações me parecem bastante sintéticas e indicativas:

Dediquei-me a defender a idéia de que não se pode aceitar a segunda tópica sem levar em conta a última teoria das pulsões. (...) Além disso, parece-me que a coerência teórica, assim como a experiência clínica, nos permite postular a existência de um *narcisismo negativo*, duplo sombrio do Eros unitário e do narcisismo positivo, de modo que todo investimento de objeto, assim como do Eu, implica seu duplo invertido que visa um retorno regressivo ao ponto zero. (...) Este narcisismo negativo parece-me diferente do masoquismo, apesar das observações de numerosos autores. A diferença é que o masoquismo – se fosse originário – é um estado doloroso que visa a dor e sua manutenção como única forma de existência, de vida, de sensibilidade possíveis. Inversamente, o narcisismo negativo dirige-se à inexistência, à anestesia, ao vazio, ao *branco* (do inglês *blank*, que se traduz pela categoria do neutro), quer este branco invista o afeto (a indiferença), a representação (a alucinação negativa), ou o pensamento (psicose branca). (GREEN, 1988a, p. 41)

Para resumir esta “deriva conceitual”, Freud partiu do olha e descobriu o Um. Depois dele, os analistas instalam o Outro em posição dominante (quer se trate das relações objetais da escola inglesa ou da aceção totalmente diferente que Lacan lhe dá). Proponho completar esta série com a categoria do Neutro (*neuter*), nem o Um nem o Outro. (GREEN, 1988a, p. 41)

A concepção do narcisismo negativo será a base para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla do trabalho do negativo na constituição do aparelho psíquico, que me parece retomar muitos aspectos que têm sido discutidos nesta tese de análise da teoria da representação na metapsicologia. Retomarei algumas dessas questões mais adiante. Por enquanto, gostaria de me restringir a definir o narcisismo negativo e a indicar que compreensão da teoria das pulsões está em jogo no trabalho desse autor. Essa última tarefa pode ser realizada a partir de uma breve apresentação que ele faz dos aspectos fundamentais de sua compreensão da pulsão de morte, marcada pelo conceito de *função desobjetalizante* (GREEN, 1988b).

A posição do autor parece-me claramente consonante com a discussão efetuada acima sobre as derivações para além do princípio de prazer que apontam para um ataque interno aos investimentos de objeto que, contudo, não são propriamente da ordem de uma ligação representacional e erótica como o ódio. Esse tipo de hetero-agressividade parece ser já a expressão de um desdobramento do momento mais originário de auto-agressividade cujo mecanismo de deflexão da pulsão de morte vem suplantar. A chamada função desobjetalizante seria então um mecanismo próprio da dinâmica da pulsão de morte, correspondendo a sua expressão no aparelho psíquico, embora não venha configurar, propriamente, uma representação de caráter ideativo. O autor é bastante claro:

A verdadeira questão é tentar dar uma resposta ao enigma deixado em aberto por Freud: qual seria a função que poderia desempenhar o papel correspondente de representação da pulsão de morte, lembrando-se que para ele é a autodestruição que é sua expressão fundamental, a heterodestruição constituindo apenas uma tentativa de alívio da tensão interna, ponto de vista contestado por muitas teorias pós-freudianas? No que me diz respeito, adiro plenamente à hipótese de que a função autodestrutiva desempenha para a pulsão de morte um papel correspondente àquele que desempenha a função sexual para Eros. No entanto, diferente de Freud, não cério que se deva defender a idéia de que esta função autodestrutiva se expressaria primitiva, espontânea ou automaticamente (GREEN, 1988b, p. 57)

Essa citação é bastante significativa, pois refere-se a um ponto da compreensão freudiana da pulsão de morte que foi resgatado por autores pós-freudianos como Bion: os movimentos de auto-sabotagem nos vínculos com os objetos internos e externos, expressando dinâmicas da ordem do irrepresentável. Além disso, marca um outro ponto que nos tem sido bastante importante, a idéia de que o “objeto é o revelador das pulsões” (GREEN, 1988b, p. 58), ou seja, que as pulsões não têm uma origem natural, biológica e endógena, mas são fruto de um impacto com a alteridade dos objetos e de suas significações.

Claramente essa concepção de pulsão de morte é tributária das desvinculações reativas tão características do narcisismo negativo que o autor descreve. Nesse sentido, mais do que um mero *desinvestimento*, a dinâmica essencial das pulsões de morte se configura na operação de *desobjetalização*, que significa não só a retirada do investimento sobre a representação, mas a verdadeira desvinculação desse objeto das estruturas da subjetividade, criando verdadeiros vazios no aparelho psíquico. Essa hipótese, por sua vez, parece-me bastante interessante no sentido de vincular a metapsicologia a uma teoria das identificações que transcenda o paradigma representacional. Cabe lembrar que o autor também insiste no papel *objetalizante* das pulsões de vida, no sentido que lhes cabe não só investir objetos, mas a partir deles criar estruturas e regras de funcionamento. Nesse ponto, Green, na esteira da tradição kleiniana-bioniana, parece apontar para uma teoria das pulsões que considere essa tridimensionalidade intrínseca à compreensão das origens do aparelho psíquico, ressaltando a imbricação entre dinâmicas de vida e de morte nessas operações constitutivas.

É importante marcar que a compreensão de Green sobre a pulsão de morte está um passo além das noções de desligamento em termos de mera disjunção que, como vimos, são comuns na consideração desse conceito. Isso se dá pela afirmação de uma produção da diferença que está aquém do esquema representacional, já que se constitui como uma força contra toda e qualquer estruturação subjetiva e, portanto, negativa, paralisante e anestesiante. Nesse sentido podemos então entender como a pura experiência de dor, efeito do trauma e da efração, seria um momento ideal mas raramente alcançado ou mantido do princípio do nirvana. Muito mais presentes como expressão do dinamismo da pulsão de morte seriam os movimentos de desvinculação reativa que implicam em um verdadeiro empobrecimento do aparelho psíquico. Decorre daí a ênfase que estou dando ao conceito de *desobjetalização* como desinvestimento radical. Vejamos as definições do autor dessa função objetalizante característica das pulsões de vida e desobjetalizante característica das pulsões de morte:

Propomos a hipótese de que a meta essencial das pulsões de vida é garantir *uma função objetalizante*. Isto não apenas significa que seu papel é criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas que ela se revela capaz de transformar em estruturas o objeto, mesmo quando o objeto não está mais diretamente em questão. Dito de outra forma, a função objetalizante não se limita às transformações do objeto, mas pode fazer chegar à categoria de objeto aquilo que não possui nenhuma das qualidades, das propriedades e dos atributos do

objeto desde que uma única característica se mantenha no trabalho psíquico realizado: o *investimento significativo*. (...) Este processo de objetualização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica, de maneira tal que, no limite, o *próprio investimento que é objetualizado*. Isto leva, portanto, a distinguir o objeto da função objetualizante, onde é claro, a ligação acoplada ou não ao desligamento, entra em jogo. (GREEN, 1988b, p. 59)

Pelo contrário, a meta da pulsão de morte é realizar ao máximo uma *função desobjetualizante* através do desligamento. Esta qualificação permite compreender que não é somente a relação como o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – o eu, por exemplo, e o *próprio investimento à medida que sofreu o processo de objetualização*. Na maior parte do tempo, assistimos, com efeito, apenas ao funcionamento concorrente das atividades em relação aos dois grupos de pulsões. Mas a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o *desinvestimento*. (GREEN, 1988b, p. 60)

Com esse último movimento de apresentação e discussão de possibilidades de interpretação da pulsão de morte, chegamos ao fim da exposição de algumas concepções e hipóteses que podem ser derivadas do campo aberto por Freud com a introdução do segundo dualismo pulsional. É chegada a hora de retomarmos nossa problemática e sintetizar os argumentos discutidos.

4.4 Resgatando a Problemática

Esses são alguns pontos que gostaria de marcar para uma primeira configuração dos desdobramentos da pulsão de morte como o estranho na metapsicologia. Pude marcar quais os limites para além e aquém da teoria da representação que coincidem com os dois grandes caminhos abertos por Freud a partir da virada dos anos 1920. Quis marcar que destinos a teoria da pulsão de morte nos deixa, a partir do trinômio que intercala ligação, irrepresentabilidade e agressividade. Mostrei, além disso, como esse amplo campo de hipóteses sobre a dinâmica das pulsões de morte está assentado em um desvio biologizante característico dessa última etapa da obra de Freud que implica uma série de problemas para a compreensão da dimensão do originário na metapsicologia. Discuti as interpenetrações desses níveis tentando traçar os esboços do movimento de teorização de Freud e as perspectivas que são retomadas por alguns comentadores pós-freudianos.

Partimos de um esclarecimento quanto à articulação das duas teorias pulsionais, já que a própria concepção de pulsão não é a mesma na primeira e na

segunda versão. Pois se a primeira teoria pulsional é entendida como uma demanda de elaboração psíquica marcada pelas quatro características definidoras da pulsão – a fonte, a pressão, a meta e o objeto – a segunda teoria pulsional carece de alguns desses elementos. O principal é a idéia de que a pulsão não é mais uma exigência de trabalho psíquico, mas, como já assinalei, uma categoria quase ontológica ou transcendental.

Observa-se, então, como é a própria noção de conceito-limite entre o somático e psíquico que se apaga. Esse apagamento não se dá apenas no sentido de que a pulsão agora é uma força biológica-psicológica-social, mas também que a própria distinção entre o campo das representações e o da libido como território do psíquico é suprimida. Desse modo, o que é apagado é a noção da pulsão como conceito articulador entre a representação psíquica e uma exigência que é externa a ele. Nesse sentido, convém lembrar que o Id do modelo estrutural será o caldeirão das pulsões de vida e de morte, que se abre na extremidade inferior para o corpo (FREUD, 1933b). Ou seja, as pulsões saem do campo somático e, simultaneamente, o psíquico passa a se desvincular daquilo que é estritamente representado. Contudo, se por um lado essa “nova” teoria pulsional implica em uma abertura para o irrepresentável e uma desvinculação como o plano somático, ela tende a ser amarrada a uma origem última é não só ontológica, mas também biológica.

Essas modificações trazem alguns problemas para as tentativas de unificação das duas teorias pulsionais. Parece-me, inclusive, que a proposta de Laplanche pode também incorrer no problema de colocar as pulsões sexuais de vida e de morte no mesmo nível de trabalho psíquico, quando esse desnível é fundamental para a problemática que Freud inaugura. Mas não é só por esse motivo que as teorias pulsionais não são equacionáveis. Outro problema que permanece é a inexistência de um objeto para a pulsão de morte. Ora, se a pulsão de morte é puro desligamento, pura descarga, não pode aí haver um objeto. Daí sua assimetria com a concepção de pulsão de vida que, *grosso modo*, ainda pode ser definida em termos das quatro características essenciais da pulsão.

O exame do desvio biologizante e de seu tratamento na tradição francesa nos levou um pouco além da problemática específica das pulsões, mas foi bastante útil na compreensão da ampliação do conceito de originário, passando a comportar o aspecto fundamental da alteridade. Contudo, se o papel do outro e a especificidade

do domínio pulsional são afirmados, alguns prejuízos e limites também são criados. O principal deles diz respeito à ênfase em uma concepção semiótica que tende a deixar de lado a proposição de uma irrepresentabilidade radical e, também, de uma dinâmica das identificações estruturante do aparelho psíquico como um sistema de instâncias. De qualquer forma, as hipóteses de Laplanche e Mezan nos permitiram avançar na elaboração do impacto traumático da pulsão de morte. Podemos, a partir daí, propor uma lógica de dois tempos na elaboração pulsional, que configuraria um processo primário radical sob o princípio de prazer absoluto ou de nirvana em oposição ao processo primário relativo sob o princípio de prazer propriamente dito.

Isso, contudo, não se mostra suficiente para dar conta do problema. Em primeiro lugar, porque se a ligação que o ego efetiva da pulsão de morte pode caracterizar um registro originário distinto daquele prenunciado pelas teses filogenéticas freudianas, isso não dá conta da totalidade da questão da gênese das instâncias psíquicas. Nesse ponto é que as contribuições de Green sobre o narcisismo negativo parecem lançar uma luz adicional ao problema, ao marcar a complexidade das operações de objetualização e desobjetualização na gênese do aparelho psíquico e do ego. Em segundo lugar, porque o exame detido dessa questão das origens, a partir de Figueiredo, nos apontou a necessidade de transcender uma lógica meramente identitária e supor uma suplementaridade na constituição desses princípios metapsicológicos.

Assim, novamente encontramos um descompasso entre os atributos de um modelo representacional – que articula um um contínuo as dimensões originária, primária e secundária na elaboração psíquica da pulsão – e a lógica de um modelo identificatório – em que são introjetados mais do que as representações de objeto, mas também suas funções no manejo pulsional. Veremos, a seguir, como esse problema das identificações na origem do psiquismo se desdobrará na chamada segunda tópica freudiana.

Um outro problema específico no desenvolvimento da teoria da pulsão de morte é a tendência de sua restrição ao parâmetro da agressividade ou destrutividade. Essa é uma tendência no pensamento freudiano que será aprofundada em algumas leituras pós-freudianas, como é o caso de Klein. O problema, no caso, não é a vinculação entre pulsão de morte e agressividade, mas a simplificação do problema. É evidente que a dinâmica da pulsão de morte se faz mais presente nos casos em que

há uma espécie de sadismo auto-dirigido, como nas identificações melancólicas ou mesmo nos pares sádico-masoquista. Não é à toa que a agressividade e a destruição sejam as manifestações da libido mais marcadas pela pulsão de morte. A questão contudo, é que Freud recua em igualar agressividade e pulsão de morte, lançando mão da hipótese da fusão e defusão das pulsões. De qualquer forma, parece bastante claro que para Freud o trabalho silencioso da pulsão de morte é o de sabotar o ego, quer seja por intermédio do sadismo superegótico, quer seja pela efração traumática ou mesmo pelo masoquismo originário.

Aqui entramos em um campo espinhoso, que é o de deslindar essa dinâmica pulsional entre instâncias, o que é ligeiramente diferente de pensar a ação pulsional no plano das representações. Parece-me que é aqui que a metapsicologia freudiana necessita desenvolver um pouco mais a idéia de internalização de um bom objeto como condição de constituição do espaço psíquico e de projeção de parte da pulsão destrutiva para o exterior como condição de manutenção desse espaço. Esse caminho, como vimos, foi abordado na tradição kleiniana-bioniana, levando à definição de dinâmicas reativas próprias do narcisismo negativo e da função desobjetalizante, com o trabalho de Green.

Contudo, é preciso aprofundar outro aspecto da questão que Freud também deixa em aberto: se a pulsão de morte é desligamento e descarga, como ela alimenta o superego em seu controle do ego? Nesse aspecto, parece que a pulsão de morte precisa ser entendida pelo viés de um impulso agressivo que investe uma estrutura psíquica como objeto de sua destrutividade. Esse é o ponto em que se coloca a questão, tão cara aos kleinianos, das origens arcaicas do superego, ou seja, de como o superego se constitui em vínculo direto com o id, obtendo daí o impulso sádico que o caracteriza.

É pelo caminho que toma a pulsão de morte tanto em seus aspectos de irrepresentabilidade e traumatismo à trama de representações psíquicas, quanto de destrutividade e agressividade no relacionamento entre instâncias, que devemos enveredar para aprofundar a compreensão do legado freudiano sobre a pulsão de morte. Nesse ponto, acredito que o trabalho de Green possa ser interessante, pois ele vai tomar justamente os desdobramentos da Psicanálise inglesa, com Klein e Bion, para pensar a idéia de um ataque aos objetos internos proporcionado pela pulsão de morte, o que configuraria o objeto da pulsão de morte como um objeto *negativo*.

Parece-me que aí há a possibilidade de pensar a interpenetração entre esses dois aspectos que elejo como centrais em minha investigação, a irrepresentabilidade e o objeto interno. Pensar a dinâmica pulsional da negatividade no aparelho psíquico, talvez seja esse um caminho para pensar as questões que Freud deixa em aberto com a “virada” dos anos vinte.

Esses, portanto, são os pontos para levar em consideração na continuidade de nossa análise da obra de Freud. Gostaria, antes de encerrar este capítulo, de propor uma síntese mais efetiva da compreensão sobre o problema da pulsão de morte que pode emergir da discussão que fizemos. Acredito que o essencial deste segundo tópico em relação ao campo aberto no primeiro, onde diferenciei as temáticas da irrepresentabilidade, da ligação e da destrutividade, é a indicação mais clara de um papel estruturante dos objetos na constituição do psiquismo e a relação dessas identificações com o narcisismo, sente este entendido não só como uma dinâmica positiva, mas também como um narcisismo reativo que opera o trabalho do negativo.

Novamente é Figueiredo (2003) que pode vir ao nosso auxílio na organização do campo de problematização sobre a pulsão de morte. Embasado em ampla discussão dos chamados casos-limite ou *borderlines* e recorrendo a alguns autores da tradição inglesa, francesa e norte-americana da Psicanálise contemporânea, anuncia o que chama de três hipóteses sobre a pulsão de morte: (1) *compulsão à repetição*; (2) *constituição do próprio* e (3) *insistência da vida*.

A primeira hipótese é a da expressão da pulsão de morte por meio da compulsão à repetição, que busca uma descarga a qualquer preço por “não ter encontrado nos objetos primário o apoio (holding) e a continência para o exercício das operações mais básicas de mediação, ligação e separação” (FIGUEIREDO, 2003, p. 152). Essa afirmação é muito importante, pois sinaliza para uma solução em direção ao que venho discutindo ao longo deste capítulo: a importância de se compreender a dinâmica de identificações com o objeto como constituinte das instâncias psíquicas e dos circuitos representacionais. Isso quer dizer que as funções de mediação simbólica da pulsão por meio da linguagem são fruto de uma dinâmica de identificações com objetos, que cria espaços e funções que ordenam e estruturam o aparelho psíquico. Assim, a expressão compulsiva da pulsão de morte em sua manifestação mais crua, uma pulsionalidade que simplesmente pulsa na busca de objetos primários que possam exercer as funções primárias de ligação e instauração

dos circuitos eróticos e dos princípios de prazer e de realidade. Desse modo, a tendência à descarga e a desobjetalização seria fruto de um malogro da pulsão em sua procura pelo objeto, uma falha bastante comprometedora na articulação e constituição do aparelho psíquico.

A segunda hipótese é de que essa repetição, mesmo quando reduzida a essa pulsionalidade mais primitiva de destruição e desligamento, representa uma procura “de afirmação do mesmo à revelia do outro” (FIGUEIREDO, 2003, p. 153), ou seja, um desinvestimento do objeto para garantir algum grau de consistência egóica, mesmo que paralisada e enrijecida pelas expressões afetivas da defusão pulsional. Nesse sentido, é a repetição que insiste na manutenção de um narcisismo marcado pela pulsão de morte, um narcisismo essencialmente negativo. Esse mecanismo descreve uma desobjetalização do outro simultânea a um auto-aniquilamento e destruição do ego com vistas à anulação das diferenças e da própria separação entre o sujeito e o objeto, daí a definição de um regime totalitário e monadológico do *próprio*, um investimento narcísico extremamente defensivo e que visa à manutenção do mínimo do eu e, portanto, extremamente empobrecido em seus potenciais vitais e libidinais: “Onde não se admite a diferença, nem *eu* nem *outro*, nem sujeito nem objeto se constituem, e o paradoxal é que seja nesse nível que o *próprio* deva se afirmar, uma auto-afirmação no limite, uma vida *in extremis*” (FIGUEIREDO, 2003, p. 153). Essa é a imagem mais ilustrativa do chamado “narcisismo de morte”, onde o autor mostra seu alinhamento com as hipóteses de Green.

A terceira hipótese é de que dinâmica da pulsão de morte e o regime além do princípio de prazer, embora comporte todos os componentes da desobjetalização, do desinvestimento e da destruição dos vínculos representacionais e com o objeto, também fala de uma *insistência da vida*. A compulsão à repetição também expressa uma tentativa de ligação e restauração dos vínculos representacionais e com o objeto, é uma defesa primitiva contra o puro traumatismo e a efração energética: “é a repetição como *insistência* (muitas vezes, desesperada) na procura de um objeto vivo e saudável e na restauração dos objetos danificados ou mortos (FIGUEIREDO, 2003, p. 153)”. Nesse sentido, é um movimento desesperado de cura, que se atualiza no próprio processo terapêutico como uma das formas da transferência – o que nos mostra que mesmo no nível mais fundamental do funcionamento psíquico e na constituição mesma do *desejo* atua uma formação de compromisso. A diferença é

que agora o compromisso é entre as próprias tendências pulsionais e não entre a libido e os imperativos morais.

Em suma, o autor nos propõe que:

A compulsão à repetição, comandada pela chamada pulsão de morte (1) reflete *não só* a tendência à descarga e ao zero de tensão, pela via destruição das diferenças e da dissolução de si e do outro, *como, em vez disso*, (2) uma afirmação e mesmo uma preservação *in extremis* do próprio; e *não apenas isso, como em vez disso*, (3) uma reiterada procura do objeto primordial, uma procura que passa, justamente, pela (1) destruição das diferenças e dissolução de si e do outro, e assim por diante... (FIGUEIREDO, 2003, p. 154)

Como se vê, tem-se aí uma síntese bastante interessante e original sobre a pulsão de morte, na qual cada uma das hipóteses não deve ser tomada como exclusiva, mas sim regidas e entrelaçadas segundo a própria lógica suplementar que a análise epistemológica dessa problemática sugere.

Essa interpretação da pulsão de morte por meio de três vértices – um que reconhece a dimensão de descarga, outro que enfatiza o caráter mortífero do narcisismo e um terceiro que enfatiza, apesar de tudo, a insistência da vida – parece-me muito consistente com todo o desenvolvimento que foi feito neste capítulo sobre os limites e potenciais da problemática da pulsão de morte na metapsicologia. Em especial, parece-me articular de forma muito promissora as três características que a leitura sistemática dos textos freudianos sobre a pulsão de morte sugeriu, a saber: (1) *traumatismo e ligação*; (2) *desligamento e sentimento inconsciente de culpa*; (3) *agressividade e destrutividade*.

Evidentemente, o pleno desenvolvimento dessa hipótese passa não só por um redimensionamento da problemática em Freud, mas também, pela incorporação das inovações teórico-conceituais e mesmo de perspectivas epistemológicas e ontológicas, de autores pós-freudianos.

O que me parece original e de valioso potencial heurístico nesse redimensionamento da compreensão da pulsão de morte é a ênfase no papel do objeto, enfatizado pela interpretação do desligamento em termos de um desinvestimento do objeto, ou *desobjetalização*. Além disso, temos também um redimensionamento geral da teoria das pulsões e da própria compreensão das origens do aparelho psíquico em função dessas relações constitutivas, ao colocar a gênese da pulsão em uma *identificação primária com o objeto*. Decorre daí, igualmente, o valor

das proposições de Green e Laplanche para o desenvolvimento da problemática das pulsões por esse caminho.

Embora todo esse percurso de construção teórica seja bastante interessante, devo admitir que com isso estou transcendendo um pouco os limites do recorte desta tese, que é analisar a problemática no horizonte interno à metapsicologia freudiana. Esse recurso, contudo, nos permitiu o esclarecimento de algumas questões que me parecem fundamentais por meio da contribuição desses comentadores. Ensaaios e derivações à parte, voltemos então ao nosso foco.

5 O MODELO ESTRUTURAL DO APARELHO PSÍQUICO

5.1 Um Percurso pela Nova Síntese

No capítulo anterior, pude mostrar a grande reviravolta no pensamento freudiano que ficou conhecida como “virada” dos anos vinte. Essa retomada e ampliação dos fundamentos metapsicológicos mais essenciais foi marcada pela introdução de uma dimensão propriamente além do princípio de prazer, circunscrita ao conceito de pulsão de morte. Esse momento propriamente especulativo da metapsicologia foi minuciosamente discutido no sentido de explicitar as ambigüidades conceituais e o campo de aberturas e possibilidades que essa nova teoria das pulsões engendra na trama dos conceitos metapsicológicos.

Esse movimento de abertura na metapsicologia foi seguido de um segundo momento em que Freud tenta operar uma síntese desses desdobramentos, como mostra claramente o primeiro parágrafo do texto *O Ego e o Id*:

Os presentes estudos constituem novo desenvolvimento de algumas seqüências de pensamento que expus em *Além do Princípio de Prazer*, e para com as quais, como então observei, minha atitude era de um tipo de benevolente curiosidade. Nas páginas que se seguem, esses pensamentos são vinculados a diversos fatos da observação analítica e faz-se uma tentativa de chegar a novas conclusões, a partir dessa conjunção. No presente trabalho, contudo, não existem novos empréstimos tomados à biologia, e, devido a isso, ele se encontra mais próximo da Psicanálise do que *Além do Princípio de Prazer*. Tem mais a natureza de uma síntese do que de uma especulação, e parece ter tido em vista um objetivo ambicioso. Estou consciente, porém, de que não vai além do mais grosseiro esboço e acho-me perfeitamente contente com essa limitação. (FREUD, 1923/1996, p. 23)

Neste trabalho, darei continuidade a reflexões iniciadas em *Além do Princípio de Prazer*. Naquela ocasião, expliquei que julgava não ser ainda aquele momento adequado de submetê-las a um crivo severo; era preciso primeiro deixar-lhes vôo livre, mantendo perante elas uma atitude de benevolente curiosidade, como que observando até onde chegava sua amplitude. Agora, contudo, estamos em outro momento e as hipóteses deverão ser relacionadas a fatos estritamente derivados da observação psicanalítica, o que, espero, permitir-nos-á progredir e chegar aos resultados que tanto almejamos. Portanto, desta feita, nossa discussão estará mais próxima da Psicanálise. Diferentemente das hipóteses que desenvolvi em *Além do Princípio de Prazer* – especulativas e calcadas em empréstimos tomados da biologia –, trata-se aqui de uma síntese de fatos realmente observados. Devo, contudo, admitir que, não obstante minha ambição de que essas novas formulações tenham grande alcance, sei que, na verdade, não passam de aproximações precárias dos processos psíquicos, mas, enfim, é preciso saber viver com essa limitação. (FREUD, 1923/2007, p. 27)

Tento, no presente capítulo, retomar essa perspectiva sintética e mostrar como a proposição do modelo estrutural é fruto de um movimento de amarração de uma

série de noções que vinham se avolumando no campo da metapsicologia desde suas origens e ao longo das tentativas anteriores de síntese por parte de Freud. Nesse sentido, este capítulo irá retomar muito das questões dos dois capítulos anteriores, renovando o movimento da problemática que elegi como objeto de pesquisa.

Para tanto, irei partir do texto fundamental sobre o ego e o id (FREUD, 1923/1996, 1923/2007), ponto de convergência inicial desses movimentos. Contudo, a problemática não se encerra apenas nesse momento. Ela se desdobra por uma série de textos de cunho metapsicológico ao longo da década de 30 do século XX, até sua tentativa inacabada de síntese no *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1938/1996). Isso implicará discutir os pormenores das duas versões do modelo estrutural que Freud nos apresenta, no tocante aos conteúdos psíquicos e as relações entre as instâncias. Para tanto, precisarei discutir o complemento natural do modelo de 1923, que é o novo esquema apresentado na *Conferência XXXI* das novas conferências de introdução à Psicanálise (FREUD, 1933a/1996).

Nesse percurso irei trabalhar duas questões fundamentais, que se referem às linhas mestras desta pesquisa: (1) a abertura para uma noção de negatividade no seio do id; (2) os adensamentos da compreensão da gênese do ego por meio das identificações.

A abordagem dos desenvolvimentos teóricos na década de 30 do século XX leva, necessariamente, a uma discussão mais direta sobre o papel das identificações na estruturação do aparelho psíquico. Como se sabe, é somente nessa última década da obra de Freud que a teoria das identificações se consolida por meio da concepção de que o Complexo de Édipo é o momento estruturante fundamental da subjetividade, tendo como rebento direto uma instância, o superego, que é fruto da identificação edípica. Somente com esse aporte Freud poderá, enfim, fazer essa amarração geral de sua teoria que levará à definição da fase fálica como momento crucial do desenvolvimento psicosssexual (FREUD, 1923b). Embora não vá entrar nos pormenores desse amadurecimento da teoria da constituição da subjetividade por meio de complexo de Édipo, é importante não perder do horizonte de discussões essa linha de desenvolvimento teórico absolutamente fundamental. Esses adensamentos estão fundamentalmente centrados nos textos sobre a resolução do complexo de Édipo e as especificidades da constituição subjetiva no gênero feminino (FREUD, 1924c/1996, 1925c/1996, 1931/1996, 1933c/1996). O que interessará para a presente

discussão será a tomada de posição quanto a um primado da dinâmica edípica e de suas modalidades de fantasias e angústias sobre as etapas pré-genitais do desenvolvimento da libido, pois será responsável por uma centralização da teoria do desenvolvimento psíquico sobre a identificação edípica, deixando de lado o papel da identificação primária na constituição do aparelho psíquico.

5.2 A Introdução da Nova Tópica

O primeiro capítulo de *O Ego e o Id* (1923a/1996, 1923a/2007) consiste em uma introdução na qual a definição de inconsciente é revista. Retomando as distinções fundamentais de sua metapsicologia, Freud, resgata a centralidade da divisão do psíquico entre consciência e inconsciência como premissa fundamental da Psicanálise. Preocupando-se em marcar a já clássica diferenciação entre a acepção descritiva e dinâmica dos conteúdos mentais, lembra ao leitor que somente essa segunda acepção foi propriamente evidenciada pela Psicanálise, aparecendo diretamente ligada à concepção de defesa que inaugura uma abordagem propriamente psicanalítica dos distúrbios mentais. Esse núcleo representacional recalcado, portanto, constituiria o protótipo do inconsciente propriamente dito. Por suas características dinâmicas próprias, deveria ser diferenciado daquilo que é inconsciente em sua definição meramente descritiva, que pertenceria então ao chamado sistema pré-consciente. É nesses termos que Freud tece a argumentação para afirmar que seu modelo topográfico do aparelho psíquico se sustenta nessa identidade fundamental entre o inconsciente e o recalcado.

Uma vez resgatada a história dos conceitos, Freud reconhece então que o percurso do trabalho psicanalítico acabou mostrando a insuficiência da distinção entre *Pcs./Cs* e *Ics*. Tal insuficiência se revelou a partir do momento em que se passou a conceber a existência de uma organização coerente dos processos mentais chamada de *ego* que seria lugar não apenas das funções da consciência psíquica, mas também o agente dos processos de defesa e resistência. Contudo, uma vez que tanto a defesa com a resistência seriam processos de natureza inconsciente, no sentido dinâmico, chegava-se à conclusão de que haveria no *ego* algo de características inconscientes e, portanto, que a antítese entre *Consciente* e *Inconsciente* se mostrava

insuficiente. Essa intuição seria endossada por desenvolvimentos na teoria sobre o sistema *Ics.*, que mostravam que nem todos os conteúdos desse sistema seriam, necessariamente, da ordem do recalcado, uma vez que muitas fantasias, em especial as originárias, não são fruto do recalque. Decorreria desse duplo atestado de insuficiência a necessidade de substituir essa oposição estrutural fundamental por uma nova que passasse a distinguir entre o *ego* e o *recalcado*.

Embora o argumento central seja satisfatório, essa introdução mostra um Freud mau comentador de sua própria teoria ou, pelo menos, um historiador extremamente superficial. Isso porque ele condensa nesse argumento algumas décadas de laboriosa produção teórica no campo da metapsicologia psicanalítica, operando reduções que não fazem jus à complexidade dos conceitos. Nesse ponto, as discussões anteriores apresentadas nesta tese nos dão uma série de argumentos. Procurarei sintetizá-los.

Em primeiro lugar, Freud nos leva a crer que o conceito de ego é particularmente novo na teorização psicanalítica. Isso não é verdade. Embora a conceituação do ego como instância psíquica só vá ser definitivamente afirmada nesse trabalho de 1923, o conceito de ego está certamente presente na obra de Freud desde a introdução do narcisismo. Como vimos, toda a questão do narcisismo está indissoluvelmente ligada à da gênese do ego, uma vez que o investimento narcísico é responsável por uma ação unificadora sobre o corpo e sobre o psiquismo cujo resultado é a constituição de um ego. Se retrocedermos um pouco mais, existe já no *Projeto* (FREUD, 1895/1996, 1895/1995) um conceito bem definido do ego como conjunto de neurônios permanentemente investido que impede a regressão a processo primário no sistema psíquico. Além disso, mesmo sem uma delimitação conceitual precisa, a noção de ego comparece ao longo de toda a obra freudiana, quer seja como sinônimo de consciência e identidade do indivíduo, quer seja como indicativo da totalidade do aparelho psíquico em sua oposição à realidade material.

Além desse conceito mais ou menos circunscrito de ego como totalidade do psiquismo ou como agente de certos mecanismos psíquicos defensivos, o desenvolvimento da Psicanálise avançou na construção de uma teoria sobre o ego bastante refinada e distinta do senso comum psicológico. Isso se deu fundamentalmente pela concepção de um ego que é fruto de processos identificatórios e de investimentos narcísicos, no qual são definidos vários estágios e

estratos de diferenciação. É o caso, por exemplo, dos atributos corporais e perceptivos, além dos atributos ideais, arranjados em uma confusa terminologia que iguala os aspectos de um narcisismo mais “primário”, em que o ego se confunde com o ideal, e outro mais “secundário”, no qual a distinção entre o ego e o ideal já está instalada.⁵⁸

Assim, é por meio de três eixos – o narcisismo, a identificação na constituição do psiquismo e as instâncias ideais – que a problemática do ego se enriquece progressivamente entre 1895 e a virada nos anos vinte.

Com isso quero dizer que a obra de Freud antes de 1923 já tinha avançado bastante em uma teoria propriamente psicanalítica do ego, na qual esse não aparece apenas como um agente da defesa, mas como uma região autônoma do psiquismo constituída por destinos identificatórios das pulsões. Na verdade, excetuando-se uma tomada de partido mais efetiva sobre a distinção entre o superego e o ideal de ego, na qual este comparece apenas como um dos componentes da instância superegógica – distinção essa, por sua vez, que se consolida depois de *O Ego e o Id*, haja vista que Freud os toma como sinônimos naquele trabalho –, podemos afirmar que boa parte de uma teoria metapsicológica do ego já está pronta antes de seu reconhecimento oficial nesse texto de síntese.

Essa é uma constatação particularmente interessante, pois a partir dela podemos inferir, junto com Laplanche (1992b, p. 134), que a segunda tópica instala-se não pela base, mas pelo topo. Isso quer dizer que não é o conceito de id que virá substituir o de inconsciente, mas sim que a noção de ego será recoberta por um arranjo conceitual que revolucionará toda a compreensão da topografia psíquica, pois esta deixará de ser definida apenas em termos de conteúdos representacionais investidos de libido para ser concebida em termos de instâncias e espaços mentais mais próximos de uma perspectiva antropomórfica:

Concluindo: antes de 1923, antes de *O ego e o id*, *quase* toda a nova tópica está preparada: ego e instâncias ideais, sobre as quais assinalo que não se opõem doravante ao inconsciente, visto que elas próprias são, em grande parte, inconscientes, mas opõem-se ao recalcado. Como definir, em poucas palavras, essa nova tópica? Em relação à antiga, é que ela está *mais próxima do antropomorfismo*. Enquanto que, para os amadores de modelos relacionais, seria necessário descrever o aparelho psíquico de um ponto de vista mais científico, eis que o descrevemos em termos mágicos, fantasístico. Não receamos falar das instâncias como de

⁵⁸ Não estou aqui tomando necessariamente partido dos que sustentam essa diferenciação conceitual e terminológica entre ego ideal e ideal de ego, mas sim acentuando que nessa região conceitual e terminológica há níveis distintos de problematização.

personagens reais dentro de nós. O escândalo dessa reviravolta, o escândalo própria da análise, consiste em acentuar ainda mais esse antropomorfismo, ao passo que a primeira descrição do aparelho psíquico era mais abstrata e mais psicologizante. (LAPLANCHE, 1992b, p. 136)

Essa citação é preciosa por marcar aquilo que é um ponto fundamental desta tese: a afirmação de que a compreensão do aparelho psíquico pelo viés das dinâmicas identificatórias não só abre uma perspectiva mais relacional como também mostra a limitação da própria teoria representacional que sustentava a primeira tópica. Assim, um aparelho psíquico “antropomórfico”, embora mais difícil de manejar em termos teóricos, lança a perspectiva de um modelo *tridimensional* para o aparelho psíquico, compreendido como um espaço ou mundo internalizado.⁵⁹ Além disso, ressalta que há diversas modalidades de “ser inconsciente” nesse novo arranjo do aparelho psíquico, que não estão, inclusive, relacionadas somente à defesa, como é o caso de toda a dinâmica identificatória, em geral, e a formação dos ideais, em particular.

Se pela perspectiva da teoria do ego a história contada por Freud é parcial, o mesmo pode ser dito com relação à teoria do inconsciente. Isso é possível porque Freud nunca afirmou categoricamente que o inconsciente era sinônimo de recalado ou – o que dá no mesmo – de que tudo o que era inconsciente, no sentido dinâmico, era oriundo do recalque. Um exemplo bastante ilustrativo está na abertura do artigo sobre o inconsciente, onde se lê que “o recalado não abarca todo o inconsciente”, ou seja, que “o inconsciente tem maior abrangência que o recalado, este é apenas uma parte do inconsciente” (FREUD, 1915c/2006, p. 19). Além disso, como se sabe, a hipótese das fantasias originárias sempre esteve no horizonte conceitual da teoria freudiana. Já desde o trabalho fundamental sobre a interpretação dos sonhos, há um lugar para fantasias universais filogeneticamente herdadas, indicado pela análise dos sonhos passíveis de decifração simbólica (FREUD, 1900/1996). Essa concepção somente irá ganhar amplitude com a tese sobre as origens do psiquismo e da civilização no “mito científico” da constituição do totem na horda primeva (FREUD, 1912/1916), até ganhar uma certa guarida metapsicológica com a hipótese do recalque originário, como vimos na síntese metapsicológica de 1915.

⁵⁹ É curioso notar também a ironia do autor com relação à teoria kleiniana, que veio amplificar justamente esse ponto da teoria psicanalítica – as chamadas relações objetais –, embora sob uma perspectiva mais descritiva do que propriamente metapsicológica. Essa passagem ilustra a posição tipicamente francesa de “amor e ódio” com relação ao referencial kleiniano.

Além disso, como vimos no terceiro capítulo desta tese, a síntese metapsicológica está longe de ser um momento de conclusões e homogeneizações teóricas, pelo contrário. Ela está minada tanto por fora, com as dinâmicas narcísicas e melancólicas perpetradas por mecanismos identificatórios, como por dentro, com as indefinições e ambigüidades que surgem no seio da própria teoria representacional. Neste último caso, basta lembrar da indefinição quanto ao lugar da pulsão na articulação somatopsíquica ou ao estatuto inconsciente dos afetos, além das dificuldades relacionadas à definição dos diversos registros representacionais em sua articulação com as instâncias, o que levou à proposição de duas hipóteses igualmente insuficientes para dar conta do problema das localizações psíquicas. Por fim, temos a ainda incipiente hipótese de um recalque originário, que, no entanto, afirma categoricamente uma fonte não recalcada do inconsciente, fruto quer seja de fantasias originárias de cunho filogenético, como insistia Freud, quer seja de um originário oriundo de mecanismos identificatórios relacionados à significação proveniente do outro, como insistimos contemporaneamente. Desse modo, a metapsicologia freudiana já é bastante complexa para resumir o conteúdo do inconsciente a representações ideativas recalçadas.

Além dessa segunda ordem de razões, uma terceira linha de argumentos depõe contra a identidade entre inconsciente e recalcado. Trata-se da abertura para um além do princípio de prazer, que mostra justamente uma dimensão compulsiva e inconsciente mais originária e mais pulsional do que a dinâmica no nível das representações ideativas e da angústia delas derivada. Assim, com a hipótese de uma ligação da pulsão de morte como forma primária de submissão ao princípio de prazer e ao regime de representações e defesas, a idéia de um inconsciente restrito a representações ideativas recalçadas está definitivamente fora de questão. De fato, como vimos, o que se observa a partir daí é uma inflexão para o ponto de vista econômico na metapsicologia, suplantando o enfoque dinâmico dos “anos de maturidade”. Essa terceira ordem de razões, inclusive, é o que permitirá o passo mais original em todo o modelo estrutural: a afirmação de um id como o continente das pulsões.

Irei retomar esse ponto fundamental para a compreensão do modelo topográfico mais adiante. Por enquanto, basta sintetizar que é por três ordens de razões que a defesa de uma mera substituição da oposição entre inconsciente e

consciente por uma entre ego e recalcado não se sustenta: (1) porque o conceito de ego não é novo na metapsicologia e muito menos restrito a ser um agente responsável pela defesa, já que a teoria do ego é marcada por mecanismos identificatórios e instâncias ideais; (2) porque o inconsciente nunca se resumiu a conteúdos representacionais inconscientes recalcados, em especial por conta da hipótese sobre as fantasias originárias; (3) porque o novo dualismo pulsional coloca a necessidade de uma nova ordem de mecanismos para compreender a dinâmica e economia psíquicas.

Essa discussão, por sua vez, é suficiente para mostrar que a proposição do modelo estrutural não é uma ruptura nos fundamentos metapsicológicos da Psicanálise. Cabe aqui retomar a análise de Monzani (1989), em que são examinadas e sintetizadas as principais posições dos comentadores de Freud com relação à passagem do modelo topográfico para o estrutural. Basicamente, temos três posições com relação a essa questão: (1) o modelo estrutural é um alargamento teórico que suplanta o topográfico; (2) as duas versões são instrumentos distintos e igualmente válidos para a abordagem de determinados fenômenos; (3) os dois modelos são absolutamente incompatíveis entre si. Elas tendem ou a uma opção continuidade desenvolvimentista ou a uma concepção de ruptura dentro do pensamento freudiano. Todas tendem a tomar o movimento de construção de conceitos na metapsicologia de forma bastante simplificada.

É um fato inegável que a segunda tópica consiga apreender uma gama mais variada de fenômenos e resolver problemas que há muito extrapolavam uma abordagem puramente topográfica do aparelho psíquico. A questão é como se pensa a relação entre as duas e se é possível harmonizar as duas ou subsumir a primeira à segunda.

De uma forma geral, o que o percurso teórico de Freud mostra é que a partir da introdução do modelo estrutural, em 1923, haverá um esforço progressivo de integrar e harmonizar essas duas perspectivas sobre o aparelho psíquico, principalmente na *Conferência XXXII* (FREUD, 1933a/1996) e no *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1938a/1996). Nas palavras do autor:

Seguramente, sob vários aspectos, a segunda tópica é superior à primeira, no sentido sobretudo em que aquela elimina certas contradições que habitam esta última há um bom tempo. Nossas dúvidas surgem quando se propõe um expurgo total da primeira tópica. Talvez, neste caso, surjam problemas simétricos e inversos àqueles que atravessavam a

primeira tópica. A questão que surge é a de se tentar saber se elas são realmente incompatíveis ou se podem se harmonizar ou, pelo menos, tendem a isso. Nesse último caso, poderíamos vislumbrar a possibilidade de escapar aos escolhos que ambas apresentam quando tomadas isoladamente. Nos últimos textos, ao que tudo indica, Freud enveredou nitidamente nesta última direção. O que não deixa de constituir um indicador precioso. (MONZANI, 1989, p. 236-237)

Esta é seguramente a posição mais geral que sustentarei na presente análise. Vejamos como essas questões aparecem ao longo da introdução do modelo estrutural.

O segundo capítulo de *O Ego e o Id* (FREUD, 1923a/1996, 1923a/2007) faz a apresentação geral do novo modelo, partindo de uma discussão sobre os conteúdos do aparelho psíquico, ou seja, a teoria da representação, em sua relação com o ego. Ali é retomada boa parte dos modelos e conceitos que foram desenvolvidos nos trabalhos anteriores. A idéia fundamental de que a consciência seja uma diferenciação do aparelho psíquico no seu contato com a superfície, que tem a dupla função de modular a percepção de estímulos exteriores e proteger o interior das intensidades potencialmente traumáticas, é definida como o ponto de partida dessa concepção sobre a tópica.

Aqui já há uma indicação importante, pois mostra que o modelo da vesícula viva passa a ser mais fundamental para essa nova compreensão do aparelho psíquico. Esse modelo, diferentemente da analogia do “telescópio” no esquema topográfico, está calcado em uma abordagem essencialmente econômica do psiquismo e focado nos aspectos perceptivos da consciência. Com isso, notamos um deslocamento importante, pois a analogia fundamental que sustentou o primeiro modelo fora a da distinção entre as funções de percepção e memória no aparelho psíquico, dando ênfase para os aspectos representacionais dessa consciência e sua dinâmica. Desse modo, a partir da segunda tópica surge uma tônica diferenciada: ênfase na dimensão econômica e na função perceptiva da consciência, no lugar de uma ênfase na dimensão dinâmica e na função representacional da consciência.⁶⁰

Em seguida, o autor retoma alguns aspectos fundamentais da teoria da representação, tal como ela fora sistematizada na síntese de 1915. Resgata sua hipótese sobre a diferenciação entre processos de pensamento inconscientes e pré-conscientes baseada na vinculação com representações de palavra, definidas como

⁶⁰ Uma análise da progressiva valorização das características perceptivas na compreensão do aparelho psíquico da metapsicologia freudiana pode ser encontrada em Coelho Junior (1999).

resíduos mnêmicos próprios do sistema pré-consciente e derivados primariamente de percepções auditivas. Isso faz com que seja definido um estatuto especial para as percepções auditivas na constituição dos processos pré-conscientes, que resultará em uma característica distintiva do esquema que será apresentado.

Freud prossegue definindo as representações de coisa como resquícios mnêmicos das percepções visuais, sendo estas modalidades de representação mais primitivas na evolução do aparelho psíquico – tanto em termos ontogenéticos quanto filogenéticos – do que as de palavra e mais próximas dos processos inconscientes. Por fim, define as sensações e sentimentos ligados à série prazer-desprazer como o exemplo mais ilustrativo das percepções internas ao ego. Preocupa-se em esclarecer as diferenças dinâmicas entre estas representações afetivas e as representações ideativas, de forma que os sentimentos, por serem fundamentalmente modalidades de descarga, serão sempre da ordem de processos conscientes não podendo nunca serem pré-conscientes e somente serão considerados “inconscientes” em um sentido muito especial – o de que o vínculo original com as representações ideativas seja suprimido.

Em suma, Freud faz um resumo dos pontos principais de sua compreensão acerca dos conteúdos representacionais no aparelho psíquico em total consonância com os textos da metapsicologia de 1915, de tal forma que não há nenhuma inovação teórica nesse início do capítulo. O único ponto que vale a pena ressaltar é que aparentemente ele aqui parece se decidir pela idéia das diferentes qualidades de registro mnêmico para dar conta do impasse entre a hipótese topográfica e a funcional das localizações psíquicas.

A coisa muda de figura quando Freud passa à elaboração do conceito de *ego*. Ele será definido a partir do sistema perceptivo, que constituirá seu núcleo, abrangendo progressivamente o campo dos traços mnêmicos do sistema pré-consciente e, evidentemente, o conjunto de defesas inconscientes próprias do ego. Em contraposição a essa instância, coloca-se o conjunto de processos que se comporta como o inconsciente dinâmico, que Freud definirá – tomando de empréstimo de Groddeck a referência à natureza impessoal desses processos – de *id*.

A relação entre esses dois sistemas é bastante complexa, na medida em que estão ligados por múltiplos processos, mas também há menor separação entre essas instâncias do que na primeira tópica. Se no modelo topográfico a barreira da censura

delimitava dois sistemas bastante distintos em seus princípios e leis de funcionamento, a perspectiva agora é de uma maior fluidez no trânsito entre as instâncias, na medida em que o ego é entendido como uma diferenciação do id em seu contato com a realidade, por meio de uma projeção da superfície corporal. É assim que o modelo estrutural pode ser entendido como um conjunto de diferenciações funcionais que se operam na vesícula primordial em sua adaptação ao princípio da realidade. Daí a forma tipicamente orgânica e amebóide do esquema, reproduzido na figura abaixo:

Figura 12: As duas versões do primeiro esquema do modelo estrutural em Freud (1923a/1996, 1923a/2007).

O id, portanto, seria o sistema mais primitivo, do qual os demais processos e instâncias iriam se diferenciar. Seria originalmente o receptáculo das pulsões, ou seja, a fonte libidinal de todo o aparelho psíquico. Além dessa dimensão econômica originária, o id também seria constituído pelas representações ideativas recalçadas, na forma dos complexos de fantasias inconscientes. Isso quer dizer que originalmente o id seria o regime puro das pulsões e só depois viria comportar as fantasias recalçadas.

Já o ego teria também um duplo estatuto. No segundo capítulo, o que aparece é a dimensão propriamente funcional do ego, como uma diferenciação progressiva do id em seu contato com a realidade. Seria, portanto, uma extensão do id que constituiria o estrato superficial do aparelho psíquico por meio de uma projeção da superfície corporal. Teria a função geral de mediação do caldeirão das pulsões com a realidade, desenvolvendo para isso uma série de características, como o controle da motilidade, a estruturação de temporalidade e o teste de realidade. Essas funções

adaptativas seriam o núcleo do sistema superficial percepção-consciência. Outra característica dessa instância estaria relacionada ao desenvolvimento de capacidades mnêmicas, com suas modalidades de representação ideativa que constituirão a essência do sistema pré-consciente. Como se pode perceber, esse ego funcional é caracteristicamente um feixe de funções adaptativas desenvolvidas pelo organismo biológico em seu contato com a realidade. Nele também entrarão em cena os mecanismos inconscientes de defesa que, embora não fossem definidos como parte do antigo sistema pré-consciente/consciente, fazem inegavelmente parte desse pólo egóico do aparelho psíquico.

Entretanto, o ego não constitui apenas uma diferenciação progressiva do id que desenvolveu um conjunto de funções e características operacionais de pensamento. Ele diz respeito também a um outro conjunto de atributos igualmente inconscientes, que estão referidas à diferenciação de aspectos ideais: o *ideal de ego* ou *superego*. É aqui que entram em cena outras formações conceituais, que pouco se articulam com a perspectiva propriamente representacional do modelo topográfico, pois o ego deixa de ser pensado como um conjunto de funções e passa a se referir a um precipitado de identificações. Assim, é a gênese do ego por identificações que é acolhida na discussão sobre a estrutura do aparelho psíquico.

O terceiro capítulo trata justamente de definir o ideal de ego ou superego como uma diferenciação do ego por meio de dinâmicas identificatórias. Freud apresentará aí as indicações que o levaram a essa proposição, resgatando os principais argumentos em favor de uma teoria das identificações na Psicanálise: (1) a substituição do investimento de objeto pela identificação como uma forma de defesa do ego na melancolia; (2) a compreensão da dinâmica própria da fase oral marcada por uma indistinção entre o investimento do objeto e do ego com marcada ambivalência emocional; (3) a convicção de que dinâmicas identificatórias estariam em jogo na origem da cultura e civilização; (4) o reconhecimento da identificação paterna no complexo de Édipo como principal elemento na gênese do ideal de ego/superego.

Dentre esses argumentos, o último se constitui o termo propriamente original da trama de conceitos desse período: a identificação como modelo para a constituição do aparelho psíquico. Entra aí em jogo o mecanismo fundamental de transformação da libido de objeto em libido narcísica por meio do mecanismo de

sublimação. A instalação do objeto dentro do ego por meio da identificação é o modo pelo qual o ego consegue capturar para si a libido do objeto, dessexualizando-a. Dessa forma, na segunda tópica o narcisismo do ego passa a ser considerado secundário em relação ao investimento de objetos.

Embora naquele capítulo seja introduzido esse elemento fundamental da teoria das identificações, é curioso notar que Freud não descreve propriamente uma identificação narcísica ou a formação de um ideal em função dessa relação narcísica com o objeto. Como indiquei no capítulo anterior desta tese, parece que a teoria das identificações é subestimada e desconsiderada ao longo dos desenvolvimentos da metapsicologia, pois além das identificações não serem tratadas no nível do narcisismo também esse narcisismo não é articulado à teoria das pulsões de morte. Ora, essa afirmação de um mecanismo identificatório propriamente constituinte do narcisismo do ego é um passo fundamental no reconhecimento dessa exigência, mas o que se observa no desenvolvimento do texto freudiano é uma passagem direta para a discussão da formação do ideal de ego/superego por meio da identificação com o pai no complexo de Édipo. Desse modo, embora a identificação seja reconhecida como elemento fundamental da constituição subjetiva, ela o é apenas no nível das identificações edípicas. Isso mostra o quanto a teoria da identificação se consolida conjuntamente com as alterações na teoria sobre o Édipo que levarão a seu reconhecimento como central na constituição da subjetividade:

Mas se a identificação é a forma mais antiga do relacionamento afetivo, os primeiros objetos a serem incorporados por esta via não podem ser outros senão os pais. A promoção da identificação à categoria de processo estruturador por excelência da personalidade vai desembocar assim numa reflexão sobre o Édipo e sobre o seu complemento necessário, a castração, reflexão cujos passos introduzem a violência no próprio coração da intersubjetividade. (MEZAN, 2001, p. 278)

A partir desses elementos, pode-se afirmar que a articulação entre a teoria das identificações e o complexo de Édipo se tornará a grande vedete do período, obscurecendo algumas exigências que ainda permanecem. Uma delas diz respeito ao papel da identificação primária no narcisismo e a outra, que está intimamente ligada à primeira, refere-se à articulação entre uma teoria do ego como função adaptativa em relação à realidade e uma teoria da constituição desse mesmo ego pela identificação com a alteridade. Vejamos como Freud constrói seus argumentos a respeito das identificações objetais do ego.

Já de saída, ele desautoriza qualquer precedência da identificação com a figura materna, articulando a identificação paterna oriunda da resolução do complexo de Édipo com a fantasia originária do parricídio. O enunciado freudiano é sorrateiro, pois retoma a referência às origens filogenéticas de forma indireta, superpondo-a ao nível ontogenético, causando um efeito de estranheza para o leitor, que inegavelmente se surpreende com uma afirmação tão categórica do primado da identificação paterna na constituição da subjetividade:

Entretanto seja o que for que a capacidade posterior do caráter para resistir às influências das catexias objetais abandonadas possa tornar-se, os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia de objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto. Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas com o pai e com a mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária. (FREUD, 1923a/1996, p. 56)

Independentemente do tipo de resistência que o caráter vá futuramente erigir para lidar com os efeitos das cargas de investimentos recolhidas dos objetos, essas identificações do início da vida, ainda da primeira idade, irão se generalizar e ser duradouras. Isso nos remete à questão de como surge o Ideal-de-Eu, pois, por trás deste, esconde-se a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai de sua própria pré-história pessoal. Em um primeiro momento, essa identificação não parece ser a consequência nem o resultado de um investimento objetual, pelo contrário, ela é uma identificação direta e imediata, anterior a qualquer investimento de objeto. No entanto, as escolhas objetais do primeiro período sexual, que se dirigem ao pai e à mãe, parecem desembocar ao longo do desenvolvimento normal nessas identificações iniciais, reforçando, dessa forma, a identificação primária. (FREUD, 1923a/2007, p. 42)

Definitivamente aqui não se trata de um erro de tradução, o argumento é tortuoso e confuso, a ponto de não sabermos exatamente do que o autor está falando: a que fase do desenvolvimento psicosssexual corresponde esse vago “primeiro período sexual/primeira infância”? O que significaria o termo “pré-história pessoal”? Ele refere-se aqui às fantasias originárias de cunho filogenético? Seriam elas as responsáveis por uma identificação tão imediata que prescindia da própria experiência com o objeto? Além disso, que tipo de identificação seria essa que não ocorreria na relação com o objeto?

Parece-me que aqui Freud escorrega em suas próprias indefinições a respeito do complexo de Édipo. Afinal, trata-se de uma teoria ainda é incipiente nesse período, a começar pela falta de uma visão completa do processo em suas vertentes positiva e negativa e a terminar pela tomada do complexo na mulher de forma

análoga a no homem. Indefinições edípicas à parte, nada justifica tamanho atropelo da dinâmica narcísica e da identificação primária com a figura materna. É preciso enfatizar que não se trata apenas de uma afirmação da dimensão biológica e filogenética da fantasia originária e da identificação a ela correspondente, mas um verdadeiro expurgo da identificação materna primária do campo das fantasias originárias.

Ribeiro (2000), em sua meticulosa análise do recalque da identificação feminina primária na metapsicologia freudiana, nos presta um auxílio fundamental nesse impasse. O autor assinala essa mesma contradição no texto de Freud:

A importância dessas observações reside muito mais nas conseqüências que elas têm sobre as elaborações de Freud do que nas idéias que elas contêm. Em outras palavras, sua principal importância relaciona-se às resistências que elas desencadeiam. De fato, na seqüência imediata de sua exposição teórica, Freud introduz a identificação primária com o pai da pré-história, suscitando, assim, a impressão quase inevitável de que, após ter-se deparado, mais uma vez, com o peso da identificação com a mãe nos primórdios da constituição do eu, ele se vê obrigado a invalidar, por um apelo arbitrário à filogênese, o que acabara de ser dito sobre a equivalência entre identificação e investimento de objeto. (RIBEIRO, 2000, p. 97)

Logo após aquele espantoso parágrafo, Freud reconhece a complexidade das relações conceituais e passa então a desdobrar os dois fatores que seriam responsáveis por esse enrosco na teoria das identificações: a estrutura triangular da relação edípica e a bissexualidade constitucional.

A descrição que Freud dá para o complexo de Édipo nesse momento é bastante curiosa. Evidentemente, Freud parte do caso paradigmático: o do Édipo positivo no menino. As coisas se passam de forma tal que o menino inicialmente toma a figura materna como objeto de amor, segundo o modelo anaclítico de relação com o objeto, e a figura paterna como objeto de identificação, segundo o modelo narcísico. Esses dois relacionamentos evoluem simultaneamente até o momento em que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai passa a ser percebido como um obstáculo a ele, iniciando assim o complexo de Édipo. A identificação com o pai assumirá um caráter manifestadamente ambivalente e a relação de objeto com a mãe permanecerá de cunho estritamente amoroso. O desfecho do Édipo levaria a um abandono do investimento objetal na mãe e a uma intensificação da identificação com o pai. Esse seria o desfecho propriamente positivo do complexo masculino e poderia ser entendido de forma análoga na menina.

No tocante ao complexo na menina podemos notar o quanto a posição de uma identificação materna primária encontra-se realmente distante do pensamento freudiano. O autor afirma que o desfecho da atitude edípica na menina levaria à intensificação de sua identificação com a mãe, marcando definitivamente o caráter feminino da criança. O que chama a atenção é a frase interpolada entre parênteses, que soa completamente absurda: “ou a instalação de tal identificação pela primeira vez” (FREUD, 1923a/1996, p. 57); “ou eventualmente criar tal identificação” (FREUD, 1923a/2007, p. 43). Ora se o complexo é simétrico no sexo feminino, a identificação não deveria igualmente estar presente como escolha narcísica de objeto?

Podemos notar também uma indicação de assimetria entre as duas dinâmicas, já que somente no caso da menina o objeto perdido poderia ser assimilado ao ego, enquanto no menino a escolha do pai como objeto de amor ou de identificação seriam mutuamente excludentes. Mezan analisa em pormenor os desdobramentos dessa explicação sobre o complexo de Édipo e conclui que é a “bissexualidade constitucional que (...) impede Freud de extrair nesse momento todas as conseqüências da descrição que acaba de fazer” (2001, p. 282).

De fato, Freud é taxativo ao encerrar a discussão, afirmando que o desfecho da situação edípica para ambos os sexos em termos de identificação homo ou heterossexual depende fundamentalmente da força relativa das inclinações masculinas e femininas presentes na criança desde o início, ou seja, das diferenças inatas na quantidade de investimentos masculinos e femininos. Em outras palavras, a idéia de uma identificação constitutiva do ego em sua relação com a alteridade é suplantada por uma explicação solipsista calcada na bissexualidade inata.

O que se observa aqui é que a compreensão da identificação na constituição do ideal ainda está muito marcada pela dinâmica descrita na psicologia dos grupos e pela oposição inicial entre escolha de objeto e identificação. Chama também a atenção que a identificação seja concebida como uma reação defensiva à perda do objeto, tal qual sua descrição na melancolia. Isso, inclusive, é o que torna possível conceber uma saída invertida, por meio de uma identificação com o genitor do sexo oposto, como igualmente viável. Estamos, portanto, longe dos desdobramentos posteriores da teoria do Édipo e da própria radicalidade da noção de identificação na constituição do aparelho psíquico. Embora na seqüência do texto Freud reconheça a

possibilidade de uma dinâmica edípica mais completa, envolvendo tanto a versão positiva quanto a negativa, ainda é nos termos da bissexualidade constitucional que todo o esquema teórico se sustenta.

Isso quer dizer que embora Freud tenha plena consciência das formas fenomênicas dos vínculos na dinâmica edípica, sua explicação teórica ainda carece de elementos fundamentais. Serão necessários os avanços na análise da diferença anatômica entre os sexos para uma descrição mais acurada das fantasias sexuais infantis em sua relação com a *castração*, que levará à interpolação da fase genital infantil na teoria do desenvolvimento psicosssexual e o importante conceito de *falo* (FREUD, 1923b/1996) como elemento central para a compreensão da dissolução do complexo de Édipo e a afirmação de uma assimetria fundamental entre as dinâmicas masculina e feminina (FREUD, 1924c/1996). O que aparece no texto sobre o ego e o id é uma noção de identificação ainda subsumida a um esquema constitucional.

De qualquer forma, embora Freud não tivesse desenvolvido todos os elementos conceituais para a compreensão da gênese da subjetividade em função da dinâmica edípica, um ponto já pode ser categoricamente afirmado. Trata-se da convicção de que a identificação com o genitor do sexo oposto, fruto da resolução do complexo de Édipo, terá como precipitado uma instância moral reguladora do aparelho psíquico: o ideal de ego/superego. Essa é a afirmativa teórica essencial desse texto freudiano, pois indica todo o caminho conceitual no desenvolvimento da teoria das identificações e da constituição subjetiva, além de marcar a origem da segunda diferenciação genética fundamental no aparelho psíquico. Não é à toa, portanto, que a passagem é redigida toda em destaque pelo autor:

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. (FREUD, 1923a/1996, p. 59)

Dessa forma, podemos supor que, como resultado mais comum dessa fase sexual regida pelo complexo de Édipo, encontraremos no Eu um precipitado que consiste do produto dessas duas identificações de alguma forma combinadas. Essa mudança que ocorre no eu terá, dali em diante, um papel especial, apresentando-se frente ao outro conteúdo do Eu na forma de um Ideal-de-Eu ou de um Supra-Eu. (FREUD, 1923a/2007, p. 44)

Eis aí a origem da afirmativa absolutamente central no pensamento freudiano de que o superego seja o herdeiro do complexo de Édipo, efeito de sua internalização como instância psíquica por meio de identificação.

Deixando de lado a espinhosa questão da dinâmica entre escolhas objetais e identificações, Freud passa então a descrever os atributos dessa nova estrutura mental. O essencial de sua definição está no fato do superego ser simultaneamente o resíduo das primitivas escolhas objetais do id – o que lhe confere sua função de ideal – e uma formação enérgica contra essas escolhas – o que lhe confere sua função de observação e crítica. Esse caráter compulsivo do superego, por sua vez, será atribuído tanto a um fator biológico – a duração prolongada no homem do desamparo e dependência na infância – quanto um fator psicológico – a relação do complexo de Édipo com o período de latência. Essa menção ao biológico, por sua vez, irá resultar em um grande desvio no qual a dimensão filogenética constitutiva é resgatada e articulada aos grandes ideais culturais da civilização, como a moral e a religião.

Dessa síntese é interessante reter as relações que a instância herdeira do complexo de Édipo irá estabelecer com o ego e com o id. O essencial é que o ego constitui o representante do mundo externo para o id, de forma que todos os destinos pulsionais são mediados pelo ego. Contudo, as fantasias próprias do complexo de Édipo que serão submetidas ao recalque constituirão o ponto em que o superego se articula ao id. Além disso, este superego estará enraizado diretamente no id por meio de uma relação com a porção não recalcada do id. Isso quer dizer que a energia da formação reativa engendrada pelo superego é fruto de um investimento direto da pulsão de morte do id e se voltará contra o ego. É dessa forma que Freud explicará o fundamento econômico da dinâmica entre as instâncias por meio de uma teoria das identificações: o ego dispõe de uma energia narcísica de caráter erótico sublimado, enquanto o superego dispõe de uma energia agressiva de caráter mortífero, fruto do complexo jogo de fusões e defusões.

Essas relações entre as instâncias serão melhor trabalhadas por Freud em seu quinto e último capítulo, após um quarto capítulo onde faz um apanhado da nova teoria das pulsões. Como trabalhamos este capítulo específico no capítulo anterior da presente tese, reterei apenas o essencial.

Nesse quarto capítulo, Freud começa a tomar o partido do equacionamento entre sadismo/ódio e pulsão de morte e faz uma afirmação categórica quanto às

origens do psiquismo, que é a hipótese da neutralização da pulsão de morte no interior do aparelho psíquico por meio de uma deflexão da destrutividade para o exterior. Outra hipótese genética fundamental é a própria idéia de uma dessexualização de Eros por meio do narcisismo. Vimos, no capítulo anterior desta tese, que embora chegue a considerar essa dimensão erótica do narcisismo, Freud lança pouquíssima luz sobre esse narcisismo mortífero. Nos termos do esquema topográfico, a dimensão mortífera do funcionamento pulsional aparecerá estritamente ligada a esse investimento da pulsão de morte no superego.

O quinto capítulo inicia fazendo um resumo da formação do ego e do superego via processos identificatórios, que são definidos como resquícios dos primeiros investimentos objetais do id formados a partir do complexo de Édipo (FREUD, 1923a/1996, p. 75; 1923a/2007, p. 56). Novamente, o que se observa é a insistência na derivação das instâncias ideais do ego do complexo paterno, negligenciando as identificações maternas constituintes do ego na dinâmica narcísica.

Nesse sentido, é curioso notar que a partir do quarto capítulo do seu texto Freud omite a ambigüidade terminológica que anunciara, passando a se referir em maior frequência ao termo superego para se referir à instância ideal. Ora, essa supressão parece claramente indicar um recalque no nível da teoria daquilo que insiste em se colocar como exigência: a identificação narcísica com a figura materna engendrando o núcleo de ego.

O autor prossegue em sua apresentação sobre as relações dependentes do ego discutindo a vinculação estreita entre o superego e o id, dada não só pela herança das fantasias originárias quanto pela sua ligação com as fantasias edípicas recalçadas. Isso quer dizer que o recalque operado pelo ego das fantasias edípicas cria uma defusão libidinal cujo componente agressivo é absorvido pelo superego e se manifesta como um sentimento inconsciente de culpa.

A descrição dinâmica correta é que o sentimento de culpa é uma expressão afetiva que se instala no ego decorrente das exigências morais e críticas do superego. Em termos econômicos, tem-se que os componentes mortíferos da libido se entrincheiram no superego e sustentam boa parte do poder crítico dessa instância sobre o ego. Já os componentes eróticos são introjetados fundamentalmente no ego e

serão a fonte energética dessa instância em sua mediação das exigências do id, do superego e da realidade.

Embora Freud não mencione, seria importante sustentar aqui a hipótese de um precipitado erótico de origem narcísica na formação do componente ideal do superego. Evidentemente, isto é justamente o que não pôde aparecer na articulação conceitual do texto freudiano. Ele prefere tentar relacionar essas relações dinâmicas, que são oriundas da identificação com o objeto, com a teoria da representação que sustentava o modelo topográfico:

Em todas essas situações, o superego exhibe sua independência do ego consciente e suas relações íntimas com o id inconsciente. Considerando a importância que atribuímos aos resíduos verbais pré-conscientes no ego, surge a questão de saber se pode ser o caso de o superego, na medida em que é *Ics.*, consistir em tais representações verbais e, se não, em que mais consiste. Nossa tentativa de resposta será que é impossível, tanto para o superego como para o ego, negar sua origem a partir das coisas que ouviu: pois ele é parte do ego e permanece acessível à consciência, por via dessas representações verbais (conceitos, abstrações). Porém, a *energia da catexia* não chega a esses conteúdos do superego a partir da percepção auditiva (educação ou leitura), mas de fontes no id. (FREUD, 1923a/1996, p. 81)

Como se pode notar, em todas essas situações que vimos descrevendo, o Supra-Eu se mostra independente do Eu consciente e revela sua estreita relação com o Id inconsciente. Coloca-se, então, a questão de se saber em que consiste afinal o Supra-Eu. Levando em conta a importância que havíamos atribuído ao papel dos restos-de-palavras pré-conscientes no Eu, será que – talvez por ser *Ics.* – o Supra-Eu consista exatamente dessas imagens-de-palavra? Ou se trata de outra coisa? Nossa resposta será modesta e reside apenas em dizer que é impossível ao Supra-Eu renegar que também sua origem se situa naquilo que já foi um dia escutado. Assim, na verdade, ele é uma parte do Eu. E mais, que ele se mantém sempre acessível à consciência justamente por meio dessas mesmas imagens-de-palavra (conceitos, abstrações). Por outro lado, a *energia de investimento* aportada aos conteúdos do Supra-Eu não se origina de eventuais percepções auditivas, lições ou leituras, mas sim de fontes situadas no Id. (FREUD, 1923a/2007, p. 60)

Essa citação é particularmente interessante, pois indica a dupla origem do superego como instância psíquica: uma diferenciação do ego em estreita relação com o id. Também nos permite discutir a relação dessa distinção tópica com uma teoria sobre os conteúdos mentais. No nível de funcionamento do id, o superego se liga às fantasias recalcadas e à pulsão de morte defusionada. No nível do funcionamento egóico, por sua vez, o superego é fruto de uma identificação que se liga aos conteúdos representacionais do pensamento verbal. Isso quer dizer que as identificações próprias da dissolução do complexo de Édipo, responsáveis pela formação do superego, são precipitados de representações de palavra. Como vimos, as representações de palavra são as modalidades representacionais próprias do antigo sistema *Pcs./Cs.*. Esse é o motivo pelo qual as injunções morais e os parâmetros

ideais do superego são em parte acessíveis à consciência, pois são processos de pensamento simbólico mediados por representações de palavra. O esquema freudiano, inclusive, resalta essa característica ao assinalar uma extremidade sensorial acústica em relação direta com o ego.

Pois bem, a conclusão a que podemos tirar desse arranjo é que a identificação paterna típica da triangulação edípica é da ordem de uma representação de palavra e, portanto, simbólica. Assim, o que é propriamente internalizado é da ordem de uma *lei* de interdição e de uma *idealização* em que a identificação diz respeito a uma tomada de posição com relação aos interditos e aos ideais. Nesse sentido, a identificação propriamente edípica está amplamente enraizada em uma modalidade propriamente representacional. A citação de Freud é clara quanto a esse respeito: os conteúdos do superego têm a mesma forma do que os do ego, pois são fundamentalmente representações, mas a força que impulsiona o superego é de natureza mortífera, fruto da defusão pulsional e essencialmente oposta à natureza erótica do ego.

Embora possamos discutir as minúcias conceituais desse processo de identificação, o fato é que ele se dá fundamentalmente em um registro simbólico. Esse ponto é muito importante para a discussão da presente tese, pois permite pensar que a identificação edípica, embora seja um processo com características próprias, não se opõe aos princípios de uma teoria da representação. Podemos simplificar a questão afirmando que o superego constitui um núcleo “especial” e diferenciado da instância egóica. Afora sua força, não há nada no superego que expresse princípios avessos à representação e também não podemos falar em uma estrutura funcional propriamente superegóica.

O mesmo, entretanto, não se dá no caso de uma identificação primária de cunho narcísico. Isso porque a formação do ego não diz respeito apenas a uma mudança de modalidade representacional, expressa na passagem da representação de objeto para a representação de palavra. Ele constitui também um feixe de funções e de delimitações. Na primeira tópica, a questão da origem dessas funções e delimitações podia ser remetida às exigências da realidade e aos esforços da auto-conservação. A partir da segunda teoria pulsional, contudo, isso não pode mais ser sustentado. A constituição de espaços psíquicos e de mecanismos próprios está relacionada a um princípio de ligação da efração traumática por meio de

identificações muito primitivas com os objetos. Nesse caso, a identificação não se assenta na lógica representacional mas, de certa forma, é responsável pela sua instalação. Por isso é que insisto tanto na importância da identificação primária como um limite à teoria da representação na metapsicologia.

Julgo que a dificuldade em conceber operadores teóricos próprios a esse nível de funcionamento mental tenha sido um dos motivos que fizeram com que Freud deixasse de lado a questão dos movimentos de origem do ego e de suas funções. Assim, o “recalque” da identificação feminina primária seria um sintoma da insuficiência na própria matriz epistemológica que embasa a metapsicologia freudiana: a teoria da representação e uma perspectiva psicológica do psiquismo.

Em seguida à discussão sobre as origens simbólicas do superego, Freud retoma a “nova” hipótese da identificação edípica e da conseqüente defusão pulsional, cujo efeito é uma agressividade que será posta a serviço do superego (FREUD, 1923a/1996, p. 83; 1923a/2007, p. 62). Examina essa dinâmica à luz de diferentes constelações psicopatológicas, mas sem chegar a novas proposições conceituais. Na verdade, utiliza esse expediente para caracterizar o funcionamento das instâncias. O superego é então essa instância crítica e observadora do ego, que age com severidade tanto na interdição quanto na sinalização de modelos de comportamento. Sua força advém da destrutividade defusionada do id. Já o ego seria uma instância encarregada de importantes funções, como a percepção, a consciência reflexiva e o pensamento, os princípios lógicos e temporais, o estabelecimento do teste de realidade e o controle da motricidade. Ele retira libido do id, transformando os investimentos objetivos em narcísicos que, por sua vez, delimitarão estruturas próprias a essa instância: “ele não só drena a libido do Id, como também transmuta em formações-do-Eu aqueles investimentos de carga que o Id havia depositado nos objetos” (FREUD, 1923a/2007, p. 62).

Além disso, os conteúdos do id podem se relacionar com o ego de duas formas. Uma é direta, no movimento da fantasia recalcada que busca realização alucinatória. A outra é indireta, no movimento de inibição dessas mesmas fantasias por meio das injunções das instâncias ideais. O ego aparece assim como uma instância central, que deveria conseguir a progressiva conquista e submissão do id, mas também como uma instância que deveria se submeter a três fontes de exigências: o mundo externo, o id e o superego.

5.3 Modelo Estrutural: Integrações e Impasses

Essas são as linhas gerais das relações que as instâncias estabelecem entre si. Além dessas descrições, o último capítulo traz uma discussão sobre as relações do ego com a angústia. Como irei discorrer sobre a teoria da angústia no próximo capítulo, podemos dar a análise de *O Ego e o Id* como encerrada.

O que se pode perceber nessa apresentação inicial é o acento nas dependências que o ego estabelece com as outras instâncias. O id aparece aí como a grande fonte das pulsões no aparelho psíquico e como substrato das representações recalçadas e das fantasias originárias. O ego, por sua vez, constitui um feixe de funções de adaptação à realidade e, também, um precipitado de identificações que consegue tomar para si os investimentos libidinais dos objetos, dessexualizando a libido. Já o superego é uma diferenciação de representações egóicas por meio de identificações que consegue tomar para si os investimentos mortíferos da libido defusionada. É interessante notar como essas relações são extremamente complexas. O superego, por exemplo, é duplamente recoberto pelo id, tanto em sua vinculação com as fantasias recalçadas quanto na sua captura da pulsão de morte.

O que chama a atenção, contudo, é como toda a discussão basicamente está centrada nos mecanismos de diferenciação do ego em superego e, portanto, na identificação edípica. Muito pouco é dito sobre a dimensão não-recalçada do id. Na verdade, muito pouco é dito sobre o id em geral, pois ele aparece apenas como um “caldeirão pulsional” genérico e as poucas indicações para além disso referem-se ao campo das fantasias originárias e da herança filogenética. A citação seguinte endossa esse ponto de vista:

É, portanto, no domínio do inconsciente recalçado que essa passagem situa a origem do superego. Aliás, com exceção do filogenético, não encontramos no texto de 1923 nenhum exemplo de inconsciente não-recalçado. Todas as referências às exigências do id são incluídas no quadro das moções pulsionais da primeira fase sexual, quer dizer, do complexo de Édipo recalçado. No que tange ao superego, podemos ver sua total dependência das identificações edípicas. Na sequência, mostraremos que, mesmo quando a herança filogenética é solicitada como fator determinante da instância ideal, a referência ao complexo de Édipo mantém toda sua importância. (RIBEIRO, 2000, p. 104)

Em sua minuciosa análise, Ribeiro (2000) mostra como essa oscilação entre herança filogenética e identificação edípica marca todo o percurso do trabalho sobre o ego e o id. O que deixa de aparecer ali é uma discussão mais detida sobre a gênese primária do ego e suas relações originárias com o id em que comparecem identificações para além do registro representacional próprias ao narcisismo e à relação com a figura materna. O que o percurso em direção a essa dimensão originária acaba por revelar, contudo, é da ordem de um paradoxo:

O que se evidencia nessa petição de princípio é, mais uma vez, uma verdadeira compulsão que impõe a Freud a formulação de construções teóricas cada vez mais complicadas e contraditórias, com o fim de salvar o eu de uma origem inteiramente dependente da identificação com o primeiro objeto, ou seja, a mãe. No presente caso, foi-lhe necessário dotar o isso, desde o início, de uma energia sublimada, cujas virtudes unificantes se encarregariam da criação do eu. Mas ao falar de uma energia sublimada do isso – energia que ele próprio reconhece ser criada pelo processo através do qual o eu transforma os investimentos de objeto em identificação –, a dependência paradoxal da origem do isso em relação eu vem novamente se manifestar, por um viés bastante oblíquo desta vez, no esforço teorizante de Freud. (RIBEIRO, 2000, p. 109-110)

Desse modo, a análise do problema da identificação materna primária no texto sobre o ego e o id revela o mesmo paradoxo apontado por Figueiredo (1999) e que foi discutido no capítulo anterior desta tese: a distinção de um ego organizado em relação a uma dimensão traumática radical do id não pode ser pensada em termos de uma oposição seqüencial, pois uma depende necessariamente da outra para se instalar.

Isso nos mostra o quanto as hipóteses de uma defusão pulsional e de uma sublimação dos impulsos eróticos e mortíferos por meio da identificação na gênese de instâncias se mostra uma solução conceitual problemática. Além de pouco explicar as transformações representacionais e estruturais envolvidas, essa saída também pouco esclarece quanto ao que determina as diferenças nos destinos pulsionais envolvidos nos processos de “sublimação” na formação do ego e do superego. Em suma, não entendemos porque a pulsão de morte conflui para o superego e a de vida para o ego.⁶¹

⁶¹ Curiosamente, esse impasse estará igualmente presente na metapsicologia kleiniana, que considero resultado de um aprofundamento dessa compreensão relacional da gênese do aparelho psíquico. Na concepção kleiniana de desenvolvimento, aprendemos que o objeto bom/amoroso é o germe do ego e o mau/destrutivo o protótipo do superego, em uma perspectiva muito próxima a que Freud sustenta aqui. A resposta acabará remetendo a uma distinção qualitativa transcendental: a pulsão de vida unifica e a de morte separa. Essa solução, além de desconfortável, é simplista, pois dá a impressão de uma cisão radical entre os investimentos e instâncias. Não poderia haver uma dinâmica narcísica e egóica marcada pela pulsão de morte?

Desse modo, o que a seqüência dos argumentos freudianos nos mostra é uma série de contradições. Embora algumas questões sejam melhor amarradas, como a das instâncias ideais e sua relação com o complexo de Édipo, no que diz respeito ao núcleo central de compreensão da constituição do aparelho psíquico em relação à nova teoria das pulsões a questão avança muito pouco.

Vejamos agora como a compreensão do modelo estrutural prossegue na obra freudiana. Para tanto, passarei em revista os textos sobre o *Bloco Mágico* (FREUD, 1925a/1996, 1925a/2007), a *Conferência XXXI* (FREUD, 1933a/1996) e o *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1938a/1996). O primeiro ponto a destacar é que nesses três textos Freud explicitamente prossegue na tentativa de integração entre os dois modelos do aparelho psíquico, o que mostra que a distinção entre instâncias psíquicas não vem substituir a distinção anterior entre sistemas. Apenas uma leitura pontual de *O Ego e o Id* pode deixar a impressão que há um abismo entre a primeira e a segunda tópica.

Um exemplo patente da tônica do percurso freudiano encontra-se logo dois anos após a introdução do modelo estrutural, no pequeno porém interessante *Uma Nota sobre o Bloco Mágico* (FREUD, 1925a/1996, 1925a/2007). Nesse texto, Freud retoma o exame do aparelho psíquico a partir da concepção fundamental de que o psiquismo se organiza a partir de duas funções distintas e excludentes: a percepção e a memória. Esse modelo, como se sabe, é o núcleo da primeira tópica, e se encontra, ainda, como um aspecto central das funções do sistema *Pcs.-Cs.* assimiladas ao ego.

O disparador para o breve reexame das relações entre percepção e memória é um brinquedo cujo princípio de funcionamento ainda se encontra nas hoje em dia chamadas “lousas mágicas”. Esse dispositivo integra as duas analogias que Freud costumava utilizar para ilustrar os princípios de funcionamento desses atributos do psiquismo: a lousa, que possui uma capacidade receptiva ilimitada porém não mantém registros duradouros, e o papel, que possibilita uma inscrição permanente porém com a perda da capacidade receptiva. É formado por uma prancha de cera escura sobre a qual repousa uma fina folha translúcida que está fixada à prancha apenas pela parte superior. Essa lâmina recebe a pressão de um estilete que calca a superfície do aparato produzindo uma marca escura no papel. As marcas podem ser desfeitas por meio do simples levantamento da folha translúcida, desligando-a da prancha de cera escura. Já a lâmina translúcida é, ela mesma, constituída da reunião

de duas folhas distintas. Uma de papel, que efetivamente recebe a impressão de cera da lousa, e outra de celulóide transparente, que protege a frágil folha de papel de ser rasgada pelo estilete.

A analogia é bastante clara. A lâmina translúcida constitui uma metáfora da conjugação entre o sistema *Pcpt.-Cs.* e o seu escudo protetor externo, o chamado escudo “para-excitações”. Já a lousa de cera que recebe as marcas e as guarda em registros permanentes – já que em sua superfície ficam marcados de forma bastante sutil e imperceptível para a lâmina perceptiva virtualmente todas as impressões do estilete – constitui uma metáfora do recalcado inconsciente, ou seja, a parte do id formada pelas fantasias recalcadas de complexos de representações de objeto.

Até aí não temos nada de particularmente novo em termos teóricos, apenas a apresentação de idéias fundamentais da metapsicologia por meio de uma analogia bastante fidedigna e, portanto, útil. Uma breve observação no final do artigo, contudo, dá um passo além na teoria da percepção. O autor afirma que o próprio sistema *Pcpt.-Cs.* seria passível de um investimento libidinal intermitente do inconsciente que não só possibilitaria a própria disponibilidade perceptiva como seria responsável pela instalação dos princípios da temporalidade (FREUD, 1925a/1996, p. 290; FREUD, 1925a/2007, p. 140-141). A originalidade dessa pequena observação está em promover uma certa inversão na relação entre os sistemas. Até então o que era enfatizado era o movimento de diferenciação do id em um sistema percepção-consciência em função das exigências da realidade. Embora os traços de representação pudessem ter sua dinâmica compreendida em termos de uma economia pulsional, a função perceptiva propriamente dita permanecia livre de interferências libidinais. Agora Freud dá um passo além e reconhece que a própria função perceptiva em particular e o processo secundário em geral são mantidos e promovidos por um investimento libidinal próprio do ego e das raízes dessa libido dessexualizada nas pulsões do id. Isso quer dizer que as próprias funções egóicas são constituídas e mantidas por dinâmicas libidinais, dando um passo além na vicariância entre as dimensões auto-conservativa e sexual nas pulsões de vida e nas múltiplas relações entre as instâncias da segunda tópica.

Duas observações são importantes na análise desse pequeno texto. A primeira delas está diretamente ligada à interpolação do comentário na sequência dos argumentos deste capítulo. Trata-se de que Freud não abandona suas teses anteriores

sobre os sistemas do aparelho psíquico, mas sim os aprofunda e reavalia em função dos novos desdobramentos de sua teoria. Curiosamente, a descrição de Freud no artigo se abstém de qualquer menção ao modelo estrutural. A segunda tem a ver com o que foi introduzido de novo: a modulação libidinal dos processos perceptivos do ego. Esse movimento de questionamento teórico está relacionado com o aprofundamento de questões sobre a influência dos processos inconscientes para além dos processos meramente representacionais e mnêmicos. Essa inflexão, por sua vez, está ligada ao aprofundamento na investigação de quadros psicopatológicos para além da neurose, que também é uma tônica desse último momento da obra de Freud.⁶²

Iremos enveredar por esse caminho mais adiante. Por enquanto, gostaria de continuar apresentando a seqüência do desenvolvimento do modelo estrutural para defender a insuficiência das hipóteses continuistas e disruptivas na análise do movimento do pensamento freudiano. Nada é mais ilustrativo da tentativa de integração por parte de Freud do que o novo esquema do modelo estrutural, apresentado na *Conferência XXXI* e reproduzido na figura abaixo:

Figura 13: Segundo esquema do modelo estrutural em Freud (1933a/1996).

Há uma série de diferenças dessa segunda versão em relação à primeira. Algumas são mais secundárias, como a forma ovóide no lugar da amebóide, a ausência do receptor acústico e a supressão dos traços mnêmicos constituintes das representações ideativas. Outras são mais significativas e refletem a preocupação de assimilação de todas as estruturas do aparelho psíquico ao esquema. Notadamente

⁶² Esse último ponto, por sua vez, será discutido no próximo capítulo da presente tese.

aparece aí o superego, que embora ocupasse boa parte da discussão no momento da introdução do modelo não se encontrava representado. A representação é extremamente adequada, pois mostra claramente como o superego é uma diferenciação em relação ao ego profundamente enraizado no id e, portanto, inconsciente. Outra inclusão importante é a do inconsciente, que aparece aí em sua acepção descritiva, recobrindo o id e partes do ego e do superego. Os tracejados horizontais têm relação direta com essa diferenciação. Eles não se referem mais aos traços das representações, mas às diferenciações parciais entre porções conscientes e inconscientes da instância egóica e superegóica. Isso implica que o regime de processos mentais subsumidos às representações de palavra se instala acima do tracejado e o das representações de objeto abaixo dele. Implica também que os mecanismos de defesa inconsciente instalam-se nessa porção inferior do ego. Nesse sentido, há uma diferença que, contudo, permanece obscura. Ocorre uma explícita inversão no posicionamento do termo *recalcado*, que agora se encontra acima da dupla barra do recalque. Se esse termo indica o lugar dos conteúdos recalcados, a representação não faz o menor sentido. Prefiro assumir que o termo refere-se à própria barra e não à posição acima ou abaixo dela. Por fim, há uma diferença significativa na base do diagrama, que passa a ser aberto. Isso indica que a fronteira entre o somático e o psíquico fica menos delineada, indicando que as pulsões se instalam no interior do id, embora tenham uma relação com a fonte somática externa ao aparelho psíquico.

O que quero sinalizar é essa referência explícita ao inconsciente e a tentativa de integrar os dois modelos. Isso, contudo, não quer dizer que haja superposição entre os sistemas. Haveria uma relação íntima e fundamental entre eles, mas também haveria uma série de desvios e singularidades que devem ser entendidas como exceções. Freud reconhece essa impossibilidade e recorre a uma analogia que nos parece bastante significativa para a compreensão da relação entre os dois esquemas da tópica:

Antes, porém, uma breve interpolação. Penso que os senhores se sentem insatisfeitos porque as três qualidades da consciência e as três regiões do aparelho mental não se agrupam em três pares harmônicos, e os senhores podem considerar esse fato, em certo sentido, obscurecedor de nossos achados. Não penso, todavia, que devemos lamentá-lo, e devemos dizer a nós mesmos que não tínhamos o direito de esperar nenhuma posição homogênea nessas coisas. Permitam-me mostrar-lhes uma analogia; é verdade que as analogias nada decidem, mas podem fazer a pessoa sentir-se mais à vontade. Estou imaginando uma região com uma paisagem de configuração variada – montanhas, planícies e cadeias de lagos – e com uma

população mista: é habitada por alemães, magiares e eslovacos, que se dedicam a atividades diferentes. Ora, poderiam as coisas estar repartidas de tal modo que os alemães, criadores de gado, habitam a região montanhosa, os magiares, que plantam cereais e videiras, moram nas planícies e os eslovacos, que capturam peixes e tecem o junco, vivem junto aos lagos. Se a partilha pudesse ser tão simples e definida, um Woodrow Wilson ficaria feliz da vida com isso; também seria conveniente um tal arranjo para uma conferência numa aula de geografia. Entretanto, seria provável que os senhores encontrassem menos homogeneidade e mais mistura, se viajassem pela região. Alemães, magiares e eslovacos vivem disseminados por toda parte; na região montanhosa também há terras cultiváveis, e cria-se gado também nas planícies. Algumas coisas, naturalmente, são conforme os senhores esperavam, pois não se pode capturar peixes nas montanhas e os vinhedos não crescem na água. Realmente, o quadro da região, que os senhores se afiguravam, pode, na sua totalidade, ajustar-se aos fatos; os senhores, no entanto, terão de conformar-se com desvios nos detalhes. (FREUD, 1933a/1996, p. 77-78)

Essa analogia fala então de certos espaços e lugares, semelhantes às instâncias psíquicas, que permitem a ocupação por certos conteúdos de qualidades diferenciadas, semelhantes às representações psíquicas. Não há, contudo, superposição entre essas formas de compreensão do aparelho porque, embora intimamente relacionadas, retratam aspectos diferenciados dos fenômenos psíquicos. Freud acentua essa posição ao longo de todo o texto, retomando-a, inclusive, em sua conclusão (1933a/1996, p. 84). Isso apenas endossa o alerta de Monzani (1989) sobre como a escolha entre uma hipótese continuísta e outra disruptiva não faz jus à complexidade do movimento do pensamento freudiano.

Um outro autor que examina esse quadro de superposições conceituais no pensamento freudiano em geral e no esquema do modelo estrutural em particular é Laplanche (1992a):

O que há nesse aparelho? Recordarei que as representações psicanalíticas se caracterizam por serem superposições, sobre-impressões de domínios perfeitamente heterogêneos que qualquer pessoa sensata se recusaria a fazer figurar numa mesma folha de papel. (...) Quero dizer com isso que tal nivelamento tem, apesar de tudo, suas leis. Leis que podemos designar como leis de “derivação” (falei há instantes de “projeção”) ou ainda leis de “representância” (*Vertretung* ou *Repräsentanz*), isto é, leis de delegação. (LAPLANCHE, 1992a, 162-163)

Um exemplo da “representância” seria a presença do corpo no id, através da abertura inferior do esquema. Outro, a “representância” da pulsão do id no ego e no superego. Com isso o autor quer dizer que há múltiplos níveis de encaixe e articulação entre o somático e o psíquico e entre as diversas regiões do psiquismo no pensamento freudiano. Isso já se encontrava paradigmaticamente atestado pela dupla formulação a respeito do estatuto das pulsões – ora como representante, ora como conceito-limite – mas agora, no segundo modelo do aparelho psíquico, aparece de forma amplamente disseminada, instalando-se em todos os níveis de articulação

conceitual. É no id, contudo, que essa questão da possibilidade de representação se apresenta de forma mais nítida e radical.

Vejam, por fim, como a descrição tópica do aparelho psíquico aparece no último trabalho metapsicológico de Freud, o *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1938a/1996). O exame da primeira e da terceira partes dessa exposição sintética e dogmática da Psicanálise nos mostra uma extrema consonância com o que tem sido argumentado no presente capítulo, a saber, que o modelo estrutural vem superpor e aprofundar aspectos do modelo topográfico, além de acrescentar um panorama genético e histórico à compreensão do aparelho psíquico. Estão lá resumidas as definições gerais e sintéticas dos conteúdos e instâncias mentais, bem como um delineamento geral do desenvolvimento psicosssexual com base na segunda teoria das pulsões – aspecto este que discuti no capítulo anterior. Chama-nos a atenção a retomada tanto das três hipóteses sobre as qualidades psíquicas – consciente, pré-consciente e inconsciente – quanto das instâncias psíquicas – ego, id e superego. A definição destas últimas comparece de forma bastante consonante com os textos anteriores, enfatizando as relações mais “orgânicas” e menos sistemáticas que as instâncias desenvolvem entre si:

A única qualidade predominante no id é ser inconsciente. Id e inconsciente acham-se tão intimamente ligados quanto ego e pré-consciente; na verdade, no primeiro caso, a vinculação é ainda mais exclusiva. Se voltarmos o olhar para a história do desenvolvimento de um indivíduo e de seu aparelho psíquico, poderemos perceber uma distinção importante no id. Originalmente, com efeito, tudo era id; o ego desenvolveu-se a partir dele, através da influência contínua do mundo externo. No decurso desse lento desenvolvimento, alguns dos conteúdos do id foram transformados no estado pré-consciente e assim incorporados ao ego; outros de seus conteúdos permaneceram no id, imutáveis, como no seu núcleo dificilmente acessível. Durante esse desenvolvimento, entretanto, o jovem e débil ego devolveu ao estado inconsciente algo do material que havia incorporado, abandonou-o, e comportou-se da mesma maneira em relação a algumas novas impressões que *poderia* ter incorporado, de modo que estas, havendo sido rejeitadas, só podiam deixar um vestígio no id. Em consideração à sua origem, falamos desta última parte do id como o *reprimido* [recalcado]. Pouco importa que não possamos sempre traçar uma linha nítida entre essas duas categorias de conteúdos do id. Elas coincidem aproximadamente com a distinção entre o que se achava originalmente presente, inato, e o que foi adquirido ao longo do desenvolvimento do ego. (FREUD, 1938a/1996, p. 176-177)

Nessa citação estão expressos muitos dos pontos que discutimos anteriormente, o que só vem reforçar a hipótese sobre o desenvolvimento do pensamento freudiano. Gostaria, no entanto de ressaltar esse ponto fundamental que é a distinção de duas categorias de conteúdos do id: de um lado as representações recalçadas e de outro as pulsões e as fantasias originárias. Acompanhando outros

momentos do texto⁶³, nota-se que a esses conteúdos vêm também se superpor às raízes inconscientes do superego. Esse último, por sua vez, é integralmente definido em seus aspectos de consciência moral e na sua vinculação com o complexo de Édipo, como eu já havia ressaltado.

Fora isso, há pouco a acrescentar no tocante às relações entre as instâncias do aparelho psíquico em função do enfoque estrutural. No que diz respeito ao complexo de Édipo, a teoria já está plenamente centrada na fase fálica e na forma completa da dinâmica, embora também se observe um certo silenciamento quanto ao papel do narcisismo na constituição do ego. Notam-se duas pequenas menções à angústia, na qual a primeira retoma a importância do sinal de angústia por parte do ego como forma de mobilizar as defesas (FREUD, 1938a/1996, p. 159 e p. 211), além de uma breve menção às capacidades perceptivas próprias ao id (FREUD, 1938a/1996, p. 159 e p. 211). O que há de realmente interessante para os propósitos do problema de pesquisa aqui abordado é a introdução de uma nova perspectiva para a compreensão da própria estruturação do aparelho psíquico, que tem a ver com as investigações de casos de psicóticos e perversos. Entretanto, tanto a questão da angústia como o desenvolvimento da concepção de negatividade iniciado pelos últimos trabalhos de Freud serão discutidas no próximo capítulo.

5.4 Confluências e Aberturas

Recapitulando esse percurso de apresentação e discussão do modelo estrutural, podemos chegar a algumas interpretações quanto a esse momento da obra de Freud. A primeira delas é que boa parte da teoria do ego, assim como suas diferenciações em um ideal de ego e em um superego, já se encontravam em amplo desenvolvimento no pensamento freudiano, precisando, contudo, de uma articulação mais significativa com o complexo de Édipo e de um desenvolvimento da teoria das identificações para se consolidar como um todo coerente. Pois bem, apesar das lacunas particularmente marcantes no texto de 1923, pode-se afirmar que a

⁶³ Na parte III do texto essas definições são novamente retomadas. As de ego e id aparecem no capítulo VIII (FREUD, 1938a/1996, p. 211-213). Já a definição de superego é retomada na última seção do artigo (FREUD, 1938a/1996, p. 219-220).

elaboração metapsicológica chegou a um arranjo sustentável. Essa lacuna, contudo, virá a ser desenvolvida posteriormente nos textos sobre o complexo de Édipo e a sexualidade feminina, de forma que a questão toda estará mais integrada no texto de 1938.

O que chama realmente a atenção é uma segunda interpretação, que indica a preponderância de um enfoque biológico de caráter inatista que permanecerá ao longo de toda a obra freudiana, sendo mencionado, inclusive, no texto de síntese de 1938. Em todo esse percurso, o que se observa é um misterioso silêncio com relação ao caráter estruturante das identificações narcísicas mediadas pela relação de objeto com a figura materna. Procurei mostrar que é notável o afastamento sistemático da hipótese de uma identificação feminina primária nos dois sexos. Esse movimento é particularmente sintomático e indicativo de uma redução do potencial heurístico da teoria das identificações na fundamentação de uma metapsicologia além do paradigma representacional.

Outra interpretação diz respeito ao caráter distintivo do id em relação ao conceito de inconsciente. A questão aqui é que se o modelo do ego estava pronto, a concepção de id dependia de uma revolução na compreensão da teoria das pulsões que só foi possível a partir da virada dos anos vinte. Isso quer dizer que a concepção do modelo estrutural está indissolúvelmente ligada à segunda teoria das pulsões. Esse argumento é fundamental na compreensão do movimento do pensamento freudiano e é sustentado por uma série de comentadores.

Green é quem lhe apresenta de forma mais sintética:

A adesão (ou a recusa) à última teoria das pulsões refere-se, pois, de fato ao reconhecimento desta segunda força (...) de destruição.(...) Parece que para ser coerente, a recusa da última teoria das pulsões deve, a rigor, ser acompanhada pela recusa da segunda tópica. Pois o conceito de id, na medida em que substitui o conceito de um inconsciente (afinal sempre organizado, estruturado), tende precisamente a reconhecer, no seio desta instância, essas forças cegas, opacas, inacessíveis à exploração, mais “selvagens” do que as que foram descobertas ao nível do inconsciente, mas rebeldes à domesticação. (...) A diferença predominante entre o conceito de inconsciente e o conceito de id deve-se ao fato de que, ao nível do primeiro, as pulsões de destruição não têm nenhum lugar, enquanto que, ao nível do segundo, não apenas seu lugar está determinado, como também seu papel é considerado dominante. (GREEN, 1982, p. 215-216)

Já Laplanche faz uma análise mais pormenorizada, distinguindo quatro implicações fundamentais dadas pela introdução do conceito de id na teoria psicanalítica: *pulsional*, *genética*, *tópica* e *impessoal* (1992a, p. 156-157). A primeira

delas diz respeito a uma referência mais direta ao pólo pulsional, ao ponto de vista econômico e ao nível biológico na metapsicologia. Em segundo lugar, marca uma certa tomada de partido com relação ao problema das origens, imprimindo uma orientação marcadamente geneticista e até mesmo desenvolvimentista na compreensão da subjetividade. Em terceiro lugar, permitiu uma reorganização conceitual extensa, na medida em que permite incluir noções como alguns mecanismos do ego, o superego e o ideal de ego, que eram tidos como inconscientes. Por último, permitiu uma acentuação do caráter impessoal daquilo que move a subjetividade, constituindo um substituto de peso ao inconsciente na tentativa de destituir o sujeito autônomo e consciente de seu lugar de centralidade na compreensão do psiquismo. Essa última implicação, inclusive, talvez tenha sido o motivo mais imediato para que Freud tenha podido sustentar a sua reformulação topográfica: a noção de id resguardava a circunscrição fundamental do objeto da Psicanálise. Essa convicção era sustentada por sua vez, pela própria ampliação na compreensão do que é inconsciente que a inclusão dos mecanismos egóicos e superegócios trouxe.

Já a inflexão genética e pulsional precisam ser analisadas com um pouco mais de vagar, uma vez que implicam questões tanto de um paradigma epistemológico biológico quanto de compreensão do registro econômico da metapsicologia. Inicialmente, é preciso entender que a inflexão biológica no pensamento freudiano constitui a grande responsável pela introdução do conceito de id:

Dizendo de outra maneira: assumir as hipóteses e as teses contidas em *Além do princípio do prazer* significou, de fato, aos olhos de Freud, assumir de forma ostensiva a hipótese contida no artigo sobre o inconsciente de que há um “caroço” nele muito ligado ao biológico. A idéia de pulsão de vida e pulsão de morte implica um mergulho no biológico que até então era problemático. É exatamente essa orientação biologizante que possibilitou a Freud construir o conceito de id. Foi ela que forneceu a condição primordial para se pensar essa noção. A noção de id aparece, entre outras coisas, para dar conta desse substrato biológico do inconsciente; o id, desse ângulo, seria uma espécie de inconsciente primitivo, originário, a partir do qual certos elementos tentariam irromper e se dirigir no sentido da ação motora, sendo, secundariamente, recalcados. É assim pelo menos que Freud descreve o id, esse caldeirão que é fervilhante, agitado, aberto no seu extremo às influências somáticas que as recebe e as dirige no sentido da descarga. (MONZANI, 1989, p. 266-267)

A questão do *desvio biologizante* na metapsicologia é uma das linhas mestras da discussão que Laplanche faz da teoria psicanalítica freudiana. Tive a oportunidade de discutir alguns dos pontos dessa questão no capítulo anterior da presente teste, onde apresentei a crítica aos fundamentos biológicos e a defesa de uma perspectiva

relacional na compreensão da gênese do aparelho psíquico. Vimos ao longo deste capítulo que, diante dos problemas em conceber uma teoria sobre a identificação feminina primária, Freud acaba por se agarrar à dimensão biológica e filogenética. Ribeiro (2000, p. 111) aponta isso claramente, indicando, inclusive, que isso terá efeitos significativos para a segunda teoria da angústia. Em sua análise da problemática da angústia, Laplanche (1998) também denuncia essa inflexão. No próximo capítulo, quando trabalharmos diretamente a teoria da angústia, irei retomar essa questão. Por enquanto, interessa retomar essa discussão da implicação “biológica” por outra vertente.

Como aponta o próprio Laplanche (1993a, p. 157), a problemática central da segunda tópica está no paradoxo que ela abre entre as instâncias superiores e inferiores do aparelho psíquico. Enquanto as instâncias superiores deixam de ser abstratas e funcionais e passam a se tornar concretas e antropomórficas povoadas de representações e, sobretudo, de objetos de identificação, as instâncias inferiores tornam-se cada vez mais empobrecidas. Isso porque se o sistema inconsciente era compreendido fundamentalmente pela ótica do recalcado e, portanto, povoado de representações e fantasias, a introdução do id torna o “inconsciente” mais estranho e mais próximo de uma força vital, destituída de representações. Assim, a introdução do id traz uma abertura para um modelo fundamentalmente vital e energético, em que os impulsos são mais caóticos e mortíferos; avessos à ligação em representação. Essa é a idéia do id como um “caldeirão” pulsional que irá colocar o registro econômico em um lugar de destaque na metapsicologia freudiana.

O que quero dizer é que independente da querela do fundamento biológico, a introdução do id é responsável por uma reorientação da metapsicologia em direção dos limites inferiores da teoria da representação: a efração traumática e a tentativa de elaboração psíquica, ou seja, os destinos diáfanos da pulsão de morte em seu caráter fundamentalmente irrepresentável. Desse modo, sustento que a recurso ao biológico é sobretudo uma forma de evitar os encontro com os limites do paradigma representacional na metapsicologia.

A afirmação de Laplanche de um paradoxo fundamental na segunda tópica endossa as linhas gerais da hipótese desta tese. O que tenho tentado apresentar e discutir é justamente que os adensamentos conceituais da Psicanálise freudiana irão extrapolar os limites heurísticos da teoria da representação como fundamento

epistemológico da metapsicologia. A passagem do enfoque sistêmico para o estrutural levou a duas linhas divergentes de desenvolvimento. Em primeiro lugar, a transformação da concepção de pré-consciência/consciência na de ego/instâncias ideais, levou a uma consideração cada vez maior do papel da identificação na dinâmica psíquica, extrapolando a bidimensionalidade do modelo representacional para a tridimensionalidade de um mundo interno. Esse é o movimento de “povoamento” das instâncias superiores a que Laplanche se refere. O outro lado da questão – “despovoamento” das instâncias inferiores – refere-se à transformação do enfoque no inconsciente para o id, que levou a uma consideração de uma economia além do princípio de prazer, que suplanta a organização do psiquismo em representações ideativas, abrindo lugar para a pura pulsão de morte.

No capítulo anterior, apresentei todo o substrato pulsional dessa concepção metapsicológica. O que quero ressaltar agora é que com essa ampliação trazida pelo conceito de id se abre a perspectiva fundamental de uma negatividade no seio do aparelho psíquico. Isso é particularmente evidente quando nos referimos ao caráter traumático da efração pulsional. Contudo, uma interpretação apressada dessa idéia pode nos dar a impressão de uma diferenciação muito rígida entre o que é da ordem do representacional ou simbólico e o que é da ordem da pura repetição, como se a pulsão agora estivesse submetida a um novo crivo de censura, agenciado pelo ego em seu mecanismo de ligação. Isso não é verdadeiro por uma série de motivos. O primeiro deles é que embora a metáfora de uma transcrição progressiva de registros psíquicos seja útil em alguma medida, as relações entre as instâncias na segunda tópica não são dadas por fronteiras definidas de processos homogêneos. Pelo contrário, toda a discussão que estou fazendo aponta em uma direção completamente distinta, a saber, a de níveis diferenciados de articulação entre as instâncias e dinâmicas psíquicas. Além disso, a própria idéia de forma ou qualidade representacional passa a estar relacionada a um conjunto de mecanismos identificatórios, de forma que as mudanças nos regimes funcionais das instâncias estão condicionadas a modalidades de relação com os objetos e mecanismos de fusão e defusão pulsional. Isso é verdade em todos os níveis da organização do aparelho psíquico, desde a diferenciação do ego e do superego até a relação do id com o somático. Isso implicará, inclusive, mais um passo da ampliação do lugar dos afetos e percepções na segunda tópica, como veremos em pormenor adiante.

Uma das indicações fundamentais dessa negatividade operante na concepção do modelo estrutural é visível no próprio esquema: o id é o caldeirão pulsional, o que quer dizer que as pulsões encontram-se agora dentro do aparelho psíquico. Isso é uma modificação fundamental na primeira teoria pulsional e tem a ver com essa ampliação considerável que o conceito de pulsão passa a ter em sua segunda versão. Assim, o conceito de pulsão não só passa a ser uma força transcendental que opera em todos os níveis da vida, mas também passa a ser parte integrante do aparelho psíquico. Assim, a pulsão, que antes era um conceito de “fronteira” entre o somático e o psíquico, passa a estar incluído no núcleo do próprio psiquismo. A principal decorrência disso é que as pulsões se apresentam no psiquismo sem se representar. A pulsão de morte, em sua economia mortífera, é parte integrante e fundamental do id. Isso quer dizer que o id tem um núcleo não-representacional originário e que a distinção entre pulsão e representante da pulsão não faz mais tanto sentido. É claro que seria possível argumentar que a pulsão de morte nunca apareceria de forma “pura”, mas sempre de alguma forma mistura ou fusão com a pulsão de vida, mas penso que esse argumento mais encobre a questão do que a esclarece.

Outra decorrência é que a própria concepção de experiência psíquica passa a comportar dinâmicas perceptivas e afetivas que não são da ordem propriamente de representações ideativas. Isso faz com que a própria teoria dos afetos tenha de ser revista, na medida em que a justificativa teórica de veto aos afetos “inconscientes” não mais se sustenta. Veremos no próximo capítulo o quanto isso implicará mudanças na teoria dos afetos e da angústia. No entanto, cabe agora definir o que quero dizer propriamente com *negatividade*.

A concepção de negatividade que está sendo acentuada neste trabalho é fundamentalmente a idéia de uma dinâmica e economia psíquica que trabalhe em negativo, ou seja, fora ou em posição limítrofe em relação aos mecanismos representacionais tradicionais com o qual costumamos definir os processos psíquicos. A negatividade, portanto, diz respeito a uma condição de não-representabilidade ou irrepresentabilidade de certos processos psíquicos que, dentro do referencial psicanalítico, estão intimamente ligados a dinâmicas próprias da pulsão de morte. O ponto dessa discussão sobre a negatividade originária do id está em ressaltar que em sua concepção originária essa instância é marcada por mecanismos de descarga absoluta e só posteriormente vem a comportar organizações

representacionais complexas, as fantasias, por meio da operação de mecanismos defensivos. Assim, o id é formado por dois estratos qualitativamente distintos:

Estamos partindo da hipótese de que o id possui um substrato de natureza não-representativa (o “caldeirão fervilhante” das moções pulsionais) que forma seu núcleo e em torno do qual se estrutura um nível representativo, nível este que corresponderia muito de perto ao inconsciente da primeira tópica. É evidente, pois, que neste núcleo originário não há possibilidade de negação porque estamos frente a moções pulsionais em ebulição, a fortes tempestades de cargas e tendências a descarga que se sucedem continuamente. Assim, neste campo, isso é impensável. Por outro lado, no campo do inconsciente recalcado, como sabemos, a negação também não existe. Assim, é correto afirmar-se que nem no núcleo do id nem no inconsciente recalcado existe a negação. Mas o termo negação não tem, é claro, a mesma significação se referido ao núcleo do id ou ao inconsciente. (MONZANI, 1989, p. 276)

Portanto, uma distinção fundamental que esse capítulo busca ressaltar é a de um id recalcado e de um id não recalcado, constituído não só pelas pulsões em sua forma pura ou pelas fantasias originárias, mas também como um espaço fruto de mecanismos primitivos de identificações com os objetos que promovam a ligação da pulsão traumática em intensidades manejáveis pelo ego. Novamente, detemo-nos diante do paradoxo fundamental na diferenciação entre o id e o ego que aponta para a necessidade de uma lógica suplementar na compreensão desses processos genéticos mas que, porém, está fora dos limites epistemológicos da matriz conceitual da metapsicologia freudiana.

Vejamos, a seguir, o último movimento desse ensaio de compreensão do pensamento freudiano em que muitas das linhas gerais dessa análise da “síntese” em jogo no modelo estrutural poderão ser discutidas.

6 A TEORIA DA ANGÚSTIA E A CISÃO ESTRUTURAL

6.1 Recorte pelas Últimas Proposições Metapsicológicas

No capítulo anterior, pude discutir os meandros da construção da nova tópica do aparelho psíquico que ficou conhecida no pensamento freudiano como modelo estrutural. Foi visto como esse modelo constitui uma retomada, ampliação e organização de uma série de conceitos e proposições metapsicológicas que vinham se avolumando ao longo das décadas de investigação teórica do inventor da Psicanálise. Consistiu em um grande movimento de síntese, que reposicionará questões profundamente interligadas na trama de conceitos da metapsicologia. Além da compreensão dessa síntese, pude também discutir as mudanças no acento de certas problemáticas que estão sendo trabalhadas nesta tese, em especial a distensão e enriquecimento das questões relacionadas aos limites da teoria da representação: a irrepresentabilidade das pulsões e a identificação narcísica na constituição do aparelho psíquico.

Em sua análise da estrutura conceitual da Psicanálise, Mezan (2001) afirma que a quarta etapa do trabalho de Freud será aquela em que finalmente irão ser integrados os temas e conceitos principais produzidos no campo psicanalítico. Mais do que uma continuidade de temas e conceitos, o que se observa nesse período que se inicia com a chamada “virada dos anos vinte” é a explicitação de questões latentes nas etapas anteriores, acarretando uma profunda revisão dos eixos em redor dos quais girava a Psicanálise. Na sua interpretação, essa última etapa está marcada fundamentalmente pelo tema da *violência*, mobilizada por quatro pontos fundamentais: (1) *a repetição*, (2) *a ligação*, (3) o *Édipo* e (4) a *castração*. Nas palavras do autor: “(...) a Repetição é a condição de possibilidade da pulsão em geral; a Ligação, de Eros e portanto do desejo; o Édipo e a Castração, da singularidade do sujeito” (MEZAN, 2001, p. 335). Desse modo, a violência comparece no fechamento da teoria freudiana sobre a subjetividade em suas duas extremidades. Por um lado pelo caráter traumático da pulsão em sua origem e por outro pelo recobrimento simbólico da pulsão operado pela operação estrutural da internalização da lei.

Parece-me que essa interpretação encontra o sentido da proposição que estou construindo nesta tese, embora por um viés ligeiramente distinto. O que tenho tentado mostrar é que o próprio modelo representacional, uma matriz epistemológica fundamental do pensamento freudiano, encontra-se limitado e questionado por essas aberturas que a investigação psicanalítica irá paulatinamente tecendo em torno da compreensão da subjetividade. Tanto a dimensão econômica, traumática e irrepresentável, quanto a dimensão identificatória e relacional na compreensão da subjetividade irão apontar os limites dessa hipótese. O movimento do pensamento freudiano nessa quarta etapa é paradigmático dessa distensão em dois sentidos dos fundamentos da metapsicologia, ocorrendo, portanto paralelo à circunscrição derradeira do campo de teórico da Psicanálise.

A análise do capítulo anterior já permite essa compreensão geral da quarta etapa da obra de Freud. Porém, cabe aprofundar um pouco mais a discussão, pois ainda restam dois conjuntos de conceitos e proposições que indicam avanços e aberturas na superação desse paradigma representacional. Isso é o que veremos agora.

Como se sabe, a proposição da nova tópica será seguida de uma revisão na teoria da angústia. Essa revisão proporcionará uma série de arranjos conceituais que irão reordenar os novos elementos dessa última trama conceitual da obra freudiana. Essas novas proposições, por sua vez, estão intimamente ligadas à ênfase no ponto de vista econômico na compreensão do aparelho psíquico e a uma teoria das identificações que possibilitará a centralização da constituição da subjetividade em torno do complexo de Édipo.

Irei, neste capítulo, retomar o fio da meada da teoria da angústia do ponto em que a deixamos no primeiro capítulo. Para tanto, passaremos ao exame de um texto capital dessa última fase da obra freudiana: o que versa sobre as inibições, sintomas e angústia (FREUD, 1926/1996). Como se sabe, nesse texto Freud irá definir sua nova teoria da angústia, em que coloca o sinal de angústia como elemento central da dinâmica defensiva do ego em sua relação com as demais instâncias psíquicas. Esse remanejamento trará desdobramentos importantes para a teoria dos afetos em geral e para a da angústia em particular, pois Freud se preocupa em discriminar de forma mais precisa a variedade de expressões afetivas implicadas na dinâmica psíquica. Irei, portanto, apresentar esse último giro da teoria dos afetos utilizando, para tanto,

não só o texto de 1926, mas também a complementação que lhe é dada pela *Conferência XXXII* das novas conferências introdutórias sobre Psicanálise (FREUD, 1933b/1996). Esse último movimento de nosso ensaio visará a reencontrar, no seio da própria teoria da angústia, uma dimensão de negatividade fundamental, dada pela articulação da angústia primordial do desamparo originário com a expressão do trabalho da pulsão de morte.

Esse texto freudiano também é responsável por um outro movimento significativo do pensamento do autor, que é a definição da angústia de castração como ponto de incidência fundamental da estruturação subjetiva, por meio da dinâmica do complexo de Édipo. Ele nos possibilitará, portanto, examinar mais um passo na teoria das identificações e observar o progressivo deslocamento da identificação primária para a periferia da metapsicologia freudiana.

Por fim, irei discutir, à luz desses novos aportes conceituais, a própria visão de conjunto do modelo estrutural. Isso implica não apenas dar uma atenção especial à angústia na topografia psíquica, como também incluir as novas perspectivas na compreensão da estruturação do aparelho psíquico oriundas do aprofundamento da investigação de novas matrizes clínicas: a psicose e a perversão. Essa abertura diz respeito às indicações da recusa como mecanismo de defesa e à própria idéia de uma cisão do ego no processo de defesa, trazendo uma nova possibilidade de abordagem das defesas constitutivas do aparelho psíquico e, conseqüentemente, das identificações primárias.

Para tanto, este capítulo está dividido em duas secções principais. A primeira retoma e desenvolve a segunda teoria da angústia, utilizando não só o texto de 1926 como também a nova conferência introdutória relativa ao tema da angústia (FREUD, 1933b/1996) e outras passagens de textos já discutidos. A segunda aborda o tema das defesas estruturantes e de novas perspectivas de compreensão da negatividade na constituição do aparelho psíquico, utilizando os textos que tratam das perversões e das psicoses (FREUD, 1924a/1996, 1924a/2007, 1924d/1996, 1924d/2007, 1927/1996, 1927/2007, 1938b/1996, 1938b/2007), além de passagens relevantes dos textos metapsicológicos fundamentais do período.

6.2 A Teoria da Angústia

No primeiro capítulo da presente tese, fiz um breve panorama da teoria dos afetos na metapsicologia. Partindo dos períodos discriminados por André Green (1982), vimos que no seu segundo momento, que compreende o período entre o trabalho sobre a interpretação dos sonhos (1900) e a síntese metapsicológica (1915), a compreensão sobre os afetos está intimamente ligada a um ponto de vista dinâmico cujo enfoque recai sobre as relações entre os representantes ideativos e os afetivos. Assim é o destino dos afetos em função dos processos defensivos – sob o paradigma do recalque – que é o fulcro da discussão. Esse período, portanto, foi responsável pelo significativo aprofundamento da discriminação metapsicológica entre os representantes afetivos e ideativos, bem como seu papel na arquitetura do aparelho psíquico. Esse momento foi responsável pela delimitação dos afetos no âmbito da lógica do sistema *Pcs.-Cs.*, o que leva a sua aproximação de processos de pensamento, caindo no grande impasse dessa abordagem que é a questão da existência ou não de afetos inconscientes. Nesse período, ainda, a teoria dos afetos está intimamente relacionada à compreensão dinâmica de um afeto de interesse específico para a Psicanálise: a angústia. Não é à toa, portanto, que o segundo momento de teorização sobre os afetos coincide com o segundo momento da teoria da angústia – entre 1909-1917 – que, segundo Green (1982), está focado nas relações entre a angústia e a libido recalçada.

Vimos também que Laplanche (1998) faz uma classificação semelhante, na qual o período entre 1900 e 1915 corresponde ao segundo momento de uma concepção *econômica* da angústia, pois sua compreensão estaria restrita às transformações da libido em angústia por meio da operação do recalque. Esse segundo momento teórico em que a angústia é concebida fundamentalmente a partir da economia psíquica diz respeito propriamente ao que é geralmente denominado de primeira teoria freudiana da angústia. Acompanhamos os meandros desse período de teorização da obra de Freud até o seu ponto de transição para o próximo período, observado na *Conferência XXV* (FREUD, 1917a/1996). Naquele momento, a referência da angústia a um perigo externo e interno ressurgiu no pensamento freudiano, marcando profundamente os destinos dessa teoria.

Agora iremos entrar propriamente no terceiro tempo da teoria dos afetos, que vai de meados de 1915 até o final da obra de Freud. Esse terceiro momento será responsável por certa desmontagem do caminho percorrido na teoria dos afetos nos textos metapsicológicos, que os atrelava muito firmemente ao modelo da representação consciente. Com a proposição do modelo estrutural, a hegemonia da consciência como lugar das qualidades psíquicas é claramente questionada, levando a uma concepção diferenciada de afeto. Ela envolve não só uma abertura para o irrepresentável, como também uma valorização das modalidades perceptivas na formação das qualidades psíquicas, o que faz com que passe a ser legítima a noção de um afeto inconsciente. A partir daí, como afirma Green (1982, p. 61), o próprio afeto passa a constituir uma forma específica de conteúdos e processos inconscientes acederem à consciência. É uma forma mais arcaica e direta, já que ocorre sem a mediação dos sistemas representacionais de linguagem, próprios do sistema *Pcs.-Cs.*. Assim, a própria relação entre afeto e linguagem é revolucionada nesse terceiro período da teorização freudiana, uma vez que o afeto ganha um estatuto de modalidade própria de significação, deixando de ser apenas o “resto” das operações defensivas sobre as representações ideativas. Isso quer dizer que há uma distensão da teoria dos afetos em duas direções: não só passa a comportar uma *negatividade* própria do ponto de vista econômico em sua acepção mais radical de “traumático”, quanto uma *positividade* referida a um registro próprio de significação.

Essa análise leva à hipótese de que nesse terceiro momento, próprio do segundo modelo tópico e pulsional, há um movimento de resgate de certas dimensões e concepções acerca dos afetos próprias do primeiro período, além de uma ampliação significativa da importância dos afetos na dinâmica do aparelho psíquico. Essa hipótese é sustentada por Green (1982) em sua defesa de uma concepção “viva” de discurso que reintegre a dimensão afetiva na teoria psicanalítica. Esse autor afirma que na parte terminal da obra de Freud o afeto “ganha um relevo que lembra seu lugar dos primeiros tempos, um momento eclipsado pela primeira tópica” (GREEN, 1982, p. 65). O resgate e ampliação terão como consequência também a diversificação da teoria dos afetos. Em primeiro lugar, o conceito de angústia será aprofundado e descrito em todas as suas nuances genéticas e morfológicas. Além disso, haverá espaço para a discriminação de diferentes nuances afetivos para além da angústia. Embora essa ampliação do campo conceitual e descritivo não chegue a

dar conta de uma teoria geral dos afetos, é inegável que nesse terceiro momento Freud passa a incluir outras dinâmicas afetivas desprazerosas, como a dor psíquica e o luto, no rol conceitual da metapsicologia. Assim, nesse terceiro momento a teoria da angústia passa a ser mais claramente um tópico da teoria dos afetos, embora Freud continue a privilegiar a investigação do afeto de angústia.

Do ponto de vista da teoria da angústia, por sua vez, Green (1982), afirma que o terceiro período se inaugura com o texto fundamental de 1926 e se encerra na conferência de 1932, estando focado nas relações da angústia com o aparelho psíquico. Laplanche (1998), por sua vez, complementa essa visão geral do período, que corresponde ao que geralmente se denomina de segunda teoria freudiana da angústia. Ele afirma que essa teoria procura articular os diversos modos da angústia com a estrutura do aparelho psíquico, constituindo uma abordagem propriamente *funcional*. Além disso, enfatiza que essa mesma teoria amplia consideravelmente o espectro da angústia, abarcando suas expressões econômicas em uma teoria sistemática do psiquismo. Contudo, e paradoxalmente, essa ampliação funcional, psicológica e econômica na teoria da angústia tem, também uma inflexão notadamente *objetivista* e mesmo biológica, uma vez que toda a concepção de angústia será referida ao modelo de um perigo pulsional cuja origem está na condição biológica da espécie humana.

Embora a maioria dos comentadores tenda a enfatizar a importância capital do texto de 1926 na elaboração da segunda teoria da angústia, é preciso notar duas coisas. Em primeiro lugar, que a tentativa de articulação das modalidades de angústia com as diversas estruturas psíquicas se dá desde a introdução do modelo estrutural em 1923. Lá é que aparece a afirmativa capital de que o ego é a sede da angústia. O que é propriamente afirmado em 1926 é a inversão fundamental na teoria da angústia – ser indutora e não produto das defesas – e a definição de duas modalidades fundamentais da angústia: o sinal de angústia e a angústia automática. Em segundo lugar, que o texto de 1926 não é nada “dogmático”, mas sim um texto exploratório, em que Freud não se envergonha de levar o leitor pelos caminhos e descaminhos de suas reflexões sobre a angústia. É somente nas novas conferências introdutórias e no esboço de Psicanálise que Freud chega a uma posição mais sintética e assertiva sobre suas especulações de 1926. Assim, o texto que vamos analisar é marcado por não ter um único fio condutor. Além da sensação de “idas e voltas”, é marcado por

fragmentos que procuram reformular ou reconsiderar alguns aspectos da teoria dos afetos e da angústia, sem uma articulação coesa do conjunto.

A remodelação da teoria da angústia na metapsicologia freudiana se inicia no último capítulo de *O Ego e o Id* (FREUD, 1923a/1996, 1923a/2007), em que são consideradas as relações dependentes do ego. No último capítulo, após retomar as funções do ego em sua relação com as demais instâncias psíquicas e com a realidade, Freud afirma o ego como sede real da angústia, tomando-a como uma reação do ego ao perigo oriundo das três fontes com as quais o ego se vincula: a realidade, o id e o superego. Assim, em 1923, Freud dá um passo a mais em direção de sua revisão da teoria da angústia, pois já está colocada a idéia fundamental da vinculação da angústia com um perigo pulsional ao ego e a mobilização das defesas. A citação a seguir sintetiza o movimento:

O ego é a sede real da ansiedade [angústia]. Ameaçado por perigos oriundos de três direções, ele desenvolve o reflexo de fuga retirando sua própria catexia da percepção ameaçadora ou do processo semelhante no id, e emitindo-a como ansiedade [angústia]. Essa reação primitiva é posteriormente substituída por catexias protetoras (o mecanismo das fobias). O que o ego teme do perigo externo e do libidinal não pode ser especificado; sabemos que o medo é de ser esmagado ou aniquilado, mas ele não pode ser analiticamente compreendido. O ego está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio de prazer. Por outro lado, podemos dizer o que se acha escondido por trás do pavor que o ego tem do superego, o medo da consciência. O ser superior, que se transformou no ideal do ego, outrora ameaçava de castração, e esse temor da castração é provavelmente o núcleo em torno do qual o medo subsequente da consciência se agrupou; é esse temor que persiste como medo da consciência. (FREUD, 1923a/1996, p. 76)

O Eu é o verdadeiro sítio do medo. Estando ameaçado por três tipos de perigo, o Eu desenvolve um reflexo de fuga: recolhe os investimentos de carga que havia depositado nas percepções agora ameaçadoras, bem como retira a carga dos processos considerados perigosos que ocorrem no Id e realoca esses investimentos de carga, escoando-os na forma de medo. Posteriormente, essa reação primitiva será substituída pelo estabelecimento de investimentos de carga que visam à proteção (mecanismo das fobias). Contudo, não sabemos o que o Eu teme no perigo externo e nas ameaças oriundas da libido do Id, apenas entendemos que se trata de algo relacionado a ser inundado ou aniquilado, mas não temos como apreender esses conteúdos analiticamente. O que fica claro é que o Eu simplesmente obedece às advertências do princípio do prazer. Por outro lado, sabemos o que se oculta sob o medo que o eu tem do Supra-Eu: trata-se do medo perante a própria consciência moral. Na verdade, esse ser superior, que se tornou o Ideal-de-Eu, outrora ameaçava o Eu com a castração e é provável que esse medo de castração constitua o núcleo em torno do qual se aderirá mais tarde o medo frente ao julgamento da consciência moral. Portanto, esse medo frente à consciência moral, que seguirá por toda a vida, originou-se do medo da castração. (FREUD, 1923a/2007. p. 64)

Notemos que aqui Freud amplia as modalidades de angústia, deixando de lado o foco exclusivo na angústia neurótica, própria do retorno do recalcado no id. Além de afirmar a importância de uma angústia realística, posiciona o problema em

torno de uma nova fonte de angústia, que se tornará cada vez mais determinante na constituição da subjetividade: a angústia moral, advinda da relação com o superego e herdeira da angústia de castração do complexo de Édipo. Curiosamente, nessa passagem também se insinua uma segunda modalidade de angústia advinda das relações com o id, que é uma angústia de aniquilamento própria do traumatismo proporcionado por uma efração pulsional além do princípio de prazer. Assim, já aqui seria possível diferenciar entre uma angústia neurótica de cuja dinâmica se assenta na libido ligada em pulsão de vida e uma angústia propriamente originária, marcada pela defusão pulsional. Contudo, Freud não avança muito nessas questões. De fato, nos parágrafos finais de seu texto preocupa-se em arrolar alguns argumentos descrevendo o medo da morte, a angústia de castração e uma suposta ansiedade mais originária, cujo protótipo seria o nascimento, que estaria relacionada à separação da mãe protetora.

O que podemos afirmar é que em 1923 Freud organiza um quadro geral das relações do ego com as demais instâncias e com a realidade focado nas manifestações de angústia, porém deixa o aprofundamento desse quadro para um momento posterior. De uma forma esquemática, podemos organizar esse quadro da seguinte forma:

Figura 14: A tripla vinculação do ego e as fontes da angústia.

Pois bem, o desenvolvimento desse quadro e a análise de sua implicação para a teoria geral da constituição do aparelho psíquico serão levados a cabo três anos

depois, no texto *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (FREUD, 1926/1996), que será agora objeto de nossa atenção.

Um fato que chama a atenção imediatamente do leitor nesse texto é a importância dada pelo autor ao conceito de inibição, que figura no título junto com a já tradicional articulação entre sintomas e angústia. Embora esse conceito seja efetivamente discutido no início do texto, o que se nota é o progressivo apagamento de sua marca ao longo do mesmo, ao ponto de ser praticamente irrelevante ao final da exposição. Isso nos leva a perguntar qual seria o sentido dessa ênfase exagerada no conceito de inibição. Não seria por acaso fruto de algum deslocamento ou mesmo um sintoma na elaboração dessa problemática? Vejamos.

O primeiro capítulo do texto freudiano é todo centrado na distinção entre sintomas e inibição. O sintoma diz respeito a um processo patológico que opera no nível das funções do ego e que nele emerge, embora não seja fruto direto de sua atividade. Já as inibições seriam restrições normais da função do ego por ele promovidas para evitar desprazer. Poderiam tanto ser resultado de um empobrecimento energético inespecífico, caso das inibições generalizadas, quanto de um retraimento específico de setores do investimento do ego para evitar o contato com as exigências do id ou do superego. Assim, o que Freud marca é que o sintoma é um produto das demandas inconscientes em sua relação com as defesas. É, portanto, o emergente do chamado terceiro momento da operação defensiva, conhecido até então como retorno do reprimido. Já as inibições não seriam produto da defesa mas seriam, elas mesmas, uma modalidade defensiva própria. Aqui temos uma indicação importante: o reposicionamento do ego no centro da dinâmica psíquica e a expressão de suas relações dependentes por meio da angústia levam a uma ampliação da compreensão do processo defensivo. Decorre daí a preocupação de Freud em iniciar o seu texto discriminando essas defesas de caráter secundário que são as inibições do ego.

No segundo capítulo, Freud retorna a um campo já conhecido e explorado, o das relações entre sintoma e recalque. Ele parte da definição que o sintoma é produto do recalque e representante do inconsciente para explorar quais mecanismos o ego dispõe para inverter sua situação de fragilidade diante do id e submetê-lo às exigências da defesa. Retoma então o desenvolvimento do conceito de ego e sua relação íntima com as funções perceptivas para apontar algo relativamente novo: o

“sinal de desprazer” (FREUD, 1926/1996, p. 116) como artifício do ego para conseguir mobilizar para si as forças do id no nível do princípio do prazer. Por conta do acento nessa função defensiva do ego, Freud é levado a abandonar “o ponto de vista anterior de que a energia catexial do impulso reprimido [recalcado] é automaticamente transformada em ansiedade [angústia]” (FREUD, 1926/1996, p. 117). Eis, então, o cerne da chamada segunda teoria da angústia: o sinal de angústia é uma peça fundamental das estratégias do ego na mobilização do processo defensivo. Além disso, cabe apontar que essa estratégia está intimamente ligada a um mecanismo de defesa particular – o recalque.

Freud então é obrigado a retomar o conceito de recalque para tentar discriminar como o sinal de angústia se encaixa na descrição do processo de recalque que, como fora definido em 1915, é composto de dois momentos específicos: o recalque primário e o secundário. A citação fundamental é a seguinte:

Como revelei em outra parte, a maioria das repressões [recalques] com as quais temos de lidar em nosso trabalho terapêutico são casos de pressão *posterior* [recalque secundário]. Pressupõem a atuação de *repressões primitivas* [recalque primário] mais antigas que exercem atração sobre a situação mais recente. Muiíssimo pouco se sabe até agora sobre os antecedentes e as fases preliminares da repressão [recalque]. Há o perigo de superestimar o papel desempenhado na repressão [recalque] pelo superego. Não podemos no momento dizer se seria o surgimento do superego que proporcionaria a linha de demarcação entre a repressão primitiva [recalque primário] e a pressão posterior [recalque secundário]. Seja como for, as primeiras irrupções de angústia, que são de natureza muito intensa, ocorrem antes de o superego tornar-se diferenciado. É altamente provável que as causas precipitantes imediatas das repressões primitivas [recalque primário] sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos. (FREUD, 1926/1996, p. 119)

Essa citação é preciosa porque afirma algo que vai ser paulatinamente deixado de lado ao longo do texto: o papel das defesas primárias, no caso o recalque primário, nos mecanismos de produção de angústia. O que está indicado aqui é o papel dessa forma primitiva de contenção do excesso pulsional, que é o processo de ligação da pulsão de morte na instauração do princípio de prazer e na delimitação de um ego. Em outras palavras, o que é aventado nessa passagem é a produção de uma angústia que é logicamente anterior e essencialmente contrária à organização do ego como instância.

Contudo, o autor não desenvolve esse caminho, deixando-o em suspenso. Prefere retomar a teoria do ego, examinando as suas relações entre os sistemas a partir da função defensiva. Essa é a tônica do terceiro capítulo. Lá ele retoma a noção

fundamental de que o ego é uma diferenciação do id que posteriormente se coloca contra certas dinâmicas disruptivas dos processos inconscientes do id por meio das suas funções defensivas. É ressaltado então o poder integrativo do ego, advindo de sua fonte libidinal erótica. Freud se preocupa em delimitar melhor o que denominará de duas linhas de defesa do ego. A primeira é advinda do movimento defensivo primário, cujo resultado é o sintoma, e a segunda decorre das tentativas posteriores do ego se adaptar a essas condições, por meio de tentativas de incorporação do sintoma em sua estrutura, por meio de uma série de recursos, sendo o mais evidente deles o ganho secundário proveniente da doença.

Ora, o que esse movimento indica? Diante da emergência de um processo dinâmico de produção de angústia fundamentado em um traumatismo econômico do regime das pulsões e, portanto, da indicação da operação de forças tanáticas, Freud recua e “volta” ao problema do ego; porém não ao problema do ego em seu funcionamento primário, mas a um ego já soberano, cheio de investimentos narcísicos “dessexualizados” e que pode, portanto, lançar mão do sinal de desprazer para mobilizar processos defensivos e mesmo tentar incorporar os produtos sintomáticos em uma estrutura mais integrada de personalidade.

Em outras palavras, encontramos o mesmo movimento de focalizar as defesas secundárias do ego em vez de abordar o problema das defesas primárias e das origens da organização do ego. Acumulam-se, então, uma série de processos do ego que são distintos do retorno do recaiado na forma do sintoma: inibições, benefício secundário da doença, traços de caráter, etc. Assim, Freud escolhe trilhar o caminho da exploração e aprofundamento das funções do ego, sem se preocupar em tocar no núcleo original de sua teoria do aparelho psíquico. O fio condutor desse caminho será o exame das diferentes formas e modalidades de produção da angústia, entendida como expressão desse controle egóico dos mecanismos defensivos.

Uma vez feita a escolha, Freud passa em revista sua casuística para tentar analisar os mecanismos de produção da angústia. No quarto capítulo ele retomará os casos de fobia infantil – pequeno Hans e homem dos lobos –, enquanto no capítulo cinco ele estenderá essa análise aos demais casos de neurose: a histeria de conversão e a neurose obsessiva. O núcleo da discussão está na definição da configuração dos conflitos edípicos nesses diferentes casos: a intensidade dos impulsos amorosos e sádicos, o papel da regressão, a incidência do recalque, a força das identificações e

assim por diante. O resultado dessas análises é que a angústia de castração acaba aparecendo como elemento central em todos esses casos.

A conclusão é que o recalcado consiste na idéia de ser castrado pelo pai, porém o afeto de angústia não poderia mais ser entendido como a expressão direta do investimento libidinal da representação recalcada. Ou seja, fica mais claro para Freud que o afeto é produzido pelo ego e não um produto do inconsciente sobre ele, o que leva invariavelmente a uma necessidade de revisão da teoria da angústia. Em suma, o exame sistemático das fobias animais mostra não só a centralidade da problemática da castração na estruturação da subjetividade mas, também, uma contradição patente da primeira teoria da angústia. O exame das neuroses histéricas conversivas e das neuroses obsessivas confirma essa linha geral de interpretação, adicionando mais dois elementos teóricos importantes à discussão. O primeiro deles é o recurso à hipótese da defusão pulsional para a explicação metapsicológica da regressão e o segundo é a ênfase na distinção entre recalque e defesa:

No tocante à explicação metapsicológica da regressão, estou inclinado a encontrá-la em uma “defusão do instinto [pulsão]”, em um desligamento dos componentes eróticos que, com o início da fase genital, se juntaram às catexias destrutivas que pertenciam à fase sádica. Ao forçar a regressão, o ego lavra seu primeiro tento em sua luta defensiva contra as exigências da libido. (Nesse sentido é vantajoso estabelecer uma distinção entre a idéia mais geral de “defesa” e “repressão” [recalque]. A repressão [recalque] é apenas um dos mecanismos que a defesa faz uso.) Talvez seja nos casos obsessivos, mais do que nos normais ou nos histéricos, que podemos mais claramente reconhecer que a força motora da defesa é o complexo de castração, e que o que está sendo desviado são as tendências do complexo edipiano. (FREUD, 1926/1996, p. 140)

O que chama a atenção nessa citação, bem como ao longo do capítulo, é o caráter marginal da afirmação de mecanismos de defesa distintos do recalque e de dinâmicas libidinais anteriores à fase fálica. O caso da neurose obsessiva é mais ilustrativo para Freud porque fala de um ego mais comprometido pela formação de sintomas. Possibilita descrever defesas secundárias, como a formação reativa e o isolamento, assim como possibilita o estudo de fantasias destrutivas. Curiosamente, a regressão envolvida nesses casos, que implica uma certa defusão do componente sádico da libido, não é aprofundada.

Nesse sentido, é bastante ilustrativo o fato de Freud se referir a uma fase “sádica”. Ora, não existe propriamente uma fase sádica no esquema do desenvolvimento da libido de Freud ou mesmo em sua ampliação posterior por Abraham. O sadismo está presente tanto na fase oral quanto na fase anal, porém o

recobrimento fantasístico desse impulso destrutivo e as defesas engendradas contra ele é que são de caráter distinto. Ao se referir à dinâmica pré-genital como “sádica”, Freud faz uma generalização para não examinar o problema. É como se dissesse que todas as dinâmicas regressivas envolvem algum grau de defusão do componente sádico, mas o que importa é que tudo isso é motivado pela angústia de castração, própria da fase fálica.

É no caminho da análise da neurose obsessiva que Freud prossegue, chegando, ao final do capítulo seis, a uma síntese desconsolada e cheia de ressalvas. O argumento central é que o que há de comum nos três casos de neurose (histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva) é o fato de se assentarem em uma dissolução do complexo de Édipo e estarem centradas na angústia de castração como força motora da oposição egóica ao id. O que chama a atenção é que essa tentativa de síntese é bastante incipiente, pois o estudo mais aprofundado dos casos clínicos levanta uma série de questões. Seria a angústia de castração a única mobilizadora das defesas? Como o ego se preserva da incidência da castração? Como pensar em uma angústia de castração no complexo de edípico feminino? (FREUD, 1926/1996, p. 159-160).

Essas três questões são importantíssimas para a compreensão do protótipo freudiano da gênese da subjetividade. Sabemos que Freud irá abordar a terceira dessas questões, a do Édipo feminino, ao longo da década de 30 do século XX. Chama a atenção, contudo, que esse é o único momento em que a questão da sexualidade feminina é indicada em todo o texto sobre inibições, sintomas e angústia. Podemos pensar que embora não trabalhe essa questão especificamente nesse momento, Freud se dispõe a abordá-la e trabalhá-la em seguida, até como uma exigência de elucidação dos mecanismos próprios da dissolução do complexo de Édipo. O quanto foi bem-sucedido ou não, é uma questão que está fora do recorte desta tese. O que interessa marcar é que Freud se propôs a examinar a questão.

Quanto à primeira questão, por sua vez, já se pode antever a tônica de Freud no ensaio em exame: valorizar as defesas secundárias e deixar de lado o exame de outras defesas primárias além do recalque e, principalmente, no lugar delas. O caminho de investigação de outras defesas primária também será abordado por Freud na década de 30 do século XX, por meio do estudo das psicoses e perversões, mas não chega a uma síntese mais acabada. Assim, o que teremos são indicações e

aberturas para outros autores desenvolverem a teoria psicanalítica. De qualquer forma, tanto o exame da sexualidade feminina quanto da matriz clínica da psicose e das perversões apontam para um enfoque nas chamadas dinâmicas pré-genitais da libido. O que Freud faz no ensaio de 1926, contudo, é o oposto: ele se esforçará para centrar a constituição da subjetividade no complexo edípico e nas fantasias, angústia e defesas próprias da fase fálica. Isso ficará bem claro na sequência do texto freudiano.

Todavia, o que é mais problemático em todo esse percurso é a contradição interna que se anuncia na hipótese de uma centralização da constituição da subjetividade por meio da internalização castração. Essa contradição está implícita na segunda pergunta que Freud se permite lançar: como o ego se preserva da incidência da castração? A resposta óbvia é que o ego não se preserva, já que ele passa por transformações significativas em sua estrutura, economia e dinâmica, que levarão à constituição do superego. Em termos gerais essa resposta é satisfatória, mas no que diz respeito especificamente ao mecanismo da angústia, encontramos uma contradição paradoxal: a castração encontra-se dos dois lados do processo defensivo do ego! Explicando melhor, trata-se do fato de que, na segunda teoria da angústia, o processo defensivo é mobilizado pela percepção do ego de um perigo interno que possa implicar em castração, ou seja, o ego procura evitar a reincidência da castração em seu seio e dispara o sinal de angústia para mobilizar o princípio de prazer. A angústia, portanto, é uma revivência da castração para evitar a própria castração. Isso quer dizer que todo o processo defensivo, sob a perspectiva do ego, é contraditório, pois ele trata de evitar algo que já está instalado. Essa é apenas uma das aporias a que Freud será levado ao longo dessa segunda teoria da angústia. Vejamos o restante de seu desenvolvimento para depois esboçar uma visão de conjunto.

Os capítulos sete e oito trazem a cerne do esforço de amarração teórica, tentando integrar a problemática da angústia no campo propriamente metapsicológico, examinando-a a luz das teorias pulsional e do desenvolvimento libidinal. Inicialmente, Freud se propõe a abordar o problema qualitativo envolvido na produção da angústia perguntando que tipo de fantasia está relacionado a ela, ou seja, a partir de qual configuração no esquema do desenvolvimento da libido se expressa a angústia. Esse problema é interessante, ainda mais porque envolve a consideração de que esteja em jogo aí um outro arranjo conceitual que resgata os

mecanismos de fusão e defusão da libido em seus componentes pulsionais originais: as pulsões de vida e morte. Ou seja, a tonalidade afetiva da fantasia não estaria somente relacionada à fase do desenvolvimento da libido, mas a própria *qualidade* das pulsões envolvidas. Trata-se, portanto, de uma questão fundamental na teoria das pulsões, pois implica considerar que as pulsões também comportam uma dimensão qualitativa, que precisa ser articulada às qualidades afetivas e ideativas. Vejamos a citação, que, embora longa, é muito significativa:

É quase humilhante que, após trabalharmos por tanto tempo, ainda estejamos tendo dificuldade para compreender os fatos mais fundamentais. Mas decidimos nada simplificar e nada ocultar. Se não conseguirmos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quais são as obscuridades. O que nos está prejudicando aqui é evidentemente algum obstáculo no desenvolvimento de nossa teoria dos instintos [pulsões]. Começamos por traçar a organização da libido através de suas fases sucessivas – desde a fase oral, através da anal-sádica, até a genital – e, ao fazê-lo, colocamos todos os componentes do instinto [pulsão] sexual no mesmo pé de igualdade. Depois pareceu que o sadismo era o representante de outro instinto [pulsão], que estava oposto a Eros. Esse novo ponto de vista, de que os instintos [pulsões] se enquadram em dois grupos, parece explodir a construção mais antiga das fases sucessivas da organização libidinal. Mas não temos de explorar um novo terreno a fim de encontrarmos uma saída de dificuldade. A solução tem estado à mão por muito tempo e está no fato de que aquilo com que nos preocupamos praticamente não são impulsos instintuais [pulsionais] puros, mas misturas em várias proporções dos dois grupos de instintos [pulsões]. Se isto for assim, não há necessidade de rever nossa opinião quanto às organizações da libido. Uma catexia sádica de um objeto também pode legitimamente reivindicar tratamento como uma catexia libidinal; e um impulso agressivo contra o pai pode do mesmo modo ficar sujeito a repressão [recalque] como um impulso terno para com a mãe. Não obstante, teremos em mente, para consideração futura, a possibilidade de que a repressão [recalque] seja um processo que possui uma relação especial com a organização *genital* da libido e que o ego recorra a outros métodos de defesa quando tem de proteger-se contra a libido em outros níveis de organização. Continuando: um caso como o do “Pequeno Hans” não nos permite a chegar a qualquer conclusão clara. É verdade que nele um impulso agressivo foi eliminado pela repressão [recalque], mas isto aconteceu após ter sido alcançada a organização genital. (FREUD, 1926/1996, p. 161-162)

Ora, o que Freud faz é justamente colocar aquilo que está minimamente claro em foco! Afirmar que a hipótese da fusão e defusão pulsional soluciona as contradições sobre a organização das diversas modalidades de fantasia no desenvolvimento sexual é incorrer em uma evidente petição de princípio, pois a “solução” é justamente o que é preciso explicar. O que se nota, também, é que há uma tendência de considerar essa ambivalência emocional e pulsional sob a ótica exclusiva da organização genital (fálica, na verdade) e do mecanismo do recalque.

Porém a consideração das obscuridades é claramente postergada. O que é claro é que os conflitos de amor e ódio nas neuroses, embora tenham componentes regressivos, são considerados fundamentalmente como fantasias de organização fálica, marcadas pela angústia de castração e reguladas pelo mecanismo do recalque.

Assim, é novamente a hipótese do sinal de angústia como medida protetiva do ego contra a ameaça de castração que é afirmada e defendida: “A conclusão a que chegamos, portanto, é esta. A ansiedade é uma reação a uma situação de perigo. Ela é remediada pelo ego, que faz algo a fim de evitar essa situação ou para afastar-se dela (FREUD, 1926/1996, p. 166).”

O que se coloca como contraponto, contudo, não tarda a reaparecer. No parágrafo logo em seguida a essa afirmação tão categórica e conclusiva, Freud se propõe a considerar outro porém: como entender então o medo da morte? Seria ele apenas um derivado da angústia de castração? No caso das neuroses traumáticas, lembra Freud, os processos afetivos parecem ser produto direto do medo pela vida. Com isso abrem-se duas perspectivas na compreensão da angústia como um perigo pela integridade da totalidade do aparelho psíquico: uma mais propriamente centrada na angústia de castração ou moral, portanto em um receio em relação ao superego, e outra mais propriamente fundamentada em uma angústia automática de caráter econômico e traumático, que chamei anteriormente de angústia originária ou angústia da pulsão de morte. Embora considere as ressalvas e aberturas, Freud prefere aderir ao “ponto de vista de que o medo da morte deva ser considerado como análogo ao medo da castração e que a situação à qual o ego está reagindo é de ser abandonado pelo superego protetor” (FREUD, 1926/1996, p. 167). Isso quer dizer que ele retoma o foco na problemática da castração, em vez de considerar uma vinculação direta da produção de angústia com a pulsão de morte.

Por sinal, encontra-se aí um duplo recobrimento da questão da pulsão de morte e do sadismo, pois chama a atenção na citação a ênfase no aspecto “amoroso” do superego, já que a ameaça é considerada apenas no âmbito da perda de amor por parte do um superego protetor. Ora, isso diz respeito fundamentalmente ao componente ideal do superego... E quanto ao componente sádico, que é justamente quem encarna a ameaça de castração?

Como se vê, a questão não está nada fácil para Freud. O que se insinua é uma noção de que por baixo dessa problemática estruturante da castração há camadas sucessivas de fantasias mais primitivas, que envolvem outras modalidades de significação da relação com o objeto. Desse modo, entende-se que o perigo da castração é uma nova edição do perigo da perda de objeto que, em última instância remete à separação da mãe, cujo protótipo é a experiência do nascimento.

Entretanto, duas questões se colocam diante dessa possibilidade de abordagem genética da constituição da subjetividade. Em primeiro lugar, trata-se do fato do nascimento não ser experienciado subjetivamente pelo bebê como uma perda ou separação, só ganhando esse sentido *a posteriori*. Em segundo lugar, tem-se que as experiências afetivas características da experiência de separação dos objetos são primariamente a dor e o luto, mas não a angústia.

Diante dessas novas facetas da problemática, Freud faz uma “pausa” na elaboração dos argumentos e tenta retomar, no capítulo oito, os aspectos fundamentais da teoria da angústia. Retoma a definição da angústia como um estado afetivo marcado fundamentalmente pela experiência do desprazer, de caráter ideativo difuso e inespecífico, mas com sensações de descargas somáticas bastante específicas que são percebidas como uma certa constrição do sistema respiratório. Essas manifestações somáticas seriam, inclusive, a característica distintiva do afeto da angústia em relação a outros afetos desprazerosos como o luto e a dor.

Essa característica permitiria não só uma diferenciação inicial entre esses estados, mas, também, a afirmação de que esses atributos da angústia estariam relacionados às sensações primitivas envolvidas no desencadeamento, logo em seguida ao nascimento, do funcionamento do sistema respiratório. Esse traço constitutivo do ser humano permitiria, então, a derivação de uma hipótese de que a angústia seria a reprodução do trauma do nascimento. Esse é um dos momentos em que a força das concepções de caráter biológico no pensamento freudiano é evidenciada: sua convicção de que as formas fundamentais de todos os estados afetivos sejam precipitados de experiências ontogenéticas e filogenéticas. Com isso Freud é levado a criticar a concepção simplista de Rank de que o trauma do nascimento seja a origem de todas as experiências de desprazer.

Por essa via, Freud acaba retomando a questão da gênese das modalidades de fantasia. Nesse exame, ele chega à definição de pelo menos quatro tipos fundamentais de experiências afetivas.

A primeira delas é a angústia mais originária, supostamente presente no momento do nascimento e periodicamente revivida como experiência psíquica. Trata-se não da perda ou separação de um objeto, pois não há ainda um ego que se diferencie do mundo, mas de um perigo crescente de natureza econômica: o aumento de estímulos internos que se elevam a um nível desagradável sem que possam ser

ligados psiquicamente ou descarregados. Esse nível, portanto, constituirá o que Freud chamará de uma angústia automática ou econômica, que estará sempre no fundamento último de toda experiência de desprazer e contra a qual todas as mobilizações defensivas em última instância se organizam.

Como indiquei acima, Freud utiliza especificamente o termo angústia econômica ou automática para se referir a esse tipo de angústia originária do aparelho psíquico. O que chama a atenção, contudo, é que ele não afirma o que parece óbvio a essa altura deste exame da teoria da representação na metapsicologia: essa angústia diz respeito a um desamparo fundamental do psiquismo diante do transbordamento e desligamento promovido pela pura pulsão de morte.

Esse é um ponto que considero fundamental na articulação teórica geral da teoria da angústia em Freud. Vimos que, a partir da *Conferência XXV*, Freud passa a enfatizar a relação da angústia com o perigo, por meio da concepção de angústia realística. Esse modelo da angústia perante um perigo real é inicialmente aplicado às relações do ego com o mundo exterior, mas é progressivamente internalizado. Passará então a configurar uma reação a um perigo interno de natureza traumática e, portanto econômica e pulsional. Contudo, essa angústia automática de caráter originário não é articulada à teoria da pulsão de morte. Isso quer dizer que Freud acaba deixando de lado o desamparo mais fundamental cujo aparelho psíquico está sujeito, que é o desamparo frente à pulsão de morte. Essa interpretação é endossada pela citação a seguir:

Na *angústia automática*, teríamos uma experiência de angústia, em que a *libido trabalha inteiramente desligada e solta*, e, por esta razão, o sentimento que dela resulta reveste a conotação de uma força incontrolável, que deixa o sujeito, desamparado, exposto a um perigo de aniquilamento. Freud poderia ter articulado esta angústia automática com a pulsão de morte. Assim, a ênfase dada ao desamparo, na segunda teoria, não incluiria necessariamente uma renúncia ao pulsional. Mas, já se disse e me parece com razão, a grande esquecida da reformulação freudiana da teoria da angústia foi a pulsão de morte. (ROCHA, 2000, p. 132)

A modalidade mais originária da angústia é ultrapassada pela vivência do objeto como possibilidade de contemplar a ação específica de descarga. Esse momento específico de passagem de uma descarga automática para a constituição de um ego que possa conter e ordenar os impulsos pulsionais por meio do princípio do prazer constitui aquilo que tenho enfatizado como o momento de narcisismo primário, que envolve uma identificação primária com o objeto. Evidentemente, Freud não se preocupa em especificar ou aprofundar essa questão, limitando-se a

afirmar que, do ponto de vista da produção da angústia, há aqui uma transformação fundamental, que é a transição do aparecimento automático da angústia para a possibilidade de reprodução intencional da angústia como sinal do perigo. Ora, tal transição pressupõe nada mais do que a constituição de um núcleo egóico por meio do investimento narcísico. Assim, Freud limita-se a enfatizar que a origem da angústia está em um desamparo entendido em termos fundamentalmente biológicos, deixando de lado a sua constituição no plano propriamente de uma pulsão entendida no campo da significação: “verifica-se que a ansiedade [angústia] é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (FREUD, 1926/1996, p. 176).

Essa passagem, no entanto, deveria se constituir progressivamente ao longo da fase oral e da fase anal, passando por configurações fantasísticas e defensivas próprias, mas Freud não se preocupa em descrevê-las ou mesmo citá-las. Prefere ressaltar a vinculação biológica e passar diretamente para a terceira fase, na qual a angústia pela perda do objeto se transforma propriamente em angústia de castração, na fase fálica. A separação aí já não diz mais respeito à totalidade do psiquismo, mas a uma área mais circunscrita, que é o complexo de significações relacionadas à posse do falo ou pênis. Essa terceira fase seria onde a angústia de castração propriamente dita seria evidente e presente, estando intimamente ligada ao impulso para a resolução do complexo de Édipo.

A dissolução da dinâmica triangular implica na constituição do superego e na entrada na fase seguinte do desenvolvimento, a de latência. A partir daí, a angústia também entra em um novo estágio, já que passa a não ser mais a angústia de castração objetiva que se apresenta ao ego, mas a sua herdeira, a angústia moral. A angústia moral é uma angústia também circunscrita a partes do ego, relacionadas aos atributos do desejo fálico, porém mais inespecífica, uma vez que a significação fálica não está mais relacionada aos órgãos genitais ou à figura materna e paterna, mas a uma autoridade impessoal e abstrata que representa as regras e leis da cultura ou civilização. Esse seria propriamente o quarto estágio do desenvolvimento da angústia e constituiria a modalidade de angústia preponderante em uma constituição subjetiva considerada “normal”.

Assim, em síntese, as principais modalidades de angústia segundo os estágios do desenvolvimento da subjetividade seriam: (1) automática ou econômica

(originária); (2) perda de objeto ou de amor (separação); (3) castração (edípica); (4) moral (superegógica). Eu disse que eram pelo menos quatro modalidades por dois motivos. Em primeiro lugar, porque penso que a angústia de separação ou perda de objeto possa ser desdobrada em fases ou configurações específicas, pelo menos diferenciando entre uma configuração oral e uma anal. Em segundo lugar, porque Freud indica mais um desdobramento da angústia de castração além do medo do superego. Trata-se do que ele misteriosamente chama do medo da morte como uma “projeção do medo do superego nos poderes do destino” (FREUD, 1926/1996, p. 178).

Com esse percurso, Freud chega a uma conclusão e a uma indicação importantes. A conclusão é que, a partir do redimensionamento da problemática da angústia como função do ego, temos fundamentalmente duas formas ou casos básicos de mecanismos de produção da angústia: o *sinal de angústia* e a *angústia automática* (FREUD, 1926/1996, p. 179). A indicação é que seria possível pensar uma classificação das psicopatologias com base nas modalidades de angústia presente nos diferentes estágios do desenvolvimento da libido. Curiosamente, a afirmação da importância dessas dinâmicas pré-genitais é afirmada e logo depois negada, pois o acento volta a ser dado na dinâmica própria da fase fálica e do complexo edípico. Acompanhemos o texto:

Ao descrever a evolução das várias situações de perigo a partir de seu protótipo, o ato do nascimento, não tive qualquer intenção de afirmar que cada determinante invalida completamente o precedente. É verdade que, à medida que continua o desenvolvimento do ego, as situações de perigo mais antigas tendem a perder sua força e a ser postas de lado, de modo que podemos dizer que cada período da vida do indivíduo tem seu determinante apropriado de ansiedade [angústia]. Assim, o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu superego, até o período de latência. Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes da ansiedade [angústia] podem resistir lado a lado e fazer com que o ego a ela reaja com ansiedade [angústia] num período ulterior apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo. É possível, além disso, que haja uma relação razoavelmente estreita entre a situação do perigo que seja operativa e a forma assumida pela neurose resultante. (FREUD, 1926/1996, p. 181)

Assim, a importância das dinâmicas pré-genitais é afirmada na determinação de pontos de fixação para as psicopatologias, mas Freud insiste que a organização fundamental se dá a partir do Édipo, ou seja, que é diante do complexo que se estrutura na fase fálica que o sujeito regride aos pontos e modalidades anteriores. Com isso, Freud consegue concluir um esquema geral de constituição da

subjetividade centrado na problemática edípica, mas deixa a desejar no aprofundamento das especificidades das outras fases que aponta. O tom do parágrafo final, contudo, é um pouco destoante dessa possibilidade de leitura conciliadora:

Vemos agora que não há perigo algum em considerarmos a ansiedade [angústia] de castração como a única força motora dos processos defensivos que conduzem à neurose. (...) Visto não haver qualquer dúvida de que a histeria tem forte afinidade com a feminilidade, da mesma forma que a neurose obsessiva com a masculinidade, afigura-se provável que, como um determinante da ansiedade [angústia], a perda do amor desempenha o mesmíssimo papel na histeria que a ameaça da castração nas fobias e o medo do superego na neurose obsessiva. (FREUD, 1926/1996, p. 182)

Embora possamos aceitar que essa primeira afirmação seja essencialmente verdadeira, por estar englobando três variações do tema da neurose, a última delas é claramente exagerada. Uma compreensão mais categórica dessa questão deveria não só englobar um estudo mais sistemático da constituição do gênero masculino e feminino como, principalmente, um exame de outras matrizes clínicas além da neurose.

Penso que esses sejam os elementos fundamentais que organizam esse texto freudiano, em que a problemática da angústia é revista em função de uma perspectiva de resgate do ego como instância funcional e adaptativa. Nesse ponto, Laplanche tem toda a razão em acusar Freud de um desvio biologizante. Mas a questão não se limita à objetividade do perigo ou seu enraizamento biológico, mas, à falta de uma consideração do ego do ponto de vista da constituição narcísica e da pulsão no nível da exigência de significação. Parece-me que o principal prejuízo é a ênfase no complexo de castração como organizador de todo o aparelho psíquico e a perda no aprofundamento dos mecanismos pré-genitais, quer seja em termos de fantasias, angústias e defesas, quer seja nas modalidades próprias de identificação narcísica.

Essa outra via certamente levaria a uma abordagem da identificação primária e dos níveis originários de constituição do aparelho psíquico, bem como a um passo além na integração das pulsões de morte com o modelo estrutural.

A partir do nono capítulo o movimento de idas e vindas; de retomadas que levam a novas indefinições, se torna ainda mais evidente e também mais fragmentário. Em primeiro lugar, Freud tenta brevemente retomar a discussão sobre a diferenciação entre inibições e sintomas, mas acaba caindo nas mesmas dificuldades das modalidades de angústia nesse esquema das formas de angústia. Já no capítulo dez se preocupa em resgatar as diferenças do seu pensamento em relação às

dissidências de Adler e Rank, para em seguida partir para uma discussão sobre a compreensão propriamente psicanalítica dos fatores etiológicos presentes na origem das psicopatologias. Ali ele nada mais faz do que reapresentar o esquema das séries complementares, englobando os fatores biológico, filogenético e psicológico. No que diz respeito propriamente à teoria da angústia ou da produção do sintoma, entretanto, não há absolutamente nada de novo. Esse recurso às equações etiológicas, por outro lado, serve como um certo argumento de conjunto, que permite fazer uma ampla generalização para fechar o texto. Supostamente o texto acaba aí, com Freud abruptamente jogando a toalha em um breve parágrafo: “Além disso, creio, nosso conhecimento da natureza e das causas da neurose ainda não pode ir adiante” (FREUD, 1926/1996, p. 197).

O leitor certamente fica frustrado, pois sente que todas as linhas que compõem a trama do texto não se encontram no final. A conclusão sobre a etiologia das neuroses em termos de séries complementares simplesmente não convence! Não convence porque foi implantada nesse último parágrafo para encobrir os problemas de Freud ao tentar elaborar um esquema mais detalhado da gênese propriamente psicodinâmica das neuroses. Era de se esperar que uma “conclusão” do texto falasse minimamente da importância do ego no processo de defesa, do esquema das fases de desenvolvimento da libido e das modalidades de angústia, e de uma proposta de tomar a problemática edípica e a fase fálica como pontos determinantes da constituição da subjetividade e da “escolha da neurose”. Pois bem, Freud não reitera nada disso, preferindo marcar o que distingue a Psicanálise de outras teorias aparentadas a ela ou fazer uma generalização de amplo espectro com a proposição das séries complementares. O texto, portanto, não se conclui. Tanto é que há um Capítulo onze formado por três adendos, que complementam aspectos importantes abordados ao longo do texto.

O *Adendo A* trata de aspectos referentes a modificações de pontos de vista anteriores, ou seja, descreve um pouco melhor as revisões que são postas em operação na teoria psicanalítica por esse texto. Freud aborda três temas, sendo um deles de especial interesse para a problemática da presente tese.

Os *Adendos B* e *C*, por sua vez, são de menor importância para a presente discussão. O *Adendo B* trata de observações suplementares sobre o conceito de angústia. Ele esclarece e exemplifica os termos envolvidos na teoria da angústia,

como o perigo, o susto, o desamparo, a angústia neurótica e a realística, mas não aprofunda a discussão propriamente teórica da articulação entre esses momentos para além do que já havia sido posto no texto principal.

Já o *Adendo C* traz um complemento importante à teoria dos afetos, pois articula o conceito de angústia com as duas outras experiências afetivas ressaltadas na metapsicologia freudiana, que, contudo, tendem a ficar em segundo plano: a *dor* e o *luto*. Essa complementação é importante, pois endossa um movimento importante que já apontei nessa última etapa do pensamento de Freud: a expansão e diversificação da teoria dos afetos, descolando-a do conceito de restrito de angústia.

O ponto de partida é que diante da concepção da angústia como uma reação à perda de objeto, torna-se necessário discriminar esse afeto específico de outros afetos em que está envolvida a perda do objeto, como no caso do luto. O luto é também uma reação à perda de um objeto, porém não é caracterizado pelas descargas somáticas próprias da angústia mas sim por um afeto peculiar de dor.

Para tentar efetuar essa discriminação conceitual, Freud recorre ao protótipo da situação de perda: a percepção pelo bebê da ausência da mãe. Nesses casos, há de se supor que haja tanto afetos de angústia como de dor. Essa situação, por sua vez, configura uma condição de desamparo, uma vez que a moção pulsional perde a percepção do objeto e, portanto, sua possibilidade de satisfação. O primeiro determinante do desencadeamento da angústia, portanto, seria o reconhecimento da perda do objeto de satisfação. Porém, nesse caso, há de se atribuir que haja uma inscrição primária do objeto que é a referência interna para o julgamento sobre a ausência do objeto de percepção. Trata-se, portanto, de um momento secundário na constituição do psiquismo, pois supõe o objeto já instalado em seu seio. É isso que diferenciaria essa situação de desamparo primitiva de uma situação propriamente traumática de efração pulsional da pulsão de morte. De qualquer forma, quer seja no desamparo diante da perda do objeto, quer seja no desamparo frente à efração da pulsão de morte, o que se tem é propriamente uma experiência de dor.

Por analogia com o processo da dor física, a dor psíquica é definida como a expressão de uma irrupção das ligações fundamentais das moções pulsionais. Isso quer dizer que quando as contenções originais que ligam o excesso traumático das pulsões de morte são suplantadas, o que se vive é, fundamentalmente, uma experiência de dor. Da mesma forma, a reação automática à perda de um objeto é a

produção de um excesso de libido que será vivido como dor psíquica. Desse modo, podemos chegar à surpreendente afirmação de que o fenômeno da angústia automática, quer seja no nível representacional mais primário, quer seja no nível originário da ligação da pulsão de morte, seria melhor descrito como uma experiência de dor psíquica. A angústia propriamente dita consistiria então em uma reação ao perigo que a perda implica e, portanto, está referida mais estreitamente ao fenômeno do sinal de angústia. A passagem do texto não deixa dúvidas quanto a essa interpretação: “A dor é assim a reação real a perda de objeto, enquanto a angústia é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto” (FREUD, 1926/1996, p. 208).

O que resta é discriminar melhor entre a dor que se refere ao reconhecimento da perda de um objeto inscrito e investido – que tende a ser enfatizada por Freud – e a expressão de uma efração traumática que envolve a suspensão do princípio do prazer e, conseqüentemente, dos circuitos representacionais ideativos. Embora Freud não discuta especificamente esse nível e não resgate o papel da pulsão de morte, parece-me claro que essa distinção se coloca como uma exigência teórica. Freud apenas indica a analogia da dor psíquica com a física por meio do modelo do rompimento do escudo protetor contra estímulos, afirmando a passagem da dor física, que envolveria um investimento narcísico do órgão lesado, para a psíquica, que envolveria o investimento do objeto enquanto fenômeno mental (FREUD, 1926/1996, p. 209). Isso, contudo, é insuficiente, pois aborda a questão apenas no nível da libido ligada, do princípio do prazer e de um narcisismo positivo. Esse é o ponto que o autor deixa de lado em sua discussão, restringindo-se a diferenciar entre a dor psíquica, entendida como a perda da percepção de um objeto psiquicamente representado, e o luto, entendido como o processo de elaboração da dor psíquica desencadeado pela confirmação, por meio do teste de realidade, de que o objeto não mais existe.

Embora aparentemente secundária, a questão da diferenciação entre luto, dor e angústia se mostra um complemento importante para a linha geral de argumentação que estou desenvolvendo neste capítulo. Em primeiro lugar, por ressaltar a ampliação da teoria dos estados afetivos ligados ao desprazer. A angústia não só deixa de ser atribuída ao sintoma, como passa a se desdobrar em vários nuances, a ponto de se confundir com outros afetos. Na verdade, se formos levar a sério esse tipo de

indicação sobre a teoria dos afetos, seria possível afirmar que há diferentes estados afetivos relacionados a problemáticas específicas do desenvolvimento psicosssexual da libido. Desse modo, tem-se que: (1) a dor em função da efração traumática estaria relacionada à angústia econômica além do princípio de prazer (angústia originária); (2) o luto e a dor pela perda do objeto representado estariam relacionados à angústia econômica no âmbito do princípio do prazer; e (3) a angústia propriamente dita estaria relacionada ao sinal de angústia como mecanismo defensivo do ego. Desse modo, a primeira modalidade afetiva seria própria das dinâmicas originárias do ego e do objeto na fase oral, que envolvem a ligação da pulsão de morte em libido. A segunda modalidade afetiva, por sua vez, estaria referida às dinâmicas envolvidas no recalque primário e na instalação da diferenciação entre ego e id que seriam próprias das fases oral e anal. Já a terceira modalidade afetiva seria própria da dinâmica edípica e do recalque secundário, que se efetuam na fase fálica.⁶⁴

Questões terminológicas à parte, o fato é que há uma ampliação significativa das modalidades afetivas nesse último momento da obra de Freud. Dentre elas, inclusive, figura uma modalidade peculiar, que é uma modalidade muito incipiente produção de sentidos que são esses afetos próprios da dinâmica da pulsão de morte. Esse é, inclusive, o segundo motivo pelo qual essa discussão do *Adendo C* se mostra relevante: consiste em outro exemplo do apagamento ou desconsideração de uma discussão metapsicológica aprofundada sobre essa dimensão nos limites da representação que é a tendência irrepresentável e desobjetalizante da pulsão de morte.

Voltemos agora aos três temas discutidos no *Adendo A*. O primeiro deles trata de vincular de forma mais clara o conceito técnico de resistência com os mecanismos dinâmicos a serviço do ego e sua modalidade própria de investimento que é o contra-investimento. Tradicionalmente, a resistência era definida como uma manifestação relacionada à aproximação de um conteúdo inconsciente e, portanto, era fruto do contra-investimento do sistema *Pcs.-Cs*. Agora, com o modelo estrutural e a ampliação tanto dos limites do que é inconsciente quanto das modalidades defensivas

⁶⁴ Essa distinção conceitual e terminológica fundamenta a diferenciação de várias modalidades de angústia efetuada em algumas teorias pós-freudianas, notadamente na tradição inglesa de Klein e Winnicott. Desse modo, a *dor em sua dimensão traumática* pode ser comparada à angústia de aniquilação ou desintegração, a *dor em sua dimensão de perda* à angústia de perda do objeto e a *angústia de preparação para o perigo* ou *propriamente dita* à angústia de castração e ao sinal de angústia.

a cargo do ego, tornava-se necessário uma discriminação de diferentes modalidades de resistência, associadas às relações dependentes do ego e aos mecanismos produtores de angústia. Desse modo, como a teoria psicanalítica passou a considerar diferentes modalidades de angústia e exigências pulsionais que se impunham ao ego era necessário também descrever as formas de resistência em jogo nessas formas de compromisso que o ego estabelecia com as instâncias e com a realidade.

Freud então se preocupa em apresentar de forma bastante esquemática quais seriam essas resistências e quais suas origens. Seriam, então “cinco espécies de resistência, que emanam de três direções – o ego, o id e o superego” (FREUD, 1926/1996, p. 201). O ego seria responsável pela resistência própria do recaiado, pela resistência da transferência e pela resistência do ganho secundário da doença. A resistência do id ocorreria no nível da compulsão à repetição, que decorreria da atração exercida pelos próprios conteúdos inconscientes recaiados independentemente dos contra-investimentos do ego. Já a resistência do superego, por sua vez, constituiria aquela própria do sentimento inconsciente de culpa e da necessidade de punição.

O que chama a atenção nessa reordenação das resistências no aparelho psíquico é a multiplicação das resistências egóicas e uma diminuição na ênfase sobre a resistência própria da compulsão à repetição. Levando em consideração todo o percurso que Freud imprimiu em seu pensamento ao desvencilhar a compulsão à repetição própria da pulsão de morte da mera repetição por insistência do retorno do recaiado, é no mínimo curioso observar o apagamento dessa distinção em um adendo que visa justamente reorganizar os aspectos teóricos próprios da metapsicologia.

Tirando o pequeno “lapso”, essa esquematização complementa uma descrição dinâmica dos processos no aparelho psíquico e tem uma utilidade maior na compreensão das vicissitudes do processo e da técnica psicanalítica. O segundo elemento e o terceiro elementos tratam de esclarecer melhor questões que foram diretamente abordadas ao longo do texto. Um deles retifica a ampliação da teoria da defesa, definindo o recaiado como uma das formas específicas dos mecanismos de defesa que o ego dispõe, relacionado diretamente com a fase fálica e com as psicopatologias neuróticas. Freud aqui se resume a elencar mecanismos secundários que já haviam sido discutidos no corpo do texto principal, marcando a importância

de se vincular os diferentes processos de defesa com formas específicas de psicopatologia. Entretanto, não chega a definir categoricamente a noção de uma defesa primária, constituinte de certas estruturas psíquicas qualitativamente distintas. Isso envolveria admitir que outros mecanismos de defesa seriam anteriores ao recalque e poderiam vir a substituí-lo como modalidade defensiva organizadora do espaço psíquico. Essa possibilidade só é aventada pelo autor, quando encerra o tópico afirmando:

Além disso, podemos antecipar a possível descoberta de ainda outra importante correlação. Pode muito bem acontecer que antes de sua acentuada clivagem em um ego e um id, e antes da formação de um superego, o aparelho mental faça uso de diferentes métodos de defesa dos quais ele se utiliza após haver alcançado essas fases de organização. (FREUD, 1926/1996, p. 207)

Isso quer dizer que na consideração dessa ampliação da teoria da defesa, Freud admite a possibilidade de definição de novos mecanismos de defesa primários, ou seja, estruturantes da subjetividade. Esse caminho será percorrido por Freud somente em outro momento, que trabalharei na última secção deste capítulo.

Já o terceiro elemento diz respeito diretamente à problemática central do texto sobre inibições, sintomas e angústia, que são as diferenças em jogo nas duas teorias da angústia. Nesse tópico, Freud explicita a contradição entre sua posição inicial sobre a angústia como produto de um resto do processo defensivo (angústia neurótica) e a angústia como sinal do ego para evitar o perigo interno pulsional. Além disso, sintetiza sua nova teoria da angústia com base em dois tipos de angústia fundamentais: a angústia econômica ou automática e o sinal de angústia. Desse modo, Freud limita-se a retomar e sintetizar aquilo que é o cerne do argumento de seu texto, de forma que a citação a seguir poderia perfeitamente figurar na conclusão do capítulo dez:

A ansiedade [angústia] sentida ao nascer tornou-se o protótipo de um estado afetivo que teve de sofrer as mesmas vicissitudes que os outros afetos. Ou o estado de ansiedade [angústia] se reproduzia *automaticamente* em situações análogas à situação original e era assim uma forma inadequada de reação em vez de apropriada, como o fora na primeira situação de perigo, ou o ego adquiria poder sobre essa emoção, reproduzi-a por sua própria iniciativa e a empregava como uma advertência de perigo e como um meio de pôr o mecanismo do prazer-desprazer em movimento. Demos assim ao aspecto biológico do afeto de ansiedade [angústia] sua devida importância, reconhecendo a ansiedade [angústia] como a reação geral a situações de perigo, enquanto endossávamos o papel desempenhado pelo ego como a sede da ansiedade [angústia], atribuindo-lhe a função de produzir afeto de ansiedade [angústia] de acordo com suas necessidades. Assim atribuímos duas modalidades de origem à ansiedade [angústia] na vida posterior. Uma era involuntária, automática e sempre justificada sob fundamentos econômicos, e ocorria sempre que uma situação de perigo análoga ao nascimento se havia

estabelecido. A outra era produzida pelo ego logo que uma situação dessa espécie simplesmente ameaçava ocorrer, a fim de exigir sua evitação. No segundo caso o ego sujeita-se à ansiedade [angústia] como uma espécie de inoculação, submetendo-se a um ligeiro ataque da doença a fim de escapar de toda a sua força. Ele vividamente imagina a situação de perigo, por assim dizer, com a finalidade inegável de restringir aquela experiência aflitiva a uma mera indicação, a um sinal. (FREUD, 1926/1996, p. 204)

Nesse tópico, Freud também se preocupa em fazer uma consideração sobre o lugar de sua antiga teoria. Ele já havia colocado anteriormente que o erro da primeira teoria estava em tomar como explicação metapsicológica o que era apenas uma descrição fenomenológica: o aparecimento da angústia simultânea aos processos de defesa. Afirma, agora, que essa distinção passa a ser mais coerente do ponto de vista teórico e que a antiga concepção passou a ser de menor importância. Com isso, ele quer dizer que a transformação da libido em angústia devido às contenções da barreira do recalque passa a ser menos importante do que a mobilização de um sinal de angústia para evitar essa angústia maior.

Esses são os elementos gerais da segunda teoria da angústia tal como Freud consegue os sintetizar no texto de 1926. A teoria da libido é ainda mencionada em dois momentos da obra de Freud. A primeira delas é na *Conferência XXXII* (FREUD, 1933B/1996) das novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. Como era de se esperar, nesse caso Freud faz um texto mais sintético e abrangente sobre a teoria da angústia e da libido, retomando passo a passo os argumentos gerais e consagrados da nova organização da teoria.

Nesse texto, ele parte da tese de que o ego é a sede da angústia e a vinculação da angústia com a noção de perigo interno e externo. Descreve ainda brevemente as modalidades de angústia e aí temos um ponto curioso: ele deixa de lado a angústia automática ou econômica, voltando a descrever a angústia do id somente como angústia neurótica:

Por outro lado, temos verificado de bom grado um desejável elemento de correspondência no fato de que as três principais espécies de ansiedade [angústia], a realística, a neurótica e a moral, podem com tanta facilidade ser correlacionadas com as três relações dependentes que o ego mantém – com o mundo externo, com o id e com o superego. Ao mesmo tempo que essa nova visão, em especial a função da ansiedade [angústia] como sinal que anuncia uma situação de perigo (...), assume proeminência, perde interesse a questão de saber qual é o material de que é feita a ansiedade [angústia] e as relações entre ansiedade realística e neurótica se tornaram surpreendentemente claras e simples. Também é de observar que, agora, aqueles casos aparentemente complexos de geração de ansiedade, nós os compreendemos melhor do que aqueles que eram considerados simples. (FREUD, 1933b/1996, p. 89)

Ora, tamanho otimismo só pode ser sinal de um acobertamento das contradições! Creio que diante de tudo o que discutimos a respeito do texto de 1926 essa afirmação tão categórica soa *estranho*. Essa citação, em especial, parece-me exemplar da direção que o texto vai tomar e é preciosa porque fala da desconsideração da angústia originária e do papel da pulsão de morte na geração da angústia.

No seguimento do texto, Freud fala da relação entre ansiedade e recalque, articulando o recalque com o complexo de Édipo – incluindo inclusive uma consideração da diferença de gêneros – e o efeito de sua dissolução para as moções pulsionais do id. Somente no final da exposição sobre a teoria da angústia, Freud admite fazer um comentário sobre o momento genético anterior na produção da angústia, que seria então a fonte última do perigo. Embora não haja uma referência explícita a defusão pulsional e o traumático apareça misteriosamente ligado à já descartada idéia do nascimento, a idéia fundamental de uma dimensão da angústia além do princípio de prazer é aventada:

Então, se colocarmos numa série a ansiedade neurótica [angústia], a ansiedade [angústia] realística e a situação de perigo, chegamos a essa proposição simples: o que é temido, o que é objeto da ansiedade [angústia], é invariavelmente a emergência de um momento traumático, que não pode ser arrostado com as regras normais do princípio de prazer. (FREUD, 1933b, p. 97)

Chama a atenção, contudo, a substituição da angústia econômica pela referência a um perigo real – o que reforça a tendência objetivante que tenho criticado – e a ausência de uma referência à defusão pulsional. O traumático é engenhosamente assimilado ao conjunto de experiências pregressas, que serão ressignificadas no momento do recalque. Assim, a estrutura geral da teoria da angústia se mantém.

A segunda parte da conferência trata especificamente da teoria da libido e apresenta o desenvolvimento das fases da libido e a dualidade pulsional, mas não articula propriamente esse percurso com a teoria da ansiedade e, principalmente, não faz nenhuma articulação da pulsão de morte com a angústia originária. Um exame do *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1938a/1996), por sua vez, traz os mesmos princípios gerais, de forma que podemos afirmar que o exame do texto de 1926 fornece o essencial para a discussão da teoria da angústia. Creio, assim, que podemos dar por encerrada a apresentação dos elementos da segunda teoria da angústia.

Resta, agora, fazer articulações de conjunto sobre essa segunda teoria da angústia. No geral, Freud sustenta uma integração das duas teorias, embora tenda a não discutir especificamente a relação da angústia neurótica com a idéia de um retorno do recalcado, tendendo a permanecer no argumento de que o erro estava em assumir uma descrição fenomenológica com uma proposição metapsicológica. Contudo, é possível notar que certas modalidades de mobilização de angústia se relacionam especificamente com um perigo de emergência de conteúdos recalcados, o que permite afirmar que dentre as angústias provenientes do id, a angústia neurótica ainda tem um lugar na teoria da angústia.

Isso quer dizer que no tocante ao mecanismo, a primeira e a segunda teoria da angústia são particularmente passíveis de integração. Nesse caso, teríamos um primeiro nível de produção da angústia, que seria próprio do processo primário radical por meio do traumatismo da pulsão de morte. Nesse nível, a defesa é propriamente a ligação em representação da libido por parte do ego. Uma vez instaurado o princípio do prazer, uma angústia automática ou econômica tende a se produzir na medida em que impulsos de desejo instigam um sentimento de perda (objeto ou falo). Essa ameaça de irrupção da angústia leva ao ego à produção de um sinal de angústia que mobilizará as defesas primárias. No âmbito do que Freud propõe até aqui, o que está em jogo é o recalque primário como defesa estruturante do ego. Essa defesa tenderá a ser reforçada secundariamente por novas ameaças de irrupção de angústia no id e por sucessivos movimentos de mobilização da angústia por meio do sinal emitido pelo ego. Nesse caso o sintoma propriamente dito advém do compromisso entra o impulso recalcado e a defesa. Outros subterfúgios que o ego utiliza para manter o recalque e para integrar os sintomas na estrutura geral do aparelho psíquico são defesas secundárias, mobilizadas pela libido do ego. Um esquema como o descrito na figura abaixo mostra essa ordenação lógica:

Figura 15: Integração dos mecanismos da angústia.

O grande problema de discutir as duas teorias da angústia na metapsicologia freudiana não está exatamente na compreensão dos mecanismos específicos de produção da angústia. Como se pode ver, não é difícil pensar uma certa lógica em que operam diferentes tempos de produção de angústia na sua relação com a defesa. Podemos, portanto, pensar que as duas ou mesmo três⁶⁵ teorias freudianas da angústia são passíveis de uma integração. A proposição de uma teoria integrativa da angústia, que considere os elementos das duas teorias freudianas como etapas lógicas de um mecanismo geral é uma hipótese central do trabalho citado a seguir:

Entretanto, uma análise cuidadosa dessas três formulações teóricas sobre a angústia, leva-nos a concluir que se trata, na realidade, apenas de *uma teoria* da angústia.

Nossa proposta é considerar que a assim chamada “segunda” teoria, representa uma aparente reformulação; na verdade corresponde a explicitação de uma primeira etapa que, complementada pela “primeira” teoria, forma uma tentativa teórica única de classificação da relação entre repressão [recalque] e angústia. Além disso, queremos enfatizar que a angústia econômica e o sinal de angústia não são opostos entre si, (...) nem correspondem a duas teorias, mas sim são dois conceitos referentes a etapas do mesmo fenômeno. É possível chegarmos a formular uma única teoria, que daria conta dessas fontes de angústia, aparentemente irreconciliáveis e contraditórias entre si. (SEVÁ, 1975, p. 88)

O problema não está na integração dos mecanismos da angústia. Não é nesse sentido que as duas teorias da angústia não são compatíveis. A incompatibilidade está nos desdobramentos dessa concepção de angústia para a própria teoria da constituição do sujeito. Nesse sentido, várias questões surgem. A primeira delas é

⁶⁵ É preciso lembrar que Green descreve três momentos na teoria da angústia e que Laplanche define duas, porém considera que a primeira teoria da angústia se subdivide em duas, uma fisiológica, própria dos trabalhos sobre as neuroses atuais, e uma psicológica, própria dos anos de maturidade.

integrar esses mecanismos com a noção geral de desenvolvimento de modos de representação, afeto e defesa próprios de cada fase libidinal. Embora eu tenha dado alguns indicativos dessa possibilidade de generalização ao longo desta tese, o fato é que se tratam mais de indicativos do que de teorias maduras. Outra dificuldade está em integrar essa compreensão do desenvolvimento em termos de estágios lineares e progressivos com a lógica da significação *a posteriori* e com os modos de constituição das instâncias psíquicas por identificação. Por fim, envolve entender como esses mecanismos constituintes do aparelho psíquico alteram o próprio regime qualitativo da libido, em termos de quantidade de pulsões de vida e de morte. Isso quer dizer que o pleno estabelecimento de uma teoria da angústia envolve todos os aspectos centrais da metapsicologia e, em especial, o modelo da teoria da representação.

Pode parecer que se trata apenas de uma questão de aprofundar cada um desses níveis de discussão até chegar a uma teoria geral e integrada, mas as coisas não se dão dessa maneira. O fato é que cada um desses caminhos depende de privilegiar certas escolhas e ênfases epistemológicas e conceituais na teoria psicanalítica. Assim, ao se privilegiar a dimensão biológica no funcionamento do ego e na pré-história da espécie, acaba se perdendo algo da dimensão propriamente identificatória e simbólica dessa mesma instância, por exemplo. Nesse sentido, acredito que mais do que ênfases específicas de Freud, o problema é propriamente conjuntural e, portanto, epistemológico. Voltarei a essa discussão mais ampla nas considerações finais. Por enquanto, gostaria de terminar de discutir as ambigüidades intrínsecas à teoria da angústia.

Um caminho de crítica da segunda teoria da libido e de explicitação de suas contradições internas e insuficiências na relação com outros elementos da metapsicologia é proposto por Laplanche (1998, p. 226-235). O primeiro elemento que esse autor chama a atenção é a desconsideração da importância fundamental da oposição entre ego e pulsão, já que a dimensão do ataque interno e traumático da pulsão de morte tende a ser subdimensionada em relação a uma compreensão mais estruturada do ego como capaz de um domínio e controle das exigências do id por meio do sinal de angústia. Além desse nível mais econômico do problema, a própria questão tópica fica confusa, pois não sabemos exatamente como ordenar em relação à barreira do recalque os três elementos em jogo: a angústia, o recalque e o complexo

de Édipo. Na segunda teoria, a angústia de castração será entendida fundamentalmente como um perigo exterior que, por sua vez, será o elemento desencadeante do recalque. O que sucumbe ao recalque é o conjunto do complexo de Édipo. Esse esquema acaba por redundar em alguns problemas.

Em primeiro lugar, muda radicalmente a significação do sintoma. Anteriormente, o sintoma correspondia a uma realização deformada do desejo; agora, ele passa a figurar como um substituto mais manejável do recalque. Assim, a angústia, que antes expressava um destino da pulsão sob o recalque, passa a estar vinculada diretamente ao perigo da castração, se opondo à pulsão. Nas palavras do autor:

Procuremos descrever muito precisamente essa redistribuição das cartas, que levou a uma concepção inteiramente nova do conflito e da neurose:

1º A *angústia*: ela já não está *organicamente ligada* à efração interna, pulsional, mas ao perigo real, o da castração. Inversamente, o que se apresenta como deslocamento, *soldadura* secundária da angústia, mudou de sentido. Doravante, a angústia só está secundariamente soldada à pulsão (...), ao passo que, na antiga concepção, a soldadura à castração (ou a qualquer outro perigo exterior) é que era secundária.

(...)

2º A *castração* situa-se inteiramente do lado da realidade. (...) Realidade muito simples mas para a qual, apesar de tudo, Freud sempre teve necessidade de dois ingredientes, *o que faz pensar mais num construto, numa teoria, do que num percebido*: a ameaça de castração e a percepção da castração. (LAPLANCHE, 1998, p. 229)

Essa citação coloca em questão uma segunda ambigüidade no pensamento freudiano, pois o que fica progressivamente mais claro é que a castração configura-se mais como um esquema organizador do que propriamente como uma ameaça na realidade empírica.⁶⁶

Por fim, um terceiro problema é que esse posicionamento do complexo de castração no exterior e na origem do recalque faz com que a descrição tópica do conflito fique confusa, pois o complexo de Édipo ficaria assim situado no lado oposto, junto das moções pulsionais. Isso implica uma dissociação fundamental entre o complexo de Édipo e a castração. A questão é que o Édipo e a castração estão indissolivelmente ligados na gênese do complexo fantasístico, basta lembrar da proposição do complexo feminino – estrategicamente deixado de lado por Freud

⁶⁶ Decorre daí a idéia de que haja propriamente um *complexo* de castração, em que a lógica própria da fase fálica, decorrente de um esquema conceitual que articula os lugares de castrado e não castrado, reorganiza e põe em marcha um conjunto de fantasias. Uma discussão sobre a lógica fálica que organiza o complexo de Édipo como expressão da fantasia originária da castração pode ser encontrada em Laplanche (1988d).

nesse momento da sua obra – em que a castração dispara o complexo em vez de resolvê-lo. Desse modo, como ressalta o autor, castração e Édipo são *consubstanciais*:

Situar o Édipo e a castração de um lado e outro da barreira do ego é profundamente insatisfatório. Castração e complexo de Édipo compõem o estrutural, o estruturante e, como tal, sua origem é comum, mesmo que o destino deles possa ser, em certos períodos, diferente. Qual é sua situação tópica, e seu destino tópico? Consciente? Pré-consciente? Inconsciente? Id ou Ego? Nesse ponto nada avançamos, com Freud, nem mesmo depois de Freud... (LAPLANCHE, 1998, p. 233)

Marcada por tantas ambigüidades e aporias, é difícil afirmar que Freud tenha chegado a uma conclusão do problema da angústia. A alternativa de pensar uma articulação lógica entre as duas teorias é uma saída interessante. Conceber a segunda teoria como aquela que se organiza propriamente após o Édipo e que acaba recobrando as dinâmicas anteriores e os modos anteriores de produção de angústia é certamente uma amarração que Freud não se permitiu completar. Contudo, essa articulação do mecanismo não resolve problemas fundamentais, como, por exemplo, o paradoxo do sinal da angústia proteger contra a própria castração já instalada. Além disso, como vimos, envolve a perda de aspectos fundamentais na concepção do sintoma e o subdimensionamento da concepção propriamente econômica da angústia.

Esse último ponto é o que nos interessa particularmente, pois, apesar de enunciar o conceito de angústia automática, o que se observa é que a segunda teoria da angústia centra-se sobremaneira na articulação entre Édipo, castração e sinal de angústia, deixando de lado a dimensão irrepresentável originária e a possibilidade de articulação desta com o trabalho da pulsão de morte. Portanto, novamente, é o movimento de abertura para um aquém da representação que é cerceado no pensamento freudiano.

A centralização de toda a dinâmica defensiva do ego no plano do complexo de Édipo e da fase fálica, por sua vez, impede o aprofundamento de questões fundamentais quanto à gênese do ego na problemática narcísica. Assim, todo um caminho de investigação das fantasias, angústias e defesas próprias das fases pré-genitais da libido é também vedado. No que diz respeito à problemática específica da teoria da representação, isso envolve a abertura e a desautorização simultâneas de uma teoria para além do paradigma da representação que considere as identificações primárias estruturantes do aparelho psíquico.

Quem aprofunda esse caminho da discussão, partindo do conjunto das críticas de Laplanche à segunda teoria da angústia, é Ribeiro (2000), que chega a uma hipótese bastante interessante sobre esse momento no movimento do pensamento de Freud. Sua idéia consiste em apontar:

A não consideração da dimensão identificatória do eu e a exclusão da identificação feminina primária como fatores determinantes não apenas de uma concepção do eu inteiramente comprometida com sua “reabilitação” como instância autônoma, mas também do extravio biologizante contido na segunda teoria da angústia de Freud. (RIBEIRO, 2000, p. 112)

O autor faz uma consideração crítica do ensaio freudiano de 1926, reiterando muitos dos aspectos que discuti acima. Além de retomar a crítica laplanchiana, aponta a primazia do complexo de castração no pensamento freudiano a partir dos anos vinte e a ênfase na descrição de mecanismos de defesa secundários para produzir a noção de um ego mais soberano e autônomo no aparelho psíquico, cujo coroamento estaria na concepção do sinal de angústia. Com isso, chega à noção de que o ensaio freudiano constitui uma grande contribuição para a chamada psicologia do ego, pois enseja a noção de um ego *revigorado*. Isso se dá fundamentalmente, como já apontei acima, por meio da desconsideração da constituição do ego pelo investimento narcísico e pelas identificações primárias com o objeto. A citação a seguir é extremamente esclarecedora:

O fio condutor que nos guia ao longo de nossa leitura crítica dos textos de Freud confunde-se com a colocação em evidência das relações do complexo de castração com o conflito entre as identificações constitutivas do eu. Assim sendo, fomos conduzidos a traduzir as relações de dependência do eu ante ao isso e ao supereu em termos de uma luta entre as moções pulsionais ligadas à identificação feminina primária e os imperativos categóricos responsáveis pela instauração da primazia do falo. Em outras palavras, poderíamos dizer que atribuímos ao conflito de identificações todas as manifestações de “fraqueza do eu”. Parece-nos, portanto, completamente lógico que, num texto onde a autonomia do eu adquire uma suprema importância, o papel das identificações egóicas não seja valorizado, e a angústia de castração seja inteiramente desconectada das raízes identificatórias que consideramos como fonte das pulsões. É esse o preço a ser pago por tal espécie de eu revigorado que Freud pretendeu construir em “Inibição, sintoma e angústia”. (RIBEIRO, 2000, p. 122)

Como se pode perceber, a análise do autor é corroborada por muitos pontos da discussão promovida neste capítulo e está diretamente alinhada às proposições laplanchianas de interpretação do pensamento freudiano. Sua hipótese é que o texto freudiano de 1926 sistematicamente omite um dos pólos da problemática do ego na

teoria psicanalítica. Como vimos anteriormente⁶⁷, o ego se constitui em uma dupla herança. Por um lado, é uma diferenciação de funções adaptativas no contato com a realidade; por outro, é um precipitado de investimentos narcísicos por meio da identificação com o objeto.

Laplanche (1992a) tem uma forma particular de definir essa duplicidade. Chama a primeira dessas heranças de *derivação metonímica* do ego, pois consiste na derivação de uma instância em continuidade com o eu do indivíduo. Já a outra filiação é denominada de *derivação metafórica*, pois o ego é produto de uma identificação com a imagem de totalidade e, portanto, originado do transporte de uma imagem exterior para o campo interior e pulsional. Partindo dessa nomenclatura, Ribeiro (2000) alerta quanto ao empobrecimento da problemática do ego em função da sua redução a um dos pólos da questão e acusa o favorecimento da dimensão funcional-adaptativa do ego e o desvio biologizante na metapsicologia como os grandes responsáveis pela negligência da derivação metafórica nessa última etapa da obra de Freud. A conclusão do autor é brilhante e endossa o percurso aqui empreendido:

Se considerarmos que as identificações encontram-se inextricavelmente ligadas às origens da sexualidade, poderemos concluir que, a partir do esquecimento da derivação metafórica do eu, o próprio conceito de inconsciente acaba por perder muito de sua importância, favorecendo assim o surgimento de teorias psicanalíticas completamente descaracterizadas. Não é por acaso que, em “Inibição, sintoma e angústia”, as concepções empobrecidas do complexo de castração, do complexo de Édipo, da fobia e da própria angústia caminham paralelamente a uma concepção do eu destituída de qualquer referência às identificações. A segunda teoria da angústia e a valorização da autonomia do eu não são apenas o resultado lógico de um processo de exclusão da identificação feminina primária e do desejo de castração, mas também a condição necessária para que essa exclusão possa se sustentar. (...) É dessa forma, ou seja, fazendo transparecer o caráter defensivo do próprio pensamento que pretende negá-la, que a primazia do inconsciente persiste a despeito do recuo de seu descobridor. Ao querer reinstalar a consciência como senhora em sua própria casa, Freud produz um “texto-sintoma”, no qual se evidencia a inibição de seu pensamento e a angústia de quem busca uma saída num emaranhado de contradições e denegações. (RIBEIRO, 2000, p. 135)

Com isso, acredito que podemos dar por encerrada a discussão sobre os problemas da teoria da angústia tal como apresentada no texto de 1926 e as implicações dessa organização para o contexto geral do movimento do pensamento freudiano sob o recorte da teoria da representação. Resta-nos, contudo, acompanhar os desdobramentos dessa problemática por uma outra via das investigações de Freud

⁶⁷ A dupla concepção sobre a estrutura do ego foi trabalhada no capítulo 5 desta tese. Já os diferentes níveis de compreensão do ego nas origens do aparelho psíquico foram discutidos no capítulo 4.

nas décadas de 1920 e 1930, que tratará de mecanismos de defesa próprios de outros quadros psicopatológicos que não a neurose. Irei, então, tratar brevemente desse assunto para, depois, retomar o problema da teoria da angústia e da estrutura do aparelho psíquico nos textos derradeiros do criador da Psicanálise.

6.3 Indicação de uma Cisão do Ego

Como tive a oportunidade de mostrar no capítulo anterior e ao longo deste, a linha mestra do pensamento de Freud na última etapa de sua obra está no centramento da teoria sobre a constituição da subjetividade na fase fálica e no complexo de Édipo, sob a perspectiva do recalque como defesa primária e das neuroses como matriz clínica. O texto de 1926 indica o auge desse movimento na virada dos anos vinte. Entretanto e, sobretudo, curiosamente, entre 1923 e 1927 Freud produziu uma série de textos que vão em uma direção completamente oposta a esse fechamento em torno da problemática do recalque e da neurose.

Logo após o *Ego e o Id* e estando envolvido com as discussões sobre o problema econômico do masoquismo, Freud publica dois pequenos textos que tratam de uma diferenciação mais precisa entre a neurose e a psicose (1924a/1996, 1924a/2007, 1924d/1996, 1924d/2007). Partindo das relações das instâncias psíquicas entre si e com a realidade, Freud se vê diante de uma possibilidade de compreensão renovada do processo de gênese dessas duas psicopatologias. Sua tese é que *“a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu [ego] e o Id, ao passo que a psicose seria o resultado de uma perturbação nas relações que o Eu [ego] mantém com o mundo externo”* (FREUD, 1924a/2007, p. 94). Desse modo, na neurose o conflito se organizaria a partir de uma submissão do id por parte do ego por meio do mecanismo do recalque, a serviço do superego e da realidade. Já nas psicoses, estaria presente algum mecanismo que provocaria um distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo.

Nesse ponto será retomado um caminho que Freud deixara apenas indicado em nota de rodapé na síntese metapsicológica: o problema da *alucinação negativa*

como um processo mais primitivo na gênese do aparelho psíquico.⁶⁸ Curiosamente, Freud não se refere a essa questão, preferindo citar os fenômenos descritos pela psiquiatria como a confusão alucinatória aguda e a escotomização.

De qualquer forma, o fundamental nesse processo é que há uma recusa da percepção do mundo externo que é simultânea a um desinvestimento do mundo interno das representações. O ego cria de forma autocrática uma nova realidade interna e externa, mais de acordo com as demandas das moções pulsionais do id, devido a uma frustração intolerável do desejo. Isso quer dizer que há uma origem comum nos dois mecanismos, já que em ambos os processos têm seu desencadeamento dado pela frustração de um desejo sexual infantil. Essa frustração poderia ser fruto tanto da realidade externa quanto de seu representante internalizado, o superego. No esforço de reequilibrar seus relacionamentos dependentes, o ego abriria mão de recursos distintos nos dois casos.

As diferenças no desfecho deveriam se assentar, em última instância, em uma questão da economia das pulsões, mas seria necessário também descrever a dinâmica própria desses processos. No caso das neuroses, os recursos seriam bem conhecidos e estudados pela Psicanálise, mas Freud alerta que muito pouco ainda se sabia acerca dos mecanismos próprios das psicoses. Conclui fazendo uma dupla indicação. Em primeiro lugar, lança a hipótese que em tais casos o ego poderia se submeter a deformações em sua própria estrutura como recurso defensivo, a ponto de efetuar uma clivagem ou cisão de sua unidade. Em segundo lugar, afirma que seria necessário descobrir qual mecanismo que desempenharia esse papel de defesa primária nas psicoses e seria responsável pelo desligamento do ego em relação ao mundo externo.

No texto seguinte, Freud aprofunda o problema a partir de outro ângulo. Em vez de retomar a questão dos mecanismos que originam esse estado de coisas, preocupa-se em descrever melhor o desenvolvimento de todo o processo patológico nas neuroses e psicoses. Irá, nesse sentido, analisar as relações da neurose e da psicose já constituídas com a realidade, partindo da constatação relativamente óbvia que nos dois casos de psicopatologia há prejuízos na relação do indivíduo com a realidade. Assim, embora haja diferenças significativas nos mecanismos que originam a neurose e a psicose, há uma clara perda da realidade nos dois casos da

⁶⁸ Essa indicação já foi discutida por mim no capítulo 3 desta tese.

patologia já instalada. Haveria, portanto, a necessidade de se afirmar dois passos na gênese de uma psicopatologia: em primeiro lugar um mecanismo de defesa para lidar com a frustração original e em segundo lugar o efeito secundário desse processo defensivo no processo de reequilíbrio da dinâmica do aparelho psíquico.

No caso das neuroses, o primeiro momento constituiria no recalque do impulso pulsional em função das exigências da realidade e do superego. Nesse primeiro momento, há claramente a supressão de uma parte do id em benefício da manutenção da realidade. Já o segundo momento envolveria o inevitável retorno do recalcado e o desencadeamento da neurose propriamente dita. Seriam então os sintomas os responsáveis pelo comprometimento da relação entre o ego e a realidade. Desse modo, nesse caso a perda da realidade seria mais propriamente secundária.

No caso das psicoses, o primeiro momento envolveria uma defesa mais radical, que operaria uma recusa, rejeição ou renegação da realidade em função das exigências do id. É interessante notar que é só nesse momento que Freud (1924d/2007, p. 128) utiliza propriamente o termo *Verleugnung*, que optei traduzir por *recusa*.⁶⁹ Já o segundo momento seria marcado por uma tentativa de reparação da realidade as expensas do id, resultando na organização de uma nova realidade que substitua a externa.

Desse modo, chega-se à conclusão de que o segundo passo de ambas as afecções reflete uma tendência de primazia do id na relação com a realidade e ilustra a incapacidade de adaptação do desejo às exigências da realidade e aos parâmetros da pura necessidade. A distinção, portanto, encontra-se no primeiro passo desses processos patológicos, ou seja, na reação defensiva primária que estrutura a subjetividade. Embora constitua uma discriminação importante, essa discussão pouco contribui para o problema que Freud apontara no texto anterior, ficando o exame de um mecanismo constitutivo das psicoses adiado.

Um ano depois da abertura da discussão sobre as defesas estruturantes para além do recalque, Freud apresenta um pequeno texto que discute um mecanismo de defesa específico, a *negação* ou negativa (*Verneinung*). A princípio, a negação é um mecanismo defensivo secundário, que se refere a um “processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença” (LAPLANCHE e

⁶⁹ A esse respeito, conferir a nota 19 do capítulo 3 desta tese.

PONTALIS, 1998, p. 293). O essencial desse mecanismo está no fato de que ele consiste em uma suspensão temporária da barreira do recalque e admissão intelectual do conteúdo recalcado por meio da associação com o significante da negação. Esse recurso defensivo desperta o interesse clínico, na medida em que é uma forma costumeira de expressão da resistência que, contudo, tem a marca de própria de um retorno do recalcado. Por meio desse mecanismo de defesa, seria possível a admissão intelectual da representação recalcada sem que a essência do processo de recalçamento fosse afetada.

A princípio, do ponto de vista propriamente metapsicológico, o conceito de negação não traz muitas novidades, uma vez que pode ser facilmente classificado como um modo de defesa secundário, relacionado ao recalque. Ele, contudo, permite uma apreciação mais dialética do processo de formação dos sintomas, o que fez com que muitos autores na tradição psicanalítica resgatassem uma concepção de denegação aparentada ao processo de supressão (*Aufhebung*) próprio da dialética hegeliana.⁷⁰ Contudo, mais do que esse entrejogo de representações, o que me chama a atenção nesse texto é a sinalização de uma abordagem mais perceptiva dos processos da consciência, que, por sinal, repete de forma quase literal o argumento de que a percepção seja um processo ativo de investimento periódico do id (FREUD, 1925b/2007, p. 150) aventado no texto sobre o bloco mágico (FREUD, 1925a/1996, 1925a/2007).⁷¹

Esse é um ponto importante, pois endossa o movimento de valorização da percepção que tenho apontado ao longo desse último momento do pensamento freudiano. A partir dessa consideração do papel do id na manutenção das percepções e do vínculo com a realidade, Freud se permite especular se os próprios processos secundários do pensamento não teriam origem em dinâmicas mais primitivas do funcionamento do ego, enraizadas nos movimentos de inclusão e expulsão próprios dos seus primórdios. Surge daí a interessantíssima idéia de que a negação no nível intelectual, ou seja, representacional, esteja fundamentada em dinâmicas negativas mais primitivas, marcadas pela pulsão de morte. Esse ponto sim, parece-me uma

⁷⁰ Há uma tradição de leitura hegeliana do conceito de negação por parte da escola francesa de Psicanálise a partir de Kojève, Hyppolite e Lacan (Cf. SIMANKE, 1994, p. 174). São encontradas na literatura tentativas de interpretação do curso das contradições no pensamento freudiano com base nesse referencial dialético. Um exemplo é o trabalho de Kimmerle (2000), resenhado por mim em outra ocasião (CAMPOS e PREU, 2005).

⁷¹ A esse respeito, conferir a discussão daquele texto no capítulo anterior desta tese.

inovação condizente com as questões que se abrem nesse período do pensamento freudiano:

A polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de instintos [pulsões] que supusemos existir. A afirmação — como um substituto da união — pertence a Eros; a negativa — o sucessor da expulsão — pertence ao instinto [pulsão] de destruição. O desejo geral de negar, o negativismo que é apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como sinal de uma defusão de instintos [pulsões] efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais. O desempenho da função de julgamento, contudo, não se tornou possível até que a criação do símbolo da negativa dotou o pensar de uma primeira medida de liberdade das consequências da repressão, e, com isso, da compulsão do princípio de prazer. . (FREUD, 1925b/1996, p. 307-308)

Essa polaridade entre incluir e expulsar parece corresponder exatamente aos dois grupos de pulsões que supomos existirem. A confirmação seria um substituto da unificação e pertenceria a Eros; a negativa (*Verneinung*) seria, então, a sucessora da expulsão, pertencendo à pulsão de destruição. Quanto ao caso em que há uma disposição de negar sistematicamente [como em] o negativismo de alguns psicóticos, provavelmente pode ser compreendido como um sinal de que houve — pela retirada dos componentes libidinais — uma defusão e separação das pulsões. Ressaltemos, ainda, que o trabalho de emitir juízos só se torna possível graças ao fato de a criação do símbolo da negativa ensejar ao processo de pensar um primeiro grau de independência com relação aos efeitos do recalque e, assim, também com relação às imposições do princípio de prazer. (FREUD, 1925b/2007, p. 150)

Essa citação é bastante significativa, pois atrela a negatividade própria do mecanismo de defesa da negação a uma recusa ainda mais radical nos processos mais primitivos de constituição do ego. É no campo da pulsão de morte e da problemática da psicose que esse trabalho do negativo ocorre. O negativismo psicótico, portanto, não é a negação sobre algo que se inscreveu ou reconheceu, mas a própria anulação ou não inscrição de uma percepção inaugural. Esse tipo de negatividade, portanto, estaria mais próximo do tão procurado mecanismo em jogo na psicose; um mecanismo que estaria intimamente ligado com um desinvestimento maciço das representações de coisa e da própria função perceptiva por meio de um ataque da pulsão de morte defusionada. Essa interpretação é endossada pela seguinte citação:

A negação, tal como Freud a descreve inicialmente, é sempre transitiva, é negação *de* alguma coisa. Pressupõe, portanto, uma afirmação (*Bejahung*) prévia, que instale no inconsciente a representação de coisa que é negada. Na psicose, a negação possui um alcance muito maior. Ela exige a anulação ou a não-ocorrência da *Bejahung* inicial, o que se expressava anteriormente como desinvestimento das representações de coisa. É o que Freud dá a entender ao falar do “gosto de negá-lo todo, o negativismo de muitos psicóticos”, filiando-o a uma defusão das pulsões, isto é, a uma pura atividade da pulsão de morte, identificada com a negação, enquanto a afirmação é atribuída a Eros. (SIMANKE, 1994, p. 178)

Isso quer dizer que a radicalidade do conceito de negação (*Verneinung*) está na abertura para um campo de negatividade mais primário, que certamente está

relacionado a uma noção que vinha sendo trabalhada na discussão sobre as psicoses, a *recusa* (*Verleugnung*). Infelizmente, contudo, Freud avança muito pouco na consideração dessas questões. Elas são apresentadas em dois breves parágrafos no final do texto, antes que o argumento central do jogo de representações no levantamento do recalque seja retomado como conclusão do ensaio. O leitor fica com a impressão que essa passagem é uma mera interpolação secundária. Porém, levando em consideração o desenvolvimento teórico apresentado ao longo deste capítulo, não há como não se perguntar por que Freud evita avançar na discussão desse mecanismo extremo de negação que promove a ruptura com a realidade e está associado ao campo das psicoses.

Nesse sentido, é bastante interessante observar o movimento em curso nos textos freudianos do período. Como vimos, foi nessa série de pequenos textos logo após a proposição do modelo estrutural que Freud indica uma abertura significativa para o campo das psicoses, envolvendo necessariamente a consideração de uma negatividade radical na origem dos processos psíquicos e o exame dos modos de identificação estruturantes do ego tanto na modalidade neurótica – ou seja, na dinâmica do recalque primário – quanto nas modalidades psicóticas, em que outros processos estariam em jogo.

Retomando aquilo que foi discutido por mim mais especificamente no capítulo sobre a teoria das pulsões, pode-se afirmar que esse percurso levaria necessariamente a uma consideração da integração da teoria da pulsão de morte com a concepção de narcisismo primário. Desse modo, seria em direção a um narcisismo negativo ou de morte, como propõe Green (1988a, 1988b), que uma concepção abrangente da metapsicologia nesse último momento da obra de Freud deveria levar.

Contudo, o que observamos em 1926 é um momento de anulação e inversão desse movimento, com a afirmação e reiteração de aspectos completamente opostos na teoria do aparelho psíquico: a valorização do ego soberano, a ênfase biológico-funcional, a centralidade da articulação entre o recalque, a castração e o Édipo; enfim, tudo que assegura a manutenção do fundamento da metapsicologia em uma teoria da representação. Toda síntese se revela um movimento de fechamento que, contudo, não consegue conter aquilo que extravasa e escorre por entre os dedos de Freud. Além disso, cada extravasamento, quando emerge, vem com mais força, ampliando as diferenças e alargando a trama de conceitos da teoria psicanalítica.

Um exemplo patente desse movimento de idas e voltas cada vez mais amplo é o texto publicado um ano depois, que vai finalmente esboçar as linhas gerais de um mecanismo de defesa primário distinto do recalque e próprio de outros grupos nosológicos na psicopatologia psicanalítica. Trata-se do texto sobre o fetichismo (FREUD, 1927/1996, 1927/2007) que, curiosamente, aborda o tema não pelo viés da psicose, mas das perversões.

O texto está centrado na apresentação de um mecanismo para a compreensão da formação do fetiche, sintoma típico de casos de perversão. A hipótese freudiana é que o fetiche é uma formação simbólica que substitui um pênis específico e especial ao longo do desenvolvimento psíquico: o pênis da mulher/mãe. Para sustentar essa afirmação, Freud recorre à idéia da alucinação negativa como uma modalidade defensiva primitiva. Como vimos, esse caminho já havia muitas vezes sido indicado ao longo dos textos freudianos, mas nunca havia sido abordado diretamente. Pois bem, nesse texto Freud parte da idéia de que em algum momento da elaboração da fase fálica a criança poderia abrir mão de um recuso defensivo que estivesse fundamentado nessa recusa da percepção do objeto como forma de preservar a fantasia da mãe fálica. A formação do objeto fetiche seria o resultado de uma operação que faz com que o sujeito consiga triunfar sobre a ameaça de castração e proteger-se contra ela. O objeto fetiche, portanto, simboliza o pênis e, portanto, está no lugar dele. Contudo, simultaneamente a essa preservação do falo materno e recusa da realidade da castração, Freud observa que há, também, um reconhecimento ou, pelo menos, algum tipo de inscrição da castração, já que o fetiche fica no lugar do pênis fantasiado, tamponando a falta na realidade. O objeto fetiche, por ser algo que recobre a realidade da castração fálica, acaba funcionando também como um indício de que ela existe: é uma marca que sugere que algo não está mais lá.

Ora, esse é um exemplo perfeito para ilustrar a hipótese de que nos casos de psicose o ego de deixa induzir pelas fantasias do id e acaba promovendo o desligamento de um aspecto da realidade. Explorando um pouco mais as indicações dos casos clínicos que dispunha, Freud chega a uma compreensão bastante interessante para o fenômeno. Afirma que nesses casos deveria haver a manutenção de duas correntes opostas e simultâneas no aparelho psíquico. Um primeiro setor da vida mental teria de alguma forma internalizado a castração e, portanto, seria passível de reconhecimento da realidade da castração. Já um segundo setor agiria

como se ela não tivesse operado, desconhecendo-a totalmente. O objeto fetiche seria uma forma de compromisso entre esses dois setores do aparelho psíquico, já que representa as duas exigências. Essas duas correntes, por sua vez, teriam suas próprias moções de afetividade e hostilidade para com o complexo de castração, de forma que a formação do objeto fetiche estaria relacionada aos graus de compromisso entre essas diferentes fantasias.

Dessa proposição, Freud retira a indicação de que na perversão haveria alguma especificidade defensiva que poderia criar esse estado de coisas diante da problemática da castração. Isso implicaria em reconhecer que nos casos de perversão haveria alguma forma de defesa contra o desejo incestuoso e, também, alguma forma de recusa da ameaça de castração. A partir dessas linhas gerais ele também se permite especular se o que diferenciaria esses casos específicos dos casos de psicose não seria o fato de que nestas não haveria o registro desse setor do aparelho psíquico que se ajusta à realidade da castração.

Essas são as esparsas e preciosas indicações que Freud dá nesse texto. Embora avance um pouco na questão da descrição do mecanismo, não chega a uma articulação de conjunto. Não afirma de forma explícita, por exemplo, que poderia se tratar de uma defesa primária diferente do recalque. Também não remete essas etapas defensivas ao conjunto do complexo de Édipo. Na verdade, nem poderia, pois é nesse mesmo período e ao longo da década de 30 do século XX que ele irá abordar sistematicamente a organização de uma teoria articulada e completa da constituição da subjetividade por meio do complexo de Édipo com suas defesas e identificações. Entretanto, certamente é o texto fundamental na indicação desse caminho para a formação de uma teoria sobre as psicoses e perversões.

Como se sabe, uma teoria específica das psicoses ficou como uma tarefa inconclusa por parte de Freud. Caberá aos seus seguidores ampliar o campo da teoria e da técnica psicanalíticas de forma a poder abordar essa problemática. Não nos interessa enveredar por esse caminho neste trabalho.⁷² Apresentei esse último conjunto de textos para ilustrar as aberturas que Freud indica para além do núcleo duro das sínteses que efetua na última etapa de sua obra e que estão relacionadas com o reconhecimento das limitações da teoria da representação na metapsicologia. O que nos interessa especificamente é apontar como progressivamente, por meio desses

⁷² Sobre esse assunto em particular, cabe consultar o já citado trabalho de Simanke (1994).

textos sobre outras psicopatologias que não a neurose, Freud vai chegando a uma noção sobre uma divisão do ego no processo de defesa. Uma divisão que poderia estar assentada em outras bases que não o recalque e que envolveria uma conformação distinta do ego e do aparelho psíquico. Somente depois de aprofundar durante algum tempo sua teoria sobre o complexo de Édipo como momento estruturante da subjetividade, ou seja, de mais um movimento de síntese recuperadora e centralizadora, Freud irá abordar novamente o problema das defesas primárias. Assim, é em *A Divisão do Ego no processo de Defesa* (FREUD, 1938b/1996, 1938b/2007) que encontramos as últimas considerações de Freud acerca desse problema.

Nesse texto, Freud procura articular dois pontos: a noção de um mecanismo específico de recusa e a intuição que esse ato implicaria em uma divisão do ego. Para tanto ele parte do esquema básico das relações dependentes do ego e de seu posicionamento no processo de defesa contra o desejo, porém, dessa vez, considerando a saída específica que ele havia descrito nos casos de perversão, ou seja, por um duplo mecanismo de recusa e aceitação da realidade que criaria dois setores no ego. Assim, Freud se propõe a analisar uma decorrência lógica de sua proposição: a recusa da realidade implicaria em uma *divisão* do ego.

A questão é que, aparentemente, esse tipo de saída na estruturação do ego seria contraditória com a função sintética do ego, fundamental em amplos campos de seu funcionamento. Contudo, Freud admite não compreender tamanha peripécia nos caminhos de formação do ego, limitando-se a afirmar que a prática clínica o confirma e citando um caso clínico de formação de objeto fetiche. A diferença nesse caso especial é que se trata de um caso infantil em que a formação do objeto fetiche e de alguns sintomas fóbicos está mais claramente ligada com a configuração do complexo edípico. Nesse caso, a fantasia está mais claramente articulada ao complexo de castração do próprio menino e não somente à fantasia do corpo feminino. Com isso, Freud avança mais um pouco em suas discussões sobre o fenômeno do fetichismo, mas não chega a nenhuma grande conclusão teórica. Esse texto, inclusive, é claramente fragmentário, de forma tal que tirando a ilustração do caso, não há grandes considerações sobre como essa divisão do ego funciona e sobre quais bases se desenvolve.

É somente no capítulo VIII do *Esboço de Psicanálise* (FREUD, 1938a/1996), texto contemporâneo e igualmente inconcluso, que encontramos algumas indicações sobre esse modo de estruturação do aparelho psíquico em função de uma relação específica com a realidade externa. Nesse capítulo, Freud parte de uma contextualização inicial sobre as concepções de normal e patológico e faz uma breve recapitulação de sua descrição do aparelho psíquico e seus processos. Além de retomar todos os pontos fundamentais de sua segunda teoria estrutural e pulsional, se preocupa em apresentar uma descrição sintética do complexo de Édipo como momento estruturante da subjetividade.

Nesse ponto, e isto é interessante, descreve não só o processo “normal” como também se preocupa em indicar alguns estados nos quais a ligação do ego com a realidade encontra-se mais solta, devido a uma aproximação com relação às exigências do id. Com isso ele retoma a saída geral encontrada nos casos de psicose, onde o compromisso com o desejo do id acaba por desligar o ego da realidade e produzir uma divisão psíquica. O curioso nesse texto é que o autor volta a considerar a idéia da dupla atitude do ego como um caso geral das psicoses (FREUD, 1938a/1996, p. 215-216). Isso quer dizer que a distinção anteriormente sustentada entre duas atitudes na perversão e uma na psicose tende a ser apagada. Por outro lado, consegue afirmar mais categoricamente que esses dois casos constituiriam modalidades estruturais distintas do aparelho psíquico, mas sem tocar na especificidade psicopatológica desses mecanismos defensivos. A citação fundamental é a seguinte:

Voltemos à nossa tese de que o ego da criança, sob o domínio do mundo real, livra-se das exigências instintivas [pulsionais] indesejáveis através do que é chamado de repressões [recalque]. Suplementaremos agora isto afirmando ainda que, durante o mesmo período da vida, o ego com bastante frequência se encontra em posição de desviar alguma exigência do mundo externo que acha aflitiva e que isto é feito por meio de uma *negação* [recusa] das percepções que trazem ao conhecimento essa exigência oriunda da realidade. Negações [recusas] desse tipo ocorrem com muita frequência e não apenas com fetichistas e, sempre que nos achamos em posição de estudá-las, revelam ser meia-medidas, tentativas incompletas de desligamento da realidade. A negação [recusa] é sempre suplementada por um reconhecimento: duas atitudes contrárias e independentes sempre surgem e resultam na situação de haver uma divisão do ego. Mais uma vez, o resultado depende de qual das duas pode apoderar-se da maior intensidade. (FREUD, 1938a/1996, p. 217)

Depreende-se dessa citação que poderia haver uma divisão normal na constituição do aparelho psíquico que criaria essas duas tendências e que a prevalência e sobrevivência de cada uma delas poderia advir de fatores puramente

econômicos. Isso envolve não somente um apagamento da distinção entre perversões e psicoses, indicada no texto sobre o fetichismo, como a própria noção de um mecanismo primário completamente distinto nas psicoses em relação às neuroses, indicada nos textos de 1925. Assim, a idéia diretriz de mecanismos primários de defesa distintos em cada configuração nosológica parece não se manter. Desse modo, o estado das coisas no *Esboço* nos deixa ainda mais confusos⁷³. É bem verdade que esse texto não passa de um esboço inacabado e, portanto, impreciso, mas o fato é que as indicações gerais que Freud deu no final de sua obra sobre uma cisão do ego por meio de mecanismos primários de defesa não passaram disso: indicações gerais e inconclusas.

6.4 Retomando o Movimento Geral

Para nossos propósitos, esse caminho é suficiente para mostrar as aberturas tolhidas no movimento do pensamento freudiano. Como vimos no final da secção anterior, nenhuma dessas aberturas nas décadas de 20 e 30 do século XX sobre as defesas primárias será suficiente para influir significativamente na linha mestra que é traçada na configuração do modelo estrutural nos textos de 1923 e 1926. Vimos também como a própria teoria da angústia será abordada na *Conferência XXXII* e no *Esboço de Psicanálise* nas mesmas linhas gerais da tese principal que Freud defendera em 1926: a ênfase no sinal de angústia e o apagamento da negatividade da pulsão de morte na angústia originária.

Com isso, creio que podemos confirmar esse movimento geral que tenho mostrado ao longo desse capítulo sobre a última etapa do pensamento de Freud: (1) A centralização da constituição do aparelho psíquico no complexo de Édipo por meio do recalque, produzindo um ego soberano que é abordado em seus aspectos funcionais e biológicos; (2) Um apagamento de toda a perspectiva de negatividade da pulsão de morte e de uma identificação primária constituinte do aparelho psíquico;

⁷³ Notar também a indefinição quanto ao termo específico utilizado por Freud. Para um aprofundamento nessa questão da indefinição terminológica envolvida no uso que Freud faz de *Verleugnung* em associação com os outros termos, sobretudo *Verneinung* e *Verwerfung*, consultar os verbetes correspondentes do vocabulário de Laplanche e Pontalis (1998).

(3) A desconsideração no segundo modelo tópico e pulsional de um lugar específico da percepção e da afetividade como modalidades próprias de significação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda conclusão é um movimento em duas direções. Por um lado, cabe sintetizar os elementos principais que foram delimitados na introdução e trabalhados ao longo dos capítulos enquanto, por outro, envolve a projeção em perspectiva dessa amarração na totalidade do campo de saber em busca de novos ângulos de compreensão e linhas de investigação.

A proposição desta tese foi fazer um trabalho de análise teórico-conceitual de cunho histórico e epistemológico sobre a teoria psicanalítica. O trabalho foi focado nos horizontes internos da obra de Freud e baseado em uma proposta metodológica própria de pesquisa teórica psicanalítica, que privilegiasse a dinâmica intrínseca ao movimento do pensamento freudiano.

Esta investigação partiu do delineamento de uma problemática circunscrita na metapsicologia freudiana: os limites do recurso a uma teoria da representação como fundamento epistemológico para a investigação do objeto específico da Psicanálise, que é a subjetividade centrada no conceito de inconsciente e na dinâmica das pulsões. Esse problema, do ponto de vista do recorte histórico e cronológico da obra de Freud, envolveu o exame dos seus dois últimos períodos, centrados, respectivamente, no amadurecimento da teoria psicanalítica e na reviravolta teórico-conceitual que se desencadeia a partir daí. A hipótese central era que a teoria da representação encontraria um duplo limite ao longo do desenvolvimento da metapsicologia, uma vez que o movimento do pensamento freudiano parecia indicar que haveria uma abertura tanto para uma dimensão irrepresentável dos processos psíquicos quanto para uma concepção sobre a constituição das instâncias psíquicas por meio de processos de identificação que seriam mais complexos do que a idéia de conteúdo mental implícita na teoria da representação suporta. Decorreu daí o enunciado fundamental da problemática, que consistia em investigar os limites da teoria da representação frente aos remodelamentos operados na metapsicologia pela proposição de uma segunda tópica, de uma segunda teoria pulsional e de uma segunda teoria da angústia. Esses três arranjos conceituais, por sua vez, foram propostos como objetos específicos da investigação, estruturando os campos temáticos que serviram de base para a estruturação dos capítulos propostos.

Vejamos, agora, o que esse percurso nos permite concluir.

O propósito do primeiro capítulo era fazer uma apresentação consistente dos conceitos fundamentais da teoria da representação na metapsicologia, articulando-os com os demais elementos conceituais da teoria geral do aparelho psíquico. Assim, pude apresentar e discutir os arranjos clássicos do chamado período de maturidade da Psicanálise: o primeiro modelo tópico, o primeiro modelo pulsional e a primeira teoria da angústia. Evidentemente essa apresentação precisou ser feita levando em consideração o desenvolvimento cronológico das diversas meadas teóricas e suas articulações ao longo desse período paradigmático da teoria freudiana. Envolvia, também, retomar a discussão tal como ela havia se configurado no exame anterior que havia feito do momento inaugural da Psicanálise. Devido à complexidade envolvida, a organização da discussão ficou um pouco extensa. De qualquer forma, chegamos a conclusões bastante interessantes sobre o movimento do pensamento freudiano já no momento tradicionalmente considerado como a grande “síntese” metapsicológica. Pude então enunciar a hipótese de que o movimento de síntese da metapsicologia em torno do núcleo mais consistente de conceitos que articulam uma concepção mais sistemática do aparelho psíquico, amplamente fundamentado em uma teoria das representações e organizado em torno do recalque como mecanismo de defesa organizador da dinâmica psíquica. Esse núcleo, contudo, está limitado por uma outra série de conceitos e proposições que já eram presentes no campo teórico da Psicanálise mas que vão progressivamente se avolumando e promovendo demandas de elaboração. Esses conceitos dizem respeito fundamentalmente à compreensão de uma gênese do ego baseada nos investimentos da pulsão sexual e por meio de um processo de identificação narcísica com o objeto. Assim, as concepções de narcisismo e de identificação são responsáveis por uma demanda de revisão da teoria do aparelho psíquico, passando a considerar sua dimensão genética e funcional.

Nos termos de uma compreensão geral do movimento do pensamento freudiano, o que esse capítulo nos mostra é um jogo de compromissos entre perspectivas de síntese em torno de uma dimensão mais articulada da teoria metapsicológica e perspectivas de abertura ou tensionamento próprias dos limites, contradições e ambigüidades desses primeiros modelos. Assim, a síntese metapsicológica é fruto de uma redução do campo de problemáticas da teoria psicanalítica de Freud, que congrega não só o esse movimento mais “atual” do

pensamento, mas também uma dinâmica mais “anterior” própria do momento de constituição do inconsciente como objeto da Psicanálise. Naquele primeiro movimento, como pude resgatar, esteve em jogo a recusa de seguir na elaboração de uma concepção mais radical e traumática da economia energética do psiquismo, garantindo uma fundamentação segura do aparelho psíquico em uma teoria da fantasia e dos conteúdos psíquicos em termos representacionais.

Esses apagamentos e restrições, contudo, não conseguiram operar uma total homogeneização na problemática, deixando “restos” e “pontos de fixação” para movimentos futuros. O principal resto desse período está na concepção sobre o afeto de angústia, que não só é paradigmática da operação do inconsciente na dinâmica psíquica como, também, é sintomática da impossibilidade de redução dos processos pulsionais a uma concepção puramente ideativa de representação. Surge aí, por exemplo, o paradoxo do afeto inconsciente como uma bela ilustração das contradições próprias ao momento de soberania do modelo topográfico. Assim, o *aquém* da representação já se manifesta nesse momento por meio das ambigüidades na teoria dos afetos, extremamente limitada a uma concepção de angústia como descarga energética oriunda de uma operação de desinvestimento no regime das representações já constituídas. Isso quer dizer que aqui é o afeto que aparece como uma negatividade secundária, efeito da defesa, em relação à positividade das representações ideativas. Do mesmo modo, um *além* da representação já se insinua nas indicações de que o ego seja fruto de um processo econômico constitutivo mediado por identificações com o objeto, de tal forma que se passe a considerar um regime do funcionamento psíquico para além da concepção de conteúdos representacionais. Nesse sentido, é a noção do aparelho psíquico como um continente organizador de modos de funcionamento que passa a se avolumar na periferia das teses metapsicológicas.

A confluência das duas linhas de “recalcamento” teórico e a multiplicação de seus desdobramentos ao longo do desenvolvimento da metapsicologia levaram então a um ponto propriamente de viragem, no qual linhagens bastante primitivas da teoria psicanalítica retornam com força, provocando amplas ressignificações e rearticulações, a ponto de transformar de cima a baixo a estrutura da metapsicologia. Esse é o momento da chamada “virada dos anos vinte” em que a proposição do conceito de pulsão de morte irrompe como um verdadeiro “sintoma” teórico,

produzindo o mal-estar típico do sentimento de *estranheza*. Entramos aí propriamente no quarto e último momento da obra de Freud, que optei por trabalhar em três capítulos distintos, privilegiando um recorte mais temático do que histórico, embora temporalmente a segunda teoria das pulsões seja primeira, sendo seguida da proposição do modelo estrutural do aparelho psíquico e da reorganização na teoria da angústia.

Desse modo, no capítulo 4 examinei mais de perto o momento da virada e a proposição da segunda teoria pulsional. Pude mostrar como os elementos fundamentais da proposição de um *além* do princípio de prazer remetem a uma exigência originária do campo teórico que Freud recorta, de modo que a noção de uma negatividade absoluta ou uma tendência mortífera de toda a proposição sobre a teoria das pulsões é um avesso previsto pelo próprio postulado que Freud adota. Além desse limite epistemológico, pude resgatar os meandros dessa problemática ao longo da proposição e consolidação da segunda teoria das pulsões, examinando outras questões que estão envolvidas nesse novo arranjo. A principal delas foi o campo de aberturas que a teoria da pulsão de morte proporciona, pois envolve três perspectivas distintas que nem sempre são consideradas: (1) traumatismo e ligação; (2) desligamento e sentimento inconsciente de culpa; (3) agressividade e destrutividade. Preocupei-me em acompanhar as minúcias dos compromissos que essas três idéias distintas sobre a pulsão de morte estabelecem ao longo da obra de Freud, chegando à conclusão que o autor tende a privilegiar a via da agressividade e da destrutividade como uma forma de resgatar a vinculação mais estreita com o plano dos afetos e da dinâmica do aparelho psíquico constituído em torno do recalque, mas deixando de lado uma abordagem de momentos constitutivos anteriores do aparelho psíquico, principalmente a questão do narcisismo e da identificação primária.

Todo esse percurso em Freud permite também traçar um movimento geral característico, que envolve novamente um momento de síntese em torno de um núcleo duro e uma série de aberturas e limites para teses e concepções marginais. Pudemos notar como paradoxalmente a linhagem da irrepresentabilidade acaba por encontrar a das origens do aparelho psíquico por identificação, formando um ponto interessantíssimo que, porém, é estrategicamente evitado por Freud: a articulação da teoria do narcisismo com a nova dualidade pulsional.

Recorri então a alguns autores contemporâneos para investigar um pouco mais as possibilidades de elaboração nesse campo de problematização, privilegiando aqueles que puderam fazer um retorno e renovação dessas ambigüidades fundamentais na estrutura da metapsicologia freudiana. Laplanche, Green e Figueiredo foram então convocados para nos ajudar no exame de algumas questões, como: (1) A do desvio biologizante na segunda tópica; (2) A da possibilidade de pensar uma origem do aparelho psíquico e do próprio regime das pulsões no encontro com uma alteridade indutora de significações; (3) A de uma dinâmica própria do narcisismo negativo, marcada não só pela ligação do traumático mas, também, pelo desinvestimento do objeto. Essa discussão nos levou a alguns descaminhos – pois acabei desenvolvendo uma crítica das interpretações sobre o legado da pulsão de morte na Psicanálise – mas permitiu uma relativa organização desse campo de aberturas por meio da enunciação, feita por Figueiredo, das três hipóteses sobre a pulsão de morte: (1) *compulsão à repetição*; (2) *constituição do próprio*; (3) *insistência da vida*.

Os efeitos da pulsão de morte na estrutura da metapsicologia não deixarão de ser notados ao longo das duas sínteses posteriores – o modelo estrutural e a segunda teoria da angústia. É como se o trabalho silencioso, compulsivo, repetitivo e desintegrador dessa alteridade radical não cessasse de produzir efeitos na grande estrutura integrativa que é a teoria psicanalítica. No capítulo específico sobre a pulsão de morte me preocupei em apresentar esse entrecruzamento mais originário e discuti-lo de uma forma mais ampliada. Já nos dois capítulos seguintes voltei a uma estratégia de acompanhamento mais próximo do texto freudiano, como forma de traçar algumas linhas de desdobramento dessa problemática em Freud.

O próximo passo, portanto, foi analisar o modelo estrutural, que se mostra claramente como um momento de síntese e articulação por parte de Freud das longas e amplas meadas conceituais que vinham sendo abertas desde a síntese metapsicológica. Além de apresentar esse percurso em Freud, preocupei-me em discutir duas questões fundamentais para o problema de pesquisa aqui proposto: (1) A abertura para uma noção de negatividade no seio do id; (2) Os adensamentos da compreensão da gênese do ego por meio de identificações.

Pude apontar como o primeiro elemento foi sistematicamente desconsiderado ao longo dos textos finais de Freud, pois a dimensão propriamente irrepresentável e

traumática foi substituída claramente por uma perspectiva biologizante na compreensão das origens do psiquismo e das pulsões. Em especial, cabe notar a desconsideração de aspectos revolucionários na teoria das pulsões. O primeiro deles é que a representação ideativa entendida como conteúdo consciente de uma função de memória deixa de ser o modelo para a compreensão das pulsões. Vimos então que além de uma abertura para o irrepresentável próprio da efração traumática e do princípio do nirvana, a proposição do modelo estrutural amplia consideravelmente o leque da atividade pulsional e de suas possibilidades de significação. Essa ampliação parte da inclusão das pulsões no aparelho psíquico, formando o “caldeirão” do id e passa pela consideração de um id não-recalcado, tornando mais claro que a “irrepresentabilidade” diz respeito não ao nível meramente energético e biológico, mas a modalidades primitivas de significação do impulso de prazer na relação com os objetos. Essas modalidades, como pudemos discutir, envolvem as funções perceptivas e as modalidades de significação próprias dos afetos e emoções. Isso amplia consideravelmente a compreensão dos processos psíquicos, destituindo de vez a representação ideativa e a função simbólica do centro dos modos de significação. Decorre daí a importante conclusão de que na segunda tópica a teoria da representação se transforma radicalmente, passando a incluir um leque de modalidades de produção de sentido que normalmente estão à margem do paradigma propriamente moderno de consciência.

Vários autores consubstanciam essa interpretação, sendo talvez o mais enfático e representativo Green, de onde tiramos a importante concepção de uma *heterogeneidade do significante*.

Isso quer dizer que a questão da irrepresentabilidade a partir da segunda tópica se desdobra em duas vias de crítica ao paradigma representacional. Infelizmente, toda essa riqueza de aberturas na segunda teoria das pulsões é deixada de lado por Freud, que prefere amarrar a discussão sobre as pulsões no campo de tendências ontológicas transcendentais.

Já a segunda questão fundamental apontada – a das origens do ego via identificação – vai ser progressivamente elaborada ao longo das últimas décadas de trabalho de Freud, chegando a um arranjo consistente sobre a constituição da subjetividade em torno do Complexo de Édipo e de seus modos específicos de identificação, angústia e defesa. Todavia, a integração desse aspecto da teoria das

identificações na metapsicologia ocorre em função de um outro movimento de restrição e “recalcamento” teórico, que foi demonstrado inicialmente por Ribeiro: a desconsideração do momento mais originário da identificação primária feminina e narcísica por meio da ênfase na identificação secundária em regime edípico como momento estruturante da subjetividade. Essa escolha, embora motivada por outras razões, acaba implicando também o resguardo de um fundamento epistemológico essencial na metapsicologia freudiana: a teoria da representação.

Defendi a posição de que é especificamente no nível das identificações primárias e narcísicas, ou seja, propriamente na compreensão da gênese das pulsões, do aparelho psíquico e do ego, que a questão do *além* da representação se coloca. Isso por que a identificação edípica é mais propriamente tributária de uma dimensão simbólica e representacional do psiquismo. A questão se torna particularmente difícil de manobrar nesses momentos mais originários por conta que a identificação não cria aí meros referenciais simbólicos ou conteúdos psíquicos, mas o próprio continente que engendra esses processos. Além disso, envolve também a abertura para uma dimensão fundamental que é subvalorizada em uma perspectiva estritamente representacional: o lugar do objeto como uma alteridade indutora de significações na constituição do aparelho psíquico.

Desse modo, uma exploração sistemática das possibilidades do modelo estrutural revela um adensamento das linhagens marginais do pensamento de Freud em direção ao seu núcleo duro e “egóico”. Nota-se, então, como o movimento de síntese é acompanhado de uma série de aberturas que colocam a própria síntese em questão, tornando um novo movimento defensivo e reorganizador urgentemente necessário.

Pois bem, o arremate de uma concepção conservadora da subjetividade é feito no clássico texto de 1926, tema central do último capítulo da tese. Vimos que a importância desse texto não está só na síntese e proposição de uma segunda teoria da angústia mas, também, no centramento de toda a questão da estruturação da subjetividade na dinâmica edípica, na angústia de castração e no mecanismo do recalque. Esse último aspecto, inclusive é o mais significativo e ilustrativo do movimento de resgate de um ego funcional e soberano no aparelho psíquico como elemento paradigmático para a compreensão da subjetividade. A organização da segunda teoria da angústia em torno do sinal de angústia como mecanismo que

possibilita a soberania do ego sobre as outras instâncias e a realidade é apenas o corolário desta “reabilitação do ego”. Novamente, do ponto de vista epistemológico é o núcleo duro da teoria da representação que é resguardado.

Esse resguardo é claramente observado na ênfase que a segunda teoria dá para o sinal de angústia e no subdimensionamento que é operado sobre a angústia econômica ou automática, fruto do desamparo frente à pulsão de morte. Por outro lado, embora chegue a considerar a discriminação de outras modalidades afetivas em jogo nos processos defensivos e relacionadas a momentos específicos do desenvolvimento psicosexual, esse escalonamento não é efetivamente levado a cabo. Assim, embora reconheça a ampliação dos afetos de desprazer, passando a incluir a dor e o luto, Freud não se preocupa em articulá-los a constelações fantasísticas e mecanismos defensivos específicos de fases pré-genitais do desenvolvimento da libido. Prefere, pelo contrário, resguardar a importância do recalque e da angústia de castração. Assim, a segunda teoria da angústia também esboça uma série de possibilidades de abertura, mas fica restrita aos elementos já consolidados.

Trabalhei, ainda, como as ambigüidades e contradições que se mostram nesse último período da obra de Freud são função também de novas contribuições que ressignificam e ampliam consideravelmente o campo de questões. Indiquei dois desses novos elementos – a especificidade da constituição subjetiva no gênero feminino e o estudo de psicopatologias para além das neuroses – trabalhando exclusivamente com a questão das novas perspectivas de compreensão da estruturação do aparelho psíquico aventadas pelo estudo das psicoses e perversões. Esse estudo, embora ainda muito incipiente nesse final da obra de Freud, se mostra uma abertura essencial para outros mecanismos constitutivos do aparelho psíquico que não o recalque. Esse ponto se mostra fundamental pois é o que possibilita uma relativização da amarração que Freud se esforça em efetuar em torno do paradigma da neurose e a abertura para outros processos e modelos na compreensão da estrutura do aparelho psíquico, sendo o principal deles a noção de uma cisão ou divisão do ego. Certamente, o desenvolvimento desse caminho se mostraria extremamente rico para a superação do paradigma da representação na metapsicologia, como bem mostrou a própria história do movimento psicanalítico.

Esse percurso em torno da última teoria da angústia e das investigações sobre as psicoses e perversões acabou mostrando, novamente, uma dupla faceta. Por um lado operou novas sínteses, embora estas últimas tenham se mostrado ainda mais confusas e contraditórias. O exame da segunda teoria da angústia, nesse caso, é exemplar. Mostrei como no nível restrito da lógica dos mecanismos seria possível um certo escalonamento dos tipos de angústia e uma integração entre a angústia originária, a angústia do id, a angústia realística e o sinal de angústia. Contudo, essa amarração no nível mais restrito da teoria da angústia se mostra absolutamente contraditória com elementos fundamentais da metapsicologia, resultando em uma teoria profundamente contraditória e insatisfatória.

Esse é resumo geral dos momentos de exame da problemática que recortei. Partimos de proposta uma proposta de abordagem dos horizontes internos da obra de Freud que recorta as exigências que os arranjos conceituais engendram, gerando propriamente um movimento de elaboração teórica. Laplanche chama esse percurso de uma *espiral problemática*, em que se operam rearticulações sucessivas de determinadas *exigências* teóricas. Recorri a esse autor para fundamentar um método propriamente “psicanalítico” de abordagem dos textos de Freud, complementando-o com uma discussão sobre os expedientes que uma leitura desconstrutiva de textos promove. Apontei também como no campo da teoria psicanalítica, em geral, e na obra de Freud, em particular, se costuma operar um movimento bastante característico de elaboração teórica, em que os conceitos são produzidos por uma lógica complexa de conflitos, retomadas, rupturas e ressignificações. Essa é a tônica na visão geral dos autores que se preocuparam em estudar de forma aprofundada a obra de Freud, como Laplanche, Green, Derrida, Mezan, Monzani e Figueiredo. Quer seja em um movimento em espiral que produz uma ampliação progressiva sem chegar a sínteses finais, como em Laplanche; quer seja em um movimento espiral que opera em conjunto com um movimento pendular que articula pólos de oposição, como em Monzani; quer seja em um movimento de produção de diferenças que é articulado por uma lógica da complementaridade; o fato é que o movimento do pensamento freudiano é extremamente complexo e potencialmente inesgotável.

O que podemos observar no exame do recorte que propus é um movimento bastante complexo de elaboração teórica, mas também bastante característico: cada nova amarração ou enriquecimento conceitual engendra uma exigência ou impulso

no pólo oposto. Cada nova síntese resulta em um movimento em direção a sua antítese, em uma oscilação pendular na elaboração da trama de conceitos. Esse movimento, por sua vez, não é nada dialético. É antes uma “dialética sem síntese”, para usar o termo consagrado por Merleau-Ponty, articulada por uma lógica própria de exigências suplementares. Essa produção do novo por meio do conflito sem anulação ou resolução das diferenças fundamentais, por sua vez, articula um movimento progressivo de retomadas, ampliações e ressignificações, caracterizando um típico movimento em espiral.

É possível concluir, após todos esses movimentos da problemática da representação, um panorama geral das distensões que vão sendo produzidas no seio da metapsicologia a ponto de poder esboçar duas grandes tendências que estão presentes ao longo de toda teoria freudiana como avessos ou suplementos de origem à questão da representação que vão se evidenciando cada vez mais no movimento do pensamento de Freud: (1) um eixo do irrepresentável; (2) um eixo da identificação primária. Uma representação esquemática desse movimento geral é apresentada na figura a seguir:

Figura 16: Eixos na problemática da representação ao longo da obra de Freud.

Desse modo, é possível concluir que o exame da hipótese central desta tese corrobora a proposição de alguns comentadores da obra freudiana sobre o movimento do pensamento característico do criador da Psicanálise: nem continuidade, nem ruptura; mas progressão, regressão e retomada em uma pulsação

inesgotável que engendra movimentos circulares e espirais para a configuração de um espaço ou campo de saber.

Da minha parte, gostaria apenas de acrescentar uma metáfora que me parece muito apropriada para ilustrar esse movimento próprio de estruturação do campo psicanalítico em sua dimensão teórico-conceitual. Trata-se de um modelo que congrega as duas características que me parecem fundamentais do movimento do pensamento freudiano: a espiral e o pêndulo.

O físico León Foucault foi responsável pelo delineamento de um experimento bastante elegante e que fez relativo sucesso na metade do século XIX. Esse experimento foi bastante importante porque constituiu o primeiro teste empírico controlado e mensurável da teoria de que a Terra giraria em torno do próprio eixo em um movimento de rotação. Uma das derivações da suposição de que o globo terrestre giraria em torno do próprio eixo foi a chamada força de Coriolis. Ela vem substantiar a observação comum de um certo “arrasto” por meio da inércia de grandes massas que repousam sobre a superfície terrestre – principalmente as massas de ar e água – gerando movimentos circulares próprios. Essa é a explicação para a formação espiral característica dos ciclones e para a determinação do sentido das correntes marítimas. Assim, no hemisfério norte essa força determina movimentos de arrasto em sentido horário, enquanto no hemisfério sul, movimentos anti-horários. Pois bem, coube a Foucault delinear um experimento que pudesse demonstrar essa hipótese, permitindo uma mensuração e cálculo da força de Coriolis, além da comprovação e estimativa do movimento de rotação terrestre. Evidentemente, esses detalhes não interessam para os nossos propósitos.⁷⁴ O que nos interessa é que o experimento consiste em um pêndulo de massa e amplitude de movimento significativas, construído especialmente para eliminar interferências mecânicas desnecessárias que é posto para oscilar livremente. A suposição é que por interferência da força de Coriolis o plano de oscilação do pêndulo passe a se deslocar continuamente no sentido próprio do arrasto. Desse modo, logo que é posto para oscilar, o pêndulo começa a descrever também um impressionante movimento circular.

Aí está a essência da metáfora que quero propor: *o movimento característico do pêndulo de Foucault é a conjugação de um componente pendular e outro espiral.*

⁷⁴ Uma narrativa bastante interessante do trabalho de León Foucault, incluindo não só uma discussão sobre o ambiente científico e cultural da época mas também uma explicação detalhada dos princípios em jogo no experimento, pode ser encontrada no livro de Aczel (2003).

Consiste, portanto, em uma ilustração bastante adequada para o movimento do pensamento freudiano.

O movimento do pêndulo de Foucault pode ser representado por meio de uma linha contínua que descreva o traçado da ponta do pêndulo no chão. A representação esquemática desse percurso, encontra-se apresentada, de uma forma um tanto estilizada, na figura a seguir:

Figura 17: *Representação esquemática do movimento pendular e em espiral observado no Pêndulo de Foucault.*

Uma descrição um pouco mais poética desse mesmo movimento nos é dada por Umberto Eco, que escreveu um interessantíssimo romance sobre os meandros e percalços do ser humano em sua condição simbólica e em seu afã hermenêutico. Nele, o Pêndulo de Foucault também aparece como objeto privilegiado na trama e como metáfora de nossa trágica condição humana:

A esfera de cobre emitia pálidos reflexos cambiantes sob a incidência dos últimos raios de sol que penetravam pelos vitrais. Se, como outrora, sua ponta estivesse roçando uma camada de areia úmida espalhada sobre o pavimento do coro, teria desenhado a cada oscilação um leve sulco no solo, e o sulco, mudando infinitesimalmente de direção a cada instante, ter-se-ia alargado sempre em forma de brecha, de vala, deixando adivinhar uma simetria radiada – como um esqueleto de mandala, a estrutura invisível de um pentáculo, de uma estela, de uma rosa mística. (ECO, 1988, p. 9-10)

Gostaria de aproveitar esse momento de licença poética para deixar para o leitor uma indicação que certamente extrapola os limites desta tese: não seria o *movimento do pensamento freudiano a ilustração da própria experiência do inconsciente*, fruto de nossa trágica e desamparada condição de seres simbólicos?

Reflexões e evocações poéticas à parte, cabe ainda tecer algumas considerações sobre as derivações dessa proposta de compreensão do pensamento freudiano para o campo da Psicanálise e da cultura contemporâneas.

Na delimitação do problema e da metodologia desta pesquisa, ressaltei que nenhuma pesquisa sobre o horizonte interno de uma teoria psicanalítica está desvinculada do seu contexto atual de produção. Acredito que esta tese possibilite alguma contribuição para questões importantes tanto no campo da epistemologia e filosofia da Psicanálise quanto no campo das diversas teorias psicanalíticas pós-freudianas.

No campo da teoria psicanalítica, penso que esta análise da teoria da representação permite evidenciar os limites desse paradigma para a compreensão dos fenômenos com que a Psicanálise se depara. Uma contribuição importante desta tese é mostrar o movimento específico de uma problemática fundamental para a metapsicologia, indicando duas tendências que estão intimamente articuladas como suplementos à lógica representacional: uma dimensão irrepresentável e uma outra da identificação primária. Penso que poderia ser interessante, para uma investigação futura, tentar traçar as implicações dessas tendências para a configuração dos paradigmas próprios da Psicanálise pós-freudiana. Uma série de autores contemporâneos (GREENBERG e MITCHELL, 1994; FIGUEIREDO, 2003; MEZAN, 2006; GREEN, 2008), propõem a necessidade de se postular paradigmas ou linhagens próprias das escolas pós-freudianas, fundamentalmente uma mais propriamente *objetal* – ligada à tradição das relações objetais na Psicanálise kleiniana e em algumas correntes da Psicanálise americana e inglesa contemporânea – e outra mais propriamente *subjetal* – ligada ao campo da tradição francesa sobre um sujeito do inconsciente que tem em Lacan seu grande pioneiro. Seria interessante, por exemplo, tentar investigar as formas como essas linhagens subjetal e objetal trabalham e compreendem essas questões abertas pelas duas tendências que apresentei.

No campo de uma discussão mais epistemológica, é importante notar como os fundamentos da metapsicologia freudiana estão amplamente ancorados em uma teoria da representação que é herdeira de uma posição tipicamente moderna sobre a subjetividade. Trata-se da velha concepção do sujeito da consciência que tanta tradição fez na Filosofia moderna e na Psicologia clássica. Ora, por mais que a

Psicanálise seja um saber que nasce da ruína do sujeito/indivíduo da modernidade, não podemos negar que as matrizes epistemológicas da teoria psicanalítica freudiana sejam tributárias desta tradição. Mais do que operar uma síntese original das diversas polaridades presentes no espaço das teorias e práticas “psicológicas”, penso que a riqueza da Psicanálise enquanto teoria sobre a subjetividade esteja em dar relevância à experiência do inconsciente nessas diversas formas de racionalidade. Assim, mais do que operar sínteses ou compromissos, a Psicanálise poderia operar atravessamentos nessas diversas formas de racionalidade, operando elaborações por meio das oposições suplementares, constituindo aquilo que hoje em dia podemos chamar de uma matriz de saber *transdisciplinar*. Assim, seria na lógica do “não só, mas em vez disso”, própria da experiência do inconsciente que a Psicanálise poderia trabalhar nos limites das configurações epistemológicas e simbólicas presentes no saber e na cultura humana.

Penso que, nesse sentido, esta tese permite afirmar que a Psicanálise freudiana seja tanto uma expressão quanto permita uma crítica fundamental do chamado paradigma moderno, trabalhando nos limites das tão clássicas dicotomias estruturantes do campo “psicológico”: corpo e mente; consciência e afeto; inato e adquirido; natureza e cultura; e assim por diante. Com isso quero dizer que os limites que a teoria da representação apresenta ao longo da metapsicologia freudiana nada mais são do que a expressão das ambigüidades inerentes ao paradigma da modernidade.

Nesse sentido, penso que as aberturas para o irrepresentável da pulsão de morte e para a identificação primária com o objeto remetam à polaridade fundamental entre uma natureza e uma cultura. Contudo, não acredito que elas reproduzam essa dicotomia, pois o que todo esse percurso na obra de Freud mostra é justamente a interpenetração necessária entre essas polaridades, que deixam de ser entendidas como um par de identidades essencialmente opostas e passam a ser entendidas em uma lógica não-identitária suplementar. Assim, é no sentido de uma ultrapassagem do paradigma da subjetividade e ciência modernas, com seus fundamentos epistemológicos rígidos e estanques que se dirige a discussão da articulação da Psicanálise com a cultura e o saber.

Essa é uma contribuição importante e certamente está inserida no contexto de discussões contemporâneas sobre o saber psicanalítico. Penso que nesse sentido

chego a conclusões muito próximas de outros autores que, no entanto, partem de outros fundamentos em sua apreciação do legado freudiano. É o caso, por exemplo, do autor a seguir, que embora remeta o que chama de primado da afetividade a um paradigma próprio da teoria da complexidade, chega a uma visão geral muito próxima da que estou defendendo aqui:

A questão central (...) das relações entre o homem e a natureza constitui um dos aspectos centrais da crítica, implícita nas descobertas freudianas, à concepção da modernidade. O pensamento de Freud sobre a constituição do sujeito, discutida neste livro, ilustra esse movimento teórico fundamental. Afirmando ao mesmo tempo, a concepção do Isso como inconsciente originário, e o papel central dos processos identificatórios na diferenciação do psiquismo, Freud elaborou uma concepção de sujeito que ultrapassa tanto a perspectiva que o reduz a um ser apenas natural, quanto a antagônica que o pensa como sendo apenas um produto da cultura. (PLASTINO, 2001, p. 168-169)

Isso implica pensar na questão dos cortes epistemológicos que a Psicanálise promove na própria compreensão da subjetividade e da cultura contemporâneas. Muitos desses cortes epistemológicos estão esboçados na própria configuração do campo psicanalítico por Freud, o que o faz uma fonte inesgotável e imprescindível para o prosseguimento desse campo de saber.

Um autor que endossa essa perspectiva de investigação e que propôs muitas das interpretações que apresento aqui sobre as aberturas envolvidas no último modelo tópico e pulsional é André Green.⁷⁵ Além da proximidade na compreensão da teoria psicanalítica, esse autor também propõe uma perspectiva epistemológica geral que me parece muito interessante. Trata-se da idéia de que a riqueza do trabalho de produção teórica em Psicanálise está em abordar a metapsicologia a partir dos seus limites, ou seja, mais tentando articular esses múltiplos níveis de compreensão e de proposição conceitual do que reduzi-los a denominadores comuns ou teorias gerais e simplificadoras. Decorre dessa *metapsicologia dos limites* sua proposição da heterogeneidade do significante e da manutenção da discriminação entre afeto e representação, por exemplo.

Essas são as considerações de conjunto que esta tese traz como uma contribuição para o campo de discussões da Psicanálise contemporânea. Com isso acredito ser possível afirmar que além de um trabalho teórico-conceitual sobre o

⁷⁵ Nesse sentido, o livro mais recente desse autor (GREEN, 2008) parece-me bastante útil na compreensão das questões teóricas freudianas que tenho trabalhado ao longo desta tese e da visão geral de teoria psicanalítica que lhe está subentendida. Sugiro particularmente a leitura dos capítulos 1 e 2 da segunda parte.

movimento do pensamento freudiano e sua teoria da representação, esta tese apresenta algumas contribuições para a compreensão da Psicanálise na atualidade. Penso que questões como a irrepresentabilidade da pulsão de morte, a heterogeneidade das formas de significação por meio do encontro com o objeto e a gênese das estruturas psíquicas por meio das identificações sejam questões fundamentais, atuais e pertinentes ao campo da teoria psicanalítica.

Em suma, podemos concluir essas considerações finais com a convicção de que é trabalhando nos limites do sentido e na tentativa de elaboração da experiência do inconsciente, quer seja na teoria, na clínica ou na cultura, que o saber psicanalítico se produz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACZEL, A. D. *O pêndulo: Léon Foucault e o triunfo da ciência*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ANZIEU, D. Para uma psicolinguística psicanalítica: breve balanço e questões preliminares. In: ANZIEU, D. et al. *Psicanálise e linguagem: do corpo à fala*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 9-42.

BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

CAMPOS, E. B. V. *Figuras da representação na emergência da primeira tópica freudiana*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2004.

_____. Fundamentação da Metodologia de Pesquisa Teórica em Psicanálise. In: *Programa do III congresso internacional de psicopatologia fundamental*. São Paulo: Editora Escuta, 2008a, p. 73.

_____. Balizas Metodológicas para a Pesquisa Psicanalítica. In: *V Encontro psicanalítico da teoria dos campos: interpretação e cultura: mesas simultâneas e resumos das apresentações*. São Paulo, 2008b, p. 28.

CAMPOS, E. B. V. ; PREU, R. O. Acerca da Pulsão de Morte (Resenha de Kimmerle, G. Denegação e retorno: uma leitura metodológica de Além do Princípio de Prazer, de Freud). *Psychê*, v. IX, n. 15, p. 179-183, 2005.

CAROPRESO, F. Compulsão à repetição: do “Projeto de uma psicologia” ao “Além do Princípio do prazer”. *Natureza humana: revista de filosofia e psicanálise*, n. 8, v. esp. 2, p. 129-140, 2006.

COELHO JUNIOR, N. E. Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, v. 10. n. 1, p. 25-54, São Paulo, 1999.

_____. Variações do lugar do objeto na psicanálise freudiana. In: L. M. SIMÃO, M. T. C. C. de SOUZA, N. E. COELHO Jr. (orgs.), *Noção de objeto, concepção de sujeito, Freud, Piaget e Boesch*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 11-52.

COELHO JUNIOR, N. E.; FIGUEIREDO, L. C. Patterns of intersubjectivity in the constitution of subjectivity: dimensions of otherness. *Culture & psychology*, v. 9, n. 3, p. 193-208, 2003.

_____. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, ano IX, n. 17, p. 9-28, 2004.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

ECO, U. *O pêndulo de Foucault*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. (Originalmente publicado em 1988).

EY, H. (org.) *O inconsciente: colóquio de Bonneval*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

FIGUEIREDO, L. C. A formação de pesquisadores em psicologia clínica: uma experiência na PUC de São Paulo. *Psicologia clínica: pós-graduação e pesquisa*, v. 2, p. 9-16, 1987.

_____. A fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica “negativa”. *Boletim de novidades da pulsional*, n. 57, p. 17-22, 1994.

_____. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

_____. A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica. In: E. F. QUEIROZ; A. R. R. SILVA (orgs.), *Pesquisa em psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 129-142.

_____. *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Originalmente publicado em 1966).

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I, p. 381-507. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Projeto de uma psicologia* (trad. O. F. Gabbi Jr.). Rio de Janeiro, Imago: 1995.

_____. (1900). A interpretação de sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IV-V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908a). Caráter e erotismo anal. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IX, p. 175-186. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IX, p. 213-232. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. X, p. 159-318. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1910a). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XI, p. 197-206. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1910b). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XI, p. 59-126. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1911a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII, p. 277-290. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1911a). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I, p. 63-78. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1911b). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII, p. 23-110. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIII, p. 17-198. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). A disposição à neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII, p. 399-414. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 77-108. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I, p. 95-132. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1915a). O instinto e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 117-144. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915a). Pulsões e destinos das pulsões. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I, p. 133-174. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1915b). Repressão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 147-162. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915b). O recalque. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I, p. 175-194. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1915c). O inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 165-222. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915c). O inconsciente. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II, p. 13-74. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1917a). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 245-263. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917a). Luto e melancolia. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II, p. 99-122. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1917b). Conferência XXV: a ansiedade e a vida instintual. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVI, p. 393-412. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917c). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVI, p. 159-170. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917d). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 225-241. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917d). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. II, p. 75-98. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1918). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII, p. 19-152. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1919). O 'estranho'. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XVII, p. 275-314. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XVIII, p. 17-90. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. II, p. 123-198. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, p. 91-184. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923a). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 23-90. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923a). O eu e o id. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 13-92. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1923b). A organização genital infantil: uma interpretação da teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 179-188. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924a). Neurose e Psicose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 189-199. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924a). Neurose e Psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 93-102. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1924b). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 199-216. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924b). O problema econômico do masoquismo. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 103-124. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1924c). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 217-228. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924d). A perda da realidade na neurose e psicose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 229-238. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924d). A perda da realidade na neurose e psicose. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 125-134. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1925a). Uma nota sobre o “bloco mágico”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 285-294. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925a). Uma nota sobre o “bloco mágico”. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 135-144. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1925b). A negativa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 295-308. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925b). A negativa. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 145-158. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1925c). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 217-228. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XX, p. 107-210. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). Fetichismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI, p. 179-188. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). Fetichismo. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 159-170. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. (1929). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI, p. 81-178. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI, p. 259-282. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1933a). Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXII, p. 75-102. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1933b). Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXII, p. 103-138. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1933c). Conferência XXXIII: feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXII, p. 139-166. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1938a). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII, p. 153-224. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1938b). A divisão do ego no processo de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII, p. 309-314. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1938b). A cisão do eu no processo de defesa. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III, p. 171-180. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

GADAMER, H.-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GARCIA-ROZA, L. A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. A. Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e universidade*, v. 1, p. 9-32, 1994.

_____. Pulsão: parénklisis ou clinamen? In A. H. de MOURA (org.), *As pulsões*. São Paulo: Escuta: EDUC, 1995, p. 65-78.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. v. 1. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. v. 2. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. v. 3. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

GOMES, G. Os dois conceitos freudianos de “Trieb”. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 17, n. 3, p. 249-255, 2001.

GREEN, A. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988a.

_____. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: WILDLÖCHER et. al., *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988b, p. 53-64.

_____. Para introduzir o negativo em psicanálise. *Revista brasileira de psicanálise*, v. XXVIII, n. 1, p. 25-38, 1994.

_____. O silêncio do psicanalista. *Psychê: revista de psicanálise*, ano VIII, n. 14, p. 13-38, 2004.

_____. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP, 2008.

GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. A. *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

IBERTIS, C. O conceito de representação da “Auffassung” ao “Entwurf”. *Natureza Humana: revista de filosofia e psicanálise*, n. 8, v. esp. 2, p. 25-40, 2006.

KIMMERLE, G. *Denegação e retorno: uma leitura metodológica de “Para além do princípio de prazer”, de Freud*. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 2000.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: J. LACAN. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324. (Originalmente publicado em 1953).

LAPLANCHE, J. Interpretar com Freud. In: LAPLANCHE, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988a, p. 21-32.

_____. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In J. LAPLANCHE, *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988b, p. 108-125.

_____. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: WIDLÖCHER et. al., *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988c, p. 11-28.

_____. *Problemáticas II: castração - simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1988d.

_____. *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

_____. *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

_____. *Problemáticas V: a tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Problemáticas I: a angústia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEZAN, R. Problemas de uma história da psicanálise. In: J. BIRMAN (org.) *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1988a, p. 15-41.

_____. O que significa “pesquisa em psicanálise”? In: R, MEZAN. *A sombra de Dom Juan e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b, p. 85-118.

_____. Metapsicologia: por que e para que? In: R, MEZAN. *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998c, p. 328-356.

_____. *Freud: pensador da cultura*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Pesquisa teórica em psicanálise. *Psicanálise e universidade*, 2, p. 51-76, 1994.

_____. *Freud: a trama dos conceitos*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. Sobre a epistemologia da psicanálise. In: R, MEZAN. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 436-519.

_____. Paradigmas em psicanálise: uma proposta. *Natureza humana: revista de filosofia da psicanálise*, v. 8, n. esp. 1, 2006, p. 49-62.

MICHAUD. A história de um erro de tradução e o movimento psicanalítico. In OTTONI, P. (org.), *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 91-115.

MILLER, J. H. *A ética da leitura: ensaios 1979-1989*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1989.

OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

PHILLIPS, J. Hermeneutics in psychoanalysis: review and reconsideration. *Psychoanalysis and contemporary thought* v. 14, n. 3, p. 371-424, 1991.

RIBEIRO, P. C. *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta, 2000.

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROCHA, Z. *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta, 2000.

ROSSI, J. C. A representação, o afeto e a defesa no Projeto de uma Psicologia (1895). *Psicologia: teoria e pesquisa*; v. 21, n. 1, p. 93-97, jan.-abr. 2005.

SEVÁ, A. M. L. *Angústia e repressão: um estudo crítico do ensaio “inibição, sintoma e angústia”*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1975.

SIMANKE, R. T. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

WINOGRAD, M. Entre o corpo e o psiquismo: a noção de concomitância dependente em Freud. *Psychê: revista de psicanálise*, ano VIII, n. 14, p. 95-108, 2004.